SOLIDÃO

A CONEXÃO COM O EU

Anthony Storr



- Estar sozinho não é ser solitário
- A relação entre casamento e felicidade
- A criatividade como fonte de prazer e satisfação
- Os gênios e a solidão

Benvirá

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





BIBLIOTECA
DO EXILADO

Anthony Storr

SOLIDÃO

A CONEXÃO COM O EU

Tradução de
Claudia Gerpe Duarte

Benvirá

SUMÁRIO

Introdução
l. A importância dos relacionamentos humanos
2. A capacidade de ficar sozinho
3. Como usar a solidão
4. A solidão forçada
5. A fome da imaginação
6. O significado do indivíduo
7. Solidão e temperamento
8. Separação, isolamento e o desenvolvimento da imaginação
9. Perda, depressão e reparo
10. Em busca da coerência
11. O terceiro período
12. O desejo e a busca do todo
Referências
Agradecimentos

INTRODUÇÃO

O diálogo enriquece o entendimento, mas a solidão é a escola do gênio; a uniformidade da obra indica a mão de um único artista.[1]

Edward Gibbon

Gibbon está certíssimo. A maioria dos poetas, romancistas, compositores e, em menor grau, dos pintores e escultores tem a tendência de passar grande parte do tempo sozinha, como o fazia o próprio Gibbon. A opinião geral, especialmente aquela propagada pelas várias escolas de psicanálise, pressupõe que o homem é um ser social que precisa da companhia e do afeto de outros seres humanos desde o berço até a sepultura. Acredita-se amplamente que os relacionamentos interpessoais de caráter íntimo sejam a principal, e talvez a única, fonte de felicidade humana. No entanto, a vida dos indivíduos criativos com frequência parece contrariar essa suposição. Por exemplo, muitos dos maiores pensadores do mundo não constituíram família nem estabeleceram vínculos pessoais estreitos. Essa afirmação é verdadeira no que diz respeito a Descartes, Newton, Locke, Pascal, Spinoza, Leibniz, Schopenhauer, Kant, Nietzsche, Kierkegaard e Wittgenstein. Alguns desses gênios tiveram casos passageiros com outros homens ou mulheres; outros, como Newton, permaneceram solteiros. No entanto, nenhum deles se casou, e quase todos viveram sozinhos durante a maior parte da vida.

O talento criativo superior não é amplamente concedido. Aqueles que o possuem são com frequência admirados e invejados por causa de seus dons. Eles também costumam ser considerados pessoas peculiares; seres humanos estranhos que não compartilham as dores e os prazeres das pessoas comuns. Será que essa diferença com relação à média implica anormalidade no

sentido da psicopatologia? Mais especificamente, a predileção da pessoa criativa pela solidão será indício de inabilidade em desenvolver relacionamentos íntimos?

Não é difícil apontar exemplos de gênios de ambos os sexos cujos relacionamentos interpessoais foram tumultuados e cuja personalidade foi flagrantemente perturbada por doenças mentais, alcoolismo ou uso de drogas. Por causa disso, é fácil supor que o talento criativo, a instabilidade mental e a capacidade deficiente de formar relacionamentos pessoais satisfatórios estejam estreitamente relacionados. Desse ponto de vista, a posse do talento criativo aparece como uma bênção duvidosa: falso dom natural, que pode trazer fama e fortuna, mas que é incompatível com o que, para a pessoa comum, constitui a felicidade.

A crença de que os gênios são necessariamente instáveis tem sido com ênfase, sustentada em especial desde a época de Freud. Ela não pode de modo algum representar toda a verdade. Nem todas as pessoas criativas são visivelmente perturbadas, nem todos os indivíduos solitários são infelizes. Gibbon, depois de seu desapontamento inicial no amor, desfrutou uma vida feliz e tranquila, de causar inveja a qualquer outro. Como ele próprio escreveu:

> Quando contemplo o destino comum dos mortais, devo reconhecer que tirei o grande prêmio na loteria da vida... fui agraciado com temperamento alegre, sensibilidade moderada e predisposição natural mais para o repouso do que para a atividade: alguns apetites e hábitos nocivos foram talvez corrigidos pela filosofia ou pelo tempo. O amor ao estudo, paixão que extrai novo vigor do contentamento, supre cada dia, cada hora, com uma fonte perpétua de prazer independente e racional; e também não tenho nenhuma predisposição à deterioração das faculdades mentais... De acordo com o padrão suíço, sou homem rico; e sou de fato rico, uma vez que minha renda é superior às minhas despesas, e estas correspondem aos meus desejos. Meu amigo lorde Sheffield gentilmente me aliviou das preocupações que mais agridem meu gosto e meu temperamento: devo acrescentar que, desde o fracasso dos meus primeiros desejos, nunca mais nutri nenhum pensamento sério com relação a uma ligação matrimonial?[2]

Eis o que Lytton Strachey escreveu em seu ensaio sobre Gibbon: "Felicidade é a palavra que imediatamente vem à mente quando se pensa em Edward Gibbon, e a felicidade na sua mais ampla conotação — incluindo a sorte e o prazer".[3]

Alguns poderão alegar que Gibbon, ao renunciar, por obediência ao pai, a

seu amor por Suzanne Curchod, havia se separado da principal fonte de felicidade humana, e por causa disso deveria ser considerado caso patológico. O amor sexual pode ter desempenhado pequena parte na vida de Gibbon, mas seus outros relacionamentos eram gratificantes. Embora a imensa tarefa de compor *Declínio e queda do império romano* necessitasse de longos períodos solitários de estudo e redação, Gibbon sentia-se igualmente feliz quando tinha companhia. Se estava em Londres, tinha uma vida social ativa, era membro do Boodle's, do White's e do Brook's, bem como do The Literary Club,[4] e era apreciado em todos os lugares como fascinante orador. Além disso, demonstrava sentir um afeto comovente por sua tia, a sra. Porten, que fora em grande parte responsável por sua criação, e um dom para a amizade que se manifestou mais claramente em sua longa e estreita relação com lorde Sheffield. Gibbon ocasionalmente se lamenta em sua correspondência de seu estado solitário e brinca com a ideia de adotar uma prima. Mas a perspectiva do matrimônio era um devaneio do qual ele logo se desfez. "Quando pintei na minha fantasia todas as prováveis consequências dessa união, comecei do meu sonho, rejubilei-me de minha fuga e ejaculei um agradecimento por ainda possuir minha liberdade natural."[5]

A insistência moderna de que a verdadeira felicidade só pode ser encontrada nas ligações íntimas, mais especialmente na realização sexual, não reserva lugar para pessoas como Gibbon. Está claro que, embora tivesse muitas amizades, sua principal fonte de estima pessoal e de prazer era o trabalho, como torna claro a famosa frase que encerra sua autobiografia:

> Na idade adulta, o consolo da esperança é reservado para a ternura dos pais que começam uma nova vida em seus filhos, para a fé dos entusiastas que cantam "Aleluia" acima das nuvens e para a vaidade de escritores que supõem que seu nome e suas obras serão imortais.[6]

Gibbon era artista clássico cujo estilo personifica uma atitude ao mesmo tempo irônica e desapegada diante da insensatez e das extravagâncias do ser humano. Por esse motivo, românticos como Rousseau e Coleridge o detestavam. Nas obras de Gibbon, suas afinidades humanas certamente se mostram limitadas: o sexo é de modo geral tratado como tema de divertimento; a religião é descartada como superstição. No entanto, a

enormidade da tarefa que ele se propusera a desempenhar exigia essa atitude. Impor ordem sobre o tumulto e a confusão de período histórico tão longo requeria uma perspectiva grandiosa. A qualidade humana de Gibbon não se manifestou na notável história que escreveu, mas o calor de seus sentimentos com relação aos amigos e a afeição que demonstravam sentir por ele revelam que o homem possuía coração humano. De acordo com a maioria dos padrões adotados no passado, Gibbon seria considerado equilibrado. Foi somente depois que Freud introduziu a noção de que a realização heterossexual é a condição *sine qua non* da saúde mental que tornou possível questionar a natureza de Gibbon como algo mais do que apenas um ser humano comum feliz e bem-sucedido.

Não são apenas os gênios de ambos os sexos que podem encontrar seu valor fundamental no impessoal em vez de no pessoal. Eu diria que os interesses, seja escrever sobre história, criar pombos-correio, especular no mercado de ações, projetar aeronaves, tocar piano ou dedicar-se à jardinagem, desempenham parte mais importante na organização da felicidade humana do que reconhecem os modernos psicanalistas e seus seguidores. Os grandes criadores exemplificam extraordinariamente bem minha tese, porque suas obras permanecem como prova. Aqueles seres misteriosos, o homem ou a mulher comum, pouco deixam para trás que indique a amplitude e a profundidade dos interesses que representaram uma importante preocupação durante a vida deles. Os ricos podem acumular grandes coleções de obras de terceiros. Os jardineiros entusiastas podem ser notavelmente criativos e deixar um testemunho de sua paixão que dure anos, mesmo que não tanto quanto um livro ou um quadro. Mas nada sobrevive de uma paixão por moinhos de vento ou por críquete. No entanto, todos nós decerto já conhecemos pessoas cuja vida realmente se tornou significativa por causa desses interesses, fossem ou não seus relacionamentos humanos satisfatórios. O valor que atribuímos hoje aos relacionamentos interpessoais é um fardo por demais pesado para essas frágeis embarcações carregarem. Nossa expectativa de que os relacionamentos íntimos satisfatórios devam, de maneira ideal, trazer felicidade e que, se não o fizerem, é porque existe algo errado com eles parece exagerada.

É claro que o amor e a amizade são uma parte importante do que torna a vida recompensadora. Mas não são a única fonte de felicidade. Além disso, os seres humanos mudam e se desenvolvem com o passar da vida. Na velhice, os relacionamentos humanos frequentemente se tornam menos importantes. Talvez essa seja uma medida generosa da natureza, destinada a garantir que a separação inevitável dos entes queridos seja menos dolorosa. De qualquer modo, existe sempre um elemento de incerteza nos laços interpessoais que deveria evitar que eles fossem idealizados como algo absoluto ou considerados o único caminho possível em direção à realização pessoal. Talvez seja nossa idealização dos relacionamentos interpessoais no Ocidente que faça com que o casamento, supostamente o laço mais íntimo, seja tão instável. Se não considerássemos o casamento como a principal fonte de felicidade, poucas uniões terminariam em lágrimas.

Defendo a ideia de que os seres humanos são orientados pela natureza tanto para o impessoal quanto para o pessoal, e que essa característica da condição humana é uma parte valiosa e importante de nossa adaptação. Compartilhamos com outros animais a necessidade biológica fundamental de nos reproduzir, de garantir a sobrevivência dos nossos genes, mesmo que pessoalmente não sobrevivamos. Mas o longo período da vida humana que se estende além do principal período reprodutivo também é significativo. É aí que o impessoal passa a assumir uma importância maior para a média das pessoas, embora a origem desses interesses já estivesse presente desde os primeiros anos de vida.

Os grandes criadores, como veremos, podem, em alguns casos, ter sido desviados dos relacionamentos humanos para seu campo de atividade em razão de circunstâncias adversas que tornaram difícil que eles se tornassem íntimos de outras pessoas. Mas isso é uma questão de ênfase, e não de substituição. Não implica, como supõem alguns psicanalistas, que a atividade criativa seja invariavelmente uma alternativa aos relacionamentos humanos. Poder-se-ia argumentar que as pessoas cujos únicos interesses permanentes são o cônjuge e a família são tão limitadas sob o aspecto intelectual quanto aquelas que não têm nem cônjuge nem filhos o são emocionalmente.

Muitos interesses comuns e a maioria das atividades criativas que

envolvem a verdadeira originalidade prosseguem sem envolver relacionamentos. Eu tenho a impressão de que o que ocorre no ser humano quando está sozinho é tão importante quanto o que acontece com ele durante sua interação com as outras pessoas. De qualquer modo, cerca de um terço do nosso tempo de vida é passado no isolamento do sono. Dois impulsos opostos atuam durante toda a nossa vida: o impulso para a companhia, para o amor e para tudo que nos aproxime das outras pessoas e o impulso para sermos independentes, separados e autônomos. Se fôssemos ouvir apenas os teóricos psicanalíticos das "relações-objeto", seríamos levados a concluir que nenhum de nós tem valor como indivíduo isolado. A partir desse ponto de vista, tudo indica que só possuímos valor quando desempenhamos alguma ação útil diante das outras pessoas, nos nossos papéis, por exemplo, como cônjuge, pai, mãe ou vizinho. Segue-se que a justificativa para a existência individual é a existência do outro.

No entanto, algumas das pessoas que mais contribuíram para o enriquecimento da experiência humana pouco colaboraram para o bem-estar dos seres humanos em particular. Poderíamos dizer que alguns dos grandes pensadores anteriormente relacionados eram egocêntricos, alienados ou "narcisistas", que se preocupavam mais com o que se passava em sua mente do que com a felicidade das outras pessoas. O mesmo pode ser dito de muitos escritores, compositores e pintores. A pessoa criativa está constantemente tentando descobrir-se a si mesma, remodelar sua identidade e encontrar sentido no universo através do que produz. Considera essa atitude um processo valioso e integrador, que, como a meditação ou a oração, pouco tem a ver com as outras pessoas, mas que tem seu valor separado. Seus momentos mais importantes são aqueles nos quais alcança nova inspiração ou faz nova descoberta — e esses momentos são principalmente, e talvez de maneira invariável, aqueles em que ela está sozinha.

Embora o grande talento seja raro, as pessoas criativas permanecem seres humanos com as mesmas necessidades e desejos que o restante de nós. Como deixam atrás de si, em suas obras, registros de seus pensamentos e sentimentos, exemplificam, de maneira surpreendente, aspectos da luta humana comuns a todos nós, mas que, no caso das pessoas ordinárias,

passam despercebidos. Talvez a necessidade que a pessoa criativa tem da solidão, bem como sua preocupação com os processos internos de integração, possa revelar algo a respeito das demandas do ser humano comum e menos talentoso que, pelo menos na ocasião em que escrevo estas linhas, costumam ser negligenciadas.

1

A IMPORTÂNCIA DOS RELACIONAMENTOS HUMANOS

> […] *Na solidão, que felicidade? Quem se deleitará sozinho ou se a tudo deleitar, que prazer encontrará?* [1]
>
> John Milton

A ênfase comum nos relacionamentos íntimos interpessoais, como a base da saúde e da felicidade, é fenômeno relativamente recente. As gerações mais antigas não teriam atribuído valor tão alto aos relacionamentos humanos, por acreditarem, talvez, que a vida do dia a dia e as tarefas cotidianas nos forneceriam tudo que poderíamos desejar; ou, então, por estarem de tal modo preocupadas em simplesmente se manter vivas e em ganhar a vida, que não tinham muito tempo para se dedicar às sutilezas das relações pessoais. Alguns críticos, como Ernest Gellner, sugerem que nossa atual preocupação e angústia com os relacionamentos humanos substituíram a antiga ansiedade a respeito da condição imprevisível e precária do mundo natural. Ele argumenta que, nas opulentas sociedades modernas, quase todos nós estamos protegidos da doença, da pobreza, da fome e das catástrofes naturais de uma forma impossível de ser imaginada pelas gerações anteriores. No entanto, as modernas sociedades industriais são instáveis e desestruturadas. O aumento da mobilidade abalou os pilares da sociedade. Como temos mais escolhas no que diz respeito ao nosso local

de moradia, a que grupo social desejamos pertencer e ao que queremos fazer com a nossa vida, nossas relações com as outras pessoas que participam de nosso ambiente já não se definem por regras há muito estabelecidas, tendo se tornado, portanto, questão que gera cada vez mais preocupação e ansiedade. Nas palavras de Gellner: "Nosso ambiente é agora formado basicamente pelos relacionamentos com os outros".2

Gellner prossegue afirmando que a esfera das relações pessoais tornou-se "a área da nossa mais premente preocupação". Nesse campo, nossas ansiedades se unem ao declínio da crença religiosa. A religião não apenas fornecia regras de conduta nos relacionamentos pessoais, como também oferecia alternativa mais previsível e estável. Os relacionamentos com o cônjuge, filhos ou vizinhos podiam ser difíceis, insatisfatórios ou instáveis, mas, enquanto continuássemos a acreditar em Deus, o mesmo não poderia ser dito a respeito de nosso relacionamento com Ele.

Embora esteja longe de concordar com tudo que Gellner tem a dizer em seu livro sobre psicanálise, acho que ele está certo em alegar que a psicanálise promete uma forma de salvação; e que esse tipo de salvação pode ser alcançado ao se purgar o indivíduo dos bloqueios emocionais e dos pontos cegos que o impedem de ter relacionamentos interpessoais satisfatórios. Gellner também está certo em pensar que a psicanálise tem exercido influência tão ampla que se tornou a língua dominante para a discussão da personalidade humana e dos elos pessoais, utilizada inclusive pelos que não concordam com todas as suas doutrinas.

A psicanálise passou por grande transformação no decorrer do século XX. A principal mudança foi o aumento da ênfase no relacionamento do paciente com o psicanalista. A psicanálise insiste agora em afirmar que a análise da transferência, ou seja, a reação emocional e a atitude do paciente diante do psicanalista, é a principal característica do tratamento psicanalítico. Com efeito, reconhecer a importância da transferência tem sido fator fundamental na criação de um terreno comum entre escolas psicoterapêuticas como a de Freud e a de Jung que, sob outros aspectos teóricos, ainda se encontram em polos opostos. Embora a condição da psicanálise como método eficaz de curar os sintomas neuróticos tenha sido questionada nos últimos anos, a influência de conceitos dela derivados é

bastante penetrante. Por exemplo, na maioria dos tipos de trabalho de assistência social, a análise da capacidade do cliente de construir relacionamentos humanos é considerada uma parte fundamental do diagnóstico e respectivo tratamento, e frequentemente são feitas tentativas no sentido de melhorar essa capacidade por meio da influência da ligação do cliente com o assistente social.

Nos primeiros tempos da psicanálise, enfatizava-se mais a reconstituição do trajeto do desenvolvimento psicossexual do paciente do que a análise da transferência. O paciente era basicamente considerado um indivíduo separado, e sua atitude emocional diante do analista era vista como secundária, ou até um obstáculo à investigação psicanalítica. Quando Freud começou a investigar as origens da neurose durante as duas últimas décadas do século XIX, invariavelmente encontrava distúrbios na vida sexual de seus pacientes. O edifício da psicanálise veio a se apoiar sobre a fundação do esquema teórico do desenvolvimento sexual da infância em diante, o que Freud considerava uma consequência de suas investigações.

Do ponto de vista de Freud, os diversos tipos de neurose estavam relacionados com o fracasso do paciente em conseguir ultrapassar os primeiros estágios do desenvolvimento sexual; e com a fixação ao estágio "oral", "anal" ou "fálico", que impedia o progresso em direção à "genitalidade", como ele chamou o estágio da maturidade sexual. Freud acreditava que a vida mental era originalmente dirigida pelo "princípio do prazer", ou seja, pela necessidade de evitar a dor e alcançar o prazer. Também avaliava que o sistema nervoso, e, portanto, o mecanismo mental, tinha a função de reduzir o nível de intensidade dos impulsos sexuais que chegavam até ele, encontrando maneiras de expressar, e, por conseguinte, de liberar esses impulsos. A ideia da saúde e da felicidade psicológicas tornou-se ligada à existência ou à conquista da realização sexual.

Passou-se a admitir amplamente que, se uma pessoa estivesse feliz e saudável, ela deveria estar desfrutando uma vida sexual satisfatória; e, ao contrário, se uma pessoa fosse neuroticamente infeliz, deveria haver um distúrbio em sua capacidade de alcançar a liberação sexual. Enquanto Freud estava vivo, a ênfase recaía quase sempre na satisfação dos instintos, ou seja, na capacidade de atingir o orgasmo. Estava implícito que, se os

parceiros eram capazes de se satisfazer mutuamente dessa maneira, os outros aspectos de sua relação podiam ser tidos como certos. O sexo era a base de avaliação do relacionamento. Se o paciente conseguisse superar os bloqueios que haviam causado fixação nos estágios imaturos do desenvolvimento sexual e alcançar o estágio genital, não haveria nenhum obstáculo ao estabelecimento de relacionamentos equilibrados e mutuamente gratificantes com outras pessoas.

Freud admitia que a neurose invariavelmente tinha origem nas circunstâncias da primeira infância do paciente. A tarefa do psicanalista era facilitar a recordação das primeiras experiências traumáticas que haviam sido reprimidas por serem dolorosas ou vergonhosas. Logo depois de uma descoberta feita por seu colega Breuer, Freud percebeu que, se um paciente que sofresse de histeria pudesse ser persuadido a lembrar as circunstâncias exatas que deram origem a um sintoma particular e também conseguisse vivenciar de novo as emoções ligadas àquelas circunstâncias, o sintoma desapareceria. À medida que Freud começou a tratar de outros tipos de paciente, a ênfase original nos incidentes traumáticos declinou um pouco em favor da recordação de todo o clima emocional no qual o paciente fora criado, mas as circunstâncias dos primeiros cinco anos de vida ainda eram consideradas a fonte dos sintomas neuróticos.

A psicanálise podia, portanto, ser encarada como um processo de reconstrução histórica, como uma técnica para trazer à tona eventos, sentimentos e fantasias da primeira infância do paciente. Havia pouca necessidade de examinar os relacionamentos presentes, e menos ainda de envolver os amigos e a família em um tratamento que girava basicamente em torno de respostas subjetivas ocorridas num período da vida do paciente que essas pessoas provavelmente pouco conheciam.

Os psicanalistas eram muitas vezes criticados por tratar demais seus pacientes como indivíduos isolados, sem referência à sua família e aos seus amigos. Estes últimos, frequentemente para seu dissabor, eram desencorajados a participar do processo analítico, e o psicanalista geralmente não os via nem pedia informações a respeito do comportamento do paciente ou de seu relacionamento em casa. No entanto, se a teoria psicanalítica for aceita em sua forma original, é razoável tratar o paciente

sem o envolvimento direto dos que no momento são íntimos dele. Ninguém, a não ser o paciente, tem acesso às fantasias e sentimentos de sua primeira infância. Inclusive o relato mais pormenorizado que os pais possam fazer desses primeiros anos não revelará o que o psicanalista procura: a reação subjetiva do paciente a essas circunstâncias da infância, e não os fatos propriamente ditos.

Quando Freud iniciou o tratamento psicanalítico, não previu que se tornaria emocionalmente importante para seus pacientes. Ele esperava transformar a psicanálise na "ciência da mente" que, em última análise, se basearia na anatomia e na fisiologia e seria tão objetiva quanto estas. Via seu próprio papel como o de observador imparcial e supôs que seus pacientes teriam diante dele a mesma atitude que teriam diante de um médico especialista em qualquer outra área. Quando descobriu que esse não era o caso, que eles começaram a experimentar e a expressar emoções de amor e ódio para com ele, não aceitou essas emoções como expressões genuínas dos sentimentos do presente, interpretando-as como reedições das emoções do passado que haviam sido transferidas para a pessoa do analista.

Freud originalmente encarou a transferência com desgosto. Ainda em 1910, muito tempo depois de ter reconhecido a importância da transferência, escreveu para Pfister:

> Quanto à transferência, ela é uma completa maldição. Os obstinados e impetuosos impulsos da doença, por causa dos quais desisti da sugestão hipnótica tanto direta quanto indireta, não podem ser totalmente eliminados nem através da psicanálise; podem apenas ser reprimidos, e os restantes se expressam na transferência. Frequentemente eles demonstram ser muitos.[3]

Na conferência 27 das *Palestras introdutórias sobre psicanálise,* Freud reitera sua convicção de que a transferência precisa ser tratada como irreal:

> Superamos a transferência fazendo com que o paciente perceba que seus sentimentos não têm origem na situação atual e não se aplicam à pessoa do médico, e sim que estão repetindo algo que aconteceu anteriormente. Dessa forma, nós o obrigamos a transformar sua repetição em recordação.[4]

Desde os dias de Freud e, mais especificamente, a partir do surgimento da escola psicanalítica da *relação-objeto*, houve mudança de ênfase no

entendimento e na interpretação da transferência. A maioria dos psicanalistas, assistentes sociais e outros membros das chamadas "profissões da área de assistência social" é de opinião de que os relacionamentos pessoais íntimos são a principal fonte da felicidade humana. Inversamente, acredita-se que aqueles que não desfrutam as satisfações oferecidas por esses relacionamentos são neuróticos, imaturos ou apresentam algum outro tipo de anormalidade. Hoje em dia, quase todas as formas de psicoterapia, quer individuais, quer em grupo, estão voltadas para o entendimento do que deu errado no relacionamento do paciente com pessoas importantes de seu passado, a fim de que ele possa ser ajudado a criar, no futuro, relacionamentos humanos mais produtivos e satisfatórios.

Uma vez que os relacionamentos passados condicionam as expectativas quanto aos novos, a atitude do paciente para com o analista, como uma pessoa nova e significativa em sua vida, representa importante fonte de informações a respeito das dificuldades anteriores, além de fornecer possível oportunidade para a correção dessas dificuldades. Exemplo simples é o do paciente que tenha experimentado a rejeição ou sido vítima de maus-tratos: é bem provável que ele se aproxime do analista com a expectativa de ser ainda mais rejeitado e maltratado, embora possa estar bastante inconsciente do fato de que a expectativa afeta sua atitude. A compreensão de que está com falsas suposições a respeito de como os outros irão lidarão com ele, aliada à experiência efetiva de ser tratado pelo analista com mais ternura e compreensão do que esperava, poderá revolucionar suas expectativas e fazer com que estabeleça com as outras pessoas relacionamentos bem melhores do que até agora lhe foi possível.

Como já vimos, Freud não levou em conta nenhum sentimento que o analisando pudesse expressar com relação ao analista por considerá-lo irreal, interpretando-o como pertencente ao passado. Hoje em dia, muitos analistas reconhecem que esses sentimentos não são apenas cópias de impulsos e fantasias da infância. Em certos casos, representam uma tentativa de compensação para o que faltou na infância do analisando. Este poderá, durante algum tempo, ver o analista como o pai ou a mãe ideal que nunca teve. Essa experiência pode ter efeito curativo, e pode ser um erro dispersar essa imagem com uma interpretação prematura ou por considerá-

la ilusão.

Como vimos anteriormente, Freud achava que a tarefa do psicanalista era remover os bloqueios que impediam o paciente de expressar seus impulsos instintivos de forma adulta. Pudesse essa missão ser cumprida, acreditava-se que os relacionamentos do paciente automaticamente progrediriam. Os analistas modernos inverteram essa ordem. Pensam primeiro em termos de relacionamento e só depois na satisfação dos instintos. Se o analisando for capaz de estabelecer relações desprovidas de ansiedade e em bases iguais com outros seres humanos, supõe-se que não encontrará dificuldades em expressar seus impulsos instintivos e alcançar a satisfação sexual. Os teóricos da relação-objeto acreditam que, desde o início da vida, os seres humanos buscam *relacionamentos* e não apenas a mera satisfação dos instintos. Consideram que a neurose decorre do fracasso em construir relacionamentos humanos satisfatórios, e não da inibição ou da falta de desenvolvimento dos impulsos sexuais.

A transferência, no sentido da atitude emocional global do paciente ou de uma série de atitudes para com o analista, é considerada característica fundamental do tratamento analítico, não como relíquia do passado, não como "maldição" nem sequer, como Freud a considerou depois, como "poderosa aliada", por causa da força que lhe conferia de modificar as atitudes do paciente. Hoje em dia, o psicanalista geralmente passa grande parte do tempo investigando e comentando a maneira pela qual seus pacientes reagem diante dele: se se mostram temerosos, dóceis, agressivos, competitivos, recolhidos ou ansiosos. Essas atitudes têm sua história, que precisa ser explorada. Mas a ênfase é diferente. O analista estuda a atitude distorcida do analisando para com ele e através desta percebe as distorções no relacionamento do paciente com as outras pessoas. Esse processo implica efetivamente o reconhecimento de que existe um verdadeiro relacionamento no aqui e agora e que a análise não concerne apenas aos eventos da primeira infância.

O encontro analítico, afinal de contas, é único. Nenhuma reunião social permite estudo particularizado da forma pela qual um dos parceiros reage diante do outro. Em nenhuma outra situação da vida a pessoa pode contar com um ouvinte dedicado, preparado para destinar tanto tempo e atenção

especializada aos problemas de um único indivíduo sem esperar nada em troca além da remuneração pelos seus serviços profissionais. O paciente pode nunca ter encontrado alguém que tenha lhe dado tanta atenção ou que ao menos estivesse preparado para ouvir seus problemas. Não é de causar surpresa que o analista se torne alguém muito importante para ele. Reconhecer a realidade desses sentimentos é tão necessário quanto identificar os elementos distorcidos e irracionais da transferência, que datam da experiência da infância do analisando.

Essa concentração nos relacionamentos interpessoais e na transferência não é característica de todas as formas da prática analítica, mas reúne de fato certo número de psicanalistas e psicoterapeutas que podem originalmente ter sido treinados em escolas diferentes, mas compartilham duas convicções fundamentais. A primeira é que os problemas neuróticos têm relação com os primeiros fracassos da relação entre a criança e seus pais; a segunda, que a saúde e a felicidade dependem inteiramente da manutenção de relacionamentos pessoais íntimos.

Não existem duas crianças exatamente iguais, e é preciso reconhecer que as diferenças genéticas podem contribuir muito para os problemas no desenvolvimento infantil. O mesmo pai ou a mesma mãe podem ser vistos de maneiras distintas por crianças diferentes. Não obstante, eu compartilho a convicção de que muitas dificuldades neuróticas que se manifestam mais tarde na vida podem estar relacionadas com as primeiras experiências emocionais do indivíduo no seio de sua família.

Entretanto, estou menos convencido de que os relacionamentos pessoais íntimos sejam a única fonte de saúde e felicidade. Na atmosfera atual, existe o perigo de o amor estar sendo idealizado como o único caminho para a salvação. Quando perguntaram a Freud o que constituía a saúde psicológica, este deu como resposta a capacidade de amar e trabalhar. Temos enfatizado exageradamente a primeira e prestado pouca atenção na última. Em muitos tipos de análise, a concentração exclusiva sobre os relacionamentos interpessoais conduziu ao fracasso em considerar outras maneiras de alcançar a satisfação pessoal e também à negligência do estudo das dinâmicas mutáveis dentro da psique do indivíduo isolado.

Vários psicanalistas contribuíram para a ascensão da "teoria da relação-

objeto", em contraposição à "teoria do instinto" de Freud. Entre esses analistas estavam Melanie Klein, Donald Winnicott e Ronald Fairbairn. Mas a obra mais importante nessa área é a de John Bowlby, *Apego e perda*, cujos três volumes são merecidamente influentes, inspiraram muitas pesquisas e são considerados realizadores de uma contribuição significativa para o nosso entendimento da natureza humana.

Bowlby acredita que a necessidade fundamental dos seres humanos, desde bebês, é manter relacionamentos solidários e gratificantes com outros seres humanos e que essa necessidade de *apego* se estende bem além do desejo de satisfação sexual. As ideias que Bowlby expressa derivam de uma síntese feliz entre a etologia e a psicanálise. Ao enfatizar o apego, que é diferente do envolvimento sexual, embora frequentemente associado a ele, Bowlby expandiu a visão psicanalítica do homem e dos relacionamentos humanos, tornando-a mais alinhada com as descobertas de pesquisadores em outras disciplinas.

Apego e perda de Bowlby se originou do trabalho que ele realizou para a Organização Mundial de Saúde sobre a saúde mental das crianças abandonadas. Esse ensaio conduziu a um estudo subsequente dos efeitos da perda temporária da mãe sobre crianças pequenas e a uma apreciação bem maior da angústia dessas crianças quando, por exemplo, elas ou suas mães são hospitalizadas.

Os bebês humanos começam a desenvolver apegos específicos com pessoas particulares por volta dos nove meses de vida. Trata-se da época em que o bebê começa a protestar quando um estranho tenta pegá-lo no colo e tende a se agarrar à mãe ou a outros adultos que lhe são familiares. A mãe geralmente proporciona um apoio seguro ao qual o bebê pode se voltar e, quando presente, o bebê é mais corajoso tanto em suas explorações quanto nas brincadeiras. Se a figura a quem o bebê está apegado se afasta, ainda que por breve momento, ele normalmente protesta. Separações mais longas, como quando as crianças são hospitalizadas, provocam uma sequência regular de reações descritas pela primeira vez por Bowlby. O protesto irado se faz seguir por um período de desespero, no qual o bebê se mostra silenciosamente infeliz e apático. Depois de mais algum tempo, torna-se desapegado e dá a impressão de já não se importar com a ausência da figura

à qual estava ligado. Essa sequência de *protesto, desespero e desapego* parece ser a reação-padrão da criança pequena que é afastada da mãe.

A evidência é suficientemente forte para que Bowlby considere que a capacidade do adulto de construir relacionamentos adequados com outros adultos depende da experiência do indivíduo com as figuras às quais estava apegado quando pequeno. A criança que desde os primeiros anos de vida tem certeza de que as figuras às quais está apegada estarão disponíveis sempre que precisar delas desenvolverá um senso de segurança e de confiança interior. Na vida adulta, essa confiança permitirá que ela acredite em outros seres humanos e os ame. Nos relacionamentos entre os sexos nos quais o amor e a confiança se estabeleceram, a realização sexual ocorre como consequência natural.

Todavia, a qualidade e a intensidade do apego é variável, dependendo, em parte, da forma como a mãe reage ao bebê e de como o trata e, em parte, sem dúvida, de diferenças genéticas inatas. Embora a visível reação de um bebê diante da partida da mãe pareça semelhante em casos distintos, as consequências de sua ausência prolongada variam consideravelmente de caso para caso. Pesquisas indicam que as crianças criadas em instituições são mais destruidoras e carentes do que aquelas criadas em famílias nucleares. É provável, embora não esteja totalmente comprovado, que essas crianças, quando adultas, serão menos capazes de construir relacionamentos íntimos do que as que tiveram a vantagem de uma família unida e carinhosa. Experiências que envolvem a separação de macaquinhos de sua mãe indicam que não é difícil produzir um macaco adulto incapaz de manter relacionamentos sociais e sexuais normais. No entanto, os seres humanos possuem extraordinária capacidade de recuperação, e até crianças que foram constantemente isoladas e maltratadas podem ser capazes de compensar esse fato se seu ambiente se modificar para melhor.

No capítulo 12 do primeiro volume de *Apego e perda*, Bowlby analisa a natureza e a função do apego a partir do ponto de vista biológico. Com base em seu extenso conhecimento do comportamento de apego, tanto em outras espécies quanto no homem, chega à conclusão de que a função original desse comportamento era a proteção contra os predadores. Primeiro, salienta que é mais provável que os animais isolados sejam atacados por

predadores do que os que permanecem juntos em grupo. Segundo, chama a atenção para o fato de que, tanto no homem quanto em outros animais, o comportamento de apego costuma manifestar-se com mais facilidade quando o indivíduo é jovem, está doente ou, no caso de fêmea, quando está grávida. Esses estados tornam o indivíduo mais vulnerável ao ataque. Terceiro, situações alarmantes invariavelmente fazem com que as pessoas procurem outras com quem possam enfrentar o risco. No caso do homem moderno, o perigo dos predadores diminuiu, mas sua reação diante de outras formas de ameaça permanece a mesma.

Essa interpretação biológica faz bastante sentido. O homem atual parece programado para reagir a vários estímulos de maneira mais apropriada à vida de um caçador-coletor de uma tribo do que à do homem ocidental urbano do final do século XX. Esse fato é bem visível no caso de nossas reações agressivas diante do que consideramos ameaça e também no caso de nossa desconfiança paranoica diante de estranhos. Ambos os tipos de reação podem ter sido apropriados para nossos antepassados tribais, mas são perigosos numa época em que somos ameaçados pela possibilidade de um holocausto nuclear.

Bowlby considera importante salientar que apego não é a mesma coisa que dependência. É verdade que os seres humanos levam muito tempo para se desenvolver. O período que vai do nascimento à maturidade sexual representa quase um quarto da duração total de vida, a qual é mais extensa do que a de qualquer outro mamífero. Nosso desamparo inicial e nossa longa infância nos oferecem oportunidade de aprender com as pessoas mais velhas, o que é geralmente considerado a razão biológica para o prolongamento da imaturidade na espécie humana. A adaptação do homem ao mundo depende do aprendizado e da transmissão da cultura de cada geração para a seguinte. A dependência é máxima na ocasião do nascimento, quando o bebê humano é mais indefeso. Contrastando com isso, o apego não é visível até o bebê completar aproximadamente seis meses. A dependência diminui aos poucos até a chegada da maturidade: o comportamento de apego dura a vida inteira. Se dizemos que um adulto é dependente, estamos sugerindo que ele é imaturo. Mas se não tiver vínculos de intimidade chegamos à conclusão de que há algo errado com ele. Na

sociedade ocidental, o desapego extremo a outras pessoas é geralmente equiparado à doença mental. Os esquizofrênicos crônicos levam às vezes uma vida na qual os relacionamentos com os outros praticamente nada representam. A capacidade de criar vínculos em igualdade de condições é considerada prova da maturidade emocional. A ausência dessa habilidade é considerada patológica. O fato de haver outros critérios para avaliar a maturidade emocional, como a capacidade de ficar sozinho, é raramente levado em conta.

Antropólogos, sociólogos e psicólogos são todos da opinião de que o homem é um ser social que precisa do apoio e da companhia de outras pessoas durante toda a vida. Além do aprendizado, a cooperação social desempenhou papel essencial na sobrevivência do homem como espécie, da mesma forma que o fez na sobrevivência dos primatas sub-humanos, como os babuínos e os chimpanzés. Como salientou Konrad Lorenz, o homem não corre rápido e tampouco foi equipado pela natureza com couro duro, presas ou garras poderosas ou outras armas naturais. Para se proteger das espécies mais poderosas e para conseguir caçar animais de grande porte, os homens primitivos tiveram de aprender a cooperar uns com os outros. Sua sobrevivência dependia dessa cooperação. O homem moderno já percorreu um longo caminho a partir da condição social do caçador-coletor, mas sua necessidade de interação social e de vínculos positivos com seus semelhantes persiste até nossos dias.

Existem, portanto, muitos motivos para colocar o apego em posição elevada em qualquer hierarquia de necessidades humanas. Com efeito, alguns sociólogos duvidariam do fato de o indivíduo possuir qualquer significância quando considerado separado da família e dos grupos sociais dos quais é membro. A maioria dos integrantes da sociedade ocidental tem como certo que vínculos familiares estreitos constituirão parte importante de sua vida; que esses vínculos serão complementados por outros relacionamentos amorosos e amizades, e que esses relacionamentos vão conferir significado à sua vida. Nas palavras de Peter Marris:

> Os relacionamentos mais importantes para nós são tipicamente aqueles com as pessoas particulares que amamos — marido e mulher, pais, filhos, o melhor amigo — e algumas vezes com lugares particulares — uma casa ou um território pessoal que investimos com as mesmas

> qualidades amorosas. Esses relacionamentos específicos, que vivenciamos como únicos e insubstituíveis, parecem personificar mais decisivamente o significado da nossa vida.[5]

Na opinião de Marris, esses relacionamentos únicos e insubstituíveis atuam como pontos de referência que nos ajudam a dar sentido à nossa experiência. Estamos, por assim dizer, incrustados numa estrutura da qual relacionamentos específicos são os pilares que a sustentam. Temos isso de tal maneira como certo que raramente a definimos, e podemos mal ter consciência do fato até que um relacionamento importante chega ao fim. Como salienta Marris, as pessoas que perdem um ente querido frequentemente sentem, pelo menos durante algum tempo, que o mundo *ficou sem sentido*. Quando perdemos a pessoa que está mais próxima de nós e que nos é mais querida, podemos descobrir que o significado da vida estava bem mais ligado a essa pessoa do que havíamos suposto. Esse é o padrão habitual, mas também precisamos nos lembrar de que algumas pessoas, inclusive depois de perder um cônjuge muito querido, têm nova sensação de liberdade e passam a enfrentar a vida com renovada esperança.

Quando Robert S. Weiss estudou várias pessoas cujo casamento havia terminado pouco tempo antes e que haviam ingressado em um grupo de casais separados, descobriu que, como seria de esperar, embora obtivessem apoio do grupo, ainda assim se queixavam de solidão. Nenhuma dose de amizade era suficiente para compensar a perda do apego íntimo e da intimidade emocional que experimentaram no casamento.

No entanto, por mais cruciais que os relacionamentos pessoais *íntimos* sejam para a maioria das pessoas, não são apenas eles que conferem significado à vida. Weiss também estudou casais que, por um motivo qualquer, haviam se mudado para lugar bem distante da vizinhança na qual até então viviam. Embora seus apegos íntimos com o cônjuge estivessem intatos, sentiam-se angustiados por já não mais fazerem parte de um grupo.[6]

Em outras palavras, desfrutem ou não de relacionamentos íntimos, os seres humanos precisam sentir que participam de comunidade mais ampla do que a constituída pela família. A ideia moderna de que os relacionamentos íntimos são fundamentais à realização pessoal tende a nos fazer desprezar a importância de laços não tão íntimos. Tanto os

esquizofrênicos quanto os indivíduos que se encontram mais ou menos isolados são corretamente considerados casos patológicos, mas muitos seres humanos se satisfazem com relacionamentos que não podem ser vistos como íntimos; nem todos estão doentes ou sequer infelizes.

Estruturas sociais do tipo encontrado no exército ou em negócios podem não proporcionar aos indivíduos o mesmo tipo de satisfação que obteriam nos relacionamentos íntimos, mas oferecem um cenário no qual a pessoa sente que ocupa uma função e um lugar. A alegação de Gellner já citada, de que a sociedade moderna é tão instável e fluida que faz com que muitas pessoas se sintam desorientadas e inseguras, é até certo ponto rebatida pelo fato de que muitos trabalhadores relutam em abandonar um cenário familiar mesmo que lhes sejam oferecidas oportunidades mais recompensadoras. O fato de uma pessoa ser parte de uma hierarquia e de ter um trabalho específico a realizar confere significado à sua vida. Isso também lhe oferece um quadro de referência através do qual percebe sua relação com os outros. No decorrer da vida cotidiana, geralmente encontramos muitas pessoas com quem não temos intimidade, mas que a despeito disso contribuem para nossa percepção do eu. Vizinhos, carteiros, funcionários de banco, vendedores de loja e muitos outros podem ser figuras familiares que cumprimentamos amigavelmente todos os dias, mas são em geral pessoas de cuja vida sabemos muito pouco. Não obstante, se uma delas desaparece e é substituída por outra, temos uma sensação de perda, ainda que momentânea. Dizemos que havíamos "nos acostumado" com ela e coisas assim, porém, na verdade sentimos falta do reconhecimento mútuo, da constatação da existência um do outro e consequentemente da confirmação, mesmo que superficial, de que cada um de nós contribui com algo para o padrão de vida do outro.

Esse tipo de relacionamento desempenha papel mais importante na vida da maioria das pessoas do que geralmente se admite. Quando elas se aposentam, seja do serviço público, seja de empresas privadas, sentem falta das figuras familiares que costumavam oferecer-lhes reconhecimento e confirmação. Admite-se, de modo geral, que o ser humano quer ser amado. O desejo de ser reconhecido e aceito tem, no mínimo, a mesma importância.

Nas sociedades ocidentais de hoje, muitas pessoas levam uma vida na

qual os relacionamentos íntimos desempenham papel pequeno, por mais que reconheçam essa carência, ou tentem compensá-la por meio de fantasias. Em vez de se concentrar no cônjuge e nos filhos, a vida dessas pessoas se apoia no escritório, onde, embora possam não ser amadas, são pelo menos reconhecidas e valorizadas. Indivíduos que têm necessidade especial de ser reconhecidos, talvez porque seus pais lhes tenham concedido pouco reconhecimento quando crianças, são por esse motivo atraídos à vida de escritório. Embora alguns tipos de função possam exigir curtos períodos de concentração solitária, a maioria das pessoas que trabalham em escritórios passa relativamente pouco tempo sozinha, sem interação humana, e, para elas, essa parece ser uma característica atraente da vida no escritório.

A importância que os relacionamentos menos íntimos e relativamente superficiais têm na vida de quase todos nós também é demonstrada pelo tipo de conversa que temos com nossos conhecidos. Quando vizinhos se encontram na rua, poderão, especialmente na Inglaterra, usar o tempo como assunto para começar uma conversa. Mas se a interação se prolonga é bastante provável que a conversa se transforme em comentários a respeito dos outros vizinhos. Até as pessoas mais intelectualizadas raramente têm aversão à fofoca, embora possam fingir que a desprezam. Seria interessante saber que proporção da conversa consiste de comentários a respeito da vida de outras pessoas em comparação com a troca de ideias a respeito de livros, música, pinturas, pensamentos ou dinheiro. Inclusive entre os altamente educados, a proporção não deve ser pequena.

O fracasso em criar, ou manter, o tipo de apego íntimo que os teóricos da linha relação-objeto afirmam ser a principal fonte de sentido e satisfação na vida não implica que a pessoa esteja necessariamente afastada de outros relacionamentos humanos menos íntimos. Embora decerto seja mais difícil para a maioria das pessoas encontrar significado na vida quando não têm vínculos estreitos com outros indivíduos, muitas delas são capazes e de fato conseguem levar uma vida calma e satisfatória, apoiando-a numa combinação de trabalho e relacionamentos mais superficiais. Edward Gibbon, autor da citação que apresentei na Introdução, é bom exemplo disso. Também devemos nos lembrar de que pessoas extraordinárias

sofreram longos períodos de confinamento solitário, sem por isso considerar que sua vida se tornara sem sentido, enquanto outros deliberadamente buscaram semanas ou meses de isolamento por razões que voltarei a tratar mais adiante.

Bowlby, no penúltimo parágrafo do terceiro e último volume de *Apego e perda*, escreve:

> O apego íntimo a outros seres humanos é o eixo ao redor do qual gira a vida de uma pessoa, não apenas enquanto é um bebê, criancinha ou criança em idade escolar, mas durante toda a adolescência, a idade adulta e também na velhice. É desses apegos íntimos que a pessoa extrai sua força e alegria na vida, com as quais contribui para a força e a alegria de viver de outros. Nessas questões a ciência atual e a sabedoria tradicional estão de acordo.[7]

Eu sou um assíduo admirador da obra de Bowlby desde que entrei em contato com ela. Por sua insistência de que as observações psicanalíticas precisam ser apoiadas por estudos objetivos e ele por usar conceitos etológicos, contribuiu mais do que qualquer outro psicanalista para ligar a psicanálise à ciência. Porém, na minha opinião, a teoria do apego não faz justiça à importância do trabalho, ao significado emocional do que se passa na mente do indivíduo quando está sozinho e, mais especificamente, ao lugar central ocupado pela imaginação nos que são capazes da realização criativa. Os vínculos íntimos são *um* dos eixos ao redor dos quais gira a vida de uma pessoa, e não necessariamente *o* eixo.

2

A CAPACIDADE DE FICAR SOZINHO

> *Precisamos reservar um cantinho todo nosso, completamente livre, onde possamos conseguir nossa verdadeira liberdade, nosso principal retiro e solidão.*[1]
>
> Michel Montaigne

Para o bebê e para a criança pequena, o apego aos pais ou aos pais substitutos é fundamental à sobrevivência, e esse apego deve ser seguro para que a criança se transforme no adulto capaz de criar relacionamentos íntimos e em igualdade de condições com outros adultos. Embora lares desfeitos sejam lastimavelmente comuns na sociedade ocidental, os pais que se preocupam com o bem-estar dos filhos procuram proporcionar-lhes formação estável e carinhosa que favorecerá o desenvolvimento de apego seguro e a construção da autoconfiança. Além disso, a maioria dos pais tentará assegurar que seus filhos tenham muitas oportunidades de se encontrar e brincar com outras crianças da mesma idade. Tanto nos primatas sub-humanos quanto nos seres humanos, o apego seguro entre mãe e bebê estimula o comportamento exploratório. A criança que tem a certeza de que sua mãe está sempre disponível geralmente desejará explorar seu ambiente imediato, manipular os brinquedos e entrar em contato com o que houver no lugar, inclusive outras crianças. Alguns indícios sugerem que com um ano e meio elas já tiram proveito do contato com

parceiros da mesma idade. É certo que a interação com crianças de faixa etária igual oferece oportunidades para o aprendizado de aptidões sociais que não são oferecidas pela interação entre pais e filhos.

Por exemplo, a brincadeira de briga corpo a corpo, que é importante para que o indivíduo aprenda como lidar com a agressão, é comum entre crianças da mesma faixa etária, porém rara entre pais e filhos. As atitudes diante do sexo são geralmente adquiridas de outras crianças, em vez de aprendidas com os pais. O estudo de adultos que se queixam de dificuldades sexuais frequentemente revela que, quando pequenos, foram isolados. Como não aprenderam com seus iguais que a curiosidade e os impulsos sexuais são universais, cresceram achando que eram diferentes dos outros, excepcionalmente malignos talvez.

Vimos no Capítulo 1 que quase todos os seres humanos adultos anseiam tanto por relacionamentos íntimos quanto pela sensação de pertencer a uma comunidade. Na infância, o apego seguro aos pais ou a pais substitutos é vital, mas o relacionamento com outras crianças também proporciona uma experiência social de tipo insubstituível.

Já houve, e continua a haver, muitas pesquisas sobre esses dois aspectos do desenvolvimento infantil, mas praticamente nenhuma discussão em torno do fato de ser em algum momento importante para as crianças ficarem sozinhas. No entanto, já que consideramos desejável estimular o desenvolvimento da capacidade imaginativa de nossos filhos, deveríamos lhes garantir, quando tiverem idade suficiente para isso, o tempo e a oportunidade de se isolar. Muitos adultos criativos deixaram relatos de sentimentos infantis de uma união mística com a natureza, estados peculiares de consciência, ou "insinuações de imortalidade", como Wordsworth os chamava. Esses relatos são apresentados por personalidades tão diversas quanto Walt Whitman, Artur Koestler, Edmund Gosse, Alfred Leslie Rowse e Clive Staples Lewis. Podemos estar certos de que esses momentos não ocorrem durante uma partida de futebol, e sim, principalmente, quando a criança está sozinha. A descrição de Bernard Berenson de sua experiência é notável. Refere-se a momentos em que se perdeu em "algum instante de perfeita harmonia":

> Na infância e na meninice fui surpreendido por esse êxtase quando estava feliz ao ar livre. Tinha eu cinco ou seis anos? Certamente não tinha sete. Era uma manhã do início do verão. Uma névoa prateada tremeluzia sobre as limeiras. O ar estava carregado com sua fragrância. A temperatura parecia uma carícia. Lembro-me, sem ter de me esforçar, de ter subido num cepo e me sentido de repente imerso Nele. Não O chamei pelo nome. Não precisava de palavras. Ele e eu éramos um.[2]

Rowse descreve experiências semelhantes de quando era um menino de colégio em Cornwall:

> Não podia saber naquela época que se tratava do sabor prematuro de uma sensação estética, uma espécie de revelação que desde então se tornou para mim critério secreto de experiência, um recurso e um consolo interior. Mais tarde, embora ainda um colegial — agora ladeira abaixo no segundo grau — quando li *Tintern Abbey e Intimations of Immortality* de Wordsworth, compreedi que essa era a experiência sobre a qual ele havia escrito.[3]

Os psicoterapeutas modernos, inclusive eu mesmo, adotaram como critério de maturidade emocional a capacidade do indivíduo de criar relacionamentos maduros em igualdade de condições. Com poucas exceções, não levaram em conta o fato de que a capacidade de ficar sozinho também é um aspecto da maturidade emocional. Uma dessas exceções é o psicanalista Donald Winnicott, que publicou, em 1958, o texto "A capacidade de ficar sozinho", que se tornou um dos clássicos da psicanálise. Ele escreveu:

> Provavelmente é verdadeiro afirmar que se escreveu mais na literatura psicanalítica sobre o *medo* ou sobre o desejo de ficar sozinho do que a respeito dessa *capacidade*. Além disso, foi realizada uma grande quantidade de trabalhos sobre o estado de retraimento, uma organização defensiva que implica uma expectativa de perseguição. Minha impressão é que uma análise dos aspectos *positivos* da capacidade de ficar sozinho há muito deveria ter sido realizada.[4]

Referi-me no Capítulo 1 ao trabalho de Bowlby sobre o apego inicial do bebê humano à sua mãe, bem como à sequência de *protesto, desespero e desapego* que habitualmente ocorre quando a mãe do bebê é afastada. Em circunstâncias normais, quando não há rompimento desastroso do vínculo entre a mãe e o bebê, a criança se torna aos poucos capaz de tolerar sem ansiedade períodos mais longos de ausência materna. Bowlby acredita que a confiança na disponibilidade das figuras de apego vai se acumulando aos

poucos durante os anos de imaturidade, em especial no período que vai dos seis meses aos cinco anos, quando o comportamento de apego vem mais facilmente à tona. Não obstante, a sensibilidade diante da presença ou da ausência das figuras de apego continua já em fase adiantada da adolescência. Muitas crianças inglesas de classe média que haviam experimentado total segurança na primeira infância tiveram suas expectativas rudemente despedaçadas ao serem enviadas para o colégio interno aos sete ou oito anos de idade.

É reconhecido de modo geral que o comportamento exagerado de apego indica insegurança. A criança que não quer deixar a mãe se afastar, nem por curtos períodos, é a que não confia que a mãe voltará. Inversamente, aquela que desenvolveu confiança na disponibilidade das figuras de apego é capaz de passar pela experiência de cada vez mais ser deixada sozinha sem ficar ansiosa. Assim, a capacidade de ficar sozinho é um dos aspectos da segurança interior que foi acumulada nos primeiros anos de vida. Embora existam crianças que evitam a companhia de outras pessoas e são patologicamente isoladas — ou seja, encontram-se no "estado de retraimento" citado por Winnicott —, aquela que sente prazer em um pouco de solidão não deve ser confundida com elas. Algumas crianças que apreciam o exercício solitário da imaginação podem desenvolver grande potencial criativo.

Construir a sensação de segurança pode ser considerado um processo de condicionamento. A repetida confirmação da presença das figuras de apego, quando necessária, condiciona a criança a ter expectativas favoráveis da futura disponibilidade delas. Os psicanalistas geralmente se referem a esse processo como a *introjeção de um objeto bom*; eles querem dizer que a figura de apego se tornou parte do mundo interior do indivíduo, portanto, alguém com quem se pode contar, ainda que a pessoa em questão não esteja realmente presente. Isso talvez pareça forçado, mas quase todos os indivíduos conseguem se lembrar de ocasiões em que perguntaram a si próprios: "O que fulano de tal faria nesta situação?". Eles estão se apoiando em alguém que, embora na realidade não esteja presente, foi incorporado ao seu mundo imaginativo como uma pessoa para quem podem se voltar quando se encontram diante de um dilema.

Winnicott é de opinião de que a capacidade do adulto de ficar sozinho tem origem na experiência do bebê de ficar *sozinho na presença da mãe*. Está supondo um estado no qual as necessidades imediatas do bebê, de comida, calor, contato físico e assim por diante, foram satisfeitas, de modo que nem o bebê sente necessidade de procurar a mãe para nada, nem ela precisa se preocupar em dar coisa alguma a ele. Winnicott escreve:

> Eu tento justificar o paradoxo de que a habilidade de ficar sozinho se baseia na experiência de estar só na presença de alguém, e que sem quantidade suficiente dessa experiência a capacidade de ficar sozinho não pode se desenvolver.[5]

Winnicott prossegue e faz a sugestão extremamente interessante de que "é somente quando sozinho (vale dizer, na presença de alguém) que o bebê é capaz de descobrir sua vida pessoal".[6]

Os bebês, por serem imaturos, precisam do apoio de outra pessoa para que sua sensação de ser "eu", ou seja, uma pessoa separada com identidade distinta, se desenvolva. Na opinião de Winnicott, isso começa a ocorrer quando o bebê é capaz de ficar no estado relaxado que se constitui pela experiência de estar só, na presença da mãe. Depois de ficar nesse estado durante algum tempo, ele começa a experimentar uma sensação ou impulso. Winnicott sugere que, "nessa situação, a sensação ou impulso parecerá real e será verdadeiramente uma experiência pessoal".

Winnicott estabelece contraste entre esse sentimento de experiência pessoal com o que ele chama de "falsa vida baseada em reações a estímulos externos".[7]

Na maior parte de sua vida profissional, Winnicott preocupou-se particularmente em descobrir se a experiência do indivíduo era ou não inautêntica. Muitos de seus pacientes haviam, por um motivo ou por outro, aprendido a ser excessivamente submissos quando crianças, ou seja, a viver da maneira esperada por outras pessoas, ou formas que agradassem a outros, ou ainda que fossem calculadas para não ofender outras pessoas. Esses são os pacientes que formavam o que Winnicott chamava de um "falso eu", ou seja, um eu baseado na submissão aos desejos dos outros em vez de nos verdadeiros sentimentos e necessidades instintivas do próprio indivíduo. Este acaba por sentir que a vida é algo fútil e sem sentido, porque está

meramente adaptando-se ao mundo em vez de vivenciá-lo como um lugar no qual suas necessidades subjetivas podem ser satisfeitas.

Embora seja impossível provar que as ideias de Winnicott a respeito das experiências subjetivas dos bebês estejam certas, considero suas concepções esclarecedoras. Ele está sugerindo que a capacidade de ficar sozinho depende do que Bowlby chamaria de apego seguro, ou seja, de a criança ser capaz de tranquilamente ser ela mesma na presença da mãe, sem se sentir ansiosa com a possibilidade de esta se afastar e tampouco com o que a mãe poderá ou não esperar dela. À medida que a criança segura for crescendo, ela já não precisará da constante presença física da mãe ou da de outra figura de apego, mas será capaz de ficar sozinha, sem se sentir ansiosa, por períodos mais longos.

Winnicott, porém, avança ainda mais. Sugere que a capacidade de ficar sozinho, primeiro na presença da mãe e depois na sua ausência, também está relacionada com a capacidade do indivíduo de entrar em contato com seus verdadeiros sentimentos interiores e manifestá-los. Somente quando experimenta a sensação de relaxada satisfação por estar sozinha, primeiro com a mãe e depois sem ela, a criança pode ter a certeza de ser capaz de descobrir o que realmente precisa ou deseja, independentemente do que os outros possam esperar dela ou tentar impingir-lhe.

A capacidade de ficar sozinho passa então a estar ligada à descoberta e à realização de si, à conscientização de nossos mais profundos sentimentos, impulsos e necessidades.

A psicanálise também se preocupa em pôr o indivíduo em contato com seus sentimentos mais profundos. A técnica empregada poderia ser descrita como o encorajamento do indivíduo a ficar sozinho na presença do analista. Essa analogia aplica-se particularmente aos procedimentos empregados nos primeiros dias da psicanálise, antes que a análise da transferência se tornasse tão importante (conforme o Capítulo 1). O uso do divã não apenas estimulava o relaxamento, como também impedia o contato visual entre o analisando e o analista. Isso evitava que o primeiro ficasse excessivamente preocupado com as reações do analista diante do que ele estava dizendo, o que favorecia a concentração do paciente em seu mundo interior.

Alguns analistas ainda acreditam que proporcionar ambiente seguro no qual o paciente possa explorar e expressar seus pensamentos e sentimentos

mais íntimos é pelo menos tão importante quanto quaisquer interpretações que ofereçam. Conheci pessoalmente um analista que ilustrava esse ponto com a história de um paciente que ele atendeu três vezes por semana durante um ano. Em cada sessão, este deitava-se no divã e mergulhava diretamente na livre associação. No final do ano, o homem se disse curado e agradeceu muito ao analista. Este declarou que, durante todo esse período, não apresentara nenhuma interpretação. Ainda que essa história particular seja ligeiramente exagerada, a analogia com o que Winnicott supõe estar ocorrendo entre o bebê que se sente seguro e a mãe é notável.

Como vimos, é possível ajudar os pacientes que estão fazendo análise a criar relacionamentos melhores com outras pessoas no mundo exterior ao trabalhar e ao compreender sua relação com o analista. Quando uma pessoa é encorajada a entrar em contato com seus sentimentos mais profundos e a expressá-los, sabendo que não será rejeitada, criticada e que ninguém esperará que ela seja diferente, ocorre com frequência dentro da mente uma espécie de processo de rearranjo ou de organização que traz consigo sensação de paz, sensação de que as profundezas do poço da verdade realmente foram atingidas. Esse processo, que por si só já contribui para a cura, é facilitado quando o analista oferece um ambiente seguro e adequado, mas não depende necessariamente das interpretações do analista. A história do paciente que afirmou estar curado apesar ou por causa do silêncio do analista pode ser encarada como detentora de uma grande dose de verdade. O processo de cura, nesses casos, se parece bastante com a cura que pode ocorrer na solidão como parte do processo criativo.

A integração também acontece durante o sono. Todos estamos sozinhos quando dormimos, mesmo dividindo a cama com a pessoa amada. Quando nos vemos diante de um problema para o qual não existe resposta óbvia, um ditado inglês recomenda com sabedoria que durmamos com ele até o outro dia. Quase todas as pessoas já passaram pela experiência de ser incapazes de se resolver quando se encontrar solução para uma situação difícil e de ir para cama sem ter ainda tomado uma decisão. Ao acordar pela manhã, elas com frequência descobrem que a solução era tão óbvia que não conseguem entender como não perceberam isso na noite anterior. Algum tipo de

processo de exploração e reorganização teve lugar durante o sono, embora a natureza exata desse processo permaneça misteriosa.

Outro exemplo de integração que requer tempo, solidão e, de preferência, um período de sono é o processo de aprendizagem. Os estudantes descobrem que não conseguem reter ou reproduzir com facilidade o assunto que tentaram confiar à memória imediatamente antes de prestar um exame. Por outro lado, o tema aprendido em estágio anterior e com o qual "dormiram" é lembrado com muito mais facilidade. Algum tipo de reverberação por circuitos neuronais deve estar vinculando o novo tema ao antigo e entregando o novo à memória de longo prazo.

Embora passemos cerca de um terço da vida dormindo, as razões pelas quais precisamos dormir ainda não estão totalmente esclarecidas. O certo é que precisamos. Os interrogadores há muito já sabem que privar os prisioneiros do sono é um método relativamente rápido de enfraquecê-los. Embora algumas pessoas excepcionais consigam, sem deterioração, sobreviver sem dormir por períodos bastante longos, a maioria dos seres humanos anteriormente normais passa a exibir sintomas psicóticos como delírios e alucinações após uns poucos dias e noites sem dormir. Também vale a pena observar que muitos episódios de doenças mentais se fazem preceder de períodos de insônia.

A função integradora do sono pode ser ligada ao sonho. Nathaniel Kleitman descobriu, em 1952, que havia dois tipos de sono, o que pode ser demonstrado registrando-se a atividade elétrica do cérebro durante o sono para acompanhar um ciclo regular. Quando as pessoas relaxam e adormecem, as ondas elétricas relativamente rápidas características da atividade cerebral no estado desperto são substituídas por ondas mais lentas e mais amplas. Estas são acompanhadas por movimentos oculares lentos e giratórios que podem facilmente ser percebidos pelas pálpebras fechadas da pessoa que dorme, e que são involuntários. É possível registrar esses movimentos oculares ao mesmo tempo que as ondas cerebrais. Logo que adormecem, as pessoas entram em estágio de sono profundo do qual é difícil acordá-las. Depois de cerca de 30 ou 40 minutos, começam a ter sono mais leve; a respiração torna-se mais rápida e irregular; ocorrem pequenos espasmos no rosto e na ponta dos dedos, e os olhos fazem movimentos

rápidos, como se realmente estivessem olhando para alguma coisa. Essa fase do sono de movimento rápido dos olhos, ou sono REM,[8] como agora é chamado, dura cerca de dez minutos. A pessoa volta, então, a dormir mais profundamente. O ciclo completo dura cerca de 90 minutos. Alguém que durma durante sete horas e meia geralmente passa de uma hora e meia a duas nessa fase REM mais leve de sono.

Uma proporção considerável das pessoas que são acordadas durante o sono REM lembra-se de um sonho, o que ocorre com muito poucas daquelas acordadas durante as fases mais profundas do sono. Em outras palavras, tudo indica que a maioria das pessoas sonha todas as noites por curtos períodos, aproximadamente a cada 90 minutos.

A partir da descoberta das duas variedades de sono, tornou-se possível impedir que as pessoas sonhassem, permitindo-se, contudo, que elas tivessem período adequado de sono. As primeiras experiências em que as pessoas foram privadas do sono REM indicaram que impedir alguém de sonhar produzia vários sintomas, mas experiências posteriores não confirmaram essa descoberta. No entanto, aquelas privadas do sonho apresentam aumento da proporção do sono REM com relação ao sono profundo, quando a privação do sonho é interrompida.

O mesmo fenômeno foi observado nas pessoas que usam barbitúricos, anfetaminas ou álcool. Quando as drogas são interrompidas, tem lugar um fenômeno de reação. A pessoa exibe aumento do sono REM, como se estivesse tentando compensar o que perdeu. Segundo William Dement, os esquizofrênicos em fase de recuperação exibem uma necessidade particular de sono REM. Depois de apenas duas noites de privação do sonho, exibiram um retorno excessivo do sono REM. Quando os pacientes não estão em fase de recuperação, ou seja, quando vivenciam sintomas evidentes de esquizofrenia como alucinações e delírios, ou quando exibem comportamentos estranhos característicos da doença, os esquizofrênicos não exibem a reação de REM depois de duas noites de privação.[9] Se futuros experimentos confirmarem que a pessoa manifestamente psicótica não precisa dos sonhos na mesma proporção que as pessoas normais, a antiga ideia de que esquizofrenia é sinônimo de “sonhar acordado” torna-se ainda mais convincente. Inversamente, embora os mortais comuns não se tornem

psicóticos se privados por completo do sono REM, ingressar a cada noite no mundo louco dos sonhos pode promover a saúde mental de maneiras que não conseguimos entender de todo.

Parece claro que algum tipo de exploração ou reprogramação que tem lugar nos sonhos exerce efeito benéfico sobre o funcionamento mental comum. O sonho parece ser biologicamente adaptativo. Stanley Palombo sugere que os sonhos estão envolvidos com o processo de ligar o passado à experiência atual. Ele pensa que "o sonho compara a representação de um evento emocionalmente significativo do passado com a representação de um aspecto emocionalmente significativo da experiência do dia anterior".10

Essa função de processamento de informação feita pelo sonho está relacionada com a alocação da nova experiência no espaço adequado na memória permanente. É duvidoso que esse modelo se aplique a todos os sonhos, mas explica de certa forma por que nos sonhos o tempo é tão desarticulado. Se o passado e o presente estão sendo comparados, não é de surpreender que, no sonho, amiúde pareçam misturados.

Outro exemplo de que algum tipo de processo de reordenação tem lugar no cérebro pode ser percebido no estágio do processo criativo que Graham Wallas chamou de *incubação.* O primeiro estágio de Wallas é a *preparação.* A pessoa criativa desenvolve, primeiro, um interesse particular por algum assunto, recolhe material e lê tudo o que consegue encontrar a respeito dele. A seguir, ocorre um intervalo de tempo durante o qual o material acumulado "cozinha em fogo brando", ou é inconscientemente explorado, comparado com outros conteúdos mentais, organizado ou elaborado. Não compreendemos o que se dá durante esse período de incubação, mas representa prelúdio necessário para o estágio seguinte, o da *iluminação.* Esse é o momento em que a pessoa criativa tem uma nova inspiração, descobre a solução para seu problema ou percebe de alguma outra maneira que pode ordenar o material acumulado empregando um princípio mais importante ou uma concepção universal.

O tempo dedicado à incubação pode variar de poucos minutos a meses ou até anos. O compositor Brahms disse que, quando uma nova ideia lhe ocorria, voltava-se para outra coisa e, às vezes, não pensava nessa nova ideia durante meses. Quando ele se voltava para ela outra vez, descobria que a

ideia havia inconscientemente assumido forma diferente, sobre a qual ele começaria então a trabalhar.

Seria absurdo sugerir que a nova ideia reverberava através das redes cerebrais durante vários meses a ponto de excluir tudo o mais. O cérebro é altamente complicado e capaz de executar várias operações simultâneas. Mas o paralelo com o processo de exploração ou classificação que ocorre de maneira espontânea nos sonhos, ou que é deliberadamente estimulado pela prece ou meditação, é surpreendente. O que acontece nos circuitos cerebrais é mistério, mas podemos afirmar com segurança que esses processos exigem tempo, passividade e, de preferência, solidão. As pessoas criativas podem ou não precisar da paz decorrente de estar fisicamente sozinhas. Schubert e Mozart, por exemplo, eram capazes de se concentrar em suas ideias em circunstâncias que perturbariam outros indivíduos. Mas observadores em geral notaram que tais pessoas ficam fortemente absortas em seus pensamentos, mesmo quando em companhia de outras. A descrição paradoxal de Winnicott de "estar sozinho na presença de" seria aplicável não apenas ao caso do bebê com a mãe, como também ao dos que são capazes de se concentrar e se preocupar intensamente com seus processos interiores, ainda que rodeados por outras pessoas.

O fato de os processos mentais do tipo discutido acima exigirem tempo e de que a incubação que resulta em novas inspirações possa requerer longos períodos de gestação pode também estar relacionado com certo fator que alguns pesquisadores destacaram como característico da inteligência humana. O comportamento inteligente tem sido definido como um "comportamento adaptativamente variável dentro do tempo de vida do indivíduo".11 É o oposto do tipo de comportamento determinado por padrões programados característico de muitas espécies que estão mais abaixo na escala evolutiva. O comportamento determinado por respostas inatas aos estímulos ambientais é ao mesmo tempo automático e imediato. O comportamento humano, que, na maioria das circunstâncias, é muito mais flexível, não apenas depende do aprendizado e, portanto, da memória, como também da capacidade de *não* responder imediata e automaticamente a um dado estímulo. Stenhouse propõe que, para que o comportamento inteligente evolua a partir do comportamento instintivo, três fatores básicos

precisam ser desenvolvidos:

> O fator mais importante é o que dá ao animal individual o poder de *não reagir* da maneira usual à situação de estímulo que anteriormente deu início a uma sequência instintiva que culminou num ato consumador. Esse poder de não reagir pode ser absoluto, ou pode ser apenas a habilidade de retardar a reação — de refreá-la temporariamente, por assim dizer —, mas sua ausência negaria a própria possibilidade da variabilidade adaptativa no comportamento.12

Para produzir nova resposta a uma dada situação, o indivíduo precisa ser capaz de aprender e também de armazenar o que aprendeu. O segundo fator de Stenhouse é o desenvolvimento de uma memória central na qual seriam arquivados os itens que estão funcionalmente relacionados entre si e com os quais as novas experiências podem ser comparadas. Já vimos a ideia de Palombo de que os sonhos teriam relação com o processo de classificar e comparar as experiências atuais com as passadas.

O terceiro fator de Stenhouse é o desenvolvimento de alguma capacidade de abstração ou generalização. "É preciso que exista a habilidade de perceber semelhanças e diferenças para que alguns itens da memória e não outros sejam escolhidos para agir como modificadores do comportamento atual."13 Essa capacidade está presente em certo grau em todos os animais capazes de aprender a partir da experiência, mas é particularmente muito desenvolvida no homem.

A ideia de que o comportamento inteligente depende da reação não imediata a uma dada situação também pode ser relacionada com o fenômeno do sonho. Neste último, podemos nos ver viajando, caminhando, correndo, lutando, ou fisicamente ativos de milhões de outras maneiras. No entanto, na realidade, as pessoas que sonham, com exceção dos movimentos oculares rápidos e das contrações dos membros, praticamente não se movimentam. Ocorre inibição dos centros motores do cérebro, ao mesmo tempo que o córtex aumenta sua atividade elétrica. Experiências com gatos demonstraram que, se a parte do cérebro responsável pela inibição dos centros motores for destruída, o animal representará seus sonhos exibindo comportamento agressivo ou brincalhão mesmo durante o sono. A inibição da atividade motora que ocorre nos sonhos pode ser encarada como uma forma de retardar as respostas imediatas para que algum tipo de atividade

classificatória ocorra no cérebro.

Semelhante inibição da atividade motora tem lugar quando estamos despertos e envolvidos com *o pensamento*. Este último pode ser considerado antecessor da ação; uma exploração de possibilidades, uma ligação de conceitos, uma revisão de estratégias possíveis. Finalmente, o pensamento resulta em algum tipo de ação física, ainda que essa atividade se resuma ao mero pressionar do teclado do computador. Enquanto o pensamento tem lugar, essa ação final precisa ser adiada. Muitas pessoas acham difícil esse adiamento e envolvem-se em algum tipo de atividade motora enquanto pensam, como andar de um lado para o outro, fumar ou brincar com o lápis. Pensar é basicamente uma atividade solitária, embora outras pessoas possam estar presentes quando o indivíduo está concentrado em seus pensamentos.

Outra analogia com o conceito de Winnicott relacionado com a capacidade de ficar sozinho é a prece. Ela vai muito além de pedir benefícios para si mesmo e para os outros. A prece pode ser ato público de devoção, mas a pessoa que ora privadamente sente que está sozinha na presença de Deus. Essa é uma outra forma de pôr o indivíduo em contato com seus sentimentos mais profundos. Em algumas religiões, nem se espera resposta de qualquer ser sobrenatural. A prece é empreendida não com a intenção de influenciar a divindade e tampouco na esperança de que seja prontamente atendida, e sim a fim de produzir um estado mental harmonioso. A prece e a meditação facilitam a integração ao destinar um período de tempo para que pensamentos e sentimentos anteriormente não relacionados possam interagir. Ser capaz de entrar em contato com nossos sentimentos e pensamentos mais profundos e proporcionar um período de tempo para que se reagrupem em novas formações e combinações são aspectos importantes do processo criativo, bem como uma forma de aliviar a tensão e promover a saúde mental.

Tudo indica, portanto, que é preciso que haja algum desenvolvimento da capacidade de ficar sozinho não apenas para que o cérebro funcione no seu máximo, como também para que o indivíduo realize seu potencial mais elevado. Os seres humanos facilmente se alienam de seus sentimentos e necessidades mais profundos. O aprendizado, o pensamento, a inovação e a

continuidade do contato com o mundo interior são favorecidos pela solidão.

3

COMO USAR A SOLIDÃO

Na balbúrdia dos homens e dos acontecimentos, a solidão era tentadora para mim. Hoje é minha companhia. Com que mais nos contentarmos quando encontramos a História?[1]

Charles de Gaulle

A capacidade de ficar sozinho é um recurso valioso quando mudanças de atitude mental se mostram necessárias. Quando ocorrem importantes alterações nas circunstâncias, é necessária uma reavaliação fundamental do mérito e do significado da existência. Em uma cultura na qual geralmente se considera que os relacionamentos interpessoais oferecem a resposta para todas as formas de sofrimento, torna-se às vezes difícil persuadir os membros das profissões humanitárias de que a solidão seria tão terapêutica quanto o apoio emocional.

Uma mudança dolorosa nas circunstâncias que é quase universalmente vivenciada é a perda de um ente querido: o cônjuge, um filho, os pais ou um irmão. Pesquisas confirmaram a sensata suposição de que é preciso tempo para se aceitar a perda do ente querido. Também é preciso que se diga que o processo do luto pode ser retardado pelas várias medidas defensivas que os seres humanos empregam quando não querem vivenciar sentimentos dolorosos.

Algumas dessas medidas são reforçadas e consagradas pela aversão que

as classes média e alta da Inglaterra tradicionalmente demonstram pela expressão franca das emoções. O homem que acaba de perder a esposa muito amada, mas que ainda assim vai trabalhar no escritório como de costume, não faz nenhuma referência à sua perda e talvez até trabalhe maior número de horas do que o habitual, tende a ser admirado. Isso se deve em parte ao fato de apreciarmos o estoicismo e em parte porque a pessoa que sofre e que nada diz a respeito de seus sentimentos livra os amigos de um embaraço. Muitas pessoas simplesmente não sabem o que dizer a alguém que acaba de perder o ente querido. Se esse indivíduo se comporta como se nada tivesse acontecido, seus amigos poderão agradecidamente concluir que ele não deseja que expressem sua solidariedade.

A admiração pela coragem que essa pessoa demonstra está totalmente errada. Todo psicoterapeuta já teve a experiência de tratar pacientes cujo processo de luto foi retardado e deixou de ser concluído porque tentaram lidar com a perda mantendo-se firmes ou adotando uma máscara de indiferença. Quando a pessoa que morreu é mencionada durante a terapia, o paciente demonstra às vezes incontrolável tristeza, embora a perda possa ter ocorrido meses ou anos antes.

Estudos objetivos revelaram que as viúvas que não demonstram emoção logo após a perda sofrem mais sintomas físicos e psicológicos durante o mês subsequente, permanecem abaladas por mais tempo e, treze meses depois do ocorrido, ainda se mostram mais perturbadas do que aquelas que foram capazes de "desmoronar" na primeira semana.[2]

Muitas culturas garantem período de luto e assim impedem a pessoa enlutada de ir trabalhar ou dedicar-se a atividades corriqueiras. No Capítulo 2 mencionei certos processos psíquicos, como a incubação, que requerem longo período de tempo para sua conclusão. O luto é outro exemplo de processo que pode até ser muito prolongado. Na região rural da Grécia, as mulheres ficam de luto por cinco anos. Durante esse período, elas se vestem de preto, visitam diariamente o túmulo da pessoa falecida e começam a manter conversas com aquele que partiu. Com frequência, o túmulo é personificado: em vez de mencionar que visitou o túmulo, ou cuidou dele, a mulher diz que visitou o marido ou a filha. Os rituais exigidos

têm o efeito de enfatizar a realidade da perda.

> Muitos aldeões gregos aderem ao que chamaríamos de teoria nativa da catarse. Reconhecem que, apesar da necessidade de mergulhar completamente nas emoções da dor, da tristeza e do sofrimento, o objetivo último da mulher que está de luto é livrar-se dessas emoções por meio de sua repetida expressão.[3]

O fim do luto, a aceitação final da morte, dá-se depois que o corpo é exumado. Os ossos do morto são então recolhidos, colocados em uma caixa de metal e vão se reunir aos dos outros aldeões no ossuário local.

> É construída uma realidade social nova que permite à pessoa enlutada habitar mais plenamente um mundo do qual o morto não participa... Esse processo se dá pela redução gradual da intensidade das emoções associadas à morte, por meio do desenvolvimento de novos relacionamentos sociais com outras pessoas interessantes e da constante confrontação com os fatos objetivos da morte, cujo clímax é alcançado com a exumação dos ossos do morto. O resultado desse processo é a aceitação mais completa possível da natureza final e irreversível da morte.[4]

Depois da perda, espera-se que o judeu ortodoxo fique em casa, sem realizar a visita diária à sinagoga, enquanto outras pessoas cuidam de sua alimentação e tomam conta dele. Embora Murray Parkes lance algumas dúvidas a respeito da eficácia dos costumes judaicos em algumas famílias, minha limitada experiência me diz que a segregação parcial da pessoa que está de luto e a proibição de que assuma seu ritmo habitual de trabalho podem ser consideradas atitudes salutares. Aceitar a perda é um processo difícil, doloroso e bastante solitário que pode ser retardado, em vez de ajudado, pelas distrações. Quaisquer rituais que enfatizem o fato de que a perda do ente querido é evento profundamente traumático são úteis. Hoje em dia, a religião está em declínio na Grã-Bretanha, e existem poucas diretrizes que indiquem o que se espera das pessoas enlutadas. Quando eram decretados períodos convencionais de luto, e o estado da pessoa que sofreu a perda era proclamado pela adoção de roupas pretas, o processo de adaptação à nova condição era provavelmente mais fácil.

Embora o apoio e a solidariedade dos parentes e amigos sejam proveitosos para as pessoas enlutadas, o processo de aceitação da perda de um ente amado de quem se era muito próximo pode ser compartilhado

apenas de modo parcial. O processo é basicamente particular, porque está muito ligado a intimidades que não eram, e não poderiam ser, partilhadas com outras pessoas durante a vida do parceiro falecido. O mecanismo do sofrimento pela perda de alguém é, por sua própria natureza, algo que tem lugar nos períodos de vigília noturna e nos recantos solitários da mente do enlutado.

O luto é exemplo do prolongado processo mental que conduz, no final, a uma mudança de atitude. Em vez de encarar a vida como necessariamente ligada à existência do relacionamento íntimo com o falecido, ou até como constituída por ele, a pessoa que está de luto passa a ver as coisas de maneira diferente. Poderá ou não desenvolver novos vínculos íntimos, mas, quer os faça ou não, geralmente acaba por compreender que o significado da vida não está totalmente constituído pelos relacionamentos pessoais; que a vida de uma pessoa sem relacionamentos íntimos também tem sentido.

As mudanças de atitude levam tempo para ocorrer porque a maneira como pensamos a respeito da vida e de nós próprios facilmente se torna habitual. Nos primeiros dias da psicanálise, os analistas relutavam em aceitar pacientes que se encontravam na casa dos 50 anos ou mais, porque se acreditava que a possibilidade de produzir mudanças de atitude era reduzida. Nos anos subsequentes, compreendeu-se que mesmo as pessoas idosas são capazes de mudar e inovar. Alguns indivíduos acham difícil adaptar-se a qualquer tipo de modificação nas circunstâncias, mas essa rigidez é mais uma característica da personalidade obsessiva do que da velhice.

Tanto nos jovens quanto nos velhos, as mudanças de atitude são favorecidas pela solidão e, com frequência, também por modificações no ambiente. Isso ocorre porque as atitudes e o comportamento habituais geralmente recebem reforço das circunstâncias externas. Considerando um exemplo trivial, qualquer pessoa que tenta parar de fumar acaba por perceber que o desejo pelo cigarro com frequência depende de sugestões do ambiente que se repetem de vez em quando: o término de uma refeição, sentar-se para trabalhar numa escrivaninha familiar, tomar um drinque depois do trabalho — esses triviais estímulos reforçadores são bastante conhecidos de todo mundo que já tentou livrar-se do hábito. É por isso que

tantas pessoas acham mais fácil parar de fumar quando viajam de férias. Em lugar estranho, onde o indivíduo já não faz a mesma coisa todos os dias à mesma hora, as sugestões do ambiente ou desaparecem ou perdem parte de sua importância.

As férias são escapadelas da rotina da existência comum do dia a dia. Quando sentimos necessidade de umas férias, frequentemente dizemos que estamos precisando de "uma mudança". As férias e a capacidade de mudar andam de mãos dadas. A palavra "retiro" possui matizes semelhantes de significado. Embora a retirada diante do inimigo possa preceder a derrota, esse não é necessariamente o caso; *reculer pour mieux sauter* aplica-se a várias manobras mentais e físicas, inclusive o sono, o descanso e a recreação. A palavra "retiro" é também usada para indicar um período de tempo e, por extensão, um lugar, especialmente projetado para a meditação religiosa e adoração silenciosa. Retiro foi o nome dado a um dos mais famosos hospitais ingleses para doentes mentais, fundado em 1792 e ainda em plena atividade, no qual o pioneiro Samuel Tuke instituiu um regime de tolerância, amabilidade e um mínimo de restrições. Oferecendo-se um "abrigo" seguro das preocupações do mundo, esperava-se que ocorresse mudança salutar nas mentes perturbadas dos doentes mentais.

Esse também era o conceito por trás da "cura pelo repouso" para distúrbios mentais promovida por Silas Weir Mitchell, neurologista norte-americano que exerceu a profissão no final do século XIX. Sua sucessora no século XX foi a "narcose contínua", técnica de manter os pacientes adormecidos, por meio de drogas, durante 20 ou mais horas em cada período de 24. Como já vimos, as drogas, por inibirem o sono REM, tendem a impedir o sono de cerzir "a manga desfiada de cuidados" com tanta eficácia quanto ele o faz sem ajuda, o que pode ser um dos motivos pelos quais já não se use esse tratamento.

Tanto a cura pelo repouso quanto a narcose contínua envolviam o afastamento dos parentes e o isolamento parcial. Hoje em dia, o fato de o isolamento ser terapêutico raramente é mencionado nos livros didáticos de psiquiatria. A ênfase recai na participação em grupo, na "terapia de *milieu*", nas reuniões na sala do hospital, na interação entre a equipe e o paciente, na terapia ocupacional, na arteterapia e em todos os outros expedientes

imagináveis para manter os doentes mentais sempre ocupados e em contato uns com os outros, bem como com médicos e enfermeiras. No caso dos pacientes esquizofrênicos, que têm inclinação a perder por completo o contato com o mundo exterior, essa atividade incessante é provavelmente benéfica. Estou menos convencido de seu valor no caso dos pacientes deprimidos e lamento que o típico hospital para doentes mentais não tome providências para atender os pacientes que queiram ficar sozinhos e que seriam beneficiados com isso.

O fato de a solidão favorecer tanto a inspiração quanto a mudança foi reconhecido por grandes líderes religiosos, que geralmente se retiravam do mundo antes de retornar a ele para compartilhar o que lhes fora revelado. Embora os relatos variem, diz-se que a iluminação que finalmente desceu sobre o Buda enquanto meditava debaixo de uma árvore às margens do rio Nairanjana foi o clímax de longa reflexão sobre a condição humana. Jesus, segundo São Mateus e São Lucas, passou 40 dias no deserto sendo submetido à tentação pelo demônio antes de voltar para proclamar sua mensagem de arrependimento e salvação. Todos os anos, durante o mês do Ramadã, Maomé se retirava do mundo e ia à caverna de Hera. Santa Catarina de Sena passou três anos em isolamento no seu pequeno quarto na Via Benincasa, durante os quais viveu uma série de experiências místicas antes de ingressar em uma vida ativa de ensino e pregação.

A cultura ocidental contemporânea torna difícil alcançar a paz da solidão. O telefone é uma ameaça permanente à privacidade. Nas cidades, é simplesmente impossível evitar o barulho de carros, aviões ou trens. É claro que esse não é um problema novo. As ruas das cidades, antes da invenção do automóvel, talvez fossem vez ou outra até mais barulhentas do que as nossas. As rígidas rodas de ferro das carroças passando sobre as pedras de calçamento das ruas faziam mais barulho do que os pneus de borracha no asfalto. O nível contínuo de ruído nas cidades está em constante ascensão, apesar das tentativas da legislação de contê-lo.

Com efeito, o ruído é tão permanente que muitas pessoas se sentem mal na ausência dele. Por conseguinte, a ameaça da "música de elevador" invadiu lojas, hotéis, aviões e até elevadores. Alguns motoristas de carro consideram relaxante dirigir, apenas porque ficam sozinhos e

temporariamente indisponíveis para as outras pessoas. Mas a popularidade dos rádios de carro comprova o desejo de um constante estímulo auditivo, e a invenção do telefone celular garante que aqueles que os usam nunca estejam fora do alcance de quem queira falar com eles. Examinaremos no próximo capítulo alguns aspectos da "privação sensorial". Como o descobriram os defensores da redução do ruído, seu oposto, o excesso de barulho, é problema amplamente menosprezado. A atual popularidade de técnicas como a "meditação transcendental" talvez represente a tentativa de contrabalançar a ausência do silêncio e da solidão que o ambiente urbano moderno nos impõe.

Quando nos afastamos voluntariamente de nosso ambiente habitual, estimulamos a compreensão de nós mesmos e o contato com as profundezas interiores de nosso ser que podem nos escapar na agitação da vida cotidiana. De maneira normal, nosso senso de identidade depende de nossa interação tanto com o mundo físico quanto com as outras pessoas. Meus estudos, revestidos de livros, refletem meus interesses, confirmam minha identidade como escritor e reforçam a concepção do tipo de pessoa que eu me considero ser. Meus relacionamentos com familiares, colegas, amigos e conhecidos menos íntimos me definem como pessoa que sustenta certas opiniões e que provavelmente se comportará de forma previsível.

Mas posso vir a sentir que os fatores que me definem também são limitantes. Suponhamos que eu fique insatisfeito com meu eu habitual, ou sinta que existem áreas de experiência ou de entendimento de mim que não consigo alcançar. Uma das maneiras de explorá-las é afastar-me de meu ambiente atual para ver o que emerge. Isso tem seus perigos. Qualquer nova forma de organização ou integração mental precisa ser precedida de certo grau de desorganização. Ninguém é capaz de dizer, enquanto não o tenha experimentado, se essa necessária destruição de padrões anteriores será seguida por algo melhor.

O desejo de isolamento como meio de escapar à pressão da vida habitual e como forma de renovação é vividamente ilustrado pelo relato do almirante Byrd ao descrever sua decisão de tripular uma base meteorológica avançada na região antártica durante o inverno de 1934. Ele insistiu em fazê-lo sozinho. Byrd admite que seu desejo de passar por essa experiência não era

fundamentalmente a vontade de realizar observações meteorológicas, embora estas representassem a razão aparente de sua solitária vigília.

> Além das tarefas meteorológicas e auroreais, eu não tinha objetivos importantes. Não havia nada desse tipo. Nada mesmo, a não ser o desejo de um homem de conhecer a fundo esse tipo de experiência, de ser ele mesmo durante algum tempo e de desfrutar a paz, o silêncio e a solidão durante período suficientemente longo para descobrir quão satisfatórios eles realmente são.[5]

Byrd não estava fugindo da infelicidade pessoal. Ele descreve sua vida particular como extraordinariamente feliz. Não obstante, as pressões ligadas à organização de várias expedições durante os 14 anos anteriores, aliadas à ansiedade de precisar levantar dinheiro para elas e à inevitável publicidade que rodeava suas realizações, deram origem ao que chamou de "confusão aglomerada". Chegou a um ponto no qual sua vida pareceu-lhe sem objetivo. Sentiu que não tinha tempo nem para ler os livros que levou, nem para escutar a música que queria ouvir. "Eu desejava algo mais do que apenas privacidade no sentido geográfico. Queria enterrar as raízes em alguma filosofia revigorante."[6]

Ele também admite que pretendia testar sua capacidade de resistência em uma vida mais rigorosa do que qualquer outra que experimentara até então. Suas esperanças de encontrar novo sentido na vida se concretizaram. No dia 14 de abril, registrou em seu diário:

> Dei minha caminhada diária às quatro da tarde hoje, a -67º C... fiz uma pausa para escutar o silêncio... o dia estava morrendo, e a noite nascia — porém em grande paz. Imponderáveis processos estavam em andamento, e as forças do cosmo eram harmoniosas e em silêncio. Harmonia, eis a palavra! Era isso que emanava do silêncio — um ritmo suave, a melodia de acorde perfeito, talvez a música das esferas.
> Bastava eu entrar momentaneamente naquele ritmo para me tornar parte dele. Naquele instante não tive dúvidas da unidade do homem com o Universo. Tive a certeza de que aquele ritmo era regular demais, harmonioso demais e perfeito demais para ser produto de mero acaso — e de que, portanto, deve haver um propósito no todo e que o homem era parte desse todo, e não rebento acidental. Tratava-se de sentimento que transcendia a razão; que ia ao âmago do desespero do homem e achava-o sem fundamento. O Universo era um cosmo, não um caos. O homem era tão legitimamente parte desse cosmo quanto o eram o dia e a noite.[7]

Em outra ocasião, refere-se a sentir-se "mais vivo" do que em qualquer

outro momento de sua vida. Lamentavelmente, Byrd adoeceu, envenenado pelos vapores de uma fornalha defeituosa. O final de seu relato trata, na maior parte, da luta contra a fraqueza física em lugar de sua experiência mística oceânica. No entanto, apesar das consequências quase fatais dessa experiência, Byrd foi capaz de escrever o seguinte, quatro anos depois do término de sua provação:

> Consegui extrair dessa experiência algo que eu não possuía completamente antes: a apreciação da simples beleza e do milagre de estar vivo, e um humilde conjunto de valores... A civilização não alterou minhas ideias. Vivo com mais simplicidade agora, e mais em paz.[8]

Byrd descreve uma experiência mística de comunhão com o Universo que é familiar aos que já leram relatos semelhantes oferecidos por adeptos religiosos. Nas palavras de William James, em *As variedades da experiência religiosa*, "essa vitória sobre todas as barreiras habituais entre o indivíduo e o Absoluto é a grande realização mística. Nos estados místicos, tanto nos tornamos um com o Absoluto quanto tomamos consciência de nossa unidade".[9]

Em seu ensaio "O mal-estar na civilização", Freud refere-se à correspondência que manteve com Romain Rolland, para quem ele enviara seu livro menosprezando a religião, *O futuro de uma ilusão.* Rolland queixa-se de que Freud não havia compreendido a origem dos sentimentos religiosos, que Rolland afirmava transmitirem "uma sensação de 'eternidade', um sentimento de algo ilimitado, sem fronteiras — por assim dizer, 'oceânico'".Freud afirma não conseguir encontrar em si próprio nenhum traço desse sentimento. Prossegue dizendo que o que Rolland estava descrevendo era o "sentimento de vínculo indissolúvel, de ser um só com o mundo exterior como um todo".[10]

Freud ainda vai mais longe e compara esse sentimento à sensação de estar apaixonado, na qual o homem se sentiria um só com sua amada. Como é de esperar, Freud encara o sentimento grandioso como regressão a um estado anterior: o do bebê que mama, em período em que ainda não aprendeu a distinguir seu ego do mundo exterior. De acordo com Freud, esse é um processo gradual:

> Ele deve estar fortemente impressionado pelo fato de algumas fontes de excitação, que mais tarde reconhecerá como seus próprios órgãos físicos, ser capazes de proporcionar-lhe sensações em qualquer momento, ao passo que outras fontes lhe escapam de vez em quando — dentre essas a que deseja, acima de tudo, o seio da mãe —, ressurgindo apenas quando grita pedindo ajuda. Desse modo, pela primeira vez é posto de encontro ao ego um "objeto", sob a forma de algo que existe "fora" e que só é forçado a surgir por uma ação especial.[11]

Freud não fica impressionado com a afirmação de Rolland de que o sentimento oceânico é a fonte do fervor religioso. Freud sustenta que a necessidade que o homem sente da religião nasce com a sensação de desamparo do bebê: "Não consigo pensar em uma necessidade da infância que seja tão forte quanto a da proteção paterna".[12] Não obstante, admite que o sentimento oceânico pode ter se ligado à religião em estágio posterior e presume que o "estado de comunhão com o Universo" seja "uma primeira tentativa de consolo religioso, como se houvesse outra maneira de repudiar o perigo que o ego crê ameaçá-lo a partir do mundo exterior".[13]

Embora todos estejamos sujeitos à autoilusão, bem como a uma variedade de ilusões voltadas à satisfação dos desejos, o relato que Freud dá sobre o sentimento oceânico e seu significado não é nem um pouco satisfatório. A experiência parece ser mais importante do que ele admite. As estratégias defensivas e os desejos escapistas geralmente parecem superficiais e em parte pouco autênticos, mesmo para os que os empregam. Mas as pessoas que vivenciaram os estados mentais registrados por Byrd e por William James recordam-nos que eles não apenas exerceram efeito permanente sobre sua maneira de perceber a si próprios e ao mundo, como também foram os momentos mais profundos de sua existência. Essa afirmação se aplica tanto aos que tiveram sensação de comunhão com o Universo quanto aos que se sentiram ligados à pessoa amada.

Freud estava certo ao perceber uma estreita semelhança entre essas duas variedades de união, porém errado ao rejeitá-las como meramente regressivas. Esses sentimentos são muito subjetivos e poucas vezes suscetíveis de ser medidos ou avaliados de maneira científica. No entanto, sentir-se em completa harmonia com outra pessoa ou com o Universo é experiência tão profunda que, embora possa ser momentânea, não pode ser rejeitada como simples evasão ou defesa contra verdades indesejáveis.

É sem dúvida possível que o sentimento oceânico esteja relacionado à experiência infantil de unidade com a mãe. A fusão do sujeito com o objeto, do eu com a natureza ou com a pessoa amada pode ser reflexo da união original com a mãe com a qual todos começamos a vida e a partir da qual aos poucos nos desligamos como entidades separadas. Freud, porém, talvez por negar ter passado algum dia por essa experiência, a trata como ilusória, ao passo que aqueles que descrevem sentimentos extáticos de unidade geralmente os retratam como mais reais e intensos do que quaisquer outros de que conseguem se lembrar.

As experiências extáticas de unidade estão às vezes relacionadas à aceitação da morte, ou até ao desejo de morrer. Wagner, que idealizou a paixão erótica como o protótipo da união extática, encerra *O holandês voador* com a redenção do peregrino por meio do amor de Senta e do suicídio. As direções originais das apresentações no palco exigem que o par transfigurado seja visto erguendo-se em direção ao céu no fulgor do crepúsculo, acima dos destroços do navio do holandês. *O crepúsculo dos deuses*, a última das quatro óperas que compreendem *O anel dos Nibelungos*, encerra-se com Brunilda montando seu cavalo e saltando nas chamas da pira funerária de Siegfried para se unir a ele na morte. *Tristão e Isolda* encerra-se com o *Liebestod*, com Isolda expirando em êxtase sobre o cadáver de Tristão. O próprio Wagner escreveu o seguinte:

> Apenas uma coisa é deixada viva: o desejo, um desejo insaciável, um anseio que se reproduz eternamente — uma ânsia ardente, uma única redenção —, morte, cessação da existência, o sono que não conhece o despertar!... Esgotado seu poder, o coração afunda para lamentar seu desejo — desejo sem realização, porque cada consecução lança as sementes de um novo desejo, até que, em sua lassidão final, o olho abatido contempla o lampejo da mais elevada bem-aventurança: é a felicidade de abandonar a vida, de deixar de existir, da última redenção na esfera admirável da qual nos apartamos ao máximo quando lutamos para nela penetrar com força impetuosa. Devemos chamá-la de morte? Ou não será ela o mundo encantado da noite, de onde — segundo a história — uma hera e uma videira brotaram entrelaçadas sobre o túmulo de Tristão e Isolda?[14]

Em seu livro *Beyond Endurance*, Glin Bennet descreve o sentimento oceânico de estarmos em harmonia com nós próprios e com o Universo que acompanha as jornadas solitárias. A busca dessas experiências representa

uma das razões dessas jornadas, mas elas podem trazer consigo a tentação do suicídio. Bennet cita o caso de Frank Mulville, um navegante solitário que, no Caribe, sentiu o desejo avassalador de olhar novamente para seu belo iate, descendo pelo costado para poder fazê-lo. A visão foi tão inspiradora que ele se sentiu seriamente tentado a soltar a corda e fundir-se para sempre com o mar.15

Bennet descreve outro exemplo desse mesmo perigo, registrado por Christiane Ritter. Ela passou vários dias totalmente sozinha em uma cabana na região noroeste de Spitzbergen, quando seu marido e o colega deste estavam longe, caçando. Ela descreveu uma série de ilusões e alucinações, inclusive o sentimento de que se identificava de alguma forma com o luar. Ela teve um sonho em que a água fluía debaixo do gelo, o qual parecia seduzi-la. Depois de estar sozinha havia nove dias, já não tinha mais coragem de sair da cabana.16

Keats capta ao mesmo tempo o êxtase e seu vínculo com a morte em sua obra "Ode a um rouxinol":

> Obscuramente eu ouço; e em muitos momentos
> Estive semiapaixonado pela confortadora Morte;
> Chamei-a por nomes suaves em muitas rimas inspiradoras,
> Para que conduzisse ao ar minha tranquila respiração;
> Agora, mais do que nunca, parece-me precioso morrer,
> Extinguir-me sem dor à meia-noite,
> Enquanto derramas tua alma por toda parte
> Num enorme êxtase!17
>
> John Keats

A associação dos estados mentais extáticos com a morte é compreensível. Esses raros momentos são tão perfeitos que é difícil retornar ao corriqueiro, e é tentador extinguir a vida antes que as tensões, ansiedades, tristezas e irritações mais uma vez se imponham. Para Freud, a dissolução do ego nada mais é do que olhar para trás para uma condição infantil que pode ter sido jubilosa, mas que representa o paraíso perdido que nenhum adulto consegue, nem deve desejar, recuperar. Para Jung, a obtenção desses estados representa elevadas realizações; experiências essenciais que podem ser fruto de um longo esforço voltado para o entendimento de si próprio e para

a compreensão da existência. Adiante, explorarei mais detidamente o conceito junguiano da individuação, da união dos opostos dentro do círculo da psique individual.

4

A SOLIDÃO FORÇADA

A pior solidão é nos vermos privados
da amizade sincera.[1]

Francis Bacon

Descrevi no último capítulo alguns dos efeitos benéficos da solidão voluntária. Já a solidão que nos é imposta por terceiros é algo bem diferente. A reclusão solitária é geralmente encarada como dura penalidade e, quando vem acompanhada de ameaças, incerteza, falta de sono e outras circunstâncias, a vítima pode sofrer a dilaceração das funções mentais normais, sendo incapaz de realizar uma reintegração compensatória. Por outro lado, condições menos rigorosas de reclusão por vezes já se mostraram frutíferas. Ao ser afastado das distrações da vida cotidiana, o potencial criativo do prisioneiro é estimulado a buscar os recursos de sua imaginação. Como veremos, vários escritores começaram a escrever na prisão, quando isso lhes foi permitido, ou passaram por períodos de tumulto mental e espiritual que mais tarde expressaram em sua obra.

O encarceramento como punição foi inicialmente concebido para forçar os criminosos a se arrepender; uma alternativa humanitária às terríveis punições físicas, como amputar membros, estigmatizar, chicotear, torturar na roda e demais suplícios ou métodos brutais de execução. As cadeias locais, nas quais vagabundos, alcoólatras, mendigos e outros podiam ser

temporariamente confinados foram muito utilizadas durante séculos. As prisões também eram usadas para abrigar os acusados que esperavam julgamento e os criminosos condenados que aguardavam a pena. No entanto, o encarceramento como punição específica para infrações graves é castigo relativamente recente. Norval Morris sustenta que

> a prisão é invenção norte-americana, invenção dos quacres da Pensilvânia da última década do século XVIII... Em sua "penitenciária", os quacres planejavam substituir a brutalidade e a inutilidade da pena capital e dos castigos corporais pelos aspectos correcionais específicos do isolamento, pelo arrependimento e pelos efeitos enaltecedores das exortações bíblicas e da leitura solitária da Escritura. Estes três tratamentos – o afastamento dos colegas corruptores, o tempo para reflexão e exame de consciência e a orientação dos preceitos bíblicos — sem dúvida teriam sido úteis para os introspectivos quacres, os quais imaginaram a prisão, mas relativamente poucos deles chegaram algum dia a se tornar prisioneiros. A adequabilidade desses recursos para a grande multidão dos que posteriormente foram parar na penitenciária é mais questionável.[2]

Esse é, sem dúvida, um raciocínio irônico. Hoje em dia, o encarceramento é reconhecido como mais do que inútil na luta contra o crime. Seu efeito coibitivo é dúbio, e seu efeito reformador, desprezível. As prisões reforçam a subcultura criminosa ao manter juntos os infratores. As sentenças longas, por separar os criminosos da família, produzem o rompimento dos vínculos afetivos. Como a disponibilidade da família e o apoio social depois da soltura estão entre os poucos fatores conhecidos capazes de tornar menos provável que a pessoa seja novamente condenada por crimes posteriores, o encarceramento prolongado na verdade aumenta a probabilidade de que infrações subsequentes sejam cometidas. A oferta de emprego adequado depois da soltura é outro elemento que vem demonstrando ser capaz de reduzir a possibilidade de nova condenação. No entanto, as sociedades de um modo geral estão tão pouco dispostas a gastar dinheiro com prisões que os programas voltados para o retreinamento dos prisioneiros ou para o ensino de novas aptidões industriais são bastante inadequados.

Nas prisões inglesas comuns, a reclusão na solitária raramente é usada, a não ser como uma breve punição para grave ato de violência. Na França, pelo menos até pouco tempo atrás, a reclusão na solitária era usada durante o período inicial das penas de prisão perpétua, embora amenizada por

alguma participação em atividades de grupo. A princípio, o isolamento se propunha a encorajar o remorso e a subsequente recuperação, forçando o preso a confrontar sua consciência. As celas individuais nas quais eram cumpridas as sentenças foram baseadas nas câmaras dos mosteiros. Mas as autoridades carcerárias vieram a perceber que o isolamento impunha considerável estresse aos prisioneiros, provocando instabilidade mental e comportamentos indisciplinados. Embora a associação com outros criminosos trouxesse consigo a probabilidade de reforçar a escolha do crime como forma de vida, essa desvantagem passou a ser considerada o menor de dois males. Os longos períodos de isolamento começaram a ser vistos ao mesmo tempo como cruéis e ineficazes.

Além disso, desde a Segunda Guerra, as prisões da Inglaterra se tornaram tão superlotadas que a meditação solitária sobre os males do crime deixou de ser possibilidade prática para os prisioneiros, ainda que considerada desejável. Hoje em dia, celas projetadas para um prisioneiro têm de ser ocupadas por três. Isso viola as Regras Mínimas Elementares para o Tratamento de Prisioneiros adotadas pelo Congresso das Nações Unidas em 1955, que declara que cada prisioneiro deve ocupar à noite uma cela ou quarto individual, a não ser em condições de superlotação *temporária*.

Na Dinamarca, elevada proporção de presos que esperam julgamento por terem praticado atos criminosos é mantida em reclusão solitária durante a investigação de seus casos. Nenhum outro país da Europa usa dessa maneira o isolamento nos casos de detenção pré-julgamento, embora existam queixas de práticas semelhantes na Suécia. Os períodos de isolamento variam de duas a quatro semanas ou mais, mas há vários casos conhecidos de detentos que já passaram de um a dois anos na solitária.

Em cada 24 horas, os presos passam 23 em uma pequena cela. São concedidos a eles dois períodos de meia hora para se exercitarem sozinhos, mas sua solidão só é de outro modo interrompida pelas idas ao banheiro e pela entrega das refeições. Apesar de ser permitido a esses prisioneiros ter em sua cela livros, rádio e televisão, receber cartas e, em alguns casos, receber visitas supervisionadas, até mesmo esse grau de isolamento pode exercer um efeito pernicioso sobre a atividade mental. Muitos detentos se queixam de inquietude, insônia, incapacidade de concentração e perda

parcial da memória. Acham difícil medir a passagem do tempo e criam rituais obsessivos para marcar as horas e estruturar o dia. Quando esses rituais são interrompidos por interrogatórios ou visitas de um advogado, eles se mostram extremamente ansiosos. A automutilação e tentativas de suicídio são comuns. Em 1980, sete em cada dez suicídios na prisão que alcançaram êxito foram de pessoas que aguardavam julgamento. Se o isolamento se prolonga além de algumas semanas, muitos detentos se queixam de inexplicável fadiga, alguns se tornam quase completamente apáticos, outros perdem o controle das emoções a ponto de acreditar que estão ficando loucos. Até quando removidos do isolamento, muitos dos sintomas ainda persistem. Os presos se queixam de não conseguir se lembrar do que leem nem sequer acompanhar um programa de televisão. Não é de causar surpresa que alguns deles façam declarações imprecisas ou contraditórias para a polícia quando interrogados. Depois de prolongados períodos de isolamento, muitos temem retomar as relações sociais e não ousam arriscar-se a manter relacionamentos íntimos. Essa deterioração da habilidade de se relacionar com as outras pessoas pode durar anos.[3]

Se curtos períodos de isolamento, que sob outros aspectos são comparativamente humanos, produzem essas terríveis sequelas mentais, não é difícil imaginar como são piores os efeitos da reclusão solitária dos regimes totalitários nos quais os mais elementares direitos humanos são desprezados. O texto de Lawrence Hinkle e Harold Wolff sobre as técnicas de interrogatório e doutrinação empregadas pelos países comunistas tornou-se clássico, e recorri amplamente a esse relato.[4]

No procedimento habitual, tanto a pessoa suspeita de crimes contra o Estado, ou seja, de ser dissidente político, quanto seus amigos e companheiros passam a ser vigiados. O suspeito frequentemente toma consciência dessa vigilância e como consequência começa a sofrer de ansiedade aguda. Quando "provas" suficientes são acumuladas, a polícia prende o suspeito. Qualquer pessoa presa dessa maneira é considerada culpada, embora os crimes dos quais é acusada nunca sejam especificados. A prisão ocorre em geral de madrugada. Os prisioneiros cujos casos são relativamente pouco importantes podem ser confinados em celas com outros presos, que muitas vezes são informantes. Mas os prisioneiros de

quem é preciso arrancar informações ou que são destinados ao julgamento público são colocados na solitária. A cela é pequena. Geralmente só tem uma janela situada acima do nível dos olhos, para que o prisioneiro não possa ver nada do mundo exterior. Mas a porta tem uma abertura através da qual o preso pode ser observado a qualquer momento sem que o saiba:

> O prisioneiro é mantido estritamente sozinho em sua cela o tempo todo, a não ser quando está comendo, exercitando-se ou sendo interrogado. Não tem nada para fazer, nada para ler e ninguém com quem conversar. Em condições mais rígidas, pode ter de ficar de pé ou sentado na cela o dia todo em uma posição fixa. Só pode dormir nas horas destinadas a esse fim. Quando o mandam ir para a cama precisa obedecer imediatamente, devendo se deitar de costas em posição fixa, com as mãos para fora do lençol. Se ele sai dessa posição, o guarda do lado de fora da porta o acorda e lhe diz para retomá-la. A luz da cela fica permanentemente acesa. Precisa dormir com o rosto sempre voltado para ela.[5]

Geralmente, a cela é fria demais para ser confortável, embora às vezes possa ser muito quente. A comida fornecida é intragável, e a quantidade quase sempre insuficiente. A inanição parcial, a privação de sono, a temperatura desconfortável e a ansiedade intensa e contínua combinam-se para debilitar a resistência de todos os prisioneiros, com exceção dos mais robustos.

Durante as primeiras três semanas nesse regime, quase todos os presos ficam ansiosos e inquietos. Não têm permissão para falar com os guardas nem para fazer nenhum tipo de contato com os outros prisioneiros. Não são informados sobre o que poderá acontecer a eles ou a sua família e amigos. Muitos presos descobrem que a *incerteza* é o pior tormento que podem experimentar.

Depois de mais ou menos quatro semanas, a maioria dos prisioneiros compreende que seus protestos, pedidos de informação e solicitações são totalmente infrutíferos. Na realidade, estão passando por algo que para quase todos nós é apenas fantasia, o pesadelo humano básico de estar totalmente indefeso nas mãos de malignos perseguidores. Acredito que esse seja um dos medos fundamentais da espécie humana e que data, talvez, da mais tenra infância, quando todo ser humano se encontra plenamente dependente e à mercê de pessoas muito mais poderosas que ele.

Nesse ponto, muitos prisioneiros tornam-se profundamente deprimidos.

Alguns ficam confusos e têm alucinações. Outros interrompem todo e qualquer tipo de atividade espontânea, deixam de se preocupar com a aparência e hábitos pessoais e entram em estado semelhante ao estupor depressivo.

Como o único relacionamento humano disponível é o que têm com o interrogador, muitos prisioneiros inicialmente apreciam as sessões de interrogatório e até procuram prolongá-las. Quando o preso descobre que o interrogador fica invariavelmente insatisfeito com o relato que apresentou sobre si mesmo e seus "crimes" e começa a sofrer com as várias formas de coerção que lhe são aplicadas, as sessões de interrogatório tornam-se pesadelos, em vez do alívio bem recebido para o isolamento. Manter o prisioneiro de pé por período de tempo prolongado, o que provoca dor torturante seguida de debilitação circulatória e insuficiência renal, é técnica bastante utilizada. Métodos mais cruéis de tortura física, apesar de oficialmente proibidos, também podem ser empregados. Esses períodos de interrogatório hostil e pressão intensa alternam-se com períodos de afabilidade aparentemente relaxada, nos quais o prisioneiro recebe um tratamento melhor. Como o interrogador continua a ser o único ser humano com quem mantém contato, um relacionamento surge entre eles. O preso pode chegar a desenvolver sentimentos de simpatia para com o interrogador, o qual pode tê-lo convencido de que está apenas cumprindo seu dever, que tudo aquilo é tão repugnante para ele quanto para o prisioneiro e que, se este assinar confissão completa dos "crimes" a ele atribuídos, todo esse processo desagradável de interrogatórios será encerrado. Hinkle e Wolff escrevem:

> Existem exemplos de prisioneiros que assinaram confissões em grande parte por simpatizar com seus interrogadores, porque achavam que esses homens seriam punidos se eles não assinassem logo a confissão. Em outras palavras, os sentimentos amigáveis e calorosos que se desenvolvem entre o preso e o interrogador podem exercer forte influência sobre o comportamento do prisioneiro.[6]

Mesmo quando não estão envolvidos sentimentos positivos com relação ao interrogador, quase todos os prisioneiros acabam por assinar uma declaração admitindo o que as leis comunistas definem como "crimes contra

o Estado", para não terem mais de enfrentar os interrogatórios, o isolamento e a tortura.

Essas técnicas para extrair confissões foram empiricamente desenvolvidas durante muitos anos. São aperfeiçoamentos de métodos empregados pela polícia secreta do czar. O isolamento desempenha papel extremamente importante nesse procedimento. Em primeiro lugar, destrói parte das funções mentais e, em segundo, incentiva o prisioneiro a se tornar dependente do interrogador, inclinando-o assim a se submeter. Embora pouquíssimos presos que receberam esse tratamento tenham se recusado a assinar confissões, existem algumas notáveis exceções. A dra. Edith Bone deixou em seu livro *Seven years solitary* um registro de sua extraordinária obstinação e capacidade de recuperação.[7]

A dra. Bone tinha mais de 60 anos quando foi presa na Hungria, em 1949. Linguista notável, fora convidada a ir àquele país para traduzir livros científicos ingleses para o húngaro. Ingressara no Partido Comunista em 1919. Foi acusada de ser agente britânica, mas se recusou a fazer uma confissão falsa ou colaborar com seus interrogadores. Essa senhora idosa passou sete anos na prisão antes de ser finalmente posta em liberdade, em novembro de 1956. Durante três dos anos em que ficou presa, ela não pôde ter acesso a nenhum livro ou material impresso. A cela na qual estava confinada era extremamente fria e sem janelas. O pior ainda estava por vir. Durante cinco meses foi mantida em um porão em total escuridão. A água corria pelas paredes tomadas por fungos, o chão estava cheio de excremento, não havia ventilação. A dra. Bone inventou várias técnicas para se manter lúcida. Recitava e traduzia poemas, compunha versos. Ela concluiu um inventário mental de seu vocabulário nas seis línguas em que era fluente, e empreendeu caminhadas imaginárias pelas ruas das muitas cidades que conhecia tão bem. Em todas essas e outras provações, tratou seus captores com desprezo, e em momento algum deixou de afirmar sua inocência. Ela não apenas é exemplo reluzente de coragem que poucos conseguiriam igualar, como também ilustra o fato de que a mente fértil e disciplinada consegue evitar a própria destruição.

Christopher Burney, que descreve seu encarceramento na França em seu livro *Solitary confinement*,[8] empregou técnicas semelhantes para preservar o

funcionamento normal de sua mente. Também empreendeu caminhadas imaginárias e inventários para manter suas faculdades mentais ocupadas. Além disso, conscientizou-se da importância vital de os prisioneiros manterem uma área de decisão, por menor que fosse, totalmente sua. Até o preso que concorde em ficar à mercê de seus captores é capaz de reter certo grau de autonomia: decidindo, por exemplo, se vai comer o pão que lhe dão ou guardá-lo para comer mais tarde. Dessas decisões aparentemente triviais depende o fato de o preso reter ou não algum senso de ser entidade independente.

Embora, em sua maior parte, os prisioneiros dos campos de concentração nazistas não fossem mantidos em solitárias, a importância de reter alguma capacidade de tomar decisões independentes também é enfatizada por Bruno Bettelheim. A partir do que observou quando foi encarcerado em Dachau e Buchenwald, Bettelheim chegou à conclusão de que os prisioneiros que desistiam e morriam eram aqueles que haviam abandonado toda e qualquer tentativa de conservar uma autonomia pessoal, que se submetiam ao objetivo de seus captores de desumanizá-los e de exercer total controle sobre eles.

> Nos campos de concentração, os esforços para privar os prisioneiros até dos menores resquícios de autonomia eram particularmente mórbidos e invasivos. Não obstante, o sistema só tinha êxito até certo ponto, afetando mais alguns aspectos da vida da pessoa do que outros. À medida que o preso era privado de autonomia, o sistema produzia grave desintegração proporcional da personalidade, tanto em sua vida interior quanto em seu relacionamento com os outros.[9]

Outro maravilhoso exemplo do exercício deliberado da recordação em uma mente bem equipada, com o objetivo de evitar o colapso, é fornecido por Yehudi Menuhin. No final da guerra, quando os alemães estavam reunindo os judeus em Budapeste, a mãe de Antal Dorati, o regente, foi conduzida a uma pequena sala com dezenas de outras pessoas, onde foram mantidas durante dias sem comida ou comodidade de qualquer espécie. Quase todo mundo começou a ficar fora de si, mas ela permaneceu lúcida, repassando as quatro partes de cada um dos quartetos de Beethoven, os quais conhecia de cor.[10]

Parte da desintegração mental causada pelo encarceramento, e em

especial pela reclusão solitária, é resultado do que veio a ser conhecido como *privação sensorial*. Durante as horas em que a pessoa está desperta, o cérebro só funciona eficazmente se receber estímulos perceptivos do mundo exterior. Nosso relacionamento com o ambiente e a forma como o compreendemos dependem das informações que recebemos através de nossos sentidos. Quando dormimos, nossas percepções do mundo exterior são fortemente reduzidas, embora sons significativos, como um choro de criança, possam nos despertar. Ingressamos no fantástico mundo dos sonhos, um mundo subjetivo e alucinatório que não depende da memória do aqui e agora, mas que é governado por nossa experiência passada, nossos desejos, medos e esperanças.

As pesquisas da privação sensorial tiveram início no começo da década de 1950, como parte de um estudo sobre os métodos comunistas de obter confissões por meio da chamada "lavagem cerebral". Os voluntários eram confinados em salas escuras e à prova de som e tinham de ficar deitados imóveis sobre uma cama, a não ser quando estivessem comendo ou usando o banheiro. Em experimentos mais rigorosos, ficavam suspensos em água morna e lhes era solicitado que inibissem todos os movimentos, de maneira a receber o menor número de informações possível da pele e dos músculos, além de serem privados da visão e do som. Como as pessoas eram voluntárias, tomaram-se providências para que interrompessem a experiência se achassem essas condições intoleráveis.

Embora os resultados desses experimentos variassem até certo ponto em função dos métodos empregados, as consequências gerais podem ser resumidas:

Em primeiro lugar, o desempenho intelectual se deteriorava, especialmente quando era solicitado aos voluntários que empreendessem algo novo ou "criativo". Muitos relataram dificuldades em se concentrar e foram incapazes de acompanhar um encadeamento de pensamentos. Alguns se queixavam de pensamentos insistentes e obsessivos que não conseguiam controlar. Outros abandonavam qualquer tentativa de ter pensamentos coerentes e passavam a sonhar acordados.

Segundo, a sugestibilidade aumentou espontaneamente. Em um experimento, a suscetibilidade à propaganda mostrou-se oito vezes maior do

que a dos indivíduos em condições normais expostos ao mesmo material. Quando a pessoa está recebendo muito poucas informações, estas exercem impressão mais poderosa. Esse é um fato bastante valorizado pelos regimes totalitários que controlam a imprensa.

Terceiro, muitos voluntários experimentaram alucinações visuais, e alguns relataram alucinações auditivas ou táteis.

Quarto, vários voluntários tiveram ataques de pânico. Alguns sofreram medos irracionais, como o de ficar cego. Outros ficaram convencidos de que os experimentadores os haviam abandonado. Um dos voluntários pediu para ser liberado antes do tempo, porque sua mente foi inundada por recordações da infância tão desagradáveis a ponto de se tornarem insuportáveis. Nem sempre o isolamento escolhido voluntariamente é tolerável.

Em Princeton, onde algumas das pesquisas mais extensas da privação sensorial foram realizadas em seus próprios alunos, os pesquisadores se viram sem voluntários durante o verão, quando a maioria dos alunos havia partido de férias. Foram então recrutadas pessoas em faculdades que, ao contrário de Princeton, mantinham cursos de verão. Essa empreitada mostrou-se um fracasso. Apesar de estar sendo pagos, quase todos os voluntários de fora de Princeton logo exigiram libertação das condições de privação sensorial. Enquanto os alunos de Princeton conheciam os experimentadores responsáveis pela investigação e confiavam neles, os voluntários externos não tinham essa mesma confiança. Este último ponto merece ser enfatizado. Ilustra o fato de que as mesmas condições de isolamento ou de privação sensorial podem exercer impacto muito diferente de acordo com as circunstâncias.

Certos tipos de doenças ou lesões requerem tratamento que envolve a redução de estímulos sensoriais. Esse fato pode causar sério tipo de angústia mental. Por exemplo, o tratamento de um paciente com queimaduras graves pode envolver a completa imobilização e o enfaixamento de grande parte do corpo, inclusive dos olhos. Os pacientes nessas condições talvez precisem que enfermeiras cuidem de todas as suas necessidades físicas. Episódios psicóticos têm sido frequentemente registrados nessas pessoas.

É fato bastante conhecido que a cirurgia ocular provoca sintomas

psiquiátricos, especialmente quando ambos os olhos precisam ser cobertos e quando a imobilização também é necessária, como depois de uma ruptura de retina.

A cirurgia do coração às vezes envolve a imobilização prolongada, torna o paciente indefeso e talvez exija que ele fique ligado a uma série de aparelhos que o mantêm vivo. Tendas de oxigênio podem isolar mais ainda o paciente dos estímulos sensoriais normais. Nessas circunstâncias, não é de causar surpresa que estados de delírio tenham sido registrados.

Tanto a cegueira quanto a surdez foram reconhecidas como agentes causadores de doenças mentais. A surdez, especialmente, é passível de provocar ideias paranoicas em que a pessoa acha que estão falando dela, que está sendo depreciada ou passada para trás. Ao contrário, uma privação sensorial parcial desse tipo, ao forçar o indivíduo a olhar para dentro de si, pode produzir efeitos semelhantes aos descritos pelo almirante Byrd.

Beethoven provavelmente começou a ficar surdo em 1796, aos 26 anos de idade. A surdez levou algum tempo para se agravar, e ele continuou a se apresentar em público, com crescente dificuldade, até aproximadamente 1814. Passou a usar uma corneta acústica em 1816. Os cadernos de conversação, usados para que os visitantes pudessem se comunicar com ele, datam de 1818. Durante os dois ou três primeiros anos do século XIX, Beethoven passou por agonias de ansiedade com relação à sua audição e à sua saúde de um modo geral, sentimento esse que manifestou em cartas endereçadas a amigos e no famoso "Testamento de Heiligenstadt" de 1802, dirigido a seus irmãos e encontrado entre seus escritos depois de sua morte:

> Sentia-me terrivelmente humilhado quando uma pessoa perto de mim ouvia uma flauta a distância e eu não ouvia nada, ou alguém ouvia o canto de um pastor e eu também não escutava nada. Esses incidentes quase me levaram ao desespero; um pouco mais, e eu teria dado fim à minha vida — foi apenas *minha arte* que me impediu de fazê-lo.[11]

A surdez de Beethoven aumentou sua desconfiança dos outros seres humanos, sua irritabilidade e sua dificuldade de criar relacionamentos íntimos. No entanto, um de seus biógrafos escreve o seguinte:

> Mas de certa maneira a surdez teria desempenhado um papel positivo em sua criatividade, pois sabemos que a surdez não prejudicou, e pode até ter aumentado, sua habilidade como

> compositor, talvez ao excluir o virtuosismo ao piano como escape competitivo para sua criatividade, talvez ao permitir total concentração na composição dentro de um universo de crescente privação auditiva. Em seu mundo de surdez, Beethoven pôde realizar novas experiências, livre dos sons intrusivos do ambiente externo; livre da rigidez do mundo material; livre, como o sonhador, para combinar e recombinar a substância da realidade, segundo seus desejos, em formas e estruturas anteriormente inimagináveis.12

Algumas das últimas experiências de Beethoven serão analisadas no Capítulo 11.

Goya é outro exemplo de gênio criativo cuja originalidade artística provém em grande parte de sua surdez. Ele nasceu em 1746 e tornou-se o artista mais em voga e de maior sucesso na Espanha. Foi pintor da corte e diretor adjunto de pintura da Real Academia de Madri. Porém, em 1792, contraiu uma doença que o deixou surdo. Deixou de pintar retratos e passou a se dedicar a obras nas quais, segundo ele próprio escreveu, encontrava mais espaço para a invenção e a fantasia. Os esboços *Los desastres de la guerra*, que representavam sua reação aos horrores da invasão napoleônica, sucederam aos seus esboços satíricos, *Los caprichos*. No período transcorrido entre 1820 e 1823, decorou as paredes de sua casa, a Quinta del Sordo (a Casa do Surdo), com as chamadas "pinturas negras", atualmente no Museu do Prado. André Malraux escreve:

> Para que seu gênio se tornasse visível a si próprio, era necessário que ousasse *desistir do desejo de agradar*. Separado de todo mundo por causa da surdez, descobriu a vulnerabilidade do espectador, compreendeu que o pintor tem apenas de lutar consigo próprio para se tornar, mais cedo ou mais tarde, o conquistador de tudo.13

Goya tinha imaginação terrível. Seu isolamento, induzido pela surdez, levava-o a registrar suas visões de pesadelo, o desespero causado pela loucura e perversidade humanas, o ódio pela tirania e a compaixão pelo sofrimento humano, com uma intensidade jamais alcançada por nenhum outro artista. O medonho quadro *Saturno devorando seus filhos* ornamentava uma das paredes de sua sala de jantar. É difícil compreender como alguém obcecado por esses horrores podia viver consigo próprio, mas Goya foi um dos homens mais fortes que jamais existiram. Aos 82 anos ele escreveu que não conseguia enxergar, escrever nem ouvir: "Nada mais tenho além da

vontade — e esta eu tenho em abundância".[14]

Vimos anteriormente que, em condições de privação sensorial parcial, surgem facilmente dúvidas a respeito da integridade das pessoas a cujos cuidados nos entregamos como pacientes ou voluntários remunerados. Não é, pois, de causar surpresa que a solidão forçada imposta pelos inimigos frequentemente tenha efeitos devastadores. A intensa ansiedade e a incerteza com relação ao futuro unem-se ao medo da tortura e do isolamento, perturbando o funcionamento normal da mente. Os efeitos desse distúrbio podem persistir durante meses ou anos.

A privação sensorial era deliberadamente usada na Irlanda do Norte como parte da técnica empregada no interrogatório de suspeitos de terrorismo. Nesse procedimento, a cabeça dos detidos era coberta com capuz preto e grosso, a não ser quando estavam sendo interrogados. Eram submetidos a um ruído monótono e contínuo extremamente alto, impossibilitando a comunicação com os outros presos. Eles tinham de ficar em pé, de frente para uma parede, com as pernas bem abertas, apoiando-se nos dedos das mãos. Além disso, eram privados do sono durante os primeiros dias da operação e não recebiam nenhum alimento ou bebida, salvo uma fatia de pão e meio litro de água a cada seis horas. Se tentavam descansar apoiando a cabeça contra a parede, eram impedidos. Se sucumbiam, eram erguidos e obrigados a retomar a postura exigida.

As salas à prova de som e de luz usadas nas pesquisas de privação sensorial eram muito caras, mas as técnicas empregadas na Irlanda do Norte demonstraram ser substitutos bastante eficazes. O capuz impedia que os homens recebessem informações visuais. Uma máquina evitava os estímulos auditivos além de um som alto e monótono. A postura contra a parede reduzia as informações cinestéticas recebidas da pele e dos músculos. Assim, os detidos ficavam efetivamente isolados e privados da percepção sensorial, apesar de serem submetidos a essas técnicas no mesmo recinto que outras pessoas.

Os efeitos eram devastadores. A inanição parcial, que causa rápida perda de peso, aliada à privação do sono e à postura desconfortável, já é suficiente para produzir extremo estresse e alguma perturbação da função cerebral, mesmo sem a privação adicional das informações auditivas e visuais.

Excetuando-se as pausas para receber o pão e a água e ir ao banheiro, alguns homens eram continuamente mantidos contra a parede durante 15 ou16 horas. Muitos tinham alucinações e acreditavam que estavam ficando malucos. Posteriormente, alguns declararam que prefeririam morrer a enfrentar outros interrogatórios.

O exame psiquiátrico desses homens após sua soltura revelou sintomas persistentes: pesadelos, tensão e ansiedade durante as horas em que estavam acordados, pensamentos suicidas, depressão e várias queixas físicas, como dores de cabeça e úlceras pépticas geralmente consideradas como relacionadas ao estresse. Opiniões psiquiátricas dignas de confiança julgaram que pelo menos alguns dos homens encapuzados nunca conseguiriam se recuperar dessa experiência.

Quando os fatos a respeito dessas técnicas de interrogatório começaram a ser conhecidos, ocorreram protestos vindos de todos os lados por parte de pessoas que ficaram profundamente chocadas ao tomar conhecimento de que a Grã-Bretanha estaria empregando mecanismo de tortura para submeter os detidos. Tudo indicava que o uso desses métodos havia se desenvolvido aos poucos, sem autorização oficial. Finalmente, o então primeiro-ministro Edward Heath determinou que essas técnicas nunca mais fossem empregadas no interrogatório de prisioneiros ou suspeitos.

Embora na Grã-Bretanha e em outros países as longas sentenças de prisão raramente impliquem grandes períodos de reclusão solitária, essas nações privam o prisioneiro da maior parte dos estímulos oriundos do mundo exterior que tornam a vida digna de ser vivida, o que os transforma, portanto, em defensores de certo grau de privação sensorial no sentido mais amplo. O ambiente monótono da prisão, o acesso limitado aos exercícios e ao céu aberto, a rotina inalterável, a ausência da intimidade social e sexual com os entes queridos são privações que, no caso de longas penas de prisão, exercem efeito nocivo e permanente na mente do prisioneiro.

Até pouco tempo atrás, as sentenças de prisão perpétua em geral se encerravam com a liberdade condicional depois de no máximo nove ou dez anos, porque se sabia que períodos mais longos de reclusão tornavam praticamente impossível que o prisioneiro, ao ser libertado, fosse capaz de enfrentar a vida fora do presídio. Na Grã-Bretanha, os condenados à

detenção perpétua podem ser libertados em qualquer época, mas permanecem em liberdade condicional até morrer. Isso significa que, pelo resto da vida, podem ser chamados de volta à prisão caso as autoridades julguem necessário. Hoje em dia, muitos juízes, quando condenam pessoas que cometeram crimes hediondos como estupro ou assassinato, recomendam que o criminoso fique encarcerado por 20 anos ou mais. Essas recomendações são levadas muito a sério. Se cumpridas, significa que um número cada vez maior de criminosos ficará inabilitado e se tornará para sempre incapaz de viver em comunidade.

A privação dos estímulos externos é particularmente severa nas chamadas "prisões de segurança máxima", porque os prisioneiros que ali se encontram são considerados perigosos ou propensos a tentar fugir. Estes também são, é claro, os condenados que habitualmente recebem longas sentenças. Embora existam alguns exemplos de pessoas que cumpriram penas prolongadas e sobreviveram intactas, como o Homem Pássaro de Alcatraz, a deterioração e a "neurose institucional" são comuns. Os prisioneiros com longas sentenças a cumprir se retraem, tornam-se apáticos e desinteressam-se por sua aparência pessoal e por seu ambiente imediato. No livro *Psychological survival*, Stanley Cohen e Laurie Taylor oferecem excelente crítica desses efeitos, baseados em seus estudos com detentos de sentenças longas, na ala de segurança máxima da prisão de Durham, hoje felizmente extinta. Os autores haviam sido escolhidos para dar aulas semanais de ciências sociais aos condenados. Embora as aulas despertassem considerável interesse nas pessoas que estavam presas havia pouco tempo, reduzido número dos que já cumpriam pena fazia muito tempo comparecia às aulas. No entanto, um prisioneiro que já estava preso havia 14 anos frequentava regularmente a aula. Mais tarde, ele escreveu para os autores:

> Imagine só o que é estar preso por toda a vida, seus sonhos transformados em pesadelos, seus castelos em cinzas, tudo o que você pensa é fantasia e, no fim, acaba voltando as costas para a realidade e vive em um mundo distorcido de faz de conta; você se recusa a aceitar as regras dos outros mortais e cria outras que se encaixam melhor em seu pequeno mundo; não existe luz do dia nesse mundo de condenados à prisão perpétua; ele é todo escuridão, e é nessa escuridão que encontramos paz e a habilidade de viver em um mundo só nosso, um mundo de faz de conta.[15]

Os exemplos citados neste capítulo demonstram que a separação dos

estímulos da existência comum do dia a dia pode ser terapêutica ou destrutiva, dependendo das circunstâncias e, mais especialmente, do fato de essa separação ser imposta ou voluntária. O período de tempo também é importante. É provável, embora não esteja de todo confirmado, que períodos prolongados de afastamento da vida comum apresentem efeitos prejudiciais, quer sejam ou não impostos por outras pessoas.

Não obstante, as condições do encarceramento são extremamente variáveis e eram, no passado, menos rigorosas do que hoje. Existem vários exemplos notáveis que demonstram que a solidão parcial e o distanciamento da vida normal, mesmo na prisão, são capazes de estimular a produção criativa.

O filósofo romano Boécio alcançou a importante posição de *magister officiorum* durante o reinado do rei ostrogodo Teodorico. Abrangia a chefia do serviço civil e dos serviços palacianos, posição essa que pode lhe ter deixado pouco tempo para dedicar-se à sua atividade predileta, o estudo da filosofia. Mas a confiança de Teodorico em Boécio foi de curta duração. O filósofo foi acusado de traição, preso, condenado e mandado para o exílio à espera da execução. Enquanto prisioneiro em Pávia, escreveu *O consolo da filosofia*, obra pela qual é hoje mais conhecido. Ele foi torturado e depois espancado até morrer, em 524 ou 525 d.C.

Sir Thomas More, chanceler de Henrique VIII a partir de 1529, foi encarcerado na Torre de Londres por recusar-se a negar a supremacia do papa e a aceitar o rei como chefe da Igreja Anglicana. More passou um ano na prisão antes de ser julgado e executado, em 1535. Durante esse período, escreveu *O diálogo da fortaleza contra a tribulação*, que foi descrito como obra-prima da sabedoria cristã.

Sir Walter Raleigh, tendo sido acusado de traição, foi condenado à morte. Mas sua sentença foi suspensa, e ficou encarcerado na Torre de Londres de 1603 a 1616. Como no caso de Thomas More, imaginamos que as condições impostas não eram muito rigorosas, uma vez que, durante esses anos, Raleigh escreveu *A história do mundo.* Essa obra abrangeu o período que se estende desde a criação do mundo ao século II a.C. e foi publicada em 1614. Ao ser solto, Raleigh empreendeu sua segunda excursão à Guiana. Lamentavelmente, esta não foi coroada de êxito. O ouro prometido não

apareceu; a sentença de morte de Raleigh foi retomada, e ele foi executado em 1618.

John Bunyan, que havia ingressado na Igreja Separatista de Bedford por volta de 1655, pregou suas ideias não ortodoxas sem impedimentos até a restauração de Carlos II, em 1660. No dia 12 de novembro daquele ano, foi conduzido à presença dos magistrados, acusado de realizar ofícios em discordância com os da Igreja Anglicana. Em janeiro de 1661, foi condenado nas *assizes*16 e enviado para a cadeia do condado de Bedford, onde permaneceu até março de 1672. No entanto, as condições de sua prisão eram suficientemente liberais e possibilitavam-lhe receber visitas dos amigos e da família e até pregar de vez em quando. Durante os 12 anos em que ficou preso, escreveu sua autobiografia espiritual, *Graça plena* (1666), e é quase certo que produziu parte considerável do *Progresso do peregrino.* A Declaração de Indulgência aos Não Conformistas, publicada por Carlos II e que permitiu a soltura de Bunyan, foi posteriormente revogada, e Bunyan foi novamente encarcerado em 1677 por pregar ilegalmente.

No Natal de 1849, Dostoiévski iniciou a longa jornada de São Petersburgo à Sibéria, onde passaria os quatro anos seguintes em um campo de trabalhos forçados. Fora preso em abril daquele ano junto a outros membros do Círculo Petrashevsky e já passara oito meses como prisioneiro na fortaleza de Pedro e Paulo. Durante esse período inicial foi mantido na solitária e não podia receber livros ou material para escrever. Apesar disso, descobriu que possuía recursos interiores que lhe permitiam tolerar o cativeiro muito melhor do que inicialmente imaginara. Sua prisão pode tê-lo salvado do esgotamento em vez de tê-lo provocado, pois existem indícios de que sua participação em uma organização revolucionária secreta vinha atormentando-o desde o inverno anterior e o colocara à beira de um colapso nervoso.

No início de julho, quando os prisioneiros obtiveram permissão para receber livros da biblioteca da fortaleza, Dostoiévski avançou sobre estes. Também escreveu para seu irmão Mikhail, contando-lhe que havia elaborado três contos e dois romances. O famoso incidente da execução simulada na praça Semenovsky, em que Dostoiévski se viu diante do pelotão de fuzilamento e a pena foi suspensa no último momento, aconteceu em 22

de dezembro. A única atividade literária de Dostoiévski na Sibéria era manter um caderno clandestino no qual anotava as frases e expressões usadas por seus companheiros de prisão. Deu um jeito de entregar o caderno a um dos médicos assistentes que o devolveu a ele quando foi solto. O conteúdo desse caderno foi usado em *Recordações da casa dos mortos*, o livro em que ele descreve sua experiência na prisão.

Essa experiência foi horrível, não apenas em função das estarrecedoras condições em que os presos viviam e da permanente ameaça de serem chicoteados, mas também porque Dostoiévski se viu sendo considerado um "homem educado", totalmente rejeitado por seus brutais companheiros camponeses cuja causa abraçara e pelos quais, na qualidade de revolucionário em potencial, estava sofrendo o exílio e o encarceramento. Durante o período em que esteve preso, passou por uma experiência transformadora, na qual a total desilusão com a classe dos camponeses foi substituída pela crença quase mística em sua bondade intrínseca. Essa mudança se baseou em uma recordação involuntária da infância relacionada com um incidente no qual um dos servos de seu pai, Marey, o havia confortado em uma ocasião em que estivera apavorado. Embora Dostoiévski sofresse profundamente por nunca conseguir estar sozinho durante o tempo em que esteve preso, o isolamento emocional e a falta de companhia fizeram com que voltasse a atenção para dentro de si, permitindo que sua mente vagasse pelo passado:

> Durante os quatro anos que passou na prisão, empregara a técnica de associação involuntária, que serviu provavelmente mais ou menos ao mesmo propósito que a psicanálise ou a terapia com drogas, liberando recordações reprimidas e aliviando desse modo seus bloqueios psíquicos e fixações mórbidas. Essa técnica também tinha a função adicional de manter vivas suas faculdades artísticas em condições em que lhe era proibido escrever.[17]

A experiência que Dostoiévski teve dos trabalhos forçados na prisão influenciou de forma permanente sua visão acerca da natureza humana, permeando, portanto, seus romances. Mais particularmente, a experiência de ver presos que haviam sido esmagados sem piedade durante anos de repente se manifestar e afirmar sua personalidade, com frequência de uma forma violenta e irracional, fez com que sentisse que a expressão ou

realização individual era uma necessidade humana fundamental, que não estava de acordo com a subordinação do individualismo às exigências coletivas do Estado exigidas pelo socialismo.

Existem também exemplos menos admiráveis em que o empenho literário foi estimulado pelo encarceramento. O marquês de Sade foi repetidamente aprisionado durante toda a vida, até que foi confinado no asilo de Charenton, onde morreu em 2 de dezembro de 1814, aos 74 anos. Sua perversa imaginação floresceu no cativeiro, e é à fortaleza de Vincennes e à Bastilha que devemos suas obras *Justine* e *Os 120 dias de Sodoma*.

A fascinação de Sade pelo poder absoluto encontrou eco nos escritos de Adolf Hitler, outro autor cujas obras devem alguma coisa à prisão. Depois do fracasso de seu *Putsch* em Munique, Hitler foi confinado na antiga fortaleza de Landsberg. Embora sua pena fosse de cinco anos, passou menos de nove meses na prisão, onde foi tratado como hóspede de honra. Durante esse período ele começou a ditar *Mein Kampf* a Rudolf Hess. "Se não tivesse sido preso", comentou Hitler muito tempo depois, "*Mein Kampf* nunca teria sido escrito. Aquele período me deu a oportunidade de aprofundar várias noções pelas quais, na época, eu só nutria um sentimento instintivo."

Em contraste com a maioria dos exemplos apresentados neste capítulo, é ocasionalmente registrado que até a reclusão solitária imposta pelos inimigos é capaz de desencadear experiências psicológicas de valor duradouro. Anthony Grey, que viveu na China a reclusão solitária, e Arthur Koestler, que foi encarcerado na Espanha de maneira semelhante, debateram juntos na televisão suas experiências. A transcrição desse debate aparece na coleção de ensaios de Koestler, *Kaleidoscope*.

Os dois homens se sentiram felizes por não terem tido que dividir a cela com outro prisioneiro. Ambos acharam que a solidão aumentara sua apreciação e solidariedade pelos semelhantes. Passaram por intensas experiências nas quais sentiram que existia ordem de realidade mais elevada, com a qual conseguiam entrar em contato por causa da solidão. Ambos eram de opinião que a tentativa de pôr essa experiência em palavras tinha a tendência de diminuir sua importância, porque as palavras não eram realmente capazes de expressá-la. Embora nenhum dos dois fosse seguidor de crença religiosa ortodoxa, ambos concordavam que haviam

sentido a existência abstrata de algo indefinível ou que só podia ser expresso por meio de símbolos.

Anthony Grey achava que sua experiência lhe proporcionara nova percepção e apreciação da vida normal. Koestler era da mesma opinião, mas acrescentou que também se tornara mais consciente dos horrores ocultos sob a superfície. Koestler refere-se ainda a um

> sentimento de liberdade interior, de estar sozinho, confrontado com realidades últimas, em vez de analisando o extrato bancário. Essa e outras trivialidades são também uma espécie de reclusão. Não no espaço, mas no espaço espiritual... Assim, mantemos diálogo com a existência. Diálogo com a vida, diálogo com a morte.[18]

Grey comenta que essa é uma área de experiência na qual a maioria das pessoas não entra. Koestler afirma com razão que quase todos os indivíduos têm confrontações ocasionais desse tipo,

> quando ficam gravemente doentes, quando perdem o pai ou a mãe ou quando se apaixonam pela primeira vez. São então transferidos do que eu chamo de plano trivial para o plano trágico ou absoluto. Mas isso só ocorre algumas vezes, ao passo que, no tipo de experiência que compartilhamos, ficamos submersos por longo período.[19]

Assim sendo, de vez em quando, o bem pode ter origem no mal. Anthony Grey lembrou-se de um quadro que um amigo chinês lhe mostrara, no qual uma bela flor de lótus crescia na lama. O espírito humano não é indestrutível, mas uns poucos homens corajosos descobrem que, quando no inferno, é concedido a eles o privilégio de vislumbrar o céu.

5

A FOME DA IMAGINAÇÃO

Não fosse a imaginação, senhor, um homem seria tão feliz nos braços de uma camareira quanto nos de uma duquesa.[1]

Samuel Johnson

Já vimos que a capacidade de ficar sozinho é recurso valioso. Possibilita que os seres humanos entrem em contato com seus sentimentos mais profundos, aceitem a perda, distingam suas ideias e mudem de atitude. Em alguns casos, até o isolamento forçado da prisão é capaz de estimular o desenvolvimento da imaginação criativa.

Podemos afirmar com segurança que a imaginação é mais desenvolvida nos seres humanos do que em qualquer outra criatura. Embora os animais sonhem, e os primatas sub-humanos sem dúvida exibam alguma capacidade inventiva, o alcance da imaginação humana de longe supera o do macaco mais hábil. Está claro que o desenvolvimento da criatividade humana é biologicamente adaptativo, mas também é certo que tivemos de pagar um preço por esse desenvolvimento. A imaginação proporcionou a flexibilidade ao homem, mas, ao fazê-lo, tirou-lhe a tranquilidade.

O comportamento das criaturas que estão abaixo de nós na escala evolutiva é com frequência amplamente governado por padrões pré-programados. Alguns desses padrões, como a aparência do pássaro graveteiro, nativo da Austrália, ou os hábitos de caça das vespas, são belos e

elaborados. Enquanto os animais seguem esses antigos padrões, seu comportamento se encaixa no ambiente da mesma maneira que a chave na fechadura. Se o ambiente permanece constante, as necessidades básicas de sobrevivência e reprodução do animal serão satisfeitas de modo mais ou menos automático. (Sinto-me tentado a abraçar o antropomorfismo e a dizer que esse animal poderia ser considerado "feliz".) Mas se o ambiente muda, o animal cujo comportamento é governado por padrões programados fica em desvantagem, uma vez que não consegue se adaptar facilmente às circunstâncias em transformação.

Como o comportamento dos seres humanos é basicamente comandado pelo aprendizado e pela transmissão da cultura de geração a geração, eles são muito mais flexíveis. Os bebês são guarnecidos com certo número de reações inatas, para que garantam sua sobrevivência, mas a característica mais proeminente do comportamento humano é que a maior parte dele é aprendida e muito pouco congenitamente determinada. Foi esse fato que permitiu que os homens sobrevivessem em climas muito rigorosos, do equador aos polos, em lugares que não oferecem nada do que precisam. O homem conseguiu até deixar a Terra e aprendeu a viver no espaço por longos períodos. Esses ambientes requerem o exercício da inventividade e da habilidade. A sobrevivência não pode ser assegurada, a não ser que a inteligência e a imaginação dominem os padrões congênitos, garantindo a satisfação das necessidades básicas.

Mas o preço da flexibilidade, de ser libertado da tirania dos rígidos padrões inatos de comportamento, é que a "felicidade", no sentido de perfeita adaptação ao ambiente ou de completa satisfação das necessidades, é muito pouco vivenciada. "O homem só pode ser considerado feliz quando morre", já dizia Sólon. Quando as pessoas se apaixonam, ou gritam "heureca" quando realizam uma nova descoberta, ou sentem o tipo de emoção transcendental descrita por Wordsworth como sendo "surpreendido pela felicidade", sentem-se ditosamente ligadas ao Universo. No entanto, como todo mundo sabe, essas experiências são momentâneas.

Em livro anterior, sugeri que a insatisfação com o que existe, ou o "descontentamento divino", era uma parte inevitável da condição humana. Como ressaltou Samuel Johnson, o presente passa tão rápido que mal

podemos pensar, a não ser em função do passado ou do futuro. Quando o filósofo Imlac leva Rasselas para visitar a Grande Pirâmide, põe-se a especular o motivo pelo qual a pirâmide foi um dia construída:

> A estreiteza das câmaras demonstra que não poderiam servir de abrigo no caso de ataque inimigo e que os tesouros poderiam ser guardados com igual segurança a um custo muito menor. Ela parece ter sido construída apenas de acordo com a fome de imaginação que atormenta incessantemente a vida e precisa sempre ser mitigada por alguma alegria. Aqueles que já têm tudo que podem aproveitar precisam ampliar seus desejos.[2]

O que Johnson chama de "fome de imaginação" é também característica necessária da adaptação humana. O extraordinário sucesso do homem como espécie origina-se de sua insatisfação, que o leva a usar a imaginação. O tipo de homem moderno que demonstra mais descontentamento do que todos os outros, o homem ocidental, tem sido o mais bem-sucedido.

Existem, à primeira vista, algumas exceções ao que acabo de escrever. Ainda há em certas partes do mundo pequenas comunidades nas quais o modo de vida tradicional permaneceu inalterado durante séculos. Sem sabermos mais a respeito de sua vida imaginativa interior, torna-se impossível dizer quanto os membros dessas comunidades sofrem de insatisfação, mas até os mais bem adaptados podem imaginar um céu no qual serão protegidos do perigo e liberados da labuta. O que é tragicamente certo é que esses grupos estão sempre correndo riscos, porque, como os animais governados por padrões inatos de comportamento, sentem dificuldade em se adaptar ao impacto da civilização ocidental. São sempre os insatisfeitos que triunfam. O homem ocidental tem tratado com estarrecedora crueldade os aborígines da Austrália, os índios das Américas do Norte e do Sul, os habitantes da África e da Índia e muitos outros grupos. No entanto, considerando-se a inquieta inventividade do Ocidente, o deslocamento dos grupos tradicionais de homens é provavelmente inevitável, ainda que a segregação e o extermínio não tenham sido deliberadamente empregados.

A insatisfação, portanto, pode ser considerada adaptativa porque estimula o uso da imaginação, incitando os homens a avançar em direção a novas conquistas e a um domínio cada vez maior do meio ambiente. À

primeira vista, essa afirmação parece coincidir com a concepção de fantasia de Freud, pois ele escreveu o seguinte em seu ensaio "Escritores criativos e devaneios":

> Podemos estabelecer como regra que a pessoa feliz nunca fantasia, somente a insatisfeita o faz. A força motriz das fantasias são os desejos insatisfeitos, e cada fantasia isolada é a satisfação de um desejo, a correção de uma realidade insatisfatória.[3]

No entanto, Freud encara a fantasia como algo fundamentalmente escapista, um afastamento da realidade em vez de preâmbulo de uma alteração do real na direção desejada, como estou propondo. Freud achava que a fantasia tinha origem na brincadeira e que ambas as atividades não apenas pertenciam à infância, como eram também uma negação da realidade. "A criança em crescimento, ao parar de brincar, desiste apenas do vínculo com os verdadeiros objetos; em vez de *brincar*, agora cria *fantasias*. Constrói castelos no ar e cria os chamados *devaneios*."[4]

Freud acreditava que os bebês eram originalmente dominados pelo princípio do prazer, ou seja, pela necessidade de evitar a dor e de obter o prazer. Quando as carências instintivas de alimento, calor ou conforto perturbavam o repouso do bebê, este reagia tendo alucinações da coisa desejada:

> Qualquer coisa em que a criança pensasse (ou desejasse) era apresentada apenas de maneira alucinatória, exatamente como ainda acontece hoje em dia todas as noites com nossos sonhos-pensamentos. Era apenas a não ocorrência da satisfação esperada, o desapontamento experimentado, que provocava o abandono dessa tentativa de satisfação por meio da alucinação. Em vez disso, o mecanismo físico tinha de decidir formar uma concepção das verdadeiras circunstâncias do mundo exterior e esforçar-se por efetivamente alterá-las. Foi introduzido um novo princípio de funcionamento mental: o que era apresentado à mente já não era mais o agradável, e sim o real. Essa estruturação do *princípio da realidade* demonstrou ser um passo significativo.[5]

Freud achava que o princípio do prazer era apenas gradualmente substituído pelo da realidade. Uma vez que nenhum conteúdo mental é destruído por completo, vestígios do princípio do prazer subsistiam e podiam, na opinião dele, ser detectados não apenas nos sonhos, mas também nas brincadeiras. Como já vimos, Freud achava que as formas

ulteriores de fantasia tinham origem nas brincadeiras.

Freud parece supor que o mundo real é capaz, ou deveria ser, de proporcionar a satisfação completa e que, em teoria, a pessoa adulta deveria conseguir abandonar por completo a fantasia. Ele era excessivamente realista, teimoso e pessimista para acreditar que esse ideal poderia um dia ser alcançado. Não obstante, era de opinião que a fantasia deveria tornar-se cada vez menos necessária à medida que o indivíduo em processo de amadurecimento se aproximasse da adaptação racional ao mundo exterior. No quadro conceitual de Freud, a fantasia ligava-se à alucinação, ao sonho e à brincadeira. Achava que todos esses tipos de atividade mental fossem escapistas: maneiras de fugir à realidade que dependiam da forma infantil de funcionamento mental que ele chamava de "processo primário" e que eram governadas pelo princípio do prazer, e não pelo da realidade. A visão algo puritana de Freud era que a adaptação adequada e madura ao mundo era comandada pelo pensamento deliberado e pelo planejamento racional. Não aprovaria nossa proposta de que o mundo interior de fantasia seja dote biológico do homem e de que é a inevitável discrepância entre esse mundo interior e o exterior que faz com que o humano se torne inventivo e imaginativo.

No entanto, as realizações de Freud comprovam o que acabo de escrever. Ele revia suas ideias praticamente até a ocasião de sua morte, aos 83 anos. Embora acreditasse haver descoberto os princípios fundamentais de uma nova ciência, não achava que o edifício da psicanálise estivesse terminado. Como qualquer pessoa criativa, seja artista ou cientista, ele era incapaz de dormir sobre seus louros. O abismo entre o que imaginava que a psicanálise poderia se tornar e o que ela realmente era continuava intransponível.

Se, ao contrário de Freud, supusermos que o mundo imaginativo interior faz parte dos dotes biológicos do homem e que o sucesso do homem como espécie depende disso, podemos perceber que não devemos meramente nos esforçar para substituir a fantasia pela razão, como Freud gostaria que fizéssemos. Em vez disso, deveríamos usar nossa capacidade de fantasiar para construir pontes entre o mundo interior da imaginação e o mundo exterior. Os dois universos nunca coincidirão totalmente, como talvez suponhamos que ocorra no caso dos animais cujos ciclos vitais são

basicamente governados por padrões inatos de comportamento. Mas isso não é motivo de tristeza. Se não quiséssemos agarrar mais do que está ao nosso alcance, deixaríamos de ser humanos. Uma raça de homens destituída da capacidade para a fantasia não apenas seria incapaz de imaginar vida material melhor, como também não teria a religião, a música, a literatura e a pintura. Goya escreveu o seguinte: "A fantasia abandonada pela razão produz monstros impossíveis, mas, quando ligada a ela, é a mãe das artes e a origem de seus prodígios".6

Até mesmo a ciência depende mais da fantasia do que Freud reconhecia. Muitas hipóteses científicas têm origem em voos da imaginação que a princípio parecem impetuosos, mas depois resistem à investigação sensata e à prova pormenorizada. A ideia de Newton de que a gravidade era universal e agia a imensas distâncias foi um salto de imaginação que deve ter parecido absurdo até que ele conseguiu demonstrá-la matematicamente. A estrutura anelar das moléculas orgânicas descoberta por Kekulé originou-se de uma visão de sonho em que átomos se combinavam em cadeias e depois se transformavam em anéis, como cobras que comiam a própria cauda. A teoria da relatividade de Einstein foi elaborada porque ele conseguiu imaginar como pareceria o Universo para um observador que viajasse quase à velocidade da luz. Esses são exemplos de fantasias que, embora se originassem na imaginação, estavam ligadas ao mundo exterior de forma a esclarecê-lo melhor e a torná-lo mais compreensível.

Já outras fantasias que deram origem a hipóteses supostamente científicas não tiveram essa ligação com o mundo exterior. Essas criações da imaginação são, em última análise, descartadas como sendo delírios. Em todo o século XVIII, por exemplo, a explicação-padrão da combustão baseava-se na teoria do *flogisto* — considerado o princípio material da combustibilidade. Quando alguma coisa se queimava, supostamente perdia flogisto, tido como um fluido imponderável. Finalmente, demonstrou-se que o flogisto só existia na imaginação, que nada no mundo exterior correspondia a ele.

Podemos ver, portanto, que existem dois tipos de fantasia no campo da ciência. O primeiro se estende na direção do mundo exterior e, ao manter uma ligação com esse mundo que corresponde ao seu verdadeiro

funcionamento, transforma-se em uma hipótese produtiva. O segundo, por não manter essa ligação, é essencialmente descartado como um delírio.

Também é possível distinguir nas artes esses dois tipos de fantasia. Quando um grande escritor como Tolstói usa a imaginação para contar uma história e criar personagens que ao mesmo tempo nos comovem e se tornam imortais, supomos corretamente que suas fantasias tenham relação com a realidade exterior e que esclarecem para nós essa realidade. Por outro lado, reconhecemos que as fantasias de escritores menos importantes, que talvez se manifestem como romances "de suspense" ou "de amor", pouco têm a ver com o mundo real e podem, na verdade, ser apenas uma maneira de fugir dele.

Em seu ensaio "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental", que já citei anteriormente, Freud parece concordar parcialmente com essa minha afirmação, ao escrever:

> A arte provoca reconciliação entre os dois princípios de maneira bastante peculiar. O artista é originalmente um homem que se afasta da realidade, porque não consegue aceitar a ideia de renunciar à satisfação dos instintos que ela a princípio exige e que permite que seus desejos eróticos e ambiciosos se manifestem totalmente na vida de fantasia. No entanto, encontra um caminho que o conduz do mundo da fantasia de volta à realidade, usando dons especiais para plasmar suas fantasias em novos tipos de verdade, valorizados pelos homens como reflexos preciosos da realidade. Assim, de certa forma, ele efetivamente se torna o herói, o rei, o criador ou o favorito que desejava ser, sem seguir o longo caminho indireto de realizar alterações no mundo exterior. Mas só consegue alcançar isso porque outros homens sentem a mesma insatisfação que ele sente com a renúncia exigida pela realidade e porque essa insatisfação, que resulta da substituição do princípio do prazer pelo da realidade, é ela própria uma parte da realidade.[7]

A confusão que é evidente nessa passagem se dá porque Freud não consegue livrar-se de sua proposição segundo a qual a fantasia é algo que, no mundo adulto, deveria ser suplantado pelo pensamento racional e obstinado. Ele chega a reconhecer em parte que a fantasia não seja de todo a satisfação escapista de desejos, quando se refere ao artista que plasma suas fantasias em "novos tipos de verdade", mas não segue realmente essa linha de raciocínio. Se o tivesse feito, teria certamente chegado à conclusão de que, enquanto alguns tipos de fantasia são de fato escapistas, outros prenunciam novas e produtivas maneiras de nos adaptarmos às realidades

do mundo exterior.

Existem boas razões biológicas para aceitarmos o fato de que o homem seja constituído de forma tal que possui um mundo interior de imaginação diferente do mundo da realidade externa, embora esteja ligado a este. É a discrepância entre os dois universos que motiva a imaginação. As pessoas que percebem seu potencial criativo estão constantemente transpondo o abismo entre o interno e o externo. Atribuem significado ao universo exterior porque não repudiam nem a objetividade do ambiente nem sua própria subjetividade.

Essa interação entre o mundo interior e o exterior pode ser facilmente percebida quando observamos crianças brincando. Elas utilizam objetos reais do mundo exterior, mas lhes atribuem significados oriundos do mundo de sua imaginação. Esse processo tem início bem cedo na vida da criança. Muitos bebês desenvolvem intenso apego a determinados objetos. Winnicott foi o primeiro psicanalista a chamar a atenção para a importância desses apegos em seu ensaio "*Objetos transicionais e fenômenos transicionais*".8 Esses fenômenos estão estreitamente relacionados aos primórdios da independência e à capacidade de ficar sozinho.

Segundo Winnicott, a idade na qual os bebês manifestam o apego aos objetos externos varia, mas isso pode ocorrer desde os quatro meses. Os bebês usam inicialmente o polegar ou o punho para se confortarem. Depois, podem substituí-los por um pedaço de lençol, um guardanapo ou um lenço. Talvez o lençol ou o edredom e, mais tarde, uma boneca ou um ursinho assumam importância vital para a criança, especialmente na hora de dormir. O objeto torna-se defesa contra a ansiedade; um item de conforto que até certo ponto é um substituto para o seio da mãe, ou para a própria mãe enquanto firme figura de apego. Esses objetos tornam-se quase inseparáveis da criança e, às vezes, até mais importantes do que a própria mãe.

Winnicott chama esses itens de "objetos de transição" porque acredita que representam estágios intermediários entre o apego da criança à mãe e sua ligação com os "objetos" posteriores, ou seja, as pessoas que a criança virá a amar e das quais passará a depender. Winnicott considera que esses elementos são mediadores entre o mundo interior da imaginação e o

ambiente exterior. O lençol, a boneca ou o ursinho é claramente um item real que existe como entidade separada da criança; porém, ao mesmo tempo, está fortemente investido de emoções subjetivas que pertencem ao mundo interior da criança. Esse processo de mediação entre o interno e o externo pode ser descrito como o primeiro ato criativo do ser humano.

Winnicott faz a importante observação de que o uso dos objetos de transição não é patológico. Embora esses elementos forneçam segurança e conforto, podendo portanto ser considerados substitutos para a figura materna, eles não se desenvolvem porque a mãe seja inadequada. Os objetos de transição só surgem quando o bebê é capaz de investi-los de qualidades solidárias ou amorosas. Para tanto, o bebê precisa ter experimentado apoio e amor verdadeiros. É só quando a mãe foi introjetada pelo menos como elemento parcialmente bom que essas qualidades podem ser projetadas sobre o objeto de transição. A capacidade de desenvolver o apego ao objeto de transição é, por conseguinte, sinal de saúde, e não indício de privação, do mesmo modo que a capacidade de ficar sozinho é sinal de segurança interna, e não a expressão de um estado de retraimento. O que afirmo é apoiado pela observação de que as crianças criadas em instituições cuja capacidade para desenvolver vínculos humanos estaria prejudicada raramente se apegam a bonecas ou ursinhos.[9]

Além disso, é o bebê que se sente seguro quem mais tarde demonstra o maior interesse em brinquedos e outros objetos impessoais do ambiente ao seu redor. Como já observamos, a exploração investigatória independente é característica do bebê que se sente seguro, ao passo que o apego ansioso à mãe indica tipicamente uma criança que não se sente segura em sua ligação com ela.

O uso de objetos de transição indica que as funções positivas da imaginação começam muito cedo na vida. Assinalei na Introdução que a natureza humana apresenta dois impulsos opostos: o impulso em direção à proximidade de outros seres humanos e o impulso em direção à independência e à autossuficiência. Não será possível que a primeira manifestação deste último impulso seja o desenvolvimento dos objetos de transição? Porque o uso desses elementos demonstra que a criança pequena pode, ao menos temporariamente, dispensar a presença efetiva da mãe. Por

conseguinte, os objetos de transição estariam ao mesmo tempo ligados à capacidade de ficar sozinho e ao desenvolvimento da imaginação.

A existência desses elementos também reforça a ideia apresentada na Introdução de que os seres humanos estão voltados tanto para o impessoal quanto para o pessoal. Essas primeiras manifestações de investimento de significação a objetos impessoais são a prova de que o homem não foi feito exclusivamente para amar. O significado atribuído a esses itens pode mais tarde ser investido em temas de indagação científica, ou qualquer dos múltiplos aspectos do mundo exterior que captam a atenção do ser humano adulto.

Os objetos de transição paulatinamente perdem sua carga emocional à medida que a criança vai crescendo. Com frequência eles passam a ter ligação com outros elementos e são usados nas brincadeiras. As crianças facilmente transmutam um cabo de vassoura em um cavalo, uma cadeira de braço em uma casa. Em estágio posterior, a brincadeira manifesta é substituída pela fantasia, na qual o fluxo da imaginação é acelerado sem a necessidade de itens externos.

Freud estava certo ao ligar a brincadeira à fantasia, mas estava errado ao acreditar que a brincadeira e a fantasia deveriam ser abandonadas em favor da racionalidade. Quando sugeri que as pessoas que percebiam seu potencial criativo estavam constantemente transpondo o abismo entre o mundo interior e o exterior, eu não estava me referindo apenas à criação de obras de arte ou à elaboração de hipóteses científicas, e sim ao que Winnicott apropriadamente chamou de "apercepção criativa". Esta depende da ligação entre o subjetivo e o objetivo; de colorir o mundo exterior com os matizes cálidos da imaginação. Winnicott escreveu: "Mais que qualquer outra coisa, é a apercepção criativa que faz com que o indivíduo sinta que vale a pena viver".[10]

Parece provável que exista sempre um elemento de brincadeira na vida criativa. Quando esse recurso desaparece, leva consigo a alegria, bem como qualquer ideia da capacidade de inovação. Não é raro as pessoas criativas passarem por períodos de desespero nos quais sua habilidade de criar qualquer coisa parece tê-las abandonado. Isso frequentemente ocorre quando uma obra em particular se revestiu de uma importância tão grande

que já não é possível brincar com ela. O que Gibbon chamou de "a vaidade dos autores" algumas vezes os leva a encarar sua obra com seriedade tão desesperada que se torna simplesmente impossível "brincar" com ela. Kekulé, ao descrever a visão que levou à descoberta da estrutura anelar das moléculas orgânicas anteriormente citada, disse: "Senhores, vamos aprender a sonhar". Ele poderia igualmente ter dito: "Vamos aprender a brincar".

Quando o subjetivo é excessivamente enfatizado, o mundo interior do indivíduo pode dissociar-se inteiramente da realidade. Nesse caso, dizemos que a pessoa está louca. Por outro lado, como salienta Winnicott, o indivíduo pode sufocar seu mundo interior e passar a ser excessivamente submisso à realidade externa. Se ele considerar o mundo exterior apenas como algo ao qual precisa adaptar-se e não como algo no qual sua subjetividade se realizaria, sua individualidade desaparece e sua vida torna-se fútil ou sem sentido.

O mundo interior de fantasia precisa ser encarado como parte da herança biológica do homem. A imaginação está ativa até no ser humano mais ajustado e feliz, mas a extensão do abismo entre o mundo interior e o exterior e, por conseguinte, a facilidade ou a dificuldade com a qual é transposto variam muito de indivíduo para indivíduo. Algumas dessas diferenças serão examinadas nos próximos capítulos.

6

O SIGNIFICADO DO INDIVÍDUO

> *O homem que não insere em sua vida um pouco de solidão jamais desenvolverá sua capacidade intelectual.*[1]
>
> Thomas De Quincey

Dentro de cada ser humano existe um mundo interior de fantasia que se expressa de inúmeras e infinitas formas diferentes. O homem que pratica corrida ou que avidamente assiste ao futebol na televisão está soltando as rédeas da fantasia, embora talvez não esteja criando ou produzindo nada. Os passatempos e os interesses são frequentemente os aspectos do ser humano que mais claramente definem sua individualidade e o tornam a pessoa que é. Descobrir o que de fato interessa a alguém significa estar bem avançado no caminho de compreendê-la. Algumas vezes, interesses como a prática de esportes em equipe só são viáveis através da interação com outras pessoas, mas frequentemente refletem o que o indivíduo faz quando está sozinho ou quando a comunicação e a interação se encontram em um nível mínimo. Em todos os fins de semana na Grã-Bretanha, vemos as margens dos rios e canais repletas de pescadores, mantendo distância discreta um do outro e raramente conversando. Trata-se de esporte essencialmente solitário, no qual tão pouco acontece que a fantasia precisa estar particularmente ativa. O mesmo diríamos da jardinagem e de muitos outros passatempos, sejam obviamente "criativos" ou não, que ocupam as horas de

lazer daqueles cujas necessidades básicas estão satisfeitas. Todo mundo precisa ter interesses e relacionamentos interpessoais, e ambos desempenham parte importante tanto na definição da identidade pessoal quanto na atribuição de significado à vida de cada um.

A afirmação de Bowlby de que os apegos íntimos são o eixo ao redor do qual gira a vida do indivíduo e a ideia de Marris de que os relacionamentos específicos incorporam decisivamente o significado da vida da pessoa desconsideram não apenas os interesses, que podem ser extremamente importantes, como também a necessidade que muitas pessoas sentem de ter um referencial, religião, filosofia ou ideologia que dê sentido à vida.

No ensaio "O conceito de cura", sugeri que havia dois fatores principais no processo analítico que favoreciam a recuperação de distúrbios neuróticos. "O primeiro fator é o paciente adotar um referencial ou sistema de pensamento que pareça dar sentido a seu incômodo. O segundo é ele formar um relacionamento produtivo com outra pessoa."[2]

Ambos os elementos estão presentes na vida de todo mundo, mas a natureza de algumas pessoas está mais inclinada a descobrir o significado da vida nos relacionamentos interpessoais, e a de outras, em interesses, crenças ou padrões de pensamento.

Por mais importantes que os relacionamentos pessoais sejam para a pessoa criativa, frequentemente seu campo particular de atividade é ainda mais importante para ela. O significado de sua vida é constituído mais por seu trabalho do que por seus relacionamentos pessoais. Quando bem-sucedida, o público assente com essa avaliação. Embora quase todos se interessem pela vida particular dos grandes criadores, geralmente consideramos suas realizações criativas muito mais importantes do que seus relacionamentos pessoais. Quando se comportam mal com seus cônjuges, namorados ou amigos, costumamos ser mais indulgentes com eles do que com as pessoas comuns. Wagner era notoriamente inescrupuloso, mas seus pecadilhos sexuais e financeiros tornaram-se insignificantes perante a grandiosidade e a originalidade de suas composições. Strindberg teve um comportamento imperdoável diante de suas três esposas e de muitos de seus amigos de longa data, mas a habilidade em retratar sua predileção por brigas e o ódio pelas mulheres em peças como *O grande pai* e *A senhorita Julie*

faz com que nos sintamos inclinados a esquecer suas pequenas vinganças pessoais.

Os analistas passam a vida ouvindo pessoas que tiveram problemas em seus relacionamentos íntimos. Sem dúvida é extraordinário que, ao escreverem suas biografias, os dois analistas mais originais do século XX mal tenham dedicado nelas algum espaço a suas esposas e famílias, ou aliás a nenhuma outra coisa a não ser ao desenvolvimento de suas respectivas ideias. Tanto o *Estudo autobiográfico* de Freud quanto *Memórias, sonhos e reflexões* de Jung são excepcionalmente pouco informativos a respeito do relacionamento de seus autores com as outras pessoas. Quer aplaudamos sua discrição ou sejamos solidários com seu desejo de privacidade, também podemos muito bem concluir que seus relatos a respeito de si próprios demonstram em que estava centrado o coração deles.

É verdade que muitas pessoas criativas não desenvolvem relacionamentos pessoais maduros, e algumas são extremamente solitárias. Também é verdade que, em alguns casos, o trauma, sob a forma de separação ou perda precoce, tenha conduzido o potencial criativo da pessoa em direção ao desenvolvimento de aspectos da sua personalidade que conseguem realizar-se em relativo isolamento. *Mas não quer dizer que as buscas solitárias e criativas sejam em si patológicas.* Até aqueles que mantêm com outras pessoas relacionamentos extremamente felizes precisam de algo mais para completar sua realização.

O desenvolvimento da imaginação nos seres humanos possibilitou que usassem tanto o impessoal quanto o pessoal como meio essencial para sua evolução, como primeiro passo rumo à realização de si. Os grandes criadores originais demonstram um aspecto de potencial humano que se encontra em todas as pessoas, se bem que em forma embrionária na maioria de nós. Apesar de nos esforçarmos, não conseguimos desenvolver igualmente nossas diversas potencialidades, e muitas pessoas criativas parecem alimentar com mais cuidado seus talentos do que seus relacionamentos pessoais.

A ideia de que o desenvolvimento individual seja busca importante é relativamente recente na história da humanidade, e a noção de que as artes são veículo da expressão pessoal ou serviriam ao objetivo do desenvolvimento individual é ainda mais recente. Na aurora da história, as

artes eram estritamente funcionais — para a comunidade, e não para o artista individual. Os artistas do Paleolítico que desenhavam e pintavam animais nas paredes das cavernas onde moravam não estavam produzindo obras de arte a fim de expressar sua visão pessoal do mundo; estavam tentando fazer mágica. Nas palavras de Germain Bazin: "O artista primitivo era um prestidigitador cujo desenho tinha toda a virtude de um encantamento mágico, um sortilégio".

Bazin acredita que o homem primitivo pintava e esculpia formas naturais "para garantir a fertilidade de sua presa, para atraí-la para suas armadilhas ou para assimilar a força dela para seus objetivos particulares".3 Herbert Read se refere às pinturas das cavernas como exemplos do "desejo de 'tornar real' o objeto sobre o qual os poderes mágicos seriam exercidos".4

O ato de desenhar aguça a percepção do desenhista. Essa ideia foi apaixonadamente desenvolvida por Ruskin, o qual acreditava que era somente tentando captar o mundo exterior na forma e na cor que o artista conseguia apreendê-lo. No caso do homem primitivo, estejamos certos de que quanto maior a precisão com que desenhava sua presa em potencial, mais podemos dizer que "conhecia" o animal que estava retratando. Quanto mais conhecimento tinha, maior a probabilidade de êxito na caçada.

Se nomear as coisas é o primeiro ato criativo, como afirma Bazin, talvez desenhar seja o segundo. A ação de desenhar é comparável à formação de conceitos. Permite ao desenhista realizar experiências com imagens separadas do objeto que originalmente lhe despertou o interesse, conferindo-lhe, assim, a sensação de domínio sobre o objeto. A crença no poder da imagem foi provavelmente o motivo que levou os escultores egípcios a construir efígies dos mortos. Acreditava-se que a imagem garantia a vida depois da morte. Bazin nos diz que, no vale do Nilo, "o escultor era conhecido como 'Aquele que conserva a vida'".5

Quando os antropólogos estudam nos dias de hoje a arte de outras culturas, descrevem-na como possuindo caráter social. Raymond Firth afirma que "o artista primitivo e seu público compartilham basicamente os mesmos valores... Ao contrário do que geralmente ocorre nas sociedades ocidentais, o artista não está separado de seu público".6

A maioria das sociedades pré-industriais não parece possuir palavra que

represente a “arte” em sua essência, embora, é claro, disponha de palavras que definem atividades artísticas particulares, como cantar ou esculpir. À medida que a civilização ocidental foi se desenvolvendo, a crença no poder mágico da imagem diminuiu, mas a pintura e a escultura continuaram a servir aos interesses comunitários, e não aos individuais. Artistas eram artesãos de quem não se esperava originalidade, e sim que cumprissem as ordens dos que os patrocinavam. Sua principal tarefa era lembrar aos devotos, quase sempre analfabetos, os dogmas da religião cristã. Com esse objetivo, pintavam as paredes das igrejas com cenas da vida de Cristo e dos santos. O artista medieval era recrutado nas camadas inferiores da sociedade. Como a pintura e a escultura envolviam o trabalho manual, as artes visuais eram consideradas inferiores à literatura e às ciências teóricas. Foi somente a partir de meados do século XIII que o nome dos pintores começou a ser registrado individualmente.

Além disso, até quando os artistas pintavam o retrato de particulares, a individualidade da pessoa era considerada menos importante do que sua condição ou função na sociedade. Colin Morris escreve o seguinte: “Precisamos admitir desde o início que não é possível ter certeza, no que diz respeito a qualquer retrato anterior a 1200, de que se trata de um estudo pessoal tal como hoje o entendemos”.[7]

Jacob Burckhardt afirma que, na Europa, a consciência da individualidade foi inicialmente desenvolvida na Itália:

> Na Idade Média, os dois lados da consciência humana — o que era voltado para dentro e o que era voltado para fora — estavam sonhando ou semiacordados debaixo de um véu comum. Esse véu era trançado com fé, ilusão e uma exagerada preocupação infantil, e através dele o mundo e a história eram vistos como se envolvidos por estranhos matizes. O homem só tinha consciência de si como membro de uma raça, povo, partido, família ou corporação — apenas como parte de alguma categoria mais genérica. Foi na Itália que esse véu se dissipou no ar pela primeira vez; e o tratamento *objetivo* do Estado e de todas as coisas deste mundo tornou-se então possível. Ao mesmo tempo, o lado *subjetivo* se afirmava com ênfase equivalente; o homem tornou-se *indivíduo* espiritual e passou a se reconhecer como tal.[8]

A arte do retrato representativo de indivíduos reconhecíveis evoluiu bastante antes que o autorretrato se tornasse algo comum. Como Peter Abbs observa em seu ensaio “O desenvolvimento da autobiografia na

cultura ocidental", o artista da Renascença frequentemente seguia a convenção de incluir-se entre as figuras retratadas em uma pintura encomendada, ou usava a si próprio como modelo para um dos santos ou outras figuras sagradas que estivesse retratando. Mas o autorretrato como forma de exploração de si, ou de exposição audaciosa do homem interior, só começou a se desenvolver no final do século XV, alcançando seu clímax no século XVII, com a longa série de autorretratos de Rembrandt.

No início, a música também se destinava a servir a um objetivo comum. Wilson imagina que, da mesma forma que o canto dos pássaros tem a função de transmitir informações sobre quem está cantando aos outros membros da espécie, também a música humana originalmente favorecia os propósitos das tribos humanas. "Cantar e dançar servem para manter juntos os grupos, direcionar as emoções do povo e prepará-lo para a ação conjunta."[9]

Raymond Firth escreve que, nos tipos de comunidade que ele estudou, "até as canções, como regra, não são compostas simplesmente para ser ouvidas por prazer. Elas têm uma função a cumprir, atuando como canto fúnebre, acompanhamento para a dança ou serenata para alguém amado".[10]

Ele poderia ter acrescentado que o ritmo coordena a ação muscular, torna mais leve a carga do trabalho manual e posterga a fadiga. Nossa música ocidental é um legado da Igreja. É preciso lembrar que, durante séculos, a igreja era o lugar principal de reunião de toda cidade ou aldeia. A função da música era coletiva: a evocação da emoção do grupo como parte do ato de culto.

As sociedades pré-industriais praticamente não têm noção da pessoa como entidade separada. Um psiquiatra nigeriano me disse que, quando uma clínica destinada ao tratamento de doentes mentais foi instalada pela primeira vez em um distrito rural da Nigéria, a família invariavelmente acompanhava o paciente e insistia em estar presente na entrevista dele com o psiquiatra. A ideia de que o paciente existisse como indivíduo separado da família ou que tivesse problemas pessoais que não gostaria de compartilhar com os familiares jamais ocorreu aos nigerianos que ainda viviam uma vida tradicional de aldeia. Em seu livro *Social anthropology*, sir Edmund Leach

refere-se ao "*ethos* do individualismo que é básico para a sociedade ocidental contemporânea, mas que está visivelmente ausente da maioria das sociedades estudadas pelos antropólogos sociais".11

O crescimento do individualismo e, por conseguinte, da concepção moderna do artista, foi acelerado pela Reforma. Embora Lutero fosse um asceta que atacava o luxo e a riqueza, ele também era um individualista que pregava a supremacia da consciência particular. Até o século XVI, o padrão supremo das instituições e atividades humanas não era apenas religioso, mas também proclamado por uma Igreja ocidental universal. Como Tawney eloquentemente demonstra em *A religião e o surgimento do capitalismo*, independentemente da frequência com que os homens se mostrassem gananciosos e ambiciosos, havia ainda assim uma ideia compartilhada sobre como o indivíduo *devia* comportar-se. A noção de que alguém pudesse buscar indefinidamente seus objetivos econômicos, desde que se mantivesse dentro da lei, era estranha à mente medieval, que considerava a mitigação da pobreza obrigação e o acúmulo individual de riquezas um perigo para a alma.

A Reforma possibilitou a expansão do calvinismo e do estabelecimento da ética trabalhista protestante. Não demorou muito tempo para que a pobreza passasse a ser considerada punição à ociosidade e à irresponsabilidade, e o acúmulo de riquezas, uma recompensa pelas virtudes do esforço e da frugalidade.

Durkheim salientou posteriormente que a expansão do individualismo também se relacionava com a divisão do trabalho. À medida que as sociedades se tornaram maiores e mais complexas, a especialização das ocupações gerou uma diferenciação maior entre os indivíduos. O crescimento das cidades favoreceu as relações sociais mais livres, menos íntimas, e, ao mesmo tempo que o indivíduo conquistou sua liberdade pessoal e emancipou-se dos vínculos íntimos característicos das sociedades menores, tornou-se vulnerável à *anomia*, a alienação resultante de já não mais se sujeitar a nenhum código tradicional.

No ensaio a que me referi anteriormente, Abbs salienta que, de acordo com o *Dicionário Oxford*, foi somente em 1674 que a palavra "self" adquiriu seu significado moderno de "um sujeito permanente de estados sucessivos e

variados de consciência". Prossegue ele, relacionando vários exemplos da palavra "self" formando compostos com outras palavras que ingressaram mais ou menos na mesma época no idioma inglês:

> *Self-sufficient* (1598), *self-knowledge* (1613), *self-made* (1615), *self-seeker (*1632), *selfish* (1640), *self-examination* (1647), *selfhood* (1649), *self-interest* (1649), *self-knowing* (1667), *self-deception* (1667), *self-determination* (1683), *self-conscious* (1687).12

Abbs também observa que a palavra *indivíduo* originalmente significava *indivisível* e podia, por exemplo, ser usada com relação à Trindade ou a um casal unido pelo matrimônio, querendo dizer "que não serão separados". Abbs escreve o seguinte:

> A inversão gradual do significado da palavra "indivíduo", deslocando-se do indivisível e coletivo para o divisível e distinto, traz silenciosamente consigo o desenvolvimento histórico da consciência de si, é testemunha da complexa dinâmica da mudança que separou a pessoa de seu mundo, tornando-a consciente e conhecedora de si, da mudança na estrutura do sentimento que durante a Renascença se deslocou da sensação de fusão inconsciente com o mundo para o estado de individuação consciente.13

Nas sociedades nas quais a função do artista, fosse ele pintor, escultor, músico ou contador de histórias, era servir à comunidade, dando expressão à sabedoria tradicional, seu talento era valorizado, mas não sua individualidade. Hoje em dia, exigimos que demonstre originalidade e que sua produção carregue a marca inconfundível de sua singularidade. Tratamos com reverência um genuíno Ticiano, mas se algum estudioso da história da arte nos disser que se trata apenas de uma cópia, por mais bela que seja, provavelmente ficaremos bem longe dela. O valor comercial da obra de arte depende de sua autenticidade comprovada, e não de seu mérito intrínseco. A arte tornou-se expressão individual e, para o próprio artista, um meio de buscar sua realização pessoal.

A autobiografia nasceu no confessionário. Santo Agostinho forneceu o modelo em seu livro *Confissões.* No entanto, a palavra "autobiografia" só foi introduzida muito mais tarde. Uma citação de Southey datada de 1809 é o primeiro exemplo do uso da palavra fornecido pelo *Dicionário Oxford.* Ao longo dos séculos, a autobiografia deixou de ser uma narrativa da relação da

alma com Deus, tornando-se empreendimento bem mais semelhante à psicanálise. Ao narrar as circunstâncias de sua vida desde a infância, o autobiógrafo procurava definir as influências que lhe moldaram o caráter, retratar os relacionamentos que mais o afetaram e revelar os motivos que o impulsionaram. Em outras palavras, o autobiógrafo tornou-se escritor que intentava o relato coerente de sua vida e, durante esse processo, talvez esperasse descobrir seu significado.

De forma muito semelhante, o psicanalista moderno preocupa-se em dar um sentido coerente à história da vida do paciente. Como sugeri anteriormente, esse é um aspecto importante da proposta terapêutica. A psicanálise não consegue necessariamente libertar as pessoas dos sintomas neuróticos ou alterar a estrutura básica da personalidade, mas qualquer empreendimento que prometa dar sentido aos aspectos caóticos da vida do indivíduo continuará a atrair as pessoas exatamente por causa disso.

O gênero literário da autobiografia está tão popular hoje em dia que homens e mulheres que despertam pouco interesse e não têm nada a distingui-los sentem-se levados a registrar a história de sua vida. Talvez ocorra que, quanto menos a pessoa se sinta presa a um nicho familiar e social, mais ache que precisa deixar sua marca de um modo individual. Originalidade implica coragem suficiente para transcender as normas geralmente aceitas. Algumas vezes isso implica ser mal compreendido ou rejeitado pelos companheiros. Os que não dependem excessivamente dos outros nem mantêm com eles vínculos excessivamente estreitos acham mais fácil ignorar as convenções. As sociedades primitivas acham difícil permitir decisões individuais ou a diversidade de opiniões. Quando a manutenção da solidariedade do grupo é uma preocupação fundamental, a originalidade talvez seja sufocada. Bruno Bettelheim estudou adolescentes israelenses que haviam sido criados em *kibbutzim*. Descobriu que o elevado valor atribuído ao compartilhamento dos sentimentos em grupo era hostil à criatividade:

> Acredito que considerem quase impossível ter opinião pessoal diferente da do grupo, ou se expressar através de trabalho literário criativo — não apenas por causa da repressão dos sentimentos, mas porque isso despedaçaria o ego. Se o ego da pessoa é um ego grupal, pôr um contra o outro é uma experiência destrutiva. E o ego pessoal sente-se excessivamente fraco

para sobreviver quando seu aspecto mais forte, o ego grupal, é perdido.[14]

Um manual de grande circulação na antiga União Soviética a respeito da educação infantil enfatizava a necessidade de estimular a obediência nas crianças pequenas, uma vez que isso "fornece a base do desenvolvimento da mais preciosa das qualidades: a autodisciplina". O autor prosseguia, indagando: "E sobre o desenvolvimento da independência nas crianças? Responderíamos: se criança não obedece e não tem consideração pelos outros, então essa independência invariavelmente assume formas ofensivas".[15]

Relata-se que as crianças soviéticas eram, como um todo, mais bem-comportadas, menos agressiva s e menos delinquentes do que suas contrapartes ocidentais. Se eram menos originais é uma pergunta a que não posso responder, mas, julgando a partir da maneira como os artistas soviéticos foram, no passado, forçados a se conformar com normas coletivas, parece improvável que a originalidade, em uma sociedade então baseada na coletividade, fosse louvada ou estimulada.

O que tem sido chamado de "a cultura da pobreza" inclui, entre outras características, vilas abarrotadas de gente, gregarismo forçado e ausência de privacidade. Embora muitos outros fatores, inclusive a falta de educação, possam estar atuando, a vida comunal seria um dos motivos pelos quais as pessoas muito pobres não têm representantes entre os escritores. Estes últimos são predominantemente membros da classe média na qual a privacidade é conquistada com mais facilidade e na qual a solidariedade entre amigos e vizinhos não é exigida com tanto rigor.

Não são apenas as pessoas altamente criativas que não concordariam com a opinião de Bowlby, de que os apegos íntimos com outros seres humanos são o eixo ao redor do qual gira a vida da pessoa. Para os muito religiosos, e especialmente para aqueles cuja vocação exige o celibato, o apego a Deus tem precedência sobre o apego às pessoas. Embora esses indivíduos possam conseguir amar o próximo como a si mesmos, a exortação "Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma" é verdadeiramente "o primeiro e grande mandamento".[16] Durante a maior parte da história conhecida da Europa, considerava-se que a felicidade

suprema não seria alcançada por meio de relacionamentos e instituições humanos, mas que só poderia ser encontrada na relação do homem com o divino.

Com efeito, muitos dos devotos acreditavam que os relacionamentos humanos eram obstáculo à comunhão com Deus. Os fundadores do movimento monástico foram os eremitas do deserto egípcio, cujo ideal de perfeição só seria alcançado por meio da renúncia ao mundo, da mortificação da carne e da vida solitária de contemplação e rigorosa disciplina. Reconheceu-se logo que a vida do anacoreta não era possível para todos, surgindo então a tradição "cenobita", na qual os monges já não viviam sozinhos, passando a compartilhar a vida de dedicação a Deus em comunidades. Os apegos íntimos, ou o desejo desses apegos, não são desconhecidos dentro do muro dos mosteiros, mas são considerados distrações intrusivas e firmemente desencorajados.

Embora o ensino não fosse característica essencial da vida monástica, as bibliotecas dos mosteiros preservavam os ensinamentos do passado e atraíam os monges que tinham interesses eruditos. Nos séculos XII e XIII, os mosteiros promoveram reflorescimento intelectual e foram preeminentes na história e na biografia.17 Talvez a disciplina monástica e a ausência de vínculos pessoais estreitos não apenas facilitassem a relação do indivíduo com Deus, como também incentivassem a erudição.

Creio que estaríamos bastante enganados ao supor que todos os que antepuseram sua relação com Deus ao relacionamento com seus semelhantes sejam anormais ou neuróticos. Alguns dos que escolhem a vida monástica ou celibatária certamente o fazem pelas razões "erradas": porque seus relacionamentos humanos fracassaram, porque não gostavam de assumir responsabilidades ou porque queriam abrigo seguro onde se escondessem do mundo. Mas isso não se aplica a todos e, ainda que assim fosse, não implicaria que seria necessariamente incompleta e inferior a uma vida na qual os apegos íntimos com outros seres desempenhasse um papel menor.

A pessoa religiosa poderá argumentar que os psicanalistas modernos idealizaram os apegos íntimos, que os relacionamentos humanos são imperfeitos por causa da natureza humana e que encorajar as pessoas a

buscar dessa maneira a completa realização tem sido mais prejudicial do que benéfico. Como sugeri na Introdução, o aumento generalizado do divórcio nos países ocidentais deu-se não apenas porque houve um declínio no número daqueles que aplicam os padrões cristãos ao casamento, mas também porque as pessoas foram encorajadas a acreditar na possibilidade de encontrar a pessoa "certa" e o relacionamento ideal.

Muitos indivíduos afortunados efetivamente criam relacionamentos íntimos que duram a vida toda e representam sua maior fonte de felicidade. Mas até o relacionamento mais estreito está fadado a falhas e a circunstâncias desfavoráveis. É geralmente por não aceitarem essa condição que as pessoas são mais infelizes do que precisariam de fato ser e mais inclinadas a abandonar uma à outra. Se aceitarmos a ideia de que não existe o relacionamento ideal, ficará mais fácil compreendermos por que homens e mulheres precisam de outras fontes de realização. Como vimos, muitas atividades criativas são predominantemente solitárias. Envolvem a compreensão e o desenvolvimento de si no isolamento, ou a descoberta de um padrão coerente na vida. O grau no qual essas atividades se tornam prioritárias na vida do indivíduo varia de acordo com sua personalidade e seus talentos. Todo mundo precisa de alguns relacionamentos humanos, mas cada pessoa também precisa de algum tipo de realização que só tenha importância para ela. Desde que tenham amigos e conhecidos, aqueles que estão apaixonadamente envolvidos na busca de interesses importantes para eles poderão encontrar a felicidade sem ter relacionamentos muito íntimos.

7

SOLIDÃO E TEMPERAMENTO

A extroversão e a introversão são claramente uma questão de duas atitudes ou tendências antitéticas e naturais que Goethe certa vez chamou de diástole e sístole.[1]

Carl Jung

Quase todos os psiquiatras e psicólogos concordam que os seres humanos têm temperamentos diferentes e que essas diferenças são em grande parte inatas, independentemente de quanto possam ser estimuladas ou reprimidas pelas circunstâncias e pelos eventos subsequentes da vida da pessoa. Essa afirmação é especialmente verdadeira quando consideramos a reação do indivíduo diante da solidão. Todos precisamos, pelo menos, da solidão do sono. Porém, quando estamos acordados, variam muito o valor que damos às experiências que envolvem os relacionamentos humanos e ao que acontece quando estamos sozinhos.

Jung introduziu os termos *extrovertido* e *introvertido* em seu livro *Tipos psicológicos*, publicado pela primeira vez em 1921. Depois de romper com Freud, em 1913, Jung passou por período tão intenso de agitação mental que descreveu a si próprio como "ameaçado por uma psicose".[2] O fato é vividamente descrito em sua autobiografia. Durante os oito anos seguintes, ele publicou pouquíssimos trabalhos, uma vez que estava basicamente preocupado em registrar e interpretar o fluxo de visões, sonhos e fantasias

que ameaçavam dominar sua razão. No entanto, durante o período em que passou por essa tumultuada fase, Jung foi capaz de criar a partir de seu ponto de vista independente, e o primeiro fruto desse processo foi o livro *Tipos psicológicos*.

Jung afirma que passou a se interessar pelo problema dos tipos quando estava tentando compreender as interpretações alternativas da natureza humana apresentadas por Sigmund Freud e Alfred Adler. Como era possível que psiquiatras diante do mesmo material psicológico pudessem apresentar explicações tão diferentes de sua origem e significado? Jung fornece alguns exemplos esclarecedores de como casos particulares se explicam por meio de ambos os pontos de vista:

> Se examinarmos as duas teorias sem nenhum preconceito, não poderemos negar que ambas contêm verdades significativas e, apesar de serem contraditórias, não deverão ser consideradas como mutuamente exclusivas... Ora, como ambas as teorias estão em grande parte corretas — ou seja, como ambas parecem explicar seu material —, segue-se que a neurose deve ter dois aspectos opostos, um dos quais é percebido pela teoria de Freud, e o outro, pela de Adler. Mas como é possível que cada pesquisador veja apenas um lado, e por que cada um sustenta que seu ponto de vista é o único válido?[3]

Jung chegou à conclusão de que a diferença fundamental repousava na maneira pela qual os dois pesquisadores encaravam a relação entre sujeito e objeto. Na opinião de Jung, Freud percebia o sujeito como dependente de objetos significativos e em grande parte moldado por eles e, mais especificamente, pelos pais e por outras influências importantes na primeira infância. Por conseguinte, as dificuldades do paciente nos relacionamentos com objetos acompanham padrões estabelecidos nos primeiros anos de vida. Estes se repetem na situação de transferência, a qual, como já pudemos observar no Capítulo 1, tornou-se a principal preocupação dos analistas de várias escolas diferentes.

De acordo com Jung, Adler vê o sujeito como tendo que se proteger da desmedida influência dos objetos significativos:

> Adler é de opinião que um sujeito que se sente reprimido e inferior tenta assegurar superioridade ilusória por meio de "protestos", "arranjos" e outros expedientes apropriados dirigidos igualmente contra pais, professores, normas, autoridades, situações, instituições e coisas afins. Até a sexualidade figuraria entre esses expedientes. Essa perspectiva enfatiza

> excessivamente o sujeito, diante do qual a idiossincrasia e o significado dos objetos desaparecem inteiramente.[4]

Jung prossegue:

> Sem dúvida, ambos os pesquisadores percebem o sujeito em relação ao objeto, mas como é diferente a maneira como essa relação é vista! No caso de Adler, a ênfase é posta sobre um sujeito que, independentemente do objeto, busca a própria segurança e supremacia; no de Freud, a ênfase se situa totalmente nos objetos, os quais, de acordo com seu caráter específico, ou fomentam ou atrapalham o desejo de prazer do sujeito.[5]

Dispensamo-nos de algumas objeções quanto a classificar Freud e Adler dessa maneira. Mas a descrição de Jung torna claro que a atitude de Freud, que ele chama de *extrovertida*, concebe o sujeito como estando basicamente em busca dos objetos e deslocando-se *na direção* deles. Adler, por outro lado, toma a atitude *introvertida* de imaginar o sujeito como necessitando basicamente estabelecer a autonomia e a independência e, portanto, *afastando-se* dos objetos.

Jung pensava na extroversão e na introversão como fatores temperamentais que atuam desde o início da vida e que coexistem em todas as pessoas, embora em graus diferentes. Não há dúvida de que a pessoa ideal exibiria equilibradamente as duas atitudes, porém, na prática, uma ou outra é geralmente predominante.

De acordo com Jung, a neurose se daria quando a extroversão ou a introversão se tornasse exagerada. A extroversão excessiva fazia com que o indivíduo perdesse sua identidade em meio à multidão de pessoas e eventos. A introversão extrema ameaçava o indivíduo subjetivamente preocupado com a perda de contato com a realidade externa. Quando esse tipo de exagero ocorria, entrava em funcionamento um processo inconsciente que tentava compensar a atitude unilateral do indivíduo. Não precisamos tratar neste ponto da posterior subdivisão dos tipos de Jung, mas voltaremos a abordar em capítulo posterior sua perspectiva da psique como sistema autorregulador, uma vez que esse assunto está extremamente ligado ao desenvolvimento interior do indivíduo como entidade separada e, portanto, relacionada com o tema principal deste livro.

Outros críticos apresentaram classificações que, embora enfatizem

diferentes características da personalidade, parecem estar estreitamente relacionadas com a dicotomia extrovertido-introvertido.

Em 1906, o historiador da arte Wilhelm Worringer escreveu um ensaio que se tornou sua famosa obra *Abstração e empatia*. Ela é o tema de um capítulo em *Tipos psicológicos*, mas merece ser lida por seu próprio mérito. Worringer declarou que a estética moderna se baseava no comportamento do sujeito contemplador: "O prazer estético é o prazer de si objetificado. Sentir prazer estético significa desfrutar de si próprio em um objeto sensório distinto de si, sentir empatia por ele".6

Porém, Worringer percebeu que o conceito de empatia não se aplicava a longos períodos da história da arte, tampouco a todos os tipos de arte:

> Seu ponto de Arquimedes está situado apenas em *um* dos polos do sentimento artístico. Ele só assumirá a forma de sistema estético abrangente quando se unir às linhas que saem do polo oposto.
> Encaramos esse polo oposto como estética que não nasce do anseio de empatia do homem, mas sim do seu anseio de abstração. Da mesma forma como o anseio de empatia como pressuposição da experiência estética encontra sua gratificação na beleza do orgânico, também o anseio de abstração encontra sua beleza no inorgânico negador da vida, no cristalino ou, genericamente, em todas as leis e necessidades abstratas.7

Worringer considerava que a abstração se originava na ansiedade, uma tentativa do homem de criar a ordem e a regularidade diante de um mundo no qual se sentia à mercê das forças imprevisíveis da natureza. A polaridade se dá entre a confiança na natureza e o medo da natureza. Ele percebeu que a empatia extrema fazia com que a pessoa "se perdesse" no objeto — o perigo já mencionado no caso da extroversão exagerada. A forma geométrica, por outro lado, representava regularidade abstrata não encontrada na natureza. Worringer escreveu o seguinte a respeito do homem primitivo:

> Na necessidade e na irrefutabilidade da abstração geométrica ele conseguia encontrar repouso. Ela estava aparentemente purificada de toda dependência das coisas do mundo exterior, bem como do próprio sujeito contemplador. Tratava-se da única forma absoluta que poderia ser concebida e alcançada pelo homem.8

Desse modo, a abstração refere-se ao desapego em relação ao objeto

potencialmente perigoso, bem como à segurança e à sensação de integridade e poder pessoais. Esse também é o tipo de satisfação que o cientista experimenta em seus encontros com a natureza. Uma nova hipótese que leva a uma lei que predirá os eventos origina-se de regularidades percebidas, da habilidade do cientista de se desapegar, de isolar seus sentimentos subjetivos dos fenômenos que estiver estudando e que, quando demonstrada, confere maior poder sobre a natureza. Um trabalho recente, por exemplo, indica que medir as alterações da gravidade nas proximidades dos vulcões conduzirá ao aumento da capacidade de predizer as erupções, que ainda são alguns dos mais poderosos e imprevisíveis fenômenos naturais que ameaçam a vida dos homens.

A abstração, portanto, relaciona-se com a autopreservação, com a necessidade introvertida adleriana de estabelecer a distância do objeto, independência e, sempre que possível, o controle.

Essas duas atitudes ou polos da natureza humana também estão refletidas na classificação por Liam Hudson dos seres humanos em *divergentes e convergentes.* Hudson interessou-se pelas preferências dos estudantes inteligentes, ou seja, se eles se sentiam basicamente atraídos pela arte ou pela ciência. Descobriu que essa inclinação estava relacionada a uma série de outras características de caráter que apoiavam a noção popular de que o cientista e o artista são tipos diferentes de pessoas.

Os convergentes, que tendem a se especializar nas ciências "exatas", ou possivelmente nos clássicos, possuem o tipo de inteligência que se destaca nos testes convencionais nos quais existe uma única resposta correta para cada pergunta. Já não têm resultados tão bons nos testes "em aberto", nos quais várias respostas são possíveis. Em suas horas de lazer, os convergentes dedicam-se a passatempos mecânicos ou técnicos e demonstram relativamente pouco interesse pela vida das outras pessoas. Assumem atitudes convencionais diante da autoridade, são emocionalmente inibidos e quase não se lembram de seus sonhos.

Os divergentes, ao contrário, escolhem a arte ou a biologia como matérias prediletas. Não se saem tão bem nos testes de inteligência convencionais, mas são bem-sucedidos nos testes abertos, nos quais é preciso usar a fantasia criativa. Suas atividades nas horas vagas estão mais

relacionadas a pessoas do que a coisas. Assumem atitudes não convencionais diante da autoridade, são emocionalmente desinibidos e se lembram de seus sonhos com frequência.

Os testes modernos que se propõem a avaliar a extroversão e a introversão, como são definidas nos livros didáticos de psicologia, não apresentam necessariamente paralelos tão estreitos entre a extroversão e a divergência e entre a introversão e a convergência quanto se poderia esperar. Entretanto, estamos preocupados aqui apenas com um aspecto importante: a relação entre sujeito e objeto. Tanto os divergentes quanto os extrovertidos são capazes de identificar-se facilmente com as outras pessoas e de mostrar-se abertos diante delas. Os convergentes, à semelhança dos introvertidos, parecem se retrair diante de outras pessoas e sentir-se mais à vontade com objetos inanimados ou com conceitos abstratos do que com as pessoas. Essa é uma generalização dos extremos. Nenhum ser humano é totalmente convergente ou divergente, mas essas atitudes realmente parecem manifestar-se cedo na vida e ser extraordinariamente persistentes.

Outra dicotomia que caminha lado a lado com as que acabamos de descrever é apresentada por Howard Gardner em seu livro sobre o significado dos desenhos infantis. Distingue dois tipos de crianças, que ele chama de *padronizadoras* e *dramatizadoras*. Os dois grupos são descritos como igualmente inteligentes e encantadores, mas com "enfoques surpreendentemente diferentes de sua experiência cotidiana". As diferenças começam a ser percebidas a partir dos três anos e meio, ou seja, a partir da época em que a criança passa a ligar o ato de desenhar à sua percepção efetiva do mundo que a rodeia, em vez de simplesmente rabiscar o que quer que lhe ocorra. Gardner escreve:

> Por um lado, encontramos um grupo de crianças pequenas que decidimos chamar de *padronizadoras*. Esses jovenzinhos analisam o mundo basicamente segundo a configuração que conseguem discernir, os padrões e regularidades que encontram e, em particular, os atributos físicos dos objetos — sua cor, tamanho, forma e coisas semelhantes. As padronizadoras dispõem entusiasticamente os blocos em cima uns dos outros, operando infindáveis experiências com as formas sobre a mesa ou, em seus desenhos, combinam constantemente uns objetos com outros, formam pares, trios e coisas semelhantes, mas passam pouco tempo reencenando situações familiares enquanto brincam e participam de poucas conversas sociais (embora certamente compreendam o que está sendo dito).Em agudo contraste com esses jovenzinhos, está a

> população que denominamos *dramatizadora*. Essas crianças estão vivamente interessadas na estrutura dos eventos que se desenrolam perto delas — as ações, as aventuras, os choques e os conflitos que ocorrem no mundo dos indivíduos, bem como nas histórias fantásticas que descrevem eventos ainda mais absorventes, que elas pedem para ouvir repetidas vezes. Enquanto as padronizadoras se agarram às atividades de desenhar, modelar com barro e organizar arranjos numéricos, as dramatizadoras preferem envolver-se com brincadeiras de faz de conta, com a narração de histórias e com a conversa e a troca social constantes com adultos e com seus colegas. Para elas, um dos principais prazeres da vida encontra-se em manter contato com outras pessoas e celebrar a pompa das relações interpessoais. Nossas padronizadoras, por outro lado, parecem praticamente desprezar o mundo das relações sociais, preferindo, em vez disso, mergulhar (e talvez se perder) no mundo dos padrões (geralmente visuais).[9]

Embora Gardner não empregue pessoalmente esses termos, creio que está claro que as crianças padronizadoras poderiam ser descritas como basicamente introvertidas, ou talvez como potencialmente convergentes, ao passo que as dramatizadoras são predominantemente extrovertidas, talvez divergentes em potencial. Além disso, as padronizadoras, que estão menos preocupadas com as pessoas ou talvez até as evitem, lembram os convergentes por se preocuparem em descobrir ou impor a ordem. As dramatizadoras se parecem com os divergentes por estarem mais preocupadas com as pessoas e com a narração de histórias.

É tentador arriscar um palpite e dizer que, no caso de algumas dessas crianças exibirem mais tarde potencial criativo, as dramatizadoras se tornarão romancistas, poetas ou dramaturgos, enquanto as padronizadoras se inclinarão em direção à ciência ou à filosofia. Somente pesquisas que envolvam anos de acompanhamento do crescimento e do desenvolvimento dos dois tipos de criança poderão confirmar ou rejeitar essa suposição. Não estamos nem certos de que essas atitudes são tão persistentes quanto parecem ser. Talvez aquelas que começam como padronizadoras possam desenvolver mais tarde outras características das dramatizadoras, e vice-versa.

O importante é compreender que as observações de Gardner são outra indicação de que a ênfase atual dada aos relacionamentos, entendidos como o principal determinante da saúde mental, pode estar mal colocada. Não há motivo para supor, a partir das descrições de Gardner, que as crianças mais introvertidas, que estavam basicamente mais preocupadas com a formação

de padrões do que com as outras pessoas, eram neuróticas ou anormais; o mesmo se aplica aos convergentes de Liam Hudson. Talvez a habilidade de nos distanciarmos do excesso de envolvimento com as outras pessoas e a capacidade de formarmos padrão coerente de nossa vida também sejam fatores importantes para a obtenção da paz e da manutenção da saúde mental.

Referi-me no capítulo anterior a dois fatores que ajudavam a pessoa a se recuperar de distúrbios nervosos: primeiro, a adoção de um esquema ou sistema de pensamento que pudesse dar sentido à angústia do paciente e, segundo, o estabelecimento de relacionamento produtivo com outra pessoa.

É claro que a necessidade de dar sentido à nossa experiência individual não está restrita ao distúrbio neurótico, sendo uma parte essencial da adaptação do homem como espécie. O desenvolvimento da inteligência, da consciência, da emancipação parcial com relação ao domínio dos padrões instintivos transformou o homem em animal reflexivo que sente a necessidade de interpretar, e de ordenar, tanto a realidade exterior quanto o mundo interior de sua imaginação. Grande parte da ênfase atribuída na psicanálise à situação da transferência deve-se ao fato de esta ser um elemento comum a diferentes escolas psicanalíticas. Dar sentido à experiência do paciente é hiperenfatizado, em parte porque diferentes analistas perceberão a mesma experiência de maneiras distintas.

No final, é o indivíduo que precisa dar sentido à própria vida, independentemente da orientação e da influência que possa ter recebido de seus mentores. O padrão formado não é necessariamente "verdadeiro" de nenhum modo provável, embora seja possível afirmar que algumas perspectivas estão mais próximas que outras do que objetivamente conhecemos do mundo. Mas a necessidade está presente e se ela se manifesta de maneira mais óbvia na psicologia dos introvertidos, convergentes e padronizadores do que na psicologia dos extrovertidos, divergentes e dramatizadores, não significa que não esteja presente tanto neste último grupo quanto no primeiro. Até as pessoas mais introvertidas precisam de alguns relacionamentos humanos, e as mais extrovertidas precisam de algum padrão e ordem em sua vida.

As diferenças de temperamento entre os seres humanos podem estar

determinadas geneticamente, mas são, é claro, influenciadas por uma série de fatores ambientais durante o desenvolvimento do indivíduo. Consideramos até aqui variedades de temperamento que são "normais", mas as atitudes neuróticas, bem como as psicóticas, são apenas intensificações das tendências humanas normais. Na ocasião em que escrevo estas linhas, considera-se, de modo geral, que a pessoa altamente introvertida é mais patológica do que a muito extrovertida. Isso se deve à ênfase atual nas relações de objeto e à desconsideração pelos processos que ocorrem na solidão. Não obstante, existe vínculo entre a extroversão e a introversão e dois tipos diferentes de personalidade, que podem ser rotulados de patológicos e que podem sofrer de vários graus de distúrbio, que variam do levemente excêntrico ao psicótico. Vou me referir a essas duas variedades de personalidade como *depressiva* e *esquizoide*. Todas essas classificações de personalidade são inadequadas, uma vez que deixam de fazer justiça à infinita variedade do homem. Mas, para arriscarmos uma tentativa de compreender as diferentes maneiras pelas quais os diversos tipos de indivíduo experimentam o mundo, precisamos usar essas classificações como diretrizes. Particularmente relevante para nosso objetivo atual é o fato de que ambos os tipos de pessoa sentem necessidade especial de ficar sozinhos, embora por motivos diferentes.

O Capítulo 2 dedicou-se ao estudo da capacidade de ficarmos sozinhos. A *necessidade* de ficar sozinho é diferente da *capacidade* de ficar sozinho, por sugerir que, algumas vezes, as outras pessoas representam estorvo, interferência ou ameaça.

À primeira vista, parecerá estranho eu escrever que os extrovertidos precisam ficar sozinhos, uma vez que, por definição, são pessoas abertas e sociáveis cujo modo de vida se caracteriza por seu relacionamento confiante com os outros. No entanto, como já sugerimos, os extrovertidos podem perder o contato com suas necessidades subjetivas, tornando-se excessivamente envolvidos com seus objetos ou perdendo-se neles. Isso é mais verdadeiro com relação à pessoa extrovertida que eu chamo de *depressiva,* mas também faz parte da experiência de quase todos nós.

A maioria dos membros das culturas ocidentais já teve a experiência de achar cansativas certas ocasiões sociais e mostrou-se extremamente feliz

com a oportunidade de se recolher à privacidade e ser "ele mesmo" de novo. Para que a sociedade funcione sem sobressaltos, certamente há ocasiões em que temos de fingir, ser simpáticos quando estamos cansados, sorrir quando queremos grunhir ou fingir de alguma outra maneira. Essa dissimulação é fatigante.

A dama da era vitoriana costumava retirar-se regularmente para um "descanso" durante a tarde. Precisava fazer isso porque a convenção social exigia que ficasse permanentemente atenta às necessidades das outras pessoas, sem dar atenção às próprias necessidades. Esse repouso durante a tarde permitia-lhe recuperar-se do papel social de ouvinte conscienciosa e anjo auxiliador, papel esse que não deixava espaço para sua expressão pessoal. Até Florence Nightingale, que estava longe de ser apenas um anjo auxiliador, descobriu que a única maneira pela qual poderia estudar e escrever era desenvolvendo uma doença neurótica que a liberasse do fardo das tarefas caseiras e lhe permitisse retirar-se para a solidão de seu quarto.

O fingimento social é exemplo temporário e deliberado do estratagema do falso eu, baseado na submissão, descrito por Winnicott, e que foi discutido no Capítulo 2. Winnicott se preocupava com pacientes que tinham habitualmente adotado essa máscara desde muito pequenos, que haviam perdido o contato com seus verdadeiros sentimentos interiores e que não tinham, portanto, consciência de que estavam vivendo uma vida não autêntica. No entanto, a maioria dos adultos bem-comportados acha que, em algumas ocasiões sociais, precisa ser mais complacente do que de costume e permanece bastante consciente de que *a persona* que está representando não reflete seus verdadeiros sentimentos. Existe sempre alguma discrepância entre a face pública do indivíduo e o que ele é em particular.

O grau em que as pessoas conseguem ser elas mesmas quando na companhia de terceiros varia consideravelmente. Alguns invejáveis mortais parecem capazes, desde a mais tenra infância, de expressar tudo o que estão sentindo na presença de pessoas relativamente estranhas sem sentir medo de ser rejeitados, censurados, contrariados ou feitos de bobos. Parece provável que esse tipo de segurança tenha origem em repetidas experiências do tipo descrito por Winnicott: de eles terem sido capazes,

quando bebês, de ficar sozinhos, sem ansiedade, na presença da mãe, e, mais tarde na infância, de se sentir amados e incondicionalmente aceitos.

Outros indivíduos sentem dificuldade em ser autênticos, inclusive na presença do cônjuge, de namorados, amigos íntimos ou parentes. Essas pessoas, embora não cheguem ao ponto de criar um falso eu que substitua totalmente o verdadeiro eu no nível consciente, têm uma necessidade especial de ficar sozinhas que ultrapassa a necessidade ocasional de solidão acima referida. Uma possibilidade plausível, porém ainda não demonstrada, é de que essa necessidade especial de ficar sozinho na idade adulta deriva de, ou foi fomentada por, certo grau de insegurança no apego da primeira infância. A criança que não desenvolveu, quando bebê, vínculos seguros de confiança com as figuras de apego, poderá reagir diante dos pais, e mais tarde das outras pessoas, de diversas maneiras; mas sugiro que essas variantes se baseiam em dois temas básicos. O primeiro é o *apaziguamento*, e o segundo, a *rejeição.* Tentarei mostrar que o apaziguamento está associado ao desenvolvimento de personalidade depressiva, ao passo que a rejeição está ligada à personalidade esquizoide.

Não estamos ainda em condições de determinar todos os fatores que governam o fato de o bebê criar ou não um apego seguro. Como foi observado no Capítulo l, o apego varia em qualidade e intensidade. É certo que o apego inseguro, embora algumas vezes resultante de cuidados relapsos, falta de afeto ou rejeição por parte da mãe, nem sempre é culpa desta última. Os bebês são geneticamente diferentes, e alguns podem ser incapazes de desenvolver apegos seguros, por mais amor e carinho que possam receber. Isso é verdadeiro com relação a algumas crianças que mais tarde são chamadas de "autistas".

Podemos descrever um padrão comum de interação entre pais e filho que conduz à insegurança e ao excesso de submissão. A criança que não seja rejeitada nem maltratada de nenhuma maneira pode, ainda assim, vir a sentir que o amor de seus pais por ela é condicional. Essa criança passa a acreditar que a continuação do amor de seus pais por ela e, por conseguinte, sua segurança depende não de ela ser seu eu autêntico, mas sim de ser o que seus pais querem que ela seja. Os pais que induzem os filhos a esse tipo de convicção estão com frequência profundamente preocupados com o bem-

estar deles, mas se mostram inclinados a cobrar padrões absurdamente elevados de "bom" comportamento, fazendo com que a criança acredite que seus impulsos instintivos e reações espontâneas sejam errados. Nos casos extremos, isso leva à formação de um falso eu, baseado na identificação com o pai ou a mãe, e à repressão total do verdadeiro eu. Nos casos menos extremos, a criança exibe falso eu quando em companhia de outras pessoas, mas conserva um eu verdadeiro que só vem à tona quando está sozinha. Esse é um motivo para se desenvolver uma necessidade especial de ficar sozinho.

A criança que demonstra esse tipo de submissão parcial claramente não incorporará o senso interior de seu valor pessoal que se desenvolve nas crianças que têm a certeza de que o amor dos pais por elas prosseguirá incondicionalmente. A confiança de que se tem valor e significado como indivíduo único é um dos bens mais preciosos que se pode possuir. Quer existam ou não fatores genéticos envolvidos no desenvolvimento desse tipo de confiança, esta é certamente incentivada ou atrapalhada pela qualidade do amor recebido dos pais.

As crianças que sentem que precisam ser submissas, a ponto de parcialmente negar ou reprimir sua verdadeira natureza, estão destinadas a permanecer dependentes de fontes exteriores para conservar sua autoestima. Uma criança assim se transformará em adulto que continuará a sentir que precisa ser bem-sucedido ou eficiente, ou receber a aprovação de todo mundo, para achar que tem algum valor. Isso, é claro, torna-o especialmente vulnerável aos reveses da vida que todos temos de suportar: o fracasso em um exame ou na disputa por um emprego; a rejeição em uma situação amorosa; a perda de um ente querido ou de algo muito importante. Esses acontecimentos desagradáveis fazem com que todos fiquemos temporariamente ressentidos, deprimidos, ou ambos; mas, no caso dos que possuem pouca ou nenhuma autoestima intrínseca, esses eventos talvez provoquem devastador mergulho no inferno de grave depressão.

As pessoas que reagem à desaprovação, ao fracasso ou à perda, tornando-se gravemente deprimidas a ponto de ficar claramente "doentes", parecem não possuir recursos interiores a que possam recorrer quando na presença de um infortúnio. Para elas, as casualidades que para outros representam

desafios desencadeiam sentimentos de total desesperança e desamparo. Alguns homens de negócios que vão à falência se põem imediatamente em ação e começam outro empreendimento. Outros jogam-se da janela do 30o andar. Este último tipo se comporta como se não houvesse segunda chance na vida; como se fosse totalmente dependente do sucesso do empreendimento com que estava envolvido para manter a autoestima, sem levar em conta antigos êxitos ou futuras possibilidades. É como se qualquer amor ou reconhecimento que possa ter obtido no passado nada signifique, como se não houvesse nada dentro dele para o que pudesse se voltar, nenhuma noção de possuir um valor *intrínseco*.

Os pacientes que sofrem de um tipo muito grave de depressão a ponto de ser rotulados de psicóticos com frequência se queixam de se sentir *vazios*, de que algo está faltando, um vazio que nunca consegue ser preenchido. Declarações assim, em especial quando acompanhadas do receio de doença orgânica, são frequentemente rejeitadas como delírios hipocondríacos. É mais apropriado considerar essa espécie de declaração como metáfora que expressa verdade psicológica. Os pacientes gravemente deprimidos *efetivamente* carecem de algo interior que outras pessoas menos vulneráveis possuem: o senso intrínseco de seu valor pessoal.

Os indivíduos que podem entrar dessa maneira em grave depressão são aqueles aos quais já me referi como possuidores de *personalidade depressiva*. É preciso enfatizar que essa é uma descrição sintética que não inclui todas as variedades de pessoas potencialmente deprimidas, mas que se aplicaria de maneira adequada aos que exibem esse tipo comum de vulnerabilidade.

As pessoas com esse temperamento, ou que possuem essa psicopatologia, geralmente assumem atitude de quietude diante das outras, porque não podem se dar ao luxo de discordar ou correr o risco de dizer ou fazer alguma coisa que possa ser ofensiva ou provocar desaprovação. Como o preço da aprovação é a aquiescência, que precisa envolver certo grau de dissimulação, esse tipo de indivíduo precisa afastar-se das outras pessoas para não se ver embaraçado pela necessidade de agradar.

A postura "masoquista" diante dos outros precisa envolver a repressão da agressão. O indivíduo que não consegue enfrentar as outras pessoas ou fazer valer seus direitos quando essa é a atitude adequada reprime sua

hostilidade. Quando deprimido, essa hostilidade diante dos outros desloca-se e volta-se contra ele próprio, sob a forma de autorrecriminação. Como Freud salientou em seu clássico ensaio "Luto e melancolia", as reprovações que a pessoa deprimida dirige contra si própria são geralmente explicáveis como reprimendas que gostaria de ter dirigido a alguém próximo mas que não ousou expressar, por medo de entrar em atrito com alguém de cujo amor ela depende.[10]

Pessoas desse tipo constituem fração considerável da prática psiquiátrica. Também reagem bem ao tratamento. É mais fácil incentivar a autoafirmação no tímido do que induzir a humildade no arrogante. Mas é preciso enfatizar que nem todos os pacientes que sofrem de depressões recorrentes são do tipo que acabo de descrever. Os chamados pacientes "bipolares", maníaco-depressivos, que sofrem de episódios de mania ou hipomania tanto quanto de depressão, são geralmente menos inibidos, aquiescentes e modestos do que as pessoas vulneráveis que sofrem apenas de depressão periódica.

Se a pessoa com personalidade depressiva tem algum tipo de talento, descobrirá que expressa melhor seu verdadeiro eu por meio de alguma forma de trabalho criativo, em lugar de uma interação com os outros. Como as pessoas que possuem esse temperamento são predominantemente extrovertidas, dramatizadoras em vez de padronizadoras, mais divergentes do que convergentes, é provável que quaisquer talentos que possuam sejam canalizados na direção da narração de histórias, do teatro, da poesia, da ópera ou de quaisquer outros empreendimentos criativos basicamente relacionados com os seres humanos, ainda que as pessoas com quem se envolvam possam ser criaturas de sua imaginação.

Já se comentou algumas vezes que é desapontador conhecer escritores pessoalmente. Isso se deve com frequência ao fato de que sua verdadeira personalidade só costuma vir à tona nos textos, ficando habitualmente oculta durante os intercâmbios comuns da vida social. Isso não se aplica a todos os escritores, apenas aos que exibem o temperamento que acaba de ser explicado. Os escritores, à semelhança de outros artistas, apresentam uma variedade de temperamentos, do espalhafato de um Balzac ao recolhimento de um Kafka, mas o tipo depressivo é particularmente comum

entre eles.

O segundo tipo de pessoa que demonstra necessidade especial de ficar sozinha é a introvertida, que, quando perturbada ou claramente patológica, é rotulada de *esquizoide*. Já foi sugerido que pode haver um elo entre o desenvolvimento dessa personalidade e o tipo de comportamento infantil que os teóricos do apego chamam de rejeição. Mais uma vez, é preciso enfatizar que essa forma de vínculo é especulativa e não resolveria, ainda que estabelecida pela pesquisa, o problema de quanto esse tipo de personalidade é determinado pela natureza e quanto o é pela educação.

Mencionamos, no Capítulo l, o trabalho de Bowlby sobre o comportamento das crianças pequenas que foram separadas da mãe. Quando reunidos à mãe após um período de separação, os bebês exibem rejeição, evitando o olhar dela, voltando-lhe as costas e fugindo de seu contato. Quando pego no colo, o bebê que rejeita poderá gritar e debater-se, só deixando de fazê-lo ao ser posto em algum lugar. Inversamente, sem gritar e se debater, o bebê poderá voltar-se para algum objeto do recinto e, quando posto em algum lugar, passar a se ocupar desse objeto em vez da mãe. Esse comportamento de rejeição é geralmente temporário, desaparecendo depois de um período de tempo que depende em parte da duração da separação e em parte do relacionamento anterior do bebê com a mãe.

Mas o afastamento não é a única circunstância que desencadeia o comportamento de rejeição. Segundo Main e Weston, as mães que demonstram aversão pelo contato físico com o bebê durante os três primeiros meses de vida têm mais tendência a induzir nele o comportamento de rejeição quando completar um ano de idade. As mães que exibem comportamento raivoso ou ameaçador também induzem a rejeição em seus bebês. “As mães de bebês que as rejeitam, os ridicularizaram ou falaram de modo sarcástico com eles ou a respeito deles; outras os menosprezaram.”11 As mães que vão mais longe e efetivamente maltratam seus bebês criam crianças que, quando comparadas com o grupo de controle, “evitam mais seus colegas e as pessoas que cuidam delas mesmo diante de iniciativas amistosas, têm maior probabilidade de agredir, ameaçar e exibir comportamento imprevisível e agressivo diante das

pessoas que cuidam delas."[12] Além disso, as mães que são frias e não receptivas, ou seja, que não demonstram sentir prazer na presença de seus bebês nem exibem reação alguma mesmo quando são atacadas por eles provocam o comportamento de rejeição. Nenhuma dessas descrições de comportamento maternal implica que essa seja a *única* causa da rejeição no bebê. As diferenças genéticas, bem como o dano cerebral, também podem estar presentes.

São necessárias muito mais pesquisas antes que uma interpretação segura do comportamento de rejeição possa ser dada, mas uma ideia interessante, particularmente relevante para o tema principal deste livro, é que a rejeição pode permitir ao bebê manter a flexibilidade, o controle e a organização de seu comportamento. Nas palavras de Mary Main e Donna Weston:

> O que é a "desorganização comportamental"? O comportamento só pode ser chamado de desorganizado quando vacila entre opostos, sem referência a mudanças no ambiente, ou quando aparece repetidamente em um ambiente que não o exige.[13]

Quando as mães simultaneamente ameaçam seus bebês e rechaçam o contato físico com eles, colocam-nos em posição impossível. Qualquer tipo de ameaça, vinda de qualquer lugar, estimula intensa necessidade de apego por parte da criança, porque a função básica do apego é a proteção contra a ameaça de perigo. Mas se a origem da ameaça é exatamente a pessoa para quem o bebê precisa se voltar em busca de proteção, este se vê diante de um conflito que não pode ser resolvido. Posto nessa situação, o bebê manifesta hesitação entre a aproximação, a rejeição e o comportamento raivoso. Essa desorganização de comportamento só pode ser aliviada se o bebê se afastar de tudo o que tenha relação com a mãe.

Está claro que a rejeição implica distúrbio mais profundo na relação entre o bebê e sua mãe do que a complacência. Isso deve ter mais ligação com o fato de a rejeição manifestar-se em estágio anterior do desenvolvimento do bebê do que no comportamento mais sofisticado da complacência. A rejeição está relacionada ao medo de ser ferido ou destruído pela hostilidade. A complacência está ligada ao receio de o amor ser recolhido. A rejeição sugere a dúvida de o amor ter sido algum dia

oferecido. A complacência implica o reconhecimento de que o amor está disponível e ao mesmo tempo a dúvida de que seja duradouro.

Esses padrões de comportamento se manifestam mais obviamente nos tipos patológicos de personalidade que justificam os rótulos "esquizoide" ou "depressivo", mas também podem ser detectados como fatores ocultos nas atitudes das pessoas "normais" em relação aos outros. Os estudiosos do trabalho de Melanie Klein farão imediatamente a relação dessas ideias com uma outra dicotomia: os estágios do desenvolvimento do bebê que ela descreveu como a "posição esquizoparanoide" e a "posição depressiva". Embora muitos dos conceitos de Melanie Klein permaneçam não comprovados e não comprováveis, sua crença de que mecanismos "psicóticos" sustentam e afetam as atitudes emocionais das pessoas "normais" é convincente. Por exemplo, é somente aceitando a existência de potencial paranoide latente oculto nos recessos da mente normal que explicaríamos os delírios em massa que provocaram a perseguição das bruxas e a chacina dos judeus levada a cabo pelos nazistas. Grande número de homens e mulheres comuns tinha convicções a respeito das bruxas e dos judeus que, se tivessem sido expressas por um ou dois indivíduos em vez de por comunidades inteiras, seriam descartadas como delírios paranoicos. Existem forças mentais extremamente primitivas e irracionais em funcionamento na mente de todos nós que são em geral sufocadas e controladas pela razão, mas se expressam com clareza no comportamento dos que chamamos de doentes mentais e também se manifestam nas atitudes das pessoas normais, quando ameaçadas ou submetidas a outras formas de estresse. Ninguém é tão equilibrado a ponto de não usar a rejeição ou a aquiescência em seus encontros com outras pessoas. No entanto, essas atitudes podem estar justificadamente relacionadas aos tipos de comportamento dos bebês muito pequenos já descritos, e também aos fenômenos patológicos característicos dos loucos.

Um dos traços mais característicos dos indivíduos que os psiquiatras rotulam de esquizoides é sua incapacidade de desenvolver relacionamentos íntimos com as pessoas sem se sentir ameaçados. O dilema do esquizoide típico é a necessidade desesperada de amor, aliada ao medo igualmente desesperado do envolvimento íntimo. Kafka foi o escritor que retratou mais

vividamente esse dilema. Ele também usava a rejeição na vida adulta para poder empregar a arte de escrever como maneira de impedir a "desorganização comportmental".

Embora Kafka, durante sua curta vida, tenha feito vários amigos que gostavam imensamente dele e algumas vezes o idealizavam, ele declarou que, mesmo com seu amigo mais íntimo e posterior biógrafo, Max Brod, nunca fora capaz de manter conversa prolongada na qual realmente se abrisse. Os estranhos sempre representavam ameaça. Em carta datada de junho de 1913, Kafka escreveu:

> Mas se estou em um local não familiar, no meio de várias pessoas estranhas, ou pessoas que considero estranhas, todo o recinto exerce pressão sobre meu peito e sinto-me incapaz de me mover, toda a minha personalidade parece virtualmente enfiar-se debaixo da pele delas, e tudo se torna sem solução.[14]

Durante sua infância e adolescência, Kafka tinha profunda vergonha de seu corpo, que ele considerava ignominiosamente magro e fraco. Foi somente aos 28 anos que se sentiu capaz de aparecer nas piscinas públicas sem se envergonhar. A alienação de seu corpo, característica das personalidades esquizoides, contribuiu para suas dúvidas a respeito da validade de sua existência e para seu medo de que as outras pessoas pudessem dominá-lo ou destruí-lo. Até quando sentia dor de estômago imaginava que esta era causada por um estranho que o estava atacando com um porrete. Essa fantasia paranoica é exatamente comparável às atribuídas por Melanie Klein aos bebês que ainda estão na fase esquizoparanoide do desenvolvimento. Segundo seu relato, o bebê humano, por causa de sua impotência, reage à frustração como se esta fosse uma perseguição e teme ser destruído pelos poderosos pais de quem depende. De acordo com a perspectiva kleiniana, os bebês atribuem impulsos intensamente destrutivos aos que cuidam deles que são, na verdade, parte de sua própria psicologia, ou seja, empregam o mecanismo psicológico da projeção paranoide. Mais tarde na vida, o sofrimento é passível de ressuscitar essas antigas emoções, portanto sendo vivenciado como ataque sobre o eu vindo do exterior em vez de experiência interna. Quer aceitemos ou não a visão de Melanie Klein sobre a psique do bebê durante os primeiros meses de vida, o relato de

Kafka sobre sua reação diante de estranhos e da própria dor certamente comprova a persistência e a importância da projeção paranoica em sua psicologia.

Considerando-se seu temperamento, não é de causar surpresa que Kafka sentisse dificuldade em se relacionar com as mulheres. Durante cinco anos, ele esteve profundamente envolvido com uma moça chamada Felice Bauer, que ele pediu em casamento em junho de 1913. No entanto, durante todo esse período, o casal, que vivia respectivamente em Praga e Berlim, encontrou-se apenas em nove ou dez ocasiões, e em cada uma por não mais do que uma ou duas horas. O relacionamento era quase epistolar. As cartas de Kafka, com frequência aflitivas, demonstram necessidade intensa de Felice e dolorosa ansiedade com relação ao paradeiro dela, até sobre o que ela está vestindo ou comendo. Exige respostas imediatas às suas cartas diárias e mostra-se profundamente infeliz quando não recebe notícias dela. Mas a presença efetiva de Felice é considerada ameaçadora, pelo menos quando Kafka escreve:

> Você disse certa vez que gostaria de se sentar ao meu lado enquanto escrevo. Veja bem, nesse caso eu simplesmente não conseguiria escrever. Porque escrever significa revelar-se em demasia; esse grau extremo de autorrevelação e entrega no qual o ser humano, quando envolvido com os outros, sentiria que estava perdendo a si mesmo e do qual, por conseguinte, sempre fugirá enquanto estiver em seu juízo perfeito — pois todo mundo deseja viver enquanto está vivo —, até mesmo o grau da revelação de si próprio não é suficiente para escrever. A escrita que emana da superfície da existência — quando não existe nenhuma outra maneira e os poços mais profundos secaram — não é nada e desmorona no momento em que uma emoção mais verdadeira faz essa superfície tremer. É por isso que ninguém pode estar suficientemente sozinho quando escreve, é por isso que nunca pode haver um silêncio suficiente ao redor da pessoa quando ela escreve, é por isso que nem sequer a noite é noite o suficiente.[15]

Nem é preciso dizer que não houve casamento.

A necessidade de Kafka de estar sozinho enquanto escrevia poderia, à primeira vista, ser interpretada como relutância em permitir que outra pessoa visse ou criticasse o eu que sua escrita estaria revelando "em demasia". Por certo considerou que precisava rever e criticar o que julgava tão intensamente pessoal, antes de permitir que até sua amada Felice lesse o que havia escrito. Mas sua ansiedade ia mais além. A efetiva proximidade ameaçava abalar a frágil organização de sua psique. Kafka pairava à beira

da psicose. Erich Heller escreve: “Sem dúvida, essa é uma disposição análoga à loucura, separada desta última apenas por uma escrivaninha, uma imaginação capaz de reunir o que parece ter a irresistível tendência de se desintegrar e uma inteligência de suprema integridade”.16

Esse padrão de intenso envolvimento emocional no texto, aliado a uma distância efetiva da amada, repetiu-se em seu posterior relacionamento com Milena Jesenská. Somente em seu último ano de vida, quando estava morrendo de tuberculose, é que Kafka foi efetivamente capaz de se mudar e ir morar com uma mulher, Dora Dymant. Ainda assim, referiu-se a esse passo como “medida arrojada que só se compararia com um grande evento histórico, como a campanha de Napoleão na Rússia”.17

O medo de Kafka era que o envolvimento íntimo ameaçasse a única coisa que o mantinha mentalmente são: sua habilidade de reunir as partes conflitantes de sua personalidade por meio de sua escrita. Sem isso, “as coisas se desintegram, o centro não consegue se sustentar”.18 A pessoa de quem Kafka mais precisava também representava ameaça constante.

Sugeri anteriormente que as personalidades introvertidas ou esquizoides, quando possuem habilidades criativas, têm maior probabilidade de se sentir atraídas pela filosofia ou pelas ciências exatas do que pela ficção, uma vez que estão mais preocupadas com a formação de padrões do que com a narração de histórias. Kafka é exemplo tão tocante do que chamei de dilema esquizoide que eu não poderia abster-me de citá-lo, embora, à primeira vista, ele pareça não se encaixar nessa hipótese. Mas o aterrorizante mundo de ficção de Kafka dificilmente diz respeito a pessoas reais. Muitos de seus personagens nem sequer recebem nome, sendo distinguidos apenas por sua função, como porteiro, carcereiro ou funcionário público. O mundo de Kafka é basicamente o do ser humano ameaçado por forças impessoais, as quais não consegue nem compreender nem dominar; o estado de coisas que, na perspectiva de Worringer, produzia mais a abstração do que a empatia.

Outra pergunta ainda permanece. A ambivalência de Kafka com relação a Felice e a Milena inevitavelmente nos leva a pensar na criança que se caracteriza pela rejeição e teme a pessoa de quem mais depende. Mas existe mesmo algum fundamento para ligarmos os traços da personalidade adulta

ao comportamento do bebê? Creio que sim, apesar de também estar consciente de que algumas pesquisas demonstram que as crianças podem mudar consideravelmente com o passar dos anos, em resposta a diferentes conjuntos de circunstâncias.

Há um curioso paradoxo relacionado com esse problema que vale a pena ser comentado. Os geneticistas, e muitos psicólogos, supõem que a hereditariedade seja bem mais importante do que o ambiente na determinação da personalidade adulta. Os psicanalistas acreditam que os fatores ambientais, especialmente os adquiridos na primeira infância, são as principais forças modeladoras das pessoas. Mas os dois campos concordam em que esses diferentes fatores agem sobre o indivíduo desde cedo na vida, e que a criança muito pequena é necessariamente pai para o homem ou mãe para a mulher, sem levar muito em conta a possibilidade de que os eventos posteriores da infância e da adolescência também sejam importantes determinantes da personalidade adulta.

8

SEPARAÇÃO, ISOLAMENTO E O DESENVOLVIMENTO DA IMAGINAÇÃO

Creio que eu poderia voltar e viver com os animais;
eles são tão plácidos e autossuficientes. Fico olhando para eles horas a fio.[1]

Walt Whitman

Foi sugerido no Capítulo 6 que dentro de cada ser humano existe um mundo de fantasia e que os interesses nos quais a imaginação desempenha algum papel são, em muitos indivíduos, tão importantes quanto os relacionamentos interpessoais para conferir significado à sua vida. Não há nada de patológico no exercício da imaginação. Não podemos passar sem a fantasia: se pudéssemos, perderíamos grande parte do que nos torna caracteristicamente humanos. No entanto, como era de esperar, a capacidade imaginativa tende a se tornar particularmente desenvolvida nos indivíduos talentosos que tiveram uma infância mais ou menos solitária. Já observamos que os efeitos da solidão são prejudiciais ou gratificantes de acordo com as circunstâncias. A não ser que essas circunstâncias sejam tão severas e hostis a ponto de causar a desintegração mental, a ausência ou a privação parcial dos relacionamentos interpessoais estimula o florescimento da imaginação.

Aceita-se de forma geral que a imaginação é mais ativa na infância, e é

um recurso especialmente óbvio nas crianças que passam grande parte do tempo sozinhas por não existirem outras disponíveis ou por terem dificuldade em fazer amizade. As pessoas que mais tarde dedicam a vida a empreendimentos nos quais a imaginação desempenha papel importante normalmente começaram a fazê-lo na infância com mais intensidade do que a média, porque circunstâncias de separação, perda ou isolamento forçado impeliram-nas naquela direção. As crianças solitárias muitas vezes criam companheiros imaginários. Outras vão mais longe e inventam histórias nas quais tomam parte muitos personagens imaginários.

Pessoas que passam por vários tipos de privação no início da vida talvez sintam dificuldade em estabelecer vínculos íntimos. Mas o desenvolvimento de um mundo imaginário algumas vezes funciona como refúgio contra a infelicidade, uma compensação para a perda e uma base para futura realização criativa. Algumas crianças que perderam seus entes queridos ou que são muito solitárias abandonam toda e qualquer esperança de ter vínculos íntimos e duradouros e só arriscam envolver-se em relacionamentos que não sejam tão estreitos. Os laços afetivos de algumas pessoas criativas e talentosas podem ser limitados, incompletos ou tempestuosos. O artista criativo apresenta a tendência de optar por relacionamentos que estimularão seu trabalho, em vez daqueles que sejam intrinsecamente gratificantes, e seu cônjuge poderá muito bem descobrir que as relações conjugais ocupam o segundo lugar em sua vida. Mas essa sequência de eventos não é invariável. Existem exemplos de pessoas que, quando crianças, levaram vida isolada, mas que, não obstante, foram capazes de estabelecer relacionamentos íntimos na idade adulta. Também há notícia de indivíduos criativos que perdem parte de seu impulso imaginativo quando começam um relacionamento íntimo.

Anthony Trollope é exemplo de romancista que atribuiu o desenvolvimento de sua imaginação criativa ao isolamento inicial na vida. Ele descreve em sua autobiografia o tormento dos dias de escola em Harrow e Winchester. Em decorrência da pobreza do pai, as mensalidades escolares deixaram de ser pagas e sua mesada foi cortada. Os colegas de escola tomaram conhecimento desses fatos. Trollope era um garoto grande, feio e desajeitado e tornou-se, em suas próprias palavras, “um pária”, sem amigos

e desprezado pelos companheiros. Então refugiou-se na fantasia:

> Quando garoto, mesmo quando criança, eu era deixado de lado em boa parte do tempo. Já expliquei, quando falei sobre meus dias de colégio, o que aconteceu para que os outros se recusassem a brincar comigo. Eu me vi, portanto, sozinho, e tinha de criar minhas brincadeiras dentro de mim. Para mim, naquela época, algum tipo de brincadeira era necessário, como sempre o foi. Eu não tinha queda para o estudo e não conseguia me sentir feliz como um desocupado. Aconteceu que eu estava sempre com um castelo de ar firmemente construído dentro de minha mente.

Trollope descreve como esses romances compensatórios ocuparam seis ou sete anos de sua vida antes de ele deixar o colégio e começar a trabalhar no correio, e continuaram em sua mente até depois de ele já trabalhar:

> Imagino que dificilmente possa haver prática mental mais perigosa, mas já tive dúvidas de que, se não fosse minha prática, eu talvez nunca tivesse escrito um romance. Aprendi dessa forma a manter interesse nas histórias de ficção, a envolver-me em uma obra criada por minha imaginação e a viver em um mundo completamente fora do mundo de minha vida material.[2]

A avaliação pejorativa que Trollope faz de seus devaneios, considerando-os "perigosos", remete à visão puritana de Freud de que a fantasia era ao mesmo tempo infantil e escapista. No entanto, a vida de fantasia de Trollope tornou-se mais tarde tão estreitamente ligada ao mundo exterior que alguns críticos preteriram seus romances, considerando-os triviais, prosaicos e pouco imaginativos. No entanto, Charles Percy Snow chama-o de "o melhor psicólogo natural de todos os romancistas do século XIX".[3]

Snow está sem dúvida correto ao atribuir a capacidade de empatia de Trollope à sua infelicidade precoce no início da vida. O sentimento de rejeição, como veremos em outros exemplos, frequentemente conduz à cautela, a uma cuidadosa avaliação das emoções e do comportamento de outras pessoas que talvez nos causem ainda mais dor se não aprendermos a lhes agradar. Dessa forma, o romancista incipiente aprende a observar os seres humanos e a avaliar seus motivos.

Beatrix Potter é um exemplo interessante de escritora que teve infância predominantemente solitária, a qual, embora não infeliz por completo, fez com que se tornasse muito tímida e muda na presença de outras pessoas. Sua biografia, de autoria de Margaret Lane, *The tale of Beatrix Potter*, foi

publicada pela primeira vez em 1946. Humphrey Carpenter, em seu capítulo sobre Beatrix em *Secret gardens*, acusa Margaret Lane de exagerar a solidão inicial da escritora e suas dificuldades em estabelecer relacionamentos humanos.4 Carpenter salienta que, em 1946, os diários secretos de Beatrix, escritos em um código que ela própria inventara, ainda não haviam sido decifrados; e afirma que, se estivessem disponíveis nessa época, Margaret Lane a teria retratado de maneira diferente. Entretanto, uma segunda edição da biografia escrita por Margaret Lane foi publicada em 1968, e nela a autora usa as informações obtidas nos diários de Beatrix com total reconhecimento a Leslie Linder, que decifrou o código da escritora e passou nove anos transcrevendo suas anotações.

Beatrix Potter nasceu em 28 de julho de 1866 e foi filha única durante os cinco primeiros anos de vida. Os pais conscienciosos podem algumas vezes compensar a solidão de um filho único enviando-o para o jardim de infância, convidando outras crianças para brincar com ele em casa e providenciando outras oportunidades que facilitem o convívio da criança com outras da mesma faixa etária. Nenhum desses prazeres foi considerado necessário para Beatrix. Ela foi mantida sob os cuidados de uma babá escocesa, almoçava em seu quarto de brinquedos e era levada à tarde para um passeio. O que mais desejaria uma criança de classe média, criada na abastada vizinhança de Kensington?

Nunca frequentou a escola, não participava muito da vida de seus pais e não tinha oportunidade de conviver com outras crianças, a não ser em encontros eventuais com os primos. Seus pais não recebiam convidados, a atmosfera de seu lar era formal e respeitável, e nenhuma tentativa era feita para satisfazer as necessidades das crianças. Só aos 19 anos conseguiu ver o Horse Guards, a Admiralty House e o Whitehall, uma vez que a carruagem da família Potter raramente deixava os arredores imediatos de South Kensington. Não é de surpreender que ao crescer Beatrix não se sentisse à vontade na companhia de outras pessoas. Suas únicas escapulidas desse "mausoléu vitoriano", como um primo o chamava, eram as visitas à avó paterna em uma casa perto de Hatfield, as visitas ocasionais a outros parentes e as férias anuais da família na Escócia, onde começou a se interessar pela vida dos animais e a tecer fantasias a respeito deles. Ela

aprendeu a ler com os romances Waverley de Scott. Seus primeiros esforços literários parecem ter sido hinos e "descrições sentimentais do cenário escocês".[5]

Um irmão mais novo, Bertram, entrou em cena em seu devido tempo, porém, tão logo atingiu idade suficiente, foi despachado para o colégio interno. Uma preceptora, a srta. Hammond, tornou-se uma presença estimulante que incentivou o interesse de Beatrix pela natureza e pelo desenho, mas que deixou a casa quando a menina entrou na adolescência, dizendo que sua aluna já a havia superado. Embora outras preceptoras tenham sido contratadas para lhe ensinar alemão e francês, Beatrix passava a maior parte de suas horas sem uma companhia humana. Mas ela deu um jeito de arranjar alguns bichos de estimação: um coelho, um casal de camundongos, alguns morcegos e toda uma família de caracóis. Nas palavras de Margaret Lane: "Ela fizera amizade com coelhos e porcos-espinhos, camundongos e peixinhos de água doce, do mesmo modo que um prisioneiro na solitária fica amigo de um rato".[6]

É curioso que, quando seu diário em código foi finalmente decifrado, nenhum segredo que parecesse precisar ser ocultado foi revelado. Margaret Lane escreve, com muito discernimento:

> Não havia ponderações ocultas, fantasias secretas nem mesmo pequenas queixas. Ela parece ter se aventurado nesse trabalho de muitos anos quase a despeito de si própria, conduzida por anseio inquieto de usar suas faculdades, de usar a mente, de não permitir que nada importante escapasse, de criar *alguma coisa*.[7]

Beatrix Potter escreveu seu diário até os 30 anos de idade. Embora nada contivesse de excitante, o fato de ter escrito nele assiduamente durante tanto tempo demonstra que, para ela, o caderno representava uma afirmação importante de sua identidade como indivíduo. Em um lar onde se oferecia pouco reconhecimento da individualidade distinta da criança, essa afirmação de identidade pode parecer à criança uma oposição aos pais e, por conseguinte, uma coisa errada. Esse pode ter sido o motivo pelo qual o diário teve de ser escrito em código.

Sua outra atividade criativa era o desenho, no qual, como o demonstram seus livros, ela se aperfeiçoou encantadoramente.

Aos 17 anos, Beatrix Potter aprendeu alemão com Annie Carter, de quem se tornou grande amiga. Quando a srta. Carter se casou, Beatrix continuou a se corresponder com ela e passou a se interessar por seus filhos. O mais velho, um menino chamado Noel, contraiu uma doença duradoura aos cinco anos de idade. A fim de entretê-lo, Beatrix enviou-lhe extensa carta ilustrada na qual narrou a história de Pedro Coelho. Essa carta foi impressa secretamente como livro em 1901 e trazida a público em 1902 pela Warne & Co.

Nos dez anos seguintes, *A história do Pedro Coelho* foi seguida por *A história do esquilo Trinca-Nozes*, *A história da Pata Patrícia* e pelos contos a respeito de todas as outras encantadoras criaturas que se tornaram conhecidas e amadas por seguidas gerações de crianças. Os desenhos de animais de Beatrix Potter são tão primorosos que, há alguns anos, foram apresentados em Londres em uma exposição especial. É interessante observar que os desenhos que ela fez de pessoas nunca alcançaram padrão tão elevado. Por que deveriam? As pessoas, naquele estágio de sua vida, nunca haviam significado tanto para ela quanto os pequeninos animais de estimação a quem entregara seu coração e, portanto, observara com mais atenção.

Também é interessante notar que o período criativo no qual todos os seus melhores livros foram escritos durou apenas dez anos. Em 1913, apesar da amarga oposição de seus pais, Beatrix casou-se com um procurador e passou a administrar uma fazenda em Lake District. Foi também em 1913 que completou 47 anos. Poder-se-ia argumentar que, à medida que a idade torna a infância cada vez mais remota, a criatividade baseada nas fantasias infantis tende a declinar. Poder-se-ia também conjecturar que, quando outro ser humano se tornou, pela primeira vez, o centro de sua vida, a intensidade do sentimento com o qual Beatrix revestira a vida dos animais diminuiu, e seu motivo para inventar histórias a respeito deles desapareceu. Ela não é o único exemplo de escritor cujo interesse na criação imaginativa parece ter declinado de maneira semelhante, mas outras escritoras, como a mãe de Trollope, continuaram a escrever apesar do casamento e da maternidade.

No início de seu capítulo a respeito de Beatrix, ao qual já nos referimos, Humphrey Carpenter defende

> um estereótipo na mente de muitas pessoas do típico escritor de histórias para crianças do final do período da rainha Vitória e de Eduardo VII. Supõe-se que ele tenha sido indivíduo solitário, reservado e introvertido, praticamente incapaz de manter relacionamento humano normal e capaz apenas de transmitir seus mais profundos sentimentos conversando com as crianças ou escrevendo livros para elas.8

Compartilho a aversão de Carpenter pelos estereótipos, mas com frequência ocorre de os adultos que sentem dificuldade em criar relacionamentos com seus semelhantes ficarem mais à vontade na presença de crianças ou animais, sejam ou não escritores. Examinemos sucintamente alguns exemplos de escritores que exibiram essas características e cujo desenvolvimento emocional e opção de carreira foram em parte determinados por terem se separado cedo de seus pais.

Edward Lear, cujas rimas absurdas e desenhos cômicos vêm divertindo tanto adultos quanto crianças por mais de 100 anos, foi o 20o filho de seus pais. Quando seu pai se viu endividado, a família se dividiu. Aos quatro anos de idade, a fim de aliviar o fardo da mãe, Lear foi confiado aos cuidados de sua irmã mais velha, Ann. A partir de então, sua mãe abandonou totalmente sua criação. Vivien Noakes escreve: "Ele era um menino um tanto feio, míope e carinhoso, e sentiu-se desconcertado e magoado com a inexplicável rejeição de sua mãe".9

Embora a irmã demonstrasse ser uma carinhosa guardiã e a família voltasse a se reunir a eles mais tarde, Lear parece jamais ter criado vínculos estreitos com seus pais e, a partir dos sete anos, passou ser acometido por repetidos ataques de depressão aos quais chamava de "a Morbidez". Seu distúrbio psicológico complicou-se ainda mais com a epilepsia e a asma. Veio a se tornar um adulto solitário, com inclinação homossexual, sem contudo, provavelmente, jamais ter consumado seus instintos.

> Ele não buscava o amor físico, e sim alguém que o quisesse como pessoa da maneira pela qual seus pais não o quiseram na infância. Por causa de sua sensibilidade e encanto, as pessoas procuravam-no como amigo, e ele adorava estar com as crianças porque elas gostavam dele e demonstravam esse sentimento. Mas o que ele buscava, e nunca encontrou, foi um verdadeiro envolvimento espiritual com outra pessoa.10

Vivien Noakes confere à sua biografia o subtítulo de "A vida de um

viandante" [em inglês, *The life of a wanderer*], pois Lear passou grande parte da vida viajando, sobrevivendo como pintor. As constantes viagens, ou as frequentes mudanças de residência, usualmente fazem parte da vida das pessoas privadas da mãe ou dos que, por outros motivos, acham difícil encontrar um lugar que possam chamar de "lar". O poeta, apesar de seu encanto e das adoráveis qualidades com as quais conquistou muitos amigos, nunca superou sua solidão fundamental.

Rudyard Kipling é exemplo particularmente notável de escritor cuja privação e infelicidade na tenra idade afetaram seu futuro com profundidade. Kipling nasceu em Mumbai, no dia 30 de dezembro de 1865. Seu pai, John Lockwood Kipling, era diretor de uma escola de arte na cidade. Em 15 de abril de 1871, Kipling, o pai, a mãe e a irmã mais nova, que nascera no dia 11 de junho de 1868, voltaram à Inglaterra para uma licença de seis meses. Naqueles dias era comum os filhos de pais ingleses que viviam na Índia ser enviados à terra natal para estudar. Isso se dava em parte para evitar o risco de doenças e morte prematura, certamente maior no clima quente da Índia, e em parte por motivos esnobes: era menos provável que as crianças criadas por aias nativas adquirissem os hábitos e as maneiras da classe média inglesa.

Kipling, pouco antes de completar seis anos, foi deixado com a irmã aos cuidados de um militar reformado da marinha e de sua esposa, o capitão e a sra. Holloway. Os pais não informaram aos filhos que voltariam para a Índia sem eles. Kipling só veria novamente sua mãe em abril de 1877. Os cinco anos que passou no que mais tarde chamou de "A Casa da Desolação" marcaram-no para toda a vida. Era maltratado pelo filho do casal Holloway, um menino seis anos mais velho que ele, e cruelmente punido, sendo espancado e mantido em isolamento forçado pela odiosa sra. Holloway. Também era maltratado no externato que frequentava, onde não tinha bom desempenho escolar. Todas as noites era interrogado minuciosa e rigorosamente sobre como havia passado o dia. Cada contradição produzida pela assustada e sonolenta criança era tratada como mentira deliberada e prova adicional de travessura a ser punida. Um dos biógrafos de Kipling, Charles Carrington, observa que seus longos anos de sofrimento nas mãos da sra. Holloway lhe ensinaram "as lições estoicas de que a mente precisa

criar a própria felicidade, que quaisquer problemas podem ser suportados se o sofredor tiver recursos pessoais que o sustentem".[11]

Em sua história *Berra, Berra, a ovelha negra*, Kipling apresenta um relato autobiográfico dessa terrível e infeliz parte de sua vida. Nas palavras de Angus Wilson: "Escrever sobre isso lhe foi extremamente doloroso, como nos contou sua amiga, a sra. Hill, em cuja casa ele estava hospedado quando escreveu a história."[12]

Kipling chamou o tratamento recebido da sra. Holloway de "tortura calculada", mas também disse que essa atitude teve como efeito fazer com que ele prestasse cuidadosa atenção às mentiras que precisava contar, chegando à conclusão de que esta foi a base de sua produção literária.

A arte da ficção pode emanar em parte da capacidade de produzir mentiras convincentes, mas não é sua única fonte, e Kipling está desnecessariamente depreciando a si próprio ao fazer essa sugestão. Também registra como ficou encantado ao descobrir que, quando os adultos o deixavam em paz, ele podia, através da leitura, escapar para um mundo todo seu.

Quando se tornou adulto, Kipling continuou esquivo e fugia da publicidade. Ressentia-se de invasão de sua privacidade e queria ser julgado apenas pelo que escrevia. Seu casamento era de um tipo característico das pessoas criativas cujo principal desejo não é a intimidade, e sim a liberdade de se dedicar sem interrupções à sua obra imaginativa. Carrie Balestier, com quem Kipling se casou em 1892, era uma mulher capaz, que o protegia dos visitantes, dirigia os afazeres domésticos e administrava seus negócios e sua correspondência. Embora apreciasse a fama e tivesse amplos contatos sociais, Kipling permaneceu reservado, e tinha a tendência de se entregar a devaneios em ocasiões sociais. Carrington acredita que seu casamento era mais satisfatório para ele do que para sua esposa.

A tensão interna de Kipling revelou-se na insônia e em uma úlcera de duodeno. Como Edward Lear, ele se mostrava mais relaxado durante seus momentos com as crianças. Também demonstrava extraordinária capacidade de inspirar confiança nas outras pessoas, que lhe contavam seus problemas na certeza de que ele não as trairia.[13]

Essa característica particular parece depender de uma habilidade fora do

comum de se colocar no lugar das outras pessoas, de se *identificar* com os outros. Frequentemente se origina do tipo de preocupação prematura com os sentimentos das outras pessoas que o próprio Kipling descreve como tendo sido obrigado a desenvolver quando criança, preocupação essa que também observamos em Trollope. Kipling tornou-se atento e cauteloso, alerta às mudanças de disposição de ânimo nas pessoas que poderiam pressagiar a raiva. Essa consciência antecipada do que os outros estavam sentindo e de como eles exibiam suas emoções provavelmente lhe foi muito útil quando passou a escrever.

O medo da punição não é o único motivo para esse tipo de ansiedade atenta. Filhos de mães deprimidas, ou crianças cuja mãe tem saúde física que requer cuidados, desenvolvem o mesmo tipo de percepção excessivamente ansiosa. Essas crianças guardam para si próprias seus sentimentos, enquanto observam sobretudo os sentimentos da outra pessoa. São menos capazes do que a maioria das crianças de se voltar para a mãe ou para outra pessoa que cuide delas em busca de apoio. Na vida adulta, a criança atenta, intensamente ansiosa, torna-se ouvinte para quem os outros se voltam, mas não desenvolve relacionamentos recíprocos em termos de igualdade no que diz respeito à autorrevelação mútua. Não é raro encontrarmos esse mesmo temperamento em médicos e psicanalistas, que atraem confidências, mas que não são chamados a se revelar.

Kipling conhecia melhor seus confidentes do que lhes permitia conhecê-lo. Como ocorre frequentemente com os escritores, suas revelações a respeito de si eram na maior parte indiretas e restritas à sua ficção. *Berra, Berra, a ovelha negra* é excepcional, pois parece ser autobiografia não atenuada.

Hector Hugh Munro, o escritor Saki, é notável exemplo de autor cuja imaginação foi em grande parte estimulada pela perda precoce da mãe, pela ausência do amor paterno e pelo isolamento emocional. Saki nasceu quase exatamente cinco anos depois de Kipling, no dia 18 de dezembro de 1870. Como Kipling, ele nasceu no exterior; não na Índia, mas em Burma (atual Mianmar), onde o pai era oficial da polícia militar britânica. Quando o pai se encontrava de licença na Inglaterra, no inverno de 1872, sua mãe, que estava grávida, foi atacada por uma vaca fora de controle. Ela perdeu a

criança e morreu em consequência desse desafortunado acidente. Saki, seu irmão e sua irmã mais velhos foram deixados para trás quando o pai voltou para Burma, para serem criados pela avó paterna viúva e por suas duas temíveis filhas, tia Charlotte, conhecida como "Tom", e tia Augusta.

Essas duas assustadoras mulheres estavam constantemente competindo uma com a outra. Ambas eram rígidas disciplinadoras. Augusta, em particular, era punitiva de modo irracional ao acrescentar a ameaça da ira divina à própria raiva. Ethel, a mais velha das três crianças Munro, descreveu Augusta como: "Uma mulher de gênio indomável, de gostos e aversões violentos, ditatorial, moralmente covarde, sem um cérebro que valesse a pena mencionar e de índole primitiva. Com certeza, a última pessoa que deveria cuidar de uma criança".14

Saki repetidamente se vingava das tias em suas histórias, das quais a mais vingativa é "Sredni Vashtar", na qual o tutor de Conradin, um menino de dez anos, cujo personagem claramente se baseia na tia Augusta, é morto pelo bicho de estimação de Conradin, um furão.

Ao atingir a idade adulta, Saki tornou-se um dândi homossexual. À semelhança de Noël Coward, escondia seus sentimentos sob a máscara protetora do cinismo; e, apesar de amado por muitos, era íntimo de poucos. Em sua inteligente introdução a *The bodley head Saki*, Lambert escreve:

> Até as homenagens de seus amigos (à exceção talvez daqueles do exército) parecem sugerir a encantadora cortesia que se baseia na indiferença. A sociedade era para ele um viveiro de futilidade. Quando se afasta do ataque, passa a celebrar a solidão. Nenhuma de suas obras contém relacionamento humano mais estreito, exceto a desvirtuada confusão que une e mutila Francesca Bassington e seu filho [ver *The unbearable Bassington*].15

Saki compartilhava com Kipling e Lear a preferência pela companhia das crianças em detrimento da dos adultos. Os três amavam os animais e os inseriam em suas histórias.

Saki e Kipling também compartilhavam certo interesse pela crueldade física que algumas vezes se manifestava, como nas histórias "Stalky" de Kipling e na descrição que Saki faz de Comus fustigando um menino na escola em *The unbearable Bassington*. Os dois homens levaram consigo para a idade adulta um traço sádico de temperamento que, como essas coisas

frequentemente são, teve origem provável no desejo de vingança contra aqueles que os atormentaram na infância. A ficção proporciona escape aceitável para extravasar de sentimentos violentos. Como seria bom que aqueles que externam essas emoções atacando os inocentes e indefesos fossem suficientemente talentosos para expressar seus sentimentos sob a forma de ficção!

O terceiro exemplo é o de um escritor de um tipo muito diferente, Pelham Grenville Wodehouse. Nasceu no dia 5 de outubro de 1881 e, embora tenha sido na Inglaterra, passou a maior parte de seus dois primeiros anos de vida em Hong Kong, onde o pai era magistrado. Aos dois anos, Wodehouse e os dois irmãos, de seis e quatro anos, foram levados à Inglaterra pela mãe e deixados aos cuidados de uma estranha, a srta. Roper, contratada para tomar conta deles. Depois de passarem três anos sob os cuidados dela, os meninos foram transferidos para uma escola em Croydon, administrada por duas irmãs, e depois para outra escola em Guernsey. O próprio Wodehouse escreveu que ele era simplesmente passado de mão em mão e que levava uma vida peculiar, sem um lar para onde ir.

Não era desesperadamente infeliz. Em uma entrevista que concedeu no final da vida, afirmou ter tido infância bastante feliz, comparando seu destino com o de Kipling. Mas a ausência de vínculos estreitos e permanentes nos primeiros anos de vida inevitavelmente teve seus efeitos. Sua biógrafa, Frances Donaldson, comenta:

> Ele simplesmente se desligava do mundo frio e pouco gratificante e recolhia-se à fantasia. Desde a mais tenra idade, sentia-se feliz em sua própria companhia e, na ausência de qualquer vida familiar ou estímulo às emoções, cultivava sua imaginação na solidão. Afirmou que não conseguia lembrar-se de alguma ocasião em que não tivesse tido a intenção de ser escritor e começou a inventar histórias antes mesmo de saber escrever.[16]

Haveria dito em entrevista que concedeu ao *Paris Review*, aos 91 anos: "Sei que já escrevia histórias aos cinco anos de idade. Não sei o que eu fazia antes disso. Apenas vadiava, suponho".[17]

Depois de mudar mais uma vez de escola, Wodehouse foi mandado para a Dulwich College. Ali, nos conta Frances Donaldson, "adquiriu, pela primeira vez, um grau de permanência e estabilidade".[18]

Para Wodehouse, a Dulwich College tornou-se o foco para as emoções que, nas crianças que têm criação normal, costumam estar vinculadas ao "lar". Quarenta anos depois de haver deixado o estabelecimento, Wodehouse ainda acompanhava as partidas de futebol da escola com a mesma emoção. Ele próprio descreveu os anos que passou na Dulwich como se tivesse estado no céu. Era bom nos esportes, estava intelectualmente acima da média e, na atmosfera de uma escola pública, não era obrigado a estabelecer relacionamentos íntimos. Nas palavras de Frances Donaldson, "ele podia participar sem se envolver".19

A mãe de Wodehouse reingressou em sua vida quando ele estava com 15 anos, mas ele nunca criou laços íntimos com ela e parece ter permanecido emocionalmente inibido e dependente em seus posteriores relacionamentos com as mulheres. Como ocorre com frequência entre os que têm carência maternal, Wodehouse se sentia atraído por mulheres mais velhas. Quando se casou, em 1914, sua esposa, Ethel, passou a tomar conta de todos os seus assuntos financeiros, concedendo-lhe pequena mesada. Ela o protegia do mundo e, embora algumas vezes o forçasse a participar de compromissos sociais que ele procurava evitar, providenciava para que tivesse o isolamento de que precisava. Sob esses aspectos, o casamento de Wodehouse se parecia muito com o de Kipling.

Wodehouse continuou a temer os contatos sociais individuais, detestava ser entrevistado, odiava os clubes (embora fosse sócio de vários) e derramava sobre os animais o afeto que não conseguia dar aos seus semelhantes. Quando a esposa procurava um apartamento em Nova York, ele lhe pediu que conseguisse um no andar térreo. "Por quê?", ela perguntou, e ele respondeu: "Nunca sei o que dizer ao ascensorista".20

Quando visitava sua filha no colégio, precisava esperar do lado de fora por ela, porque tinha medo de enfrentar sozinho a diretora do estabelecimento. Era um indivíduo doce, delicado, um tanto infantil, que usava seu trabalho como refúgio contra o mundo e que, em decorrência disso, se tornou altamente produtivo. Calcula-se que tenha publicado 96 livros, além de haver escrito letras para comédias musicais e muitas outras coisas.

Na vida cotidiana, geralmente admiramos as pessoas que não levam a

sério seus problemas, transformando-os em piadas, mas Wodehouse usava tão intensamente o humor como defesa que este chegava a distorcer sua percepção da realidade. Sua indiferença com relação ao dinheiro, por exemplo, que fazia com que se preocupasse apenas em ter algum trocado para comprar fumo ou uma fita nova para a máquina de escrever, envolvia-o em repetidos encontros com as autoridades fiscais. Retido na França pelos alemães durante a Segunda Guerra, abalou terrivelmente sua reputação ao concordar em fazer na Alemanha alguns programas radiofônicos leves a respeito de sua experiência como prisioneiro de guerra. Qualquer pessoa com visão normal da realidade, sem falar em alguma noção de política, perceberia que essa atitude seria encarada como ato de apoio aos nazistas, mas Wodehouse considerou-a como uma oportunidade de manter contato com seu público e de agradecer aos seus amigos norte-americanos os presentes que lhe haviam enviado, sem suspeitar em momento algum que seria rotulado de traidor.

Kipling, Saki e Wodehouse tinham em comum a experiência de ter sido "arrendados" em tenra idade e de não ter tido os prazeres, o afeto e o apoio de um lar normal. Em decorrência disso, os três sentiram, depois, dificuldade em criar relacionamentos íntimos e inclinaram-se a demonstrar mais afeição por animais e por crianças do que eram capazes de demonstrar pelos adultos.

Os três aprenderam a usar a imaginação, não só como refúgio contra o mundo, mas também como maneira indireta de distinguir-se nele. Kipling e Saki expressaram em suas obras de ficção parte do ressentimento que guardavam contra aqueles que os haviam abandonado para sofrer nas mãos de estranhos. Wodehouse, que não foi maltratado, mas passou de mão em mão, desenvolveu um mundo imaginativo no qual não há violência, ódio, sexo e sentimentos profundos. Embora alguns dos versos rimados de Lear exibam um tipo humorístico de violência, seu mundo imaginativo também é destituído de sexo e de emoções profundas.

É válido supor que, nesses exemplos, o desenvolvimento desses mundos imaginativos altamente complexos foi consequência de esses escritores haverem sido afastados da realização emocional que as crianças com criação mais comum experimentam em sua relação com os pais e outras pessoas

que cuidam delas. Esses autores (e entre eles incluo Beatrix Potter e Edward Lear, que foram afastados sob o aspecto emocional, porém não fisicamente, dos cuidados paternos e maternos) compensaram seu isolamento por meio da criação e, em quatro dos casos, substituindo o amor das pessoas pelo dos animais.

No entanto, nem toda pessoa isolada, ainda que talentosa, se volta ou para a ficção ou para o reino animal. Tampouco as dificuldades em estabelecer relacionamentos devem ser necessariamente atribuídas a circunstâncias adversas na infância. Como vimos no capítulo anterior, as pessoas se diferem não apenas em sua criação familiar, mas também em seu temperamento hereditário. Existem as que receberam grande quantidade de afeto quando crianças e nunca conseguiram criar relacionamentos íntimos. Há as que compensam a relativa ausência dos relacionamentos interpessoais buscando a riqueza ao invés da criação ficcional. Seria ingênuo supor que as atividades criativas do homem possam ser agrupadas sob um único título. Não obstante, como o demonstram esses exemplos, os dons que possibilitam que a pessoa se torne um escritor podem ser estimulados pela perda e pelo isolamento. Começamos a compreender por que Simenon, em entrevista para o *Paris Review*, disse: "Escrever não é profissão, e sim vocação para a infelicidade".[21]

Simenon revelou, na mesma entrevista, que tomou consciência, quando ainda era criança, de que a comunicação completa entre duas pessoas era simplesmente impossível. Afirmou que isso lhe conferiu uma tal sensação de isolamento e solidão que quase gritou. Foi sem dúvida essa sensação de solidão que fomentou sua extraordinária capacidade para criar histórias. Essa sensação também pode ser considerada responsável pelo fato de ele buscar compulsivamente as mulheres.

Os escritores que analisamos neste capítulo, com a possível exceção de Wodehouse, foram infelizes na infância e tiveram bons motivos para sê-lo. Quanto continuaram a ser infelizes durante a vida? Será que sua experiência inicial os impediu de estabelecer o tipo de relacionamento com as outras pessoas que traz a felicidade? Se for esse o caso, será que o exercício de seu talento imaginativo lhes trouxe outro tipo de felicidade?

Essas não são perguntas fáceis de responder. Durante toda a vida,

Edward Lear tinha a tendência de ficar gravemente deprimido, e, apesar de ter sido amado por muitas pessoas, parece ter permanecido emocionalmente isolado.

Trollope também continuou vulnerável à depressão e trabalhava compulsivamente para afugentar a melancolia. Por outro lado, deu-se a um casamento que alegava ser feliz e que de fato parece tê-lo sido. Seu amor na meia-idade por Kate Field de modo nenhum contradiz essa afirmação. Era um homem sensível que se esforçava por ocultar seus sentimentos atrás de uma *persona* rude, mas conquistou muitos amigos e, quando adulto, certamente não poderia ser chamado de solitário. A fama que seus romances lhe trouxeram compensou em grande parte a experiência inicial de ser desprezado e rejeitado.

Os relacionamentos de Kipling parecem ter sido um pouco menos íntimos do que os de Trollope, embora sua paixão pela privacidade torne difícil termos certeza disso. O certo é que era uma pessoa encantadora, o que lhe garantiu muitas amizades duradouras e importantes. Seu casamento proporcionou segurança, e sua fama sustentou sua autoestima. Porém, como Trollope, Kipling permaneceu suscetível a crises de depressão e, na opinião de Angus Wilson, era atormentado pelo medo de sofrer um colapso mental, o que o levava a fugir assustado da introspecção. Sua obra era arte baseada na observação externa que dependia o mínimo possível do autoexame. Angus Wilson chega à conclusão de que foi essa fuga da introspecção que impediu Kipling de se situar no primeiro escalão de escritores, mas também foi ela que o levou a abordar temas nunca antes explorados por outro escritor.

Dos ficcionistas analisados neste capítulo, acredito que seja provável que Saki tenha sido o que permaneceu mais solitário. Sua infância infeliz tornou difícil para ele criar relacionamentos íntimos, dificuldade essa que se uniu a sua homossexualidade, então vista como crime, que não era amplamente admitida ou considerada aceitável pela sociedade. Sua obra lhe trouxe algum reconhecimento ainda em vida, mas as limitações, a exclusão do amor, a ironia e a crueldade impediram que Saki desfrutasse a fama conferida aos escritores possuidores de maior simpatia humana.

Segundo ele próprio relata em cartas, parece que o período mais feliz de

sua vida deu-se durante a Primeira Guerra, quando Saki tinha 43 anos. A saúde não era boa, mas ainda assim conseguiu alistar-se como soldado raso na cavalaria do rei Eduardo VII. Suas cartas indicam que encarava a guerra como uma aventura romântica, gostava da companhia masculina que ela proporcionava e, talvez por não se importar muito com sua sobrevivência, apreciava o perigo nas expedições noturnas para a instalação de minas. Saki foi morto pela bala de um atirador de tocaia no dia 14 de novembro de 1916.

Dentre as obras dos escritores analisados até aqui, a de Wodehouse é a que mais se aproxima da opinião de Freud, o qual considerava a fantasia como basicamente escapista. Os relacionamentos de Wodehouse com outros seres humanos parecem ter permanecido em um nível quase superficial. O eixo em torno do qual sua vida girava com certeza não eram os vínculos íntimos, e sim o trabalho. Não obstante, o prazer que sentia em criar um mundo imaginário, sua engenhosidade, sua habilidade verbal e seu sucesso mundano parecem ter-lhe trazido um tipo de felicidade que muitos invejariam.

Beatrix Potter, ainda antes de casar, conseguiu encontrar a felicidade. Ao escapar de sua opressiva família e viver sozinha na fazenda que comprara em Lake District, as atividades campestres e seus escritos tornavam-na feliz. Por certo, o casamento a deixou ainda mais realizada, mas não há motivo para duvidar da opinião de sua biógrafa de que os oito anos que antecederam seu casamento também foram uma época feliz. Nesse período ela conseguiu desfrutar a posse solitária da fazenda Hill Top e também atingiu o auge como escritora.

A ideia de que o desenvolvimento da imaginação e do espírito inventivo nesses escritores começou como compensação para a ausência ou o rompimento dos vínculos íntimos traz consigo a implicação de que essa evolução esteja em segundo plano, um substituto inferior para os relacionamentos íntimos e carinhosos que eles deveriam ter desfrutado. No início da infância, esse é provavelmente o caso. Nada pode compensar na íntegra a ausência dos elos mais íntimos nos pequeninos.

No entanto, o que começou como compensação da privação tornou-se forma gratificante de viver. Todos esses escritores foram bem-sucedidos, apesar de suas cicatrizes emocionais. Com a possível exceção de Saki e Lear,

todos alcançaram relacionamentos que, embora variassem em intensidade e intimidade, foram pelo menos satisfatórios, como muitos daqueles formados por pessoas que não haviam sofrido privações semelhantes na infância. O que começou como uma compensação acabou sendo um modo de vida tão válido quanto qualquer outro, e mais interessante do que a maioria. Ainda que seus vínculos íntimos não tenham sido o eixo ao redor do qual giravam suas vidas, não há motivo para supormos que suas existências não tenham sido completas.

9

PERDA, DEPRESSÃO E REPARO

> Escrever é uma forma de terapia; algumas vezes me pergunto de que modo os que não escrevem nem compõem ou pintam conseguem escapar da loucura, da melancolia e do medo aterrador inerentes à condição humana.[1]
>
> Graham Greene
>
> Mas me pergunto seriamente se para uma pessoa como eu, cujos momentos mais intensos foram os da depressão, uma cura que destrua a depressão não poderá destruir a intensidade — um medicamento desesperado.[2]
>
> Edward Thomas

No capítulo anterior, chegamos à conclusão de que alguns escritores são levados a desenvolver sua capacidade imaginativa como compensação para a ausência, ou rompimento, das relações íntimas com os pais. Neste capítulo, desejo abordar a ideia de que a imaginação é capaz de conseguir mais do que criar castelos de ar compensatórios ou abrigos contra a infelicidade. A imaginação criativa, como sugere a citação de Graham Greene na abertura, pode exercer função curativa. Ao criar uma unidade em um poema ou em outra obra de arte, o artista está tentando restabelecer a unidade perdida, ou encontrar uma nova dentro do mundo interno da psique, bem como produzir uma obra que tenha existência real no mundo exterior. Referimo-

nos, no Capítulo 5, ao fato de que as pessoas que percebem seu potencial estão constantemente preenchendo a lacuna entre o mundo da realidade externa e o mundo interior da psique. Na expressão de Winnicott, "a apercepção criativa" é o que leva as pessoas a sentir que vale a pena viver a vida; talvez os talentosos sejam mais capazes do que a maioria para renovar a perda de maneira simbólica. A mente humana parece construída de forma tal que o novo equilíbrio ou restauração dentro do mundo subjetivo e imaginativo é sentido como se houvesse mudança para melhor no mundo exterior, e vice-versa. Ao ligarmos assim o objetivo ao subjetivo, estamos nos aproximando dos limites do entendimento humano, mas acredito que os segredos da adaptação humana criativa devam ser encontrados exatamente nesses limites. A fome da imaginação que leva os homens a buscar um novo entendimento e novas ligações no mundo exterior é, ao mesmo tempo, uma fome de integração e unidade interior.

Dentre os escritores cuja vida examinamos no capítulo anterior, Saki foi o menos capaz de superar seu trauma de infância. Também foi o único dentre eles que se viu permanentemente privado da mãe pela morte desta quando ele tinha apenas dois anos de idade. Desejo examinar neste capítulo a relação entre criatividade e depressão. A perda do ente querido, especialmente quando ocorre em tenra idade, mais do que desencadear depressão na época, parece muitas vezes predispor o indivíduo a reagir a qualquer perda posterior com particular severidade. Vamos descrever então, em linhas gerais, a complexa relação entre perda, depressão e realização criativa.

Embora separar-se dos pais seja um evento traumático para qualquer criança, acreditamos que, enquanto souber que eles ainda estão vivos, a criança continuará a manter esperança de se unir a eles. A menos que a crença em uma vida depois da morte prevaleça, a criança que perdeu seus pais com a morte destes não pode ter essa esperança. A natureza arbitrária de uma perda desse tipo, sua injustiça e seu caráter inexplicável tendem a tornar o mundo imprevisível, um lugar inseguro sobre o qual a criança não pode exercer influência alguma. Não é de estranhar que a perda de um dos pais no começo da infância seja usualmente relacionada com o desenvolvimento posterior de problemas emocionais. De modo mais

específico, considera-se que a morte dos pais aumenta o risco de sofrer episódios de grave depressão.

Se a perda de um ou de ambos os pais em tenra idade por si só geraria a possibilidade de futura depressão é uma questão polêmica. Os efeitos dessa falta variam; e, embora não haja dúvida de que a perda prematura de um dos pais seja traumática, talvez ela só estimule a depressão nos que estão geneticamente predispostos a isso.

Essa suposição é sustentada por um ensaio no qual os autores compararam um grupo de pacientes psiquiátricos que haviam perdido um dos pais na infância com um grupo maior de pacientes psiquiátricos que não haviam sofrido nenhuma perda desse tipo. Chegaram à conclusão de que a perda prematura de um dos pais afetava a gravidade de uma doença mental posterior sem, no entanto, determinar seu tipo. Isso quer dizer que a perda não estava especificamente associada ao desenvolvimento da depressão, da esquizofrenia ou de outras formas de doenças mentais, mas sim com maior gravidade dos sintomas quando os pacientes ingressavam pela primeira vez no hospital.

No entanto, aqueles que haviam perdido um dos pais quando crianças não demonstravam dificuldade maior em estabelecer vínculos adultos e amadurecidos: "Eles também criavam relacionamentos interpessoais instáveis e intensos e se queixavam de sentimentos crônicos de vazio e de tédio".3 De qualquer forma, esta última descoberta sugere que alguns dos pacientes que haviam sofrido uma perda quando crianças eram cronicamente deprimidos, uma vez que, como já vimos, as queixas de sentimentos de vazio são característica comum da depressão.

George Brown e Tirril Harris, em seu estudo sobre a depressão nas mulheres da classe trabalhadora, chegaram à conclusão de que aquelas que experimentavam a morte da mãe antes dos 11 anos de idade tinham mais probabilidade de reagir com grave depressão às perdas subsequentes. Já afirmamos que a autoestima depende de inserirmos ou incorporarmos a ideia de sermos inequivocamente amados por nós próprios. Como na infância a mãe é a mais importante fonte de amor inequívoco, seria bastante natural que seu desaparecimento interferisse na incorporação do amor, ou a evitasse, tornando, portanto, mais difícil a obtenção e a

preservação da autoestima.[4]

Entretanto, outros pesquisadores questionaram se é efetivamente a morte da mãe que aumenta a vulnerabilidade à depressão em outras fases da vida. Um estudo moderno afirmou que, em uma série de pacientes deprimidos de diversos tipos, não havia nenhuma evidência de que a perda de um dos pais antes dos 15 anos fosse fator crucial.[5] Por outro lado, os autores indicam que a falta de relacionamento caloroso com os pais na infância seria um fator importante que contribui para o subsequente desenvolvimento da depressão nos adultos, e essa ideia se harmoniza bastante com a suposição de que a ausência da autoestima incorporada provoca a vulnerabilidade à depressão. A criança não incorporará a ideia de que é amada por um pai ou mãe que esteja morto, tampouco por um pai ou mãe que a rejeite, que fique ausente por longos períodos ou seja tão perturbado a ponto de ser incapaz de manter um relacionamento caloroso.

A autoestima se relaciona não apenas com a sensação de sermos amados, mas também com a de nos sentirmos competentes. As personalidades depressivas, diante de adversidades como o divórcio ou a perda do cônjuge pela morte, além de sofrer a perda de alguém que lhes proporcionava autoestima ao lhes oferecer amor e carinho, também se sentem frequentemente desamparadas ao tentar enfrentar a vida sozinhas, pelo menos no início. Brown e Harris escrevem:

> Certamente não é improvável que a perda da mãe antes dos 11 anos exerça influência duradoura na autoestima da mulher ao lhe conferir uma sensação permanente de insegurança e sentimentos de incompetência no controle das coisas boas do mundo.

Os autores prosseguem:

> Até que a criança tenha cerca de 11 anos, é provável que seu principal meio de controlar o mundo seja pela mãe. A partir daí, passa a ter a tendência de exercer o controle direta e independentemente. Quanto mais cedo a mãe morre, torna-se mais provável que a criança retroceda em seu aprendizado do domínio do ambiente; e a sensação de domínio é, decerto, fator essencial do otimismo. Assim, a perda da mãe antes dos 11 anos pode muito bem diminuir permanentemente o sentimento de domínio e autoestima de uma mulher e, por conseguinte, atuar como componente de vulnerabilidade, interferindo na maneira pela qual ela lida com a perda na idade adulta.[6]

Outro fator que liga a perda prematura de um dos pais à tendência posterior à depressão também se relaciona a sentimentos de falta de domínio. Alguns pacientes que sofreram desse problema continuam a procurar o pai ou a mãe perdidos e são propensos a se casar com alguém que lembre seus pais e para quem eles podem se voltar. Birtchnell descobriu que as mulheres que perderam a mãe antes dos dez anos eram muito mais dependentes ou, usando a terminologia de Bowlby, mais ansiosamente apegadas do que as que não passaram por essa experiência.[7]

A dependência e o sentimento de incompetência, de ser incapaz de enfrentar os problemas, estão estreitamente relacionados. O desamparo caminha de mãos dadas com a desesperança em muitos casos de depressão. Referi-me, no Capítulo 4, à observação de Bettelheim de que os primeiros prisioneiros a morrer nos campos de concentração eram os que haviam desistido de qualquer tentativa de tomar decisões independentes e que, por conseguinte, sentiam-se totalmente indefesos nas mãos de seus perseguidores.

Quando a pessoa se casa com a figura do pai ou da mãe, ela reforça a sensação de ser incapaz de enfrentar os problemas. Se existe sempre alguém a quem possa se voltar, alguém que lhe dará conselhos e tomará decisões, a pessoa dependente não aprende a ser competente. A perda do marido ou da mulher tem maior probabilidade de agravar os sentimentos de desamparo nos que eram particularmente dependentes do cônjuge do que nos que não o eram. Em alguns casos, a sensação de desamparo persiste. Em outros, o viúvo ou a viúva, como já não tem a quem recorrer, descobre poderes de resistência não percebidos anteriormente. Todos já vimos indivíduos que parecem haver começado uma vida nova depois de perder o marido ou a mulher, e isso nem sempre ocorre porque o casamento não era feliz.

Pesquisas indicam que mudanças indesejáveis na vida da pessoa, como a morte do cônjuge, o divórcio, a perda do emprego, um acidente pessoal ou uma sentença de prisão, estão fortemente relacionadas com uma doença posterior *se essas mudanças forem percebidas pelo indivíduo como incontroláveis*. Também já foi demonstrado que as pessoas que sentem que sua vida é basicamente comandada por forças externas sofrem mais de doenças em

reação a eventos estressantes do que as que têm forte senso de controle sobre sua vida.8

Uma ideia muito aceita é a de que a perda no presente faria surgir sentimentos de perda no passado. Isso é especialmente verdadeiro se as emoções despertadas pela perda original não tiverem sido "resolvidas" por completo — fenômeno esse comentado no Capítulo 3. Nos casos em que o processo do luto não se completa, as perdas posteriores têm a tendência de produzir efeitos mais fortes. Foi sugerido anteriormente que a criança que fora separada dos pais poderia reter alguma esperança de se reunir a eles, ao passo que aquela que perdera um dos pais estaria privada de qualquer possibilidade de consolo. Essa ideia implica que a morte de um dos pais provavelmente terá efeito pior na posterior saúde mental do que a separação.

Brown e Harris suscitaram provas que até certo ponto apoiam essa hipótese. Descobriram que os estados de depressão nas mulheres que haviam perdido um dos pais eram mais graves e mais prováveis de ser diagnosticados como psicóticos e que os tipos de depressão que afligiam as mulheres que haviam sofrido a perda pela separação tinham maior probabilidade de ser rotulados de neuróticos.

Eles também supõem que alguém que perdeu um ente querido, quando se vê diante de uma perda posterior de qualquer tipo, tem maior probabilidade de reagir diante da nova perda como se ela fosse inevitavelmente irreversível. Isso explicaria alguns casos nos quais a perda ou o fracasso que desencadeia uma depressão grave parece trivial, em comparação com a reação que ele provoca.9 Por exemplo, o adolescente que perdeu um dos pais pode ficar profunda e inadequadamente deprimido ao ser reprovado em um exame.

Outro fator que determina a suscetibilidade seria a importância atribuída aos relacionamentos interpessoais como uma fonte de autoestima. As crianças pequenas, a não ser que sejam prodígios, não terão tido tempo suficiente para desenvolver os interesses e as aptidões que aumentarão seu senso de competência. Como veremos, aqueles capazes de se voltar para o trabalho criativo têm vantagem sobre aqueles cuja autoestima depende inteiramente dos relacionamentos íntimos.

A escrita e outras atividades criativas seriam maneiras de enfrentar ativamente a perda, seja a de um luto recente, seja o sentimento de vazio que acompanha grave depressão causada por outros motivos. Foi sugerido, no Capítulo 7, que a pessoa suscetível a repetidas crises de depressão poderia, caso possuísse talento, expressar no trabalho criativo aspectos de seu verdadeiro eu que ela achasse difícil de manifestar na vida social. Vimos, no Capítulo 8, que alguns escritores, por causa de separação precoce ou de posterior isolamento e infelicidade, criaram mundos de fantasia nos quais se abrigavam. Essas não são as únicas funções que o trabalho criativo consegue desempenhar.

Os indivíduos criativos que sofrem uma perda, ou que experimentam por outros motivos grave depressão, conseguem ir mais longe. Como sugeri no início deste capítulo, são frequentemente capazes de usar seus talentos no que descreveríamos como processo de reparo ou reconstrução. Esse processo é um esforço de conformar-se com a perda de maneira que a dor seja aceita, em vez de uma tentativa de negar a perda ou fugir dela. Graham Greene, que admite possuir temperamento maníaco-depressivo e uma necessidade repetitiva de fugir de períodos de depressão, está certo ao supor que escrever, compor ou pintar seja uma forma de terapia, embora essa não seja a única função dessas atividades. Além disso, essa é uma modalidade de terapia que não requer nenhum outro terapeuta além do próprio indivíduo que está sofrendo.

Já vimos que as pessoas criativas estão acostumadas à solidão e analisamos alguns dos motivos desse fato. Em vez de procurar amigos com quem possam trocar confidências, ou conselheiros para contar seus problemas, usam seus talentos para aceitar e compreender o sofrimento. Uma vez completa, a obra pode ser compartilhada com os outros, mas a reação inicial à depressão é voltar-se para dentro, e não para fora.

O ato criativo é uma forma de superar o estado de desamparo, que é, como já vimos, parte extremamente importante do estado depressivo. Trata-se de um mecanismo para enfrentar os problemas, uma maneira de exercer o controle, bem como um modo de expressar as emoções. Com efeito, o ato em si de expressar as emoções confere à pessoa que está sofrendo certo senso de domínio, ainda que ela não seja particularmente

talentosa. Os psicoterapeutas, em especial aqueles treinados na escola de Jung, sugerem com frequência a seus pacientes que, ao se sentirem dominados pela raiva ou pelo desespero, devem tentar pintar ou desenhar seus sentimentos, ou pelo menos escrever o que estão vivenciando. Muitos pacientes atravessam períodos especiais de estresse, nos quais se sentem de tal forma à mercê de suas emoções que temem ser incapazes de tolerar o intervalo entre as sessões de psicoterapia. Se conseguirem ser persuadidos a expressar seus sentimentos de uma maneira ou de outra quando sozinhos, geralmente deixam de ter a sensação de estar dominados por seus sentimentos e recuperam algum controle.

Tennyson pode ser citado como exemplo bem conhecido de pessoa que usou seu talento como uma forma de aceitar a perda. Começou a escrever *In Memoriam*, sua resposta à morte do amigo Arthur Hallam, poucos dias depois de ter conhecimento dela. *In Memoriam* absorveu a atenção de Tennyson por quase 17 anos. A obra não tinha como objetivo original ser publicada, mas, quando finalmente o foi, obteve enorme sucesso.

Hallam havia sido noivo da irmã do poeta, Emily. Também fora o melhor amigo de Tennyson em Cambridge, onde ambos foram membros da sociedade exclusiva The Apostles. Sua amizade era íntima e ardente, mas sem ser aberta ou veladamente homossexual. As gerações pré-freudianas foram mais felizes do que a nossa, sob o aspecto de que podiam admitir livremente que "amavam" um membro do mesmo sexo, ou do sexo oposto, sem a implicação de que todo amor tenha necessariamente origem sexual. Hallam morreu em Viena, de maneira inesperada, no dia 15 de setembro de 1833. A provável causa da morte foi uma hemorragia subaracnoídea, ou seja, uma forma de acidente vascular cerebral causado pela malformação dos vasos ou liqueaneurisma das artérias que suprem o cérebro. Ele tinha 23 anos.

> Ao contrário de Emily, Alfred não se abateu visivelmente sob o peso da morte de Hallam, embora fosse provável que sofresse com a mesma intensidade e tenha sido afetado por essa perda ainda por muito tempo depois de ela ter se recuperado. Continuou a levar sua vida normal do dia a dia, mas havia perdido sua mais importante ligação com a realidade. O único recurso que lhe restava era a poesia, usada como narcótico para uma existência que se tornara temporariamente sem sentido.[10]

O uso do termo “narcótico” por Robert Bernard Martin provavelmente se origina da própria referência de Tennyson aos “insípidos narcóticos” em “In Memoriam”:

> Porém, para o cérebro e coração inquietos,
> O uso em linguagem calculada se estende;
> O triste exercício mecânico,
> Como insípidos narcóticos, entorpecendo a dor.11

É provavelmente verdade que qualquer tipo de trabalho serve para diminuir a dor imediata da perda. Robert Burton, em sua palavra ao leitor que abre *The anatomy of melancholy*, diz: “Escrevo sobre a melancolia ao me ocupar para evitá-la. A maior causa da melancolia é a ociosidade, ‘a melhor cura são os afazeres’, como sustenta Rhasis”.12 Mas o exercício de criar poesia assume efeito bem maior do que apenas anestesiar a pessoa que está sofrendo. Também consegue devolver sentido à vida e a sensação de que somos capazes de suportar o que está acontecendo. De acordo com o professor Martin, Tennyson escreveu não apenas “In Memoriam” como consequência direta de sua perda, mas também vários outros poemas que estão entre suas melhores obras. O professor Martin cita “Ulysses”, “Tiresias”, “Morte d’Arthur”, “On a Mourner”, “St. Simeon Stylites” e “O that’ twere possible” de *Maud* como tendo tido essa origem e refere-se em especial ao seu “efeito terapêutico” sobre o autor, o que felizmente indica que ele compreende que há algo mais envolvido do que uma ação entorpecedora.

Tennyson oferece exemplo particularmente notável de como as características genéticas interagem com as circunstâncias para produzir a depressão. Seu avô paterno era homem instável, sujeito a crises alternadas de raiva e de chorosa autocomiseração. Sua instabilidade pode ter estado em parte relacionada com o fato de haver perdido a mãe aos cinco anos de idade. Tinha quatro filhos, e os dois mais velhos eram meninas. Elizabeth, a primogênita, era geralmente alegre, mas “sua saúde nunca combinava com seu ânimo, e, quando estava doente, algumas vezes sofria de depressão”. Mary, a segunda filha, “era sombria e quase maldosamente calvinista, rejubilando-se tristemente por ser um dos eleitos e tentando lamentar a

condenação eterna de sua família".13

O terceiro filho, o pai do poeta, George Clayton Tennyson, era um pastor protestante gravemente perturbado, que sofria de repetidas crises de depressão e de epilepsia, além de ser viciado em álcool e em láudano. O quarto filho, Charles, era mais estável do que os outros, mas sofria de epilepsia, mal que veio também a afetar um de seus filhos.

George Clayton Tennyson teve 12 filhos, dos quais o poeta, Alfred, foi o quarto. O primeiro morreu quando ainda bebê. Dos dez irmãos e irmãs de Alfred que sobreviveram, um passou quase toda a vida em uma instituição para doentes mentais, e diz-se que morreu de exaustão que se seguiu à mania. Outro irmão "sofria de um tipo de doença mental quase incapacitante, o terceiro era viciado em ópio, o quarto era alcoólatra, e cada um dos outros membros da enorme família teve pelo menos uma séria crise mental em uma longa vida".14

Septimus Tennyson, um dos irmãos do poeta, foi várias vezes admitido no hospício do dr. Matthew em High Beech, que também tinha como paciente o poeta John Clare. O próprio Alfred Tennyson já estivera internado lá, mas não está bem claro se era ou não paciente. Não há dúvida de que sofreu repetidas crises de depressão durante a vida. Ele também fumava e bebia muito. Em uma passagem posterior, o professor Martin faz outra referência ao papel que a poesia desempenhou no alívio da depressão e da hipocondria de Tennyson. "Ao criar a harmonia e a ordem simbólica dos poemas, ele era capaz de perceber momentaneamente algum tipo de unidade e totalidade aplicável à sua vida, e assim permaneceram as coisas para ele até sua morte."15

Essa inteligente e importante declaração a respeito do papel da criatividade na vida dos atormentados vai bem mais além da referência anterior do professor Martin à poesia como narcótico. A busca da ordem, da unidade, da totalidade é, na minha opinião, força motriz extraordinariamente importante na vida de homens e mulheres de todos os tipos de temperamento. A sede de imaginação está ativa em certo grau em todos os seres humanos. Mas, quanto maior a desarmonia interior, mais intenso é o incentivo para buscar a harmonia ou, se a pessoa possuir o talento necessário, para *criar* a harmonia. É por isso que Edward Thomas, no

comentário citado como uma das epígrafes deste capítulo, indaga se ao se livrar da depressão ele não poderá também estar se livrando da intensidade que o levou a escrever.

Outro exemplo de resposta criativa diante da perda nos é fornecido por Felix Mendelssohn. O talento musical de sua irmã mais velha, Fanny, era quase igual ao seu. Eram tão dedicados um ao outro que amigos da família costumavam dizer brincando que eles deveriam se casar. Fanny morreu de repente, aos 41 anos, no dia 14 de maio de 1847. Embora Mendelssohn tivesse se casado dez anos antes, ficou tão abalado com a notícia que desmaiou ao ler a carta que comunicava o ocorrido e parece jamais haver se recuperado dessa perda. Quando se sentiu suficientemente bem para viajar, foi com a família passar umas férias na Suíça. Foi lá que compôs sua última obra completa de música de câmara, o *Quarteto em fá menor (Opus 80)*, dedicado à memória de Fanny. A composição é descrita como ardente, como sua mais profunda obra de música de câmara e que possivelmente anunciaria nova fase na evolução de Mendelssohn como compositor. No entanto, o destino não concedeu tempo a Mendelssohn para completar seu luto. O compositor morreu poucos meses depois, no dia 4 de novembro de 1847. Os dois irmãos provavelmente morreram de hemorragia subaracnoídea, o mesmo tipo de acidente vascular cerebral que matara Arthur Hallam 14 anos antes.

Esses são dois exemplos de respostas criativas diante da perda na vida adulta. Existem também muitos exemplos de respostas criativas a perdas que ocorreram na primeira infância.

Andrew Brink, que foi ao mesmo tempo professor de inglês e membro adjunto do Departamento de Psiquiatria da McMaster University, escreveu dois livros nos quais aplica a teoria da relação-objeto à composição da poesia: *Loss and symbolic repair*[16] e *Creativity as repair*.[17] O primeiro é um estudo sobre os poetas Cowper, Donne, Traherne, Keats e Plath. O segundo é continuação do primeiro, abrangendo uma gama mais ampla de pesquisas relacionadas ao mesmo assunto.

Outro literato que aborda a poesia do mesmo ponto de vista é David Aberbach, autor de *Loss and separation in Bialik and Wordsworth*,[18] *At the handles of the lock*[19] e outros livros e ensaios relacionados com o mesmo assunto.

Ambos os autores professam pontos de vista que merecem elucidação particularizada que seria inadequada neste contexto, mas recorri ao conteúdo de seu trabalho e reconheço de bom grado minha dívida para com eles.

Um dos poetas analisados por Brink é William Cowper, que também é o tema de uma biografia escrita por David Cecil, *The stricken deer*.[20] Cowper é exemplo particularmente adequado de poeta cuja obra tem relação estreita com a perda da mãe em tenra idade. Ele também era um maníaco-depressivo. Como assinalei anteriormente, eu não aceito a perda precoce do ente querido por si só como causa da psicose maníaco-depressiva, mas me sinto inclinado a apoiar o ponto de vista de que essa perda possui a probabilidade de trazer à tona qualquer predisposição genética a esse distúrbio e de aumentar a gravidade dos ataques que possam ocorrer.

Cowper, filho de pastor protestante, nasceu em 1731. A família de sua mãe era aparentada com a do poeta John Donne. (É interessante registrar que Donne sofria de depressão, perdeu o pai aos quatro anos, sentia-se tentado a cometer suicídio sempre que se via atormentado e redigiu a primeira defesa inglesa do suicídio, *Biathanatos.* Não teriam a família de Donne e a família de Cowper compartilhado uma predisposição genética que a perda precoce de um dos pais tornou concreta?)

O início da infância de Cowper parece ter sido idílico, e seu relacionamento com a mãe, particularmente estreito. Ela morreu quando ele estava para completar seis anos, e seu mundo se despedaçou. Ele próprio escreveu:

> Que horas tranquilas certa vez desfrutei!
> Como ainda são doces suas lembranças!
> Mas elas deixaram doloroso vazio,
> Que o mundo jamais poderá preencher.[21]

Sua mãe sempre permaneceu para ele como uma figura ideal. Quarenta e sete anos depois da morte dela, ele escreveu para um amigo: “Posso com sinceridade afirmar que nem uma semana se passa (talvez direi com igual veracidade nem um dia) sem que eu pense nela”.[22]

Seis anos depois, em 1790, escreveu um poema “On the receipt of my

mother's picture out of Norfolk", que Brink descreve como uma de suas obras mais expressivas. Pendurou o retrato dela em seu quarto para que fosse a última coisa que visse à noite e a primeira que descortinasse ao acordar pela manhã. No poema, Cowper descreve como o retrato trouxe de volta sua antiga perda, mas também como estimulou sua imaginação ao lhe oferecer consolo temporário — exemplo revelador de como o ato criativo simultaneamente expressa a dor e ajuda a pessoa que está sofrendo a superá-la.

> E, enquanto esse rosto renova minha dor filial,
> A fantasia tecerá um encantamento para meu consolo — Me envolverá em delicioso devaneio,
> Um sonho momentâneo, de que tu és ela.

Cowper encerra seu poema com estes versos:

> E, enquanto as asas da fantasia ainda estão soltas
> E consigo contemplar teu semblante simulado,
> O tempo foi apenas semissucedido em seu furto —
> Com tua partida, teu poder de me acalmar me abandonou.[23]

Após a morte da mãe, Cowper foi enviado para um colégio interno, onde foi violentamente maltratado. Sentia tal pavor de seu principal torturador, que afirmou reconhecê-lo apenas por seus sapatos deformados, uma vez que não tinha coragem de olhá-lo nos olhos. Mais tarde, foi enviado para a Westminster School, que era menos traumática. Em 1752, aos 21 anos, passou a residir no Middle Temple. Meses depois, sofreu seu primeiro episódio grave de depressão. Em 1763, teve outro ataque. O poema "Versos escritos durante período de insanidade" ilustra bem um fenômeno citado no Capítulo 7: a intensidade com a qual a hostilidade é conduzida interiormente contra o eu durante os episódios de depressão.

> Ódio e vingança, minha porção eterna,
> Mal posso suportar a demora da execução,
> Espero, com impaciente prontidão, para agarrar
> Minha alma num momento.
>
> Maldito indigno Judas: mais abominável do que ele era,
> Que por alguns centavos vendeu seu santo Mestre.

Duas vezes Jesus me traiu, o último delinquente,
Julga o mais profano.

O homem me repudia, e a Divindade me desconhece:
O inferno pode oferecer abrigo à minha agonia;
Assim, o inferno conserva suas bocas eternamente famintas
Voltadas para mim.[24]

Sentindo-se como se sentia a respeito de si próprio quando deprimido, não é de causar espanto que tenha tentado envenenar-se com láudano e depois se enforcar, porém sem sucesso. Teve um ataque de mania aos 32 anos. Seus episódios maníacos eram acompanhados de êxtases religiosos, momentos transcendentes de reconciliação, perdão e alegria. Procurava compensar a perda da mãe voltando-se para Deus. Em seu "Olney hymn", que começa com "Ouvi minha alma! É o senhor", Jesus diz:

Pode o terno carinho de uma mulher
Cessar, pela criança que ela deu à luz?
Sim, ela pode ser esquecida,
E contudo eu me lembrarei de ti.[25]

Também encontrou consolo na contemplação da natureza, mas até isso lhe faltava quando ficava gravemente deprimido.

Este regato cristalino, aquele amplo pinheiro,
Aqueles amieiros tremulando ao vento,
Poderão acalmar uma alma menos ferida do que a minha
E agradar, se alguma coisa pudesse agradar.
Porém, o cuidado fixo e inalterado
Não se adianta ao que ela sente por dentro,
Mostra em todos os lugares a mesma tristeza
E menospreza a estação e a cena.[26]

A experiência de ser capaz de reconhecer intelectualmente a beleza, e ao mesmo tempo incapaz de apreciá-la emocionalmente, é característica típica da depressão. Coleridge expressa com exatidão a mesma privação em "Dejection: an ode":

E aquelas esparsas nuvens acima, em flocos e faixas,

> Que distribuem seu movimento às estrelas;
> Aquelas estrelas, que deslizam por detrás ou entre elas,
> Ora reluzindo, ora obscurecidas, mas sempre visíveis:
> A longínqua Lua em seu quarto crescente, fixa como se crescesse
> No seu lago azul sem nuvens e sem estrelas;
> Eu as vejo todas esplendidamente imaculadas,
> Vejo, mas não sinto, quão belas elas são![27]

Mencionei anteriormente neste capítulo a tendência que têm aqueles que perdem cedo o pai ou a mãe de procurá-los naqueles a quem se tornam apegados. Cowper desenvolveu vínculos de dependência com várias mulheres, mas nunca se casou, provavelmente por temer que sua perda original se repetisse. Durante muitos anos, recebeu os cuidados de uma mulher mais velha, casada, a sra. Unwin. Quando ela ficou viúva, eles acertaram o casamento; porém, no decorrer dos anos de 1772 e 1773, Cowper sofreu outro episódio de depressão, no qual expressou a delusão de que todos o odiavam, inclusive a sra. Unwin. Esse fato impediu que o casamento se realizasse.

Subsequentes ataques de depressão acompanharam a perda, por morte ou afastamento, de outros amigos de quem Cowper dependia. Em 1787, por exemplo, ficou deprimido de janeiro a junho, depois da morte de um amigo com quem se correspondia constantemente e do afastamento, para outro lugar, de uma grande amiga. Entretanto, quando estava em suas fases mais produtivas como poeta, parece ter vivenciado longos períodos de otimismo.

Cowper também oferece notável exemplo de como os sentimentos de desamparo acompanham os repetidos ataques de depressão, especialmente quando esta vem relacionada com a perda prematura da mãe, como Brown e Harris observaram no estudo que já mencionei várias vezes. Em sua biografia de Cowper, David Cecil salienta que

> uma das forças mais poderosas contra a recuperação de Cowper foi sua submissão fatalista ao mal, o que fora encorajado por seu hábito de vida. Durante anos, toda a sua existência fora necessariamente de uma inerte e ociosa submissão às circunstâncias.[28]

Porém, nas ocasiões em que Cowper achava que podia escrever, superava essa sensação de desamparo e a crença de que nada poderia fazer para combater as forças do mal, as quais, quando deprimido, ele percebia como

incontroláveis. Uma de suas amigas, lady Austen, o instigava constantemente a se dedicar a novos projetos. Estimular a pessoa deprimida a realizar alguma coisa é tarefa arriscada. Requer delicado equilíbrio entre a solidariedade e a firmeza. O excesso de solidariedade pode reforçar a crença da pessoa deprimida em seu desamparo e desesperança. O excesso de estímulo faz com que ela sinta que ninguém compreende a profundidade de seu desespero.

Lady Austen parece ter encontrado o perfeito ponto de equilíbrio. Quando sugeriu que Cowper experimentasse criar versos brancos, ele respondeu que não tinha um tema. "Escreva a respeito do sofá", disse lady Austen, e ele o fez. O poema de vários milhares de versos e no qual Cowper derramou tudo que sentia a respeito da condição humana chamou-se "The task". Ele reconheceu o efeito terapêutico que o ato de escrever esse longo poema exerceu sobre ele:

> Aquele que ouve atentamente seu eu interior,
> Que tem um coração e o conserva, tem uma mente
> Que tem fome e a supre; e que busca
> Uma vida social, e não desregrada;
> Tem ocupação; sente-se empenhado em realizar
> Uma tarefa, não sem importância, embora silenciosa.[29]

Cowper não está sozinho entre os poetas que sofreram a perda precoce da mãe ou do pai e repetidos episódios de grave depressão. Comentamos anteriormente que John Donne perdeu o pai aos quatro anos e que tentou repetidas vezes cometer suicídio. William Collins, Samuel Coleridge, Edgar Allan Poe, John Berryman, Louis MacNeice e Sylvia Plath perderam um dos pais antes dos 12 anos de idade, e todos sofreram comprovados períodos de depressão. Coleridge era viciado em ópio; Poe era um alcoólatra intermitente (fazia uso de láudano e talvez fosse dependente deste último) MacNeice era alcoólatra, e tanto Berryman quanto Plath se suicidaram.

A essa lista de pessoas que perderam cedo um dos pais e que tinham repetidas crises de depressão, acrescentaremos Michelangelo. Algumas vezes esquecemos que Michelangelo, além de pintar quadros e criar algumas das maiores esculturas do mundo, escreveu cerca de 300 poemas. A mãe morreu quando ele tinha seis anos. Como o demonstram seus sonetos,

sofreu gravemente de depressão durante toda a vida. A preferência homossexual de Michelangelo está certamente comprovada. Seu ascetismo autopunitivo pode ter contribuído para sua depressão. Vale a pena observar que, dos cinco filhos de sua mãe, apenas um se casou.

Em alguns desses exemplos, a contribuição genética para a depressão é óbvia. O suicídio dos pais é uma das causas da perda precoce. O pai de John Berryman se suicidou com um tiro, quando seu filho estava com 11 anos; o próprio poeta cometeu suicídio no dia 7 de janeiro de 1972, aos 57 anos, atirando-se de uma ponte sobre o rio Mississipi.

A mãe de Louis MacNeice desenvolveu uma forma grave de depressão agitada quando o futuro poeta tinha cinco anos e meio de idade. Ela foi internada em uma casa de repouso em agosto de 1913, e seus filhos nunca voltaram a vê-la. Morreu no hospital em dezembro de 1914. A irmã de Louis MacNeice achava que ele foi atormentado até o final da vida pela lembrança de sua mãe caminhando de um lado para o outro do jardim, em lágrimas. Como muitas outras pessoas talentosas com tendência à depressão, tornou-se alcoólatra.

Há também exemplos de poetas que experimentaram perda precoce, mas que não sofreram, ou não se tem conhecimento de que tenham sofrido, ataques de depressão suficientemente graves para serem rotulados de doentes mentais. Entre esses poetas estão John Keats, Thomas Traherne, William Wordsworth, Stephen Spender, Cecil Day-Lewis e Lord Byron.

Stephen Spender registra em sua autobiografia que sua mãe era uma semi-inválida cujo estado de saúde ofuscou sua infância. Ela também era instável e histérica, propensa a cenas violentas e gestos dramáticos. Talvez seja por isso que Spender mais tarde escreveu o seguinte, apesar de ter apenas 12 anos quando sua mãe morreu: “Se é que senti de alguma forma a morte de minha mãe, foi como o alívio de um fardo e uma comoção estimulante”.30 Ao analisarmos a perda e a depressão, é importante nos lembrarmos de que até mesmo a morte da mãe nem sempre é tragédia!

Byron era certamente instável, no sentido de que exibia extremas variações de humor. Observamos no Capítulo 3 que Keats se preocupava com a morte. Isso dificilmente causa surpresa. Keats perdeu o pai quando tinha oito anos de idade, a mãe aos 14, um irmão quando tinha seis e outro

aos 23. Aos nove anos perdeu o avô paterno e, aos 19, a avó materna. Um tio morreu quanto ele estava com 13 anos. Keats escreveu em uma carta: "Não conheci jamais felicidade genuína durante muitos dias seguidos: a morte ou a doença de alguém sempre estragava minhas horas".[31]

Talvez a família desses poetas não possuísse a predisposição genética para a depressão que declaramos ser ativada pela perda dos pais ou, quando combinada a esta, para causar ataques graves. Não obstante, a perda frequentemente produz temas definíveis em sua poesia.

Wordsworth perdeu a mãe aos oito anos e o pai, aos 13. O poeta sionista Chaim Bialik perdeu o pai aos sete anos. Ambos sofreram a dissolução de sua família. No ensaio em que compara a obra dos dois, David Aberbach escreve:

> Os efeitos da perda e da dissolução da família se refletem em muitas das proeminentes características da poesia de Wordsworth e Bialik: as pessoas e objetos obsedantes, algumas vezes obviamente um dos pais ou uma figura paterna ou materna; o anseio pelo paraíso perdido; a ênfase na alimentação; o tema da união com a natureza; a atmosfera geral de isolamento, desolação, depressão e culpa; e, finalmente, a hostilidade. A principal qualidade "romântica" da poesia deles — a exploração do eu — pode ser vista como a tentativa de amparar o eu enfraquecido na infância pela perda e pela consequente instabilidade emocional.[32]

A mãe de Thomas Traherne morreu quando ele tinha cerca de quatro anos de idade. Não se sabe ao certo se seu pai também morreu cedo, mas Traherne e o irmão foram criados por parentes, de modo que efetivamente perderam ambos os pais. A idealização de Traherne da natureza e da infância é vista sob aspecto semelhante por Andrew Brink, como tentativa de alcançar felicidade que nunca existiu. Embora Traherne seja geralmente considerado poeta de felicidade e amor divino, Brink salienta que ele também registrou momentos de medo e horror. Chega à conclusão de que "o verso e a prosa de Traherne apresentam doutrina de regeneração, da mudança pessoal de estado de vida insatisfatório para outro melhor".[33]

Brink também demonstra que Traherne dependia dos objetos externos para alcançar a jubilosa sensação de unidade que estava procurando.

> O extraordinário na arte de Traherne é sua incessante tentativa de alcançar os objetos desejados, objetos naturais convidativamente apresentados ao sentido em quantidade ilimitada.

> O desejo de se fundir com os objetos, o impulso que eternamente se renova de adquiri-los para a satisfação da mente aparece em quase tudo que ele escreveu... O céu ou a árvore mais comum pode levar o espírito de Traherne ao êxtase, quando está pronto para esse arrebatamento.[34]

Sinto-me inclinado a relacionar isso, como Brink o faz, com uma falta de "objetos adequados" dentro da psique: a não incorporação, na primeira infância, do amor da mãe, deixando de assegurar, assim, uma fonte interior contínua de autoestima.

Boécio, cuja obra mencionamos no Capítulo 4, personifica a filosofia como mulher que lhe traz sabedoria das alturas. Ela se esforça para mostrar ao filósofo que a dependência dos objetos externos para a obtenção da felicidade está carregada de riscos e ilusões. Depois de expor o vazio da riqueza e do prazer das pedras preciosas, prossegue dizendo:

> Talvez, uma vez mais, encontres prazer na beleza do campo. A criação é sem dúvida muito bela, e o campo uma bela parte da criação. Da mesma forma, ficamos às vezes encantados com a aparência do mar quando está muito calmo e contemplamos, maravilhados, o céu, as estrelas, a Lua e o Sol. No entanto, nenhuma dessas coisas tem relação contigo, e não ousas atribuir-te o crédito pelo esplendor de nenhuma delas... Estás, com efeito, encantado com alegrias vazias, abraçando bênçãos estranhas a ti como se fossem tuas... Disso tudo é óbvio que nenhuma dessas coisas que incluis entre tuas bênçãos é na verdade bênção tua… Parece que sentis falta de bênçãos em teu interior, o que te está levando a buscares tuas bênçãos em coisas separadas e externas.[35]

A noção psicanalítica aparentemente moderna da introjeção de "objetos bons" ou "bênçãos" era obviamente muito bem conhecida no século VI. À luz das observações da filosofia, a extasiada veneração da natureza por Wordsworth e Traherne reveste-se de aspecto bem diferente daquele do simples prazer.

Como já foi observado, a predisposição à depressão e a perda precoce do pai ou da mãe são variáveis independentes, embora, quando a primeira está presente, a última reforce a tendência à depressão, bem como sua gravidade. A perda precoce do pai ou da mãe é certamente comum entre os escritores, mas os episódios graves da depressão clinicamente definível, intercalada ou não com a mania, também são encontrados com frequência em escritores que não sofreram nenhuma perda precoce. Além dos já mencionados, dentre os poetas que sofriam de repetidos episódios de

depressão estão: Christopher Smart, John Clare, Gerard Manley Hopkins, Anne Sexton, Hart Crane, Theodore Roethke, Delmore Schwartz, Randall Jarrell e Robert Lowell. Desses poetas, Smart, Clare, Sexton, Crane, Roethke, Schwartz, Jarrell e Lowell receberam tratamento para a depressão. Crane, Jarrell e Sexton se suicidaram.

Existem poucos estudos objetivos, e os que existem se baseiam necessariamente em pequenos números. Mas Andreasen e Canter investigaram, em 1974, um grupo de trabalho de escritores na Universidade de Iowa. Havia uma incidência muito maior de doenças afetivas (isto é, de crises graves e repetidas de depressão ou de doenças maníaco-depressivas) do que em um grupo de controle correspondente: 67 por cento comparados com 13 por cento. De 15 escritores, nove haviam procurado um psiquiatra, oito tinham sido tratados com medicamentos ou psicoterapia e quatro chegaram a ser internados em hospitais. Dois tinham sofrido simultaneamente de mania e depressão, enquanto oito sofreram apenas de crises repetidas de depressão. Seis apresentavam sintomas de alcoolismo. Um cometeu suicídio dois anos depois de o estudo ser concluído. A importância do fator genético é comprovada pelo fato de que, entre os parentes dos escritores, 21 por cento apresentavam distúrbio psiquiátrico definível, geralmente depressão, ao passo que apenas 4 por cento dos parentes do grupo-padrão pertenciam a uma categoria semelhante.[36]

Em um estudo de 47 escritores e artistas britânicos, escolhidos por terem se destacado ao receber importantes prêmios ou distinções, Jamison descobriu que 38 por cento haviam sido tratados por sofrerem de doenças afetivas. Os poetas se mostravam particularmente sujeitos a graves variações de humor, e não menos do que a metade da amostra estudada fora tratada como pacientes externos por meio de medicamentos ou internada em hospital para tratamento com antidepressivos, terapia eletroconvulsiva ou lítio.[37]

A pessoa dominada pela mania ou por uma depressão profunda é geralmente incapaz de produzir um trabalho de valor. A inquietude, a incapacidade de concentração e o rápido "galopar das ideias" tornam impossível o trabalho constante e sistemático. O retardamento dos processos de pensamento, os sentimentos de desesperança e desamparo, a

crença de que não vale a pena empreender nada, a convicção de que tudo que for produzido será destituído de valor, todos esses elementos servem para impedir a pessoa gravemente deprimida de ser criativa.

No entanto, a propensão para esses distúrbios é particularmente comum nos escritores criativos. Esse aparente paradoxo pode ser resolvido se aceitarmos que essa propensão atua como incentivo, encorajando a possível vítima a empreender a obra solitária, difícil, dolorosa e frequentemente não compensadora de explorar as próprias profundezas e registrar o que lá encontrar. Enquanto for capaz de fazer isso, poderá escapar de ser esmagada. A evidência indica que, embora as pessoas criativas possam ser mais perturbadas do que as comuns, elas também possuem mais recursos que as ajudam a superar seus conflitos e problemas. Os psiquiatras acostumados a tratar de pessoas criativas sabem que elas só procuram ajuda quando suas ideias inovadoras estão bloqueadas.

Vimos que a pessoa extrovertida que tende a se perder por causa do excesso de adaptação aos outros pode recuperar e expressar seu verdadeiro eu no isolamento. Também vimos que o homem ou a mulher cujo desenvolvimento foi prejudicado por separação e solidão precoce pode encontrar conforto no uso da imaginação.

Podemos agora dar um passo adiante e compreender que o processo criativo pode ser um modo de proteger o indivíduo, evitando que seja dominado pela depressão; uma forma de recuperar o senso de domínio perdido e, em grau variável, de reparar o eu danificado pela perda do ente querido ou pela ausência de confiança nos relacionamentos humanos que acompanha a depressão, não importando a sua causa.

Uma vez mais, é importante enfatizar que a depressão faz parte da experiência de todo ser humano. Não existe rígida linha divisória a ser traçada entre a depressão do tipo que todos experimentamos em reação a uma perda e aquela rotulada de doença psiquiátrica que requer tratamento psiquiátrico. A depressão varia enormemente em seu grau de profundidade e gravidade, mas não em sua natureza essencial.

Os gênios de ambos os sexos têm à sua disposição talentos que a perda pode mobilizar e que se manifestam em obras de interesse duradouro. A música, os poemas, as pinturas ou outras obras que a perda possa ter

inspirado podem levar maior conforto e compreensão aos que sofreram agonias semelhantes.

Mas isso não significa que homens e mulheres comuns não tão talentosos não possuam recursos interiores nem poderes imaginativos. Tampouco está implícito que a reação criativa só é ativada pela perda, apenas que ela pode sê-lo. Os poemas não são substitutos para as pessoas. Aqueles que escrevem como se eles o fossem não fazem justiça à capacidade imaginativa da raça humana. A reação criativa diante da perda é somente um exemplo dos usos da imaginação. Apenas os que elevam os relacionamentos humanos a uma posição idealizada na hierarquia dos valores humanos pensariam que a criatividade nada mais é do que substituto para esses relacionamentos.

10

EM BUSCA DA COERÊNCIA

É bom que eu não tenha me deixado influenciar.[1]

Ludwig Wittgenstein

Nos dois capítulos precedentes, ocupamo-nos principalmente de indivíduos criativos cuja obra provinha em parte da perda ou da separação. Estimulados pela depressão, procuravam criar mundos imaginários para compensar o que faltava em sua vida, para reparar o dano que sofreram e restabelecer em si próprios o senso de valor e de competência. Por causa de sua preocupação básica com os relacionamentos interpessoais e de seu esforço de restabelecer, com o trabalho, algo que sentiam faltar, muitos desses indivíduos poderiam ser descritos como predominantemente extrovertidos, embora muitas vezes mais voltados para si do que as pessoas extrovertidas gostam de ser. Usando os termos de Howard Gardner, imaginamos que esses indivíduos fossem mais *dramatizadores* do que *padronizadores*. Quando se recolhiam à solidão para perseguir seus empreendimentos criativos, o desejo de restabelecer uma união feliz com outra pessoa, ou com a natureza como indivíduo substituto, era um componente frequente do trabalho deles.

As exceções, ou exceções parciais, a essa generalização são Saki, que foi analisado no Capítulo 8, e Kafka, que teve algumas características descritas em linhas gerais no final do Capítulo 7. Ambos eram contadores de

histórias, mas estas praticamente não tratavam de relacionamentos humanos íntimos, e nenhum dos dois homens estabeleceu na vida real um relacionamento íntimo prolongado.

No entanto, o diário de Saki sugere que, por mais ferido que ele possa ter sido por sua perda precoce e pelas experiências de sua infância, envolveu-se em muitos encontros sexuais com os rapazes ou meninos de sua preferência. Embora Saki não possa ser considerado predominantemente extrovertido, seu caráter apresentava um lado extrovertido, que se manifestava em sua vida social em Londres, em sua simpatia pela sociedade elegante que ele ridicularizava e na maneira como aproveitou a vida de caserna antes de partir para os horrores da frente de batalha.

Embora amado e respeitado pelos amigos, Kafka era patologicamente introvertido: esquizoide, como a maioria dos psiquiatras o rotularia. Teve alguns breves encontros sexuais, mas deu um jeito para que seus mais profundos envolvimentos emocionais ficassem quase inteiramente restritos a uma troca de cartas. Só no último ano de sua vida ele foi capaz de suportar efetivamente viver com uma mulher.

Neste capítulo, quero examinar alguns exemplos de indivíduos criativos cuja principal preocupação não girava em torno dos relacionamentos humanos, e sim da busca da coerência e do significado.

Esses indivíduos correspondem às pessoas que Jung chamava de introvertidas, Hudson de convergentes, Gardner de padronizadoras e, quando obviamente anormais ou perturbadas, de esquizoides pelos psiquiatras.

Como já vimos, quase todos os tipos de indivíduos criativos evitam de alguma maneira na vida adulta as outras pessoas, e demonstram ter certa necessidade de ficar sozinhos. Mas os que tenho em mente vão mais longe do que isso. Em um nível superficial, dariam a impressão de se relacionar melhor com as pessoas do que alguns dos poetas mencionados no Capítulo 9. No entanto, isso frequentemente acontece porque, ao contrário dos extrovertidos, e também ao contrário do tipo de personalidade esquizoide representada por Kafka, eles aprenderam a renunciar à necessidade de intimidade. Não ficam tão perturbados quando os relacionamentos não dão certo, porque, para eles, o significado da vida está menos ligado aos

relacionamentos íntimos do que no caso da maioria das pessoas.

Vamos supor por um momento que os indivíduos que acabo de mencionar demonstraram "comportamento de rejeição" quando bebês, e aceitemos que o comportamento de rejeição seja uma reação projetada para proteger o bebê da desorganização comportamental. Se transferirmos esse conceito para a vida adulta, perceberemos que o bebê que tenha apresentado esse tipo de comportamento poderia muito bem se transformar em um adulto cuja principal carência fosse encontrar algum tipo de significado e ordem na vida que *não* dependesse totalmente ou em especial dos relacionamentos interpessoais. Além disso, seria provável que essa pessoa sentisse a necessidade de proteger da interferência dos outros o mundo interior no qual essa busca de ordem e significado ocorresse, porque as outras pessoas seriam percebidas como uma ameaça. As ideias são plantas sensíveis que murcham quando expostas a um exame minucioso prematuro.

Em um livro anterior, destaquei a necessidade dos relacionamentos interpessoais para a personalidade em amadurecimento. O capítulo intitulado "A relatividade da personalidade" enfatizou o fato de que a personalidade é conceito relativo:

> Se quando mencionamos a palavra "personalidade" queremos nos referir ao "caráter pessoal e característico" de um homem, somos obrigados a reconhecer que só podemos conceber uma entidade desse tipo comparando-a com outros tipos de caráter pessoal.[2]

Em seguida, escrevi:

> Não podemos sequer ter consciência de nós próprios como indivíduos separados sem outra pessoa com quem possamos nos comparar. O homem isolado é um homem coletivo, um homem sem individualidade. As pessoas frequentemente expressam a ideia de que são mais elas mesmas quando sozinhas; e os artistas criativos, em especial, talvez acreditem que é na torre de marfim da solitária expressão de sua arte que seu ser mais íntimo alcança sua perfeição. Esquecem que arte é comunicação e que, implícita ou explicitamente, a obra que criam na solidão é dirigida a alguém.[3]

Ainda acredito no que disse. Mas desejo acrescentar a observação de que a maturação e a integração podem dar-se dentro do indivíduo isolado, em um grau maior do que eu anteriormente supunha. Os grandes criadores introvertidos são capazes de definir a identidade e alcançar a *autorrealização*

através da *autorreferência,* ou seja, ao interagir com sua obra passada em vez de com as outras pessoas.

Isso é claramente impossível para a criança pequena, que precisa interagir tanto com as pessoas quanto com as coisas, para ir aos poucos definindo sua identidade. Até onde conseguimos entender, a consciência de sermos pessoa separada ocorre gradualmente. Imaginemos o bebê dando encontrões nos objetos no mundo exterior, por exemplo, dando uma topada na quina do berço. À medida que ele, aos poucos, vai aprendendo a usar seus membros e a exercer controle sobre seus movimentos, vai obtendo informações proprioceptivas a respeito da posição de seus membros no espaço e, por conseguinte, de suas dimensões. Quero lembrar que, no Capítulo 4, observamos que a perda das informações proprioceptivas do movimento dos membros, quando imposta pela imobilização clínica ou por procedimentos de interrogatório que obrigam a pessoa a adotar posturas fixas, representava força poderosa capaz de derrubar os limites da autodefinição.

O bebê também precisa tomar consciência de sua separação por causa da necessidade de receber cuidados de outra pessoa; ele precisa ser alimentado, mantido aquecido, limpo e assim por diante. A não ser que suas necessidades sejam imediatamente satisfeitas, é preciso que haja intervalo entre a percepção da necessidade e sua satisfação, indicado por um grito de aflição que ao mesmo tempo pede ajuda e denota que existe alguma coisa ou alguém "lá fora" que lhe fornecerá o que ele não conseguiria sozinho. No início da vida, a consciência de que a pessoa existe como um ser separado e o desenvolvimento de identidade coerente dependem da interação entre o bebê e a mãe ou alguém que a substitua. No curso normal dos eventos, a interação com os outros continuará a proporcionar à maioria das pessoas a autodefinição e a coerência pelo resto da vida.

Heinz Kohut, um dos psicanalistas mais originais dos últimos anos, fundamentou sua ideia de neurose e da cura desta em noções semelhantes. Sustenta que o desenvolvimento de uma estrutura de personalidade saudável, segura e coerente, depende em primeiro lugar da repetida experiência da criança de ser reconhecida e amparada pelo que Kohut chama de "objetos do eu empaticamente ressonantes". Ou seja, a criança

precisa interagir com os pais ou figuras paternas e maternas que reforçam o sentido do eu, porque reconhecem e espelham a identidade em desenvolvimento da criança como ela efetivamente é, que têm empatia com os sentimentos da criança, que reagem às necessidades da criança, com "firmeza não hostil e com afeição não sedutora", nem repudiando com agressão as exigências da criança, nem cedendo a elas com sentimentalismo indiscriminado.4

Kohut retrata essa necessidade de reforço como persistente.

> A psicologia do eu [nome dado à revisão que Kohut fez da teoria psicanalítica] sustenta que os relacionamentos do eu com os objetos do eu formam a essência da vida psicológica desde o nascimento até a morte, que um avanço da dependência (simbiose) em direção à independência (autonomia) na esfera psicológica não é possível e muito menos desejável, o que seria equivalente na esfera biológica a um avanço da vida que depende do oxigênio em direção à vida que não dependesse mais dele. Os acontecimentos que caracterizam a vida psicológica normal precisam, de acordo com nosso ponto de vista, ser vistos na natureza em transformação do relacionamento entre o eu e seus objetos, porém não na renúncia do eu de seus objetos. Em particular, os avanços no desenvolvimento não podem ser compreendidos em função da substituição dos objetos do eu por objetos de amor ou como etapas do avanço do narcisismo em direção ao amor-objeto.5

Kohut acredita que a mais profunda ansiedade que a pessoa vivenciaria é a que ele chama de "ansiedade de desintegração". Os indivíduos que considera propensos a esse tipo de ansiedade são os que, em virtude da imaturidade da reação de seus pais diante deles na infância, ou por causa da ausência da compreensão dos pais, não formaram personalidade forte e coerente.

Poderíamos comparar a concepção de Kohut com o ato de nos olharmos no espelho. Um espelho claro, límpido e polido refletirá repetidamente a pessoa que está se desenvolvendo como ela efetivamente é, que lhe proporcionará uma ideia firme e verdadeira de sua identidade. Um espelho partido, sujo e manchado refletirá imagem incompleta e obscura que fornecerá à criança retrato impreciso e distorcido de si própria.

No Capítulo 7, referimo-nos à ameaça de desorganização comportamental que faz com que os bebês rejeitem a mãe. A ideia de Kohut de que certos indivíduos carentes são ameaçados pelo medo da desintegração é, sem dúvida, o mesmo conceito expresso através de palavras

diferentes. A ansiedade de desintegração também pode ser comparada com o temor da destruição do "eu interior" nos indivíduos esquizoides que Laing tão bem descreveu em *The divided self*.6 Kafka, a quem nos referimos anteriormente, é exemplo de indivíduo esquizoide que achava que sua capacidade de preservar o eu interior era ameaçada pela intimidade.

Kohut também acredita que a eficácia terapêutica da psicanálise depende de o psicanalista compreender e ser solidário com seu paciente a ponto de este último conseguir desenvolver a coerência interior que foi incapaz de desenvolver na infância.

Esse conceito de cura está de certo modo afastado do que foi originalmente apresentado por Freud. O modelo deste último era fundamentalmente cognitivo. Dependia da recordação e da compreensão dos traumas da primeira infância e, mais especialmente, da invalidação da repressão e da conscientização do inconsciente.

O modelo de cura de Kohut estabelece a importante noção de que a cura depende menos da posição teórica defendida pelo psicanalista do que este último pode imaginar. Ou seja, desde que o psicanalista de fato compreenda suficientemente bem seu paciente e consiga lhe transmitir esse entendimento, a cura continuará a ocorrer, independentemente da preferência do psicanalista, digamos, pela teoria kleiniana em vez de pela freudiana ou junguiana.

A insistência de Kohut de que os relacionamentos entre o eu e o eu objeto são necessários para a saúde psíquica durante toda a vida está em harmonia com as ideias de Bowlby e de Marris analisadas nos Capítulos l e 2, ou seja, que os vínculos íntimos ou relacionamentos amorosos específicos eram os únicos que conferiam significado à vida da pessoa. A posição de Kohut também é semelhante à de Fairbairn, que, ao introduzir o termo *dependência madura* para se referir ao estágio final do desenvolvimento emocional, sustentou sua crença de que a autonomia total era ao mesmo tempo impossível e indesejável. "Precisamos amar uns aos outros ou morrer", como disse Auden.7

Tanto Fairbairn quanto Kohut deram contribuições valiosas à teoria psicanalítica, mas tenho dúvidas de que estivessem certos neste caso particular se, ao mencionar "objetos", invariavelmente se referiam a

pessoas, o que parece ser o caso. A teoria da relação-objeto já é agora expressão por demais arraigada para ser abandonada, mas trata-se de uso inadequado da palavra "objeto", o que Rycroft torna bastante claro em sua definição em *A critical dictionary of psychoanalysis*. "Nos textos psicanalíticos, os objetos são quase sempre pessoas, partes de pessoas ou símbolos de uma ou de outra. Essa terminologia confunde os leitores que estão mais familiarizados com a palavra 'objeto' na acepção de 'coisa', isto é, o que não é pessoa."[8]

É bastante natural que os psicanalistas, os quais percebem que grande parte do que está errado com seus pacientes emana de distorções dos primeiros "relacionamentos com objetos" e que tratam seus pacientes principalmente por meio de outra forma de relacionamento interpessoal proporcionado por eles mesmos, admitam que os relacionamentos com objetos sejam a única fonte de saúde psíquica. Não tenho nenhuma dúvida de que a interação entre a criança e sua mãe e outras pessoas que cuidam dela seja vital nos primeiros anos de vida e que a futura saúde psíquica e a capacidade de criar relacionamentos satisfatórios com outras pessoas na vida adulta dependem parcialmente desse fato. Também não tenho nenhuma dúvida de que, como já vimos, o rompimento dos primeiros relacionamentos, a hostilidade e a rejeição por parte dos pais podem fazer com que a criança se volte mais para o aspecto impessoal, ou que ela tenha muita dificuldade de desenvolver relacionamentos humanos. Mas também sugeri que as pessoas podem se sentir realizadas e viver de modo satisfatório sem depender necessariamente de vínculos íntimos, desde que tenham algum tipo de relacionamento e um trabalho que absorva seu interesse e fomente sua autoestima.

O trabalho, especialmente aquele do tipo criativo que muda, progride e aprofunda-se com o passar dos anos, é capaz, na minha opinião, de fornecer o fator integrador dentro da personalidade, que Kohut supõe oriundo exclusivamente, ou principalmente, das reações positivas que emanam das outras pessoas.

Em sua biografia do compositor Elgar, Jerrold Northrop Moore escreve:

> O artista, como o restante de nós, é dilacerado por vários desejos que competem entre si dentro dele. Porém, ao contrário de nós, transforma cada um desses desejos em elemento a ser usado

> em sua arte. Então procura sintetizar seus elementos em um todo para formar um estilo. O indício de uma síntese bem-sucedida é o estilo claro, unificado e único que todos possam reconhecer.[9]

Nessa perspectiva, o estilo é a argamassa que mantém em equilíbrio as diversas partes da personalidade, um fator integrador que os psicanalistas se propõem a ajudar seus pacientes a alcançar pela empatia e pelo entendimento, como é explicado por Kohut, mas que também seria alcançado pelas pessoas talentosas que trabalham sozinhas.

Se a criação de obras de arte, sistemas de filosofia ou teorias do Universo é, em alguns casos, uma tentativa de reparar antigas perdas ou posteriores dificuldades na interação proveitosa com as outras pessoas, vemos que existe um sentido em que a sucessão de obras representaria ou substituiria os "objetos". Mas é certamente absurdo pensar que todos os interesses humanos são assim derivados. Morris Eagle, em um importante ensaio, "Interests as object relations", sustenta que a teoria psicanalítica não tem feito justiça ao papel crítico que os interesses desempenham no funcionamento da personalidade.

Na teoria psicanalítica tradicional, quando os interesses são de algum modo levados em conta, tendem a ser considerados como essencialmente derivativos. Assim, na sublimação — o conceito na teoria psicanalítica mais apropriado a um entendimento do desenvolvimento dos interesses — os interesses resultam da "orientação do instinto voltando-se para um alvo diferente, e afastando-se, daquele da satisfação sexual".[10] Ou seja, os interesses são produto do desvio dos objetivos sexuais para buscas "superiores". Segundo esse ponto de vista, a capacidade de desenvolver interesses culturais depende da habilidade da pessoa de sublimar ou "neutralizar" a energia sexual.[11]

Essa perspectiva ainda subsiste na mente dos psicanalistas fundamentalistas, mas está desatualizada e já não se ajusta aos fatos que conhecemos a respeito do desenvolvimento humano. Até os bebezinhos demonstram considerável interesse pelos objetos que proporcionam novos estímulos visuais e auditivos; e não se pode considerar que esses estímulos estejam relacionados com a satisfação dos impulsos físicos básicos, como a fome, a sede ou a necessidade de contato físico e conforto.

No Capítulo 5, referi-me ao conceito de Winnicott de "objetos de transição" e sugeri que "essas primeiras manifestações de revestir de significado os objetos impessoais são prova de que o homem não foi feito exclusivamente para amar". Ocorre também, como observamos, que a criança que tem o vínculo mais seguro é aquela mais capaz de sair do lado da mãe para explorar o ambiente e investigar os objetos que ele contém. Assim, as primeiras manifestações de "interesses" não podem ser encaradas como substitutos para os laços afetivos, e sim como testemunhas da adequação destes.

Vimos no Capítulo 4 que, nas situações extremas, como a prisão na solitária ou o ambiente dos campos de concentração, interesses como a música ou idiomas, ou intensas convicções religiosas ou políticas, eram capazes de impedir o colapso mental e a consequente morte. Eagle cita o caso de um compositor

> que, segundo os critérios psiquiátricos usuais, era bastante perturbado. Mostrava-se frequentemente paranoico, excessivamente desconfiado, cronicamente cauteloso, exibia extremas variações de humor, apresentava períodos de intensa ansiedade e registrava estados quase alucinatórios. No entanto, durante os 26 anos em que o conheci, nunca se tornou seriamente desorganizado, nunca foi abertamente psicótico. Sempre tive a impressão de que, sem seu talento musical e sua paixão pela música, ele teria descompensado.[12]

A música, evidentemente, representou o mesmo papel na vida desse homem que o ato de escrever na de Kafka. Concordo com a conclusão de Eagle de que

> o interesse pelos objetos, bem como o desenvolvimento de vínculos afetivos, não é simplesmente derivativo ou consequência de energias e metas libidinosas, e sim aspecto independente crítico do desenvolvimento que expressa a propensão inata para estabelecer vínculos cognitivos e afetivos com os objetos do mundo.[13]

Podemos esperar, portanto, que a pessoa idealmente equilibrada encontre o significado de sua vida tanto em seus relacionamentos interpessoais quanto em seus interesses. Embora estes últimos não tenham origem no fracasso dos vínculos com as pessoas, minha opinião é que, no caso de algumas pessoas talentosas que, por um motivo ou por outro, não estabelecem relacionamentos íntimos, os interesses assumam algumas das

funções geralmente desempenhadas por essas relações.

Uma das características mais interessantes da obra de qualquer pessoa criativa é a maneira como muda com o passar do tempo. A pessoa muito criativa nunca se satisfaz com o que realiza. Frequentemente, com efeito, depois de concluir um projeto, passa por período de depressão do qual só sai quando começa a empreender a obra seguinte. Parece-me que a capacidade criativa proporciona oportunidade insubstituível para o *desenvolvimento pessoal no isolamento.* Quase todos nós nos desenvolvemos e amadurecemos basicamente a partir da interação com nossos semelhantes. Nossa passagem pela vida se define através do papel que representamos diante dos outros: como filho ou filha, adolescente, cônjuge, pai ou mãe e avô ou avó. O artista ou filósofo é capaz de amadurecer fundamentalmente por sua própria conta. Sua passagem pela vida se define pela natureza transformadora e pela crescente maturidade de sua obra, e não por suas relações com as outras pessoas.

Propus, neste mesmo capítulo, que existem alguns indivíduos que se preocupam particularmente com a necessidade de descobrir um significado e uma ordem na vida sem estar ligados aos relacionamentos interpessoais. Se as propostas até aqui apresentadas estiverem certas, esperaremos encontrar exemplos de pessoas criativas que, em primeiro lugar, são predominantemente introvertidas e, em segundo, evitam ou têm dificuldade em estabelecer relacionamentos íntimos. Podemos adivinhar que essas pessoas estariam mais preocupadas em desenvolver com autonomia seu ponto de vista, protegendo seu mundo interior da análise e das críticas das outras pessoas e sendo talvez mais impermeáveis às ideias dos outros do que as pessoas o são normalmente. Devemos também esperar que essas pessoas usem sua obra, em vez de seus relacionamentos interpessoais, como fonte básica de estima e realização pessoal.

Além disso, devemos esperar descobrir que alguns indivíduos desse tipo sejam obviamente "neuróticos", no sentido de serem infelizes, ansiosos, fóbicos ou deprimidos: em outras palavras, que exibam indícios de que sofrem da falta de realização nos relacionamentos interpessoais que, segundo os teóricos da linha relação-objeto, são a causa fundamental da neurose. Por outro lado, se estou certo ao supor que os teóricos da linha

relação-objeto avançaram demais nessa direção e que os relacionamentos interpessoais não são a única fonte da estabilidade e felicidade humanas, deve ser possível aludir a outros indivíduos que não buscam a realização dessa maneira, mas conquistam com seu trabalho a mesma estabilidade e a felicidade geralmente alcançadas pelos outros seres humanos.

Acontece que um dos filósofos mais originais e importantes preenche todas as expectativas acima relacionadas. Na descrição da personalidade de Kant que se segue, recorri ao relato que De Quincey fez de seus últimos dias[14] e às referências feitas a Kant em *The philosophers*, de autoria de Ben-Ami Scharfstein.[15] Os filósofos, ao mesmo tempo que se dedicam profissionalmente a interpretar, refutar e questionar as ideias de seus colegas e de seus predecessores, demonstram pouco interesse pela personalidade ou biografia deles, podendo até rejeitar esse interesse como irrelevante, despropositado ou trivial. Diríamos que os sistemas filosóficos se sustentam ou desabam por si próprios, independentemente de quem possam ter se originado. Este é o caso, não obstante, como foi sugerido na Introdução, muitos dos filósofos mais originais do mundo ocidental terem sido pessoas não apenas invulgarmente inteligentes, mas também incomuns sob outros aspectos.

Immanuel Kant nasceu em 22 de abril de 1724 em Königsberg, na Prússia Oriental, e lá passou toda a vida. Era o quarto de nove filhos, três dos quais morreram ainda bebês. Seu pai, um seleiro, morreu quando Kant estava com 22 anos de idade. Sua mãe, por cujo amor e instrução ele se sentiu eternamente grato, morrera quando ele tinha 13 anos.

Embora Kant só tivesse elogios para seus pais, parece que sua insistência com relação à completa autonomia manifestou-se muito cedo, pois não demonstrava nenhuma inclinação para idealizar a infância, descrevendo-a como período no qual a disciplina imposta pelos outros precisa, necessária e lamentavelmente, restringir a liberdade da criança. Com efeito, achava que os bebês choravam ao nascer porque ficavam indignados com sua impossibilidade de usar seus membros de maneira adequada.

A disciplina, por mais desagradável que fosse, era, no entanto, necessária às crianças. Kant, um tanto ou quanto rigidamente, acreditava que elas deveriam ficar afastadas dos romances por temer que essa leitura

estimulasse as fantasias românticas em detrimento dos pensamentos sérios. Também achava que deveriam aprender a suportar as privações e a oposição, o que promoveria o desenvolvimento da independência.

A insistência de Kant com relação à independência era absoluta. De acordo com Bertrand Russell, ele afirmava que "não pode haver nada mais terrível do que as ações de um homem estarem sujeitas à vontade de outro".16 Kant acreditava que todo ser racional existia como fim em si e que é assim que deveríamos tratar-nos uns aos outros.

A correspondência de Kant gira basicamente em torno da apresentação de suas ideias filosóficas. Ele tinha respeito reduzido pelos outros filósofos, com exceção de Hume, a quem reconhecia que devia muito. Um de seus amanuenses faz referência à dificuldade que ele sentia em se identificar com o pensamento de outra pessoa, atribuindo esse fato à incapacidade de se desembaraçar de sua linha de pensamento.

Kant tinha muitos amigos leais, alegrava-se em entretê-los ao jantar e, em seus últimos anos, foi tido como anfitrião generoso e orador fascinante. Entretanto, não estabeleceu nenhum relacionamento com o outro sexo, embora continuasse admirando as mulheres em seus 70 anos. Muitas vezes pensou em casamento, sem jamais dar um passo. Embora fosse generoso com os parentes, cuidou de manter-se longe deles. Ele tinha irmãs morando em Königsberg, mas não as encontrava havia mais de 25 anos. Um irmão escreveu-lhe uma carta tocante, lamentando sua separação e desejando ter com ele. Foram dois anos e meio para Kant escrever ao irmão, declarando-se por demais ocupado para lhe responder, mas que continuava nutrindo fraternais pensamentos por ele.

Kant exibia muitos traços obsessivos de caráter. Sua vida era organizada com suprema regularidade. Seu criado o acordava diariamente às 4h55. Às 5h ele fazia o desjejum e depois passava o resto da manhã escrevendo ou ministrando cursos. Às 12hl5, almoçava. Durante a maior parte de sua vida, a caminhada solitária que praticava depois do almoço era tão exatamente cronometrada que os habitantes de Königsberg acertavam seus relógios por ela. Nos anos subsequentes, quando Kant passou a receber diariamente seus amigos, essa rigidez de horário parece ter se amenizado, uma vez que temos informações de que a conversa poderia continuar tarde adentro, até 16h ou

17h. Depois disso, costumava ler até as 22h, quando então se recolhia para dormir.

Kant exibia a impaciência e a intolerância típicas da pessoa obsessiva com relação aos assuntos que não conseguia controlar imediatamente. Esse é outro aspecto do desejo de se libertar das coerções impostas por outras pessoas. Em seus últimos anos de vida, não conseguia suportar a menor demora quando queria tomar café depois do almoço. Na mesa de refeições, não tolerava interrupções ao fluxo da conversa e escolhia grande variedade de convidados para que não houvesse falta de temas. Seu próprio repertório era bastante abrangente. Kant era bem informado, não apenas em matemática e ciências, mas também no campo da política, que constituía importante tema de conversação à sua mesa. Raramente falava do próprio trabalho, em parte, sem dúvida, por causa da modéstia, mas também, possivelmente, pela relutância em expor suas ideias ao bate-papo intrusivo e turbulento da mesa de refeições.

> E o que talvez pareça ainda mais singular era que raramente, ou nunca, dirigia a conversa para qualquer ramo da filosofia por ele fundada. Com efeito, era perfeitamente livre da falha que persegue tantos *savants* e *literati*, da intolerância com relação àqueles cujas atividades podem tê-los desqualificado para qualquer concordância especial com as dele.[17]

Kant se preocupava fanaticamente tanto com sua saúde física quanto com a dos outros. Esforçava-se muito para não suar e desenvolveu uma técnica em que respirava apenas pelo nariz, noite e dia, porque só assim conseguia livrar-se do catarro e da tosse. Levava isso tão a sério que se recusava a ter companhia na caminhada cotidiana, para que a conversa não o forçasse a respirar pela boca enquanto estivesse ao ar livre. Seu quarto de dormir nunca era aquecido, mesmo nos dias mais frios, mas o gabinete de trabalho era mantido a 24 graus Celsius.

Como era de esperar, Kant era um asceta, sem nunca se exceder mesmo nas coisas de que mais gostava, como o café e o tabaco. Ele se vangloriava de sua saúde, interessava-se muito pela medicina e, quando os amigos adoeciam, ficava muito perturbado por causa deles e fazia interrogatórios eternos. No entanto, uma vez que morriam, ele os eliminava de sua mente e logo recuperava a tranquilidade. Kant escreveu que o medo ansioso diante

da ideia da morte alimentava as fantasias dos hipocondríacos, porém, na velhice, declarou estar pronto para morrer com resignação e coragem.

Atribuía sua tendência à hipocondria ao seu tórax achatado e estreito. Admitiu haver sido atormentado, em certas ocasiões, por temores irracionais a respeito da doença, a ponto de ficar deprimido e cansado da vida. No entanto, seus rituais obsessivos parecem ter atuado como defesas eficazes contra a tendência à depressão, e a impressão deixada é que, na meia-idade, ele era predominantemente jovial de maneira calma e racional. Embora Kant decerto exibisse ansiedades neuróticas, foi só perto da época de sua morte, aos 79 anos, que voltou a demonstrar abertamente sentir-se infeliz.

Está claro que desenvolveu arteriosclerose cerebral. Sua memória para fatos recentes começou a falhar, embora continuasse a se lembrar com precisão dos eventos mais remotos e fosse capaz de repetir longos trechos de poesia. A preocupação obsessiva aumentou, e ele passou a ficar perturbado se qualquer peça do mobiliário ou outro objeto fosse removido do lugar. Desenvolveu estranhos delírios a respeito da eletricidade, à qual ele atribuía as dores de cabeça que o acometiam. Passou a sentir relutância em ver estranhos, uma vez que, à semelhança de muitos pacientes com demência arteriosclerótica, Kant reteve a percepção de suas deficiências e tentava esconder o declínio da força mental. Já no fim da vida, foi atormentado por pesadelos, o que também não é consequência incomum do endurecimento das artérias cerebrais.

Morreu no dia 12 de fevereiro de 1804, dois meses antes de completar 80 anos. Sua fama garantiu a Königsberg um funeral público de magnificência jamais vista na cidade.

Kant foi professor universitário de um tipo familiar nas antigas academias do mundo ocidental. Embora seu talento e suas realizações sejam difíceis de se igualar, existem inúmeros exemplos de membros graduados de universidades com personaldade e interesses semelhantes. Eruditos meticulosos e obsessivos cuja vida é dedicada ao trabalho e para quem os relacionamentos interpessoais estão em segundo lugar consideram a vida nas universidades de Oxford e de Cambridge particularmente atraente. Na qualidade de residentes, eles são bem tratados. O isolamento e o estudo

privado lhes são garantidos, enquanto o coleguismo, sem as exigências emocionais da vida em família, está disponível quando necessário. O calor da paixão humana estava ausente da vida de Kant, mas ele era universalmente respeitado e evidentemente contemplado com afeto por seus amigos. Sua personalidade possuía características obsessivas, mas as defesas contra a ansiedade e a depressão funcionaram bem na maior parte de sua vida. Embora alguns psicanalistas possam discordar, seria um erro encarar uma vida assim como neuroticamente infeliz.

Para o não filósofo, e talvez também para alguns especialistas na área, a filosofia parece ser assunto extremamente singular. Não se trata de estudo empírico, ou seja, ela não está preocupada, como as ciências exatas, em construir uma estrutura de conhecimento à qual cada geração acrescenta, por assim dizer, nova história. Os problemas com os quais os filósofos geralmente se preocupam não são soluções finais ou permanentes. Tudo o que a maioria dos filósofos afirma como um avanço em seu objeto de estudo é que, como certas questões foram esclarecidas, algumas maneiras anteriores de abordá-las podem agora ser desprezadas.

Embora os filósofos sejam como cientistas, ao tentarem ser o mais objetivos possível a filosofia não se parece com as ciências empíricas. Por outro lado, ela é diferente das artes, uma vez que não se preocupa em fazer declarações de cunho nitidamente pessoais ou expressar as emoções humanas. No entanto, sob certos aspectos, ela se parece tanto com as artes quanto com a ciência. À medida que esta progride, o novo conhecimento acrescentado a cada geração se incorpora à estrutura geral. Isso significa que nenhum físico moderno, por exemplo, precisa estudar as dissertações originais de Newton, ou mesmo de Einstein. O que eles acrescentaram à física e à cosmologia foi assimilado, e a maneira pela qual chegaram a suas conclusões, embora historicamente interessante, só possui importância histórica, não sendo relevante para o progresso futuro. Até as ideias dos maiores e mais originais cientistas são inevitavelmente suplantadas.

Nas artes, geralmente não existe a questão de o presente substituir ou suplantar o passado. Beethoven usa uma orquestra maior que a de Mozart, e Wagner usa uma ainda maior. Embora o alcance das possibilidades de expressão da orquestra tenha se expandido, não significa que a música de

Beethoven seja melhor do que a de Mozart, ou que a de Wagner seja mais importante que a de Beethoven, independentemente do que possam ter achado alguns críticos do século XIX. A música de Beethoven, por mais que dependa da conquista anterior de Mozart, não suplanta nem substitui essa conquista. A música de Mozart, a de Beethoven e a de Wagner são exemplos supremos de composição e absolutamente insubstituíveis.

O mesmo é verdadeiro com relação à pintura. Embora descobertas sobre a perspectiva e outras técnicas tenham algumas vezes sido usadas para indicar a superioridade dos pintores da Renascença com relação aos seus companheiros "primitivos", reconhecemos que os quadros de Cimabue e Giotto giravam em torno dos valores de sua época e são obras-primas insubstituíveis, sem as quais teríamos menos conhecimento.

Nesse sentido, a filosofia se parece mais com as artes do que com a ciência. Os textos de Platão e de Aristóteles ainda são estudados, precisam sê-lo, por qualquer pessoa que tente entender filosofia. Livros continuam a ser escritos sobre eles, bem como sobre Descartes, Hume, Kant e Wittgenstein. Embora um progresso análogo ao da ciência possa ser alcançado chamando-se a atenção para falhas em argumentos filosóficos particulares, os sistemas filosóficos frequentemente continuam a ser declarações distintas, a ser pontos de vista que podem estar em conflito uns com os outros, que não são reduzíveis uns aos outros, mas que coexistem como uma pluralidade da maneira descrita por Isaiah Berlin. Essa incompatibilidade me parece estar relacionada ao fato de que tantos filósofos insistem na autonomia a todo custo, relutam em reconhecer sua dívida para com outros e algumas vezes afirmam que se sentem praticamente incapazes de ler a obra de outros filósofos. Embora a ciência progrida a partir da crítica do que aconteceu antes e através da adoção de hipóteses que explicam um alcance mais amplo de fenômenos, os cientistas sempre criam a partir do passado. A postura mental adotada pelos filósofos é bem diferente daquela empregada pela maioria dos cientistas, por mais originais que estes possam ser.

Kant, Leibniz, Hume e Berkeley insistiam em que sua contribuição para a filosofia dependia de eles terem se libertado das influências de seus predecessores e seguido um caminho desatrelado do passado. O mesmo fez

Wittgenstein, outro exemplo de filósofo introvertido, que prezava a solidão, afirmava ser amplamente impermeável à influência e, sem sombra de dúvida, tinha em seu trabalho a principal fonte de autoestima. É geralmente considerado o filósofo mais original e influente do século XX.

Wittgenstein nasceu no dia 26 de abril de 1889 em Viena. Era o mais novo de cinco irmãos e três irmãs. Um de seus irmãos era Paul Wittgenstein, o pianista que perdeu o braço direito na Primeira Guerra, para quem Ravel compôs seu concerto de piano apenas para a mão esquerda. O próprio Ludwig Wittgenstein era apaixonado por música e, já adulto, aprendeu a tocar clarinete. Depois de receber educação particular até os 14 anos, frequentou uma escola em Linz e depois foi para Berlim estudar engenharia.

De acordo com o esboço biográfico que Wright fez de Wittgenstein, o período entre 1906, quando este último deixou a escola, e 1912, quando já estava em Cambridge estudando com Bertrand Russell, caracterizou-se por uma busca ansiosa e considerável infelicidade.[18] Seu interesse mudou da engenharia aeronáutica para a matemática, o que o pôs em contato com Frege, o qual o aconselhou a ir para Cambridge trabalhar com Russell. No segundo volume de sua autobiografia, Russell dá vívida descrição de Wittgenstein:

> Foi talvez o exemplo mais perfeito que já conheci do gênio como é tradicionalmente concebido, ardente, profundo, intenso e dominador. Possuía uma espécie de pureza que nunca vi ser igualada, a não ser por G. E. Moore... Sua vida era turbulenta e agitada, e seu vigor pessoal, extraordinário.[19]

Russell o descreve indo procurá-lo em seus aposentos à meia-noite, andando de um lado a outro durante horas, e anunciando que quando saísse cometeria suicídio. Uma perspectiva predominantemente sombria e a tendência à depressão persistiram durante toda a vida de Wittgenstein.

Deve ter sido um dos gênios mais introvertidos que já existiram. O que acontecia em sua mente era, para ele, bem mais importante do que qualquer coisa que pudesse estar ocorrendo no mundo exterior. Sua primeira obra importante, *Tractatus Logico-Philosophicus*, foi escrita durante a Primeira Guerra, quando Wittgenstein era oficial a serviço do exército

austríaco. Bertrand Russell escreve: “Era o tipo de homem que nunca teria reparado em coisas insignificantes como a explosão de granadas enquanto estivesse pensando a respeito de lógica”.20

Wittgenstein era indiferente às convenções sociais, desprezava os mexericos da vida acadêmica e odiava a afetação social. No período entre 1920 e 1926, foi professor primário em várias escolas de pequenas cidades do interior da Áustria. Embora estimulante, ele era um professor irritável e impaciente. Foi acusado de crueldade com as crianças e, apesar de ter sido inocentado, desistiu da carreira de professor. Mais tarde confessou ter batido em uma aluna durante a aula e sentia vergonha por ter negado o fato quando a menina foi se queixar ao diretor.

Seu pai havia morrido em 1912 e lhe deixara uma grande soma de dinheiro. Na volta para Viena depois da guerra, Wittgenstein distribuiu sua riqueza entre os irmãos e as irmãs. Quando ficou combinado que se encontraria em Haia com Russell para discutirem o *Tractatus*, este teve de vender alguns dos bens que Wittgenstein deixara em Cambridge para conseguir-lhe dinheiro suficiente para pagar a passagem de Viena para a Holanda.

No período entre 1926 e 1928, Wittgenstein dedicou-se a projetar e construir uma casa em Viena para sua irmã Gretl. Hermine Wittgenstein, outra irmã, descreve a forma obsessiva como trabalhava, supervisionando cada pormenor e insistindo que cada encaixe fosse minuciosamente projetado até o último milímetro.

> A mais forte prova da inflexibilidade de Ludwig com relação às medições precisas talvez seja o fato de ele ter decidido levantar em três centímetros o teto de um aposento, quando a limpeza da casa já concluída estava prestes a começar. Seu instinto estava absolutamente certo e tinha que ser seguido.21

Como vimos, Kant também exibia traços obsessivos, uma característica que esperaríamos encontrar nos que são basicamente *padronizadores*, preocupados em compreender e ordenar sua experiência. Wittgenstein também compartilha com Kant uma impermeabilidade às ideias dos outros. Norman Malcolm escreve:

> Wittgenstein não se dedicara à leitura sistemática dos clássicos da filosofia. Só conseguia ler o que era capaz de assimilar irrestritamente. Vimos que, quando jovem, leu Schopenhauer. Ele disse que só conseguiu obter vislumbres ocasionais de entendimento de Spinoza, Hume e Kant.22

Wittgenstein era bem menos sociável do que Kant; nunca almoçava na faculdade e era asceticamente indiferente à comida. Quando passou uns tempos na Irlanda, achou que a primeira refeição servida por seu anfitrião fora excessivamente elaborada. Queria mingau no café da manhã, legumes e verduras no almoço e um ovo cozido à noite. Assim sendo, providências foram tomadas para que isso lhe fosse servido diariamente durante o resto de sua visita.23

Mantinha segredo absoluto sobre sua vida privada. Seus primeiros cadernos foram parcialmente escritos em código. A paixão pela privacidade pode ter tido relação com a homossexualidade, que se manifestou em sua ligação com homens comno David Pinsent, a quem dedicou o *Tractatus*, ou com Francis Skinner, bem mais jovem do que ele. Pelo menos dois de seus amigos eram mancos, condição que constitui uma forma particular de atração compulsiva para algumas naturezas. Mas algumas pessoas que conheciam bem Wittgenstein pareciam certas de que era fisicamente casto.

Qualquer que tenha sido o caso, não há dúvida de que ele era sobretudo solitário. De fato, houve uma época em que passou meses completamente sozinho em uma cabana que comprara em Norway e, em outro período, em 1948, em outra cabana na costa de Galway.

Wittgenstein era uma pessoa muito mais atormentada do que Kant: mais inclinado à depressão, sentia-se eternamente ameaçado por temores com relação ao seu equilíbrio mental, era intolerante, dogmático, desconfiava dos outros e achava que estava sempre certo. Sua natureza estava próxima da paranoia. No entanto, a orgulhosa indiferença diante das considerações mundanas, sua proposta de descobrir a verdade a todo custo, o desprezo pela transigência e a paixão intelectual impressionavam profundamente todos com quem entrava em contato.

Apesar de suas diferenças, Wittgenstein e Kant compartilhavam vários traços de caráter e atitudes, que, em um ponto anterior deste capítulo, foram considerados prováveis de ser encontrados em pessoas criativas

predominantemente introvertidas que haviam se afastado dos relacionamentos humanos. Nenhum dos dois homens constituiu família ou formou vínculos pessoais estreitos duradouros. Ambos eram ascetas, evitavam qualquer tipo de satisfação de desejos pessoais. Eram amplamente impermeáveis às ideias de outros filósofos. Preocupavam-se apaixonadamente em preservar a autonomia. Ambos fundamentavam sua autoestima no trabalho, e não no amor de outros seres humanos.

Esses dois gênios exibiam impulso compulsivo de descobrir a ordem, a coerência e o significado através do pensamento abstrato, e era essa busca da verdade que conferia sentido à sua vida. É provável que a força motriz que estimule essa intensidade apaixonada derive da consciência de um possível caos interior: a "ansiedade de desintegração" ou o medo da "desorganização comportamental" mencionados anteriormente. Wittgenstein, especialmente, era atormentado pelo medo do esgotamento. A obsessão de Kant pela ordem revela uma ansiedade que, embora não tão intensa quanto a exibida por Wittgenstein, pode ser comparada com ela.

Existem muitos exemplos de gênios cuja intensa preocupação com a busca da ordem era provavelmente motivada por ansiedades semelhantes. Mas precisamos nos lembrar de que, embora essa busca seja a princípio empreendida pelo medo da desintegração, ela pode mais tarde passar a impulsionar a si mesma em razão do interesse intrínseco da pessoa ou da recompensa que o indivíduo obtém ao ser reconhecido como competente ou original.

Newton é exemplo de gênio que começou a vida com consideráveis desvantagens e que ao crescer se tornou excêntrico, sofreu doença mental na meia-idade e depois se tornou mais estável, apesar de permanecer isolado. Já escrevi longamente a respeito de Newton em um trabalho anterior, mas as ligações entre sua personalidade incomum e suas realizações excepcionais são tão evidentes e interessantes que, no contexto deste capítulo, merecem um destaque especial.[24]

Newton foi um bebê prematuro e nasceu no Natal de 1642. O pai, pequeno proprietário rural analfabeto, havia morrido três meses antes. Até onde se sabe, nem a família de sua mãe nem a de seu pai havia até então gerado alguém merecedor de particular distinção. Durante os três primeiros

anos de vida, Newton desfrutou a total atenção da mãe sem sofrer nenhum tipo de competição; com efeito, era um bebê tão pequeno que podemos supor que tenha recebido atenção ainda maior do que a habitual. Esse idílio foi rudemente despedaçado quando, no dia 27 de janeiro de 1646, logo depois do terceiro aniversário de Newton, sua mãe voltou a se casar. Ela não apenas o presenteou com um padrasto indesejado, como também saiu de casa, deixando-o para ser criado pela avó materna. Sabemos que Newton se ressentiu intensamente dessa atitude, considerando-a uma traição. Aos 20 anos, ele escreveu uma confissão: dentre os 58 pecados dos quais se considerava culpado estava "ameaçar meu pai e mãe Smith de os queimar, bem como a casa sobre eles".25

O psicanalista Erik Erikson considerou a confiança básica *versus* a desconfiança básica como o primeiro conflito nuclear com que o ser humano em desenvolvimento depara. Apesar de todos nós provavelmente trazermos conosco para a vida adulta certa sensação de um paraíso perdido, quase todos experimentamos uma continuidade de cuidados maternais durante período de tempo suficiente para estabelecermos a confiança nos outros seres humanos como norma — e a desconfiança apenas como exceção. No entanto, se a criança desfruta de um relacionamento particularmente estreito com a mãe e este é repentinamente interrompido antes que tenha idade suficiente para compreender as possíveis razões dessa traição, é bastante provável que essa criança passe a desconfiar de todos os outros seres humanos que venha a encontrar mais tarde e que só aos poucos possa ser persuadida de que alguém merece confiança. Esse certamente foi o caso de Newton. Whiston, o sucessor de Newton na cadeira lucasiana de matemática, declarou que seu antecessor tinha "o temperamento mais receoso, cauteloso e desconfiado que já conheci em toda a minha vida".26

Desde 1661, quando foi para a Trinity College, em Cambridge, até partir para Londres, em 1696, Newton permaneceu recluso a maior parte do tempo, preocupado com seu trabalho a ponto de excluir praticamente tudo o mais, com pouco contato social com outros seres humanos e sem manter relações estreitas com pessoas de ambos os sexos. A falta de confiança que Newton sentia pelos outros é comprovada por sua relutância em publicar seus trabalhos. Ele temia que os críticos o ferissem e que outros

reivindicassem a autoria de suas descobertas. Eis o que escreve um de seus biógrafos, Brodetsky:

> Ele se mostrava sempre um tanto relutante em enfrentar a publicidade e as críticas, e em mais de uma ocasião recusou-se a ter seu nome associado a relatos publicados sobre alguns de seus trabalhos. Não considerava o respeito do público como algo intrinsecamente desejável e temia que a publicidade fizesse com que fosse importunado por relacionamentos pessoais — uma vez que desejava se ver livre de tais envolvimentos... Ao que tudo indica, Newton praticamente nunca publicou uma descoberta sem que a isso fosse exortado por outras pessoas: mesmo quando encontrou a solução do maior problema já enfrentado pela astronomia, nada falou a respeito com ninguém.[27]

Newton era sensível com relação às questões de prioridade, como o demonstram suas discussões com Leibniz, Flamsteed e Hooke. Relutava muito em reconhecer que devia alguma coisa ao trabalho de outros homens. Ele é com certeza outro exemplo de criador introvertido que satisfaz todos os critérios apresentados anteriormente neste capítulo. Ou seja, evitava os relacionamentos pessoais, protegia seu trabalho para que este não fosse examinado, preocupava-se bastante com a autonomia e usava o trabalho como fonte básica de autoestima e satisfação pessoal. Além disso, sofria visivelmente de uma doença mental.

Logo depois de completar 50 anos, tornou-se periodicamente psicótico. Alguns afirmaram que essa doença resultou do envenenamento com mercúrio, que Newton usava em suas experiências. No entanto, tenha ou não essa psicose tido origem tóxica, produziu aumento exagerado em sua desconfiança habitual e o fez cortar relações com o amigo Pepys e começar a acreditar que o filósofo Locke estava se esforçando para "causar-lhe complicações" com as mulheres. Esse episódio paranoico foi sucedido por um período de depressão no qual escreveu para Locke pedindo perdão por ter tido pensamentos injustos com relação a ele. Newton parece ter se recuperado bem. Mudou-se de Cambridge para Londres, tornou-se diretor e depois mestre da Casa da Moeda e também foi eleito presidente da Royal Society. Permaneceu solteiro, mas sua fama lhe proporcionou considerável satisfação e amplo reconhecimento. Conta-se que George II e a rainha Carolina o receberam no palácio. Continuou a rever suas publicações científicas e a trabalhar em seus estudos teológicos e na *Cronologia dos antigos*

reinos. Newton morreu aos 85 anos.

Kant, Wittgenstein e Newton foram gênios que, apesar de diferentes sob outros aspectos, compartilhavam uma enorme capacidade para o pensamento original e abstrato, aliada à ausência de envolvimento mais íntimo com outros seres humanos. Com efeito, poderíamos até racionalmente argumentar que, se tivessem tido esposa e família, lhes teria sido impossível realizar suas conquistas, uma vez que as esferas mais elevadas de abstração exigem longos períodos de isolamento e intensa concentração, difíceis de ser encontrados quando a pessoa está sujeita às exigências emocionais do cônjuge e dos filhos.

Os psicanalistas chamarão a atenção para o fato óbvio de que esses três homens eram tecnicamente "anormais", e admito que de fato exibiam parcela maior do que a habitual do que em geral se considera "psicopatologia". Não obstante, três sobreviveram e deram importantes contribuições para o conhecimento e o entendimento humano que, na minha opinião, não teriam realizado caso não tivessem sido pessoas predominantemente solitárias. Teriam sido mais felizes se tivessem sido capazes, ou mais inclinados, de procurar a satisfação pessoal no amor em vez de no trabalho? Impossível responder. O que deve ser enfatizado é o fato de que a humanidade seria bem mais pobre de conhecimento se esses gênios tivessem sido incapazes de florescer, e precisamos, portanto, considerar que as características de sua personalidade, bem como a grande inteligência, são biologicamente adaptativas. A psicopatologia desses homens nada mais é do que um exagero de características que se encontram em todos nós. Precisamos encontrar alguma ordem no mundo, para poder compreender um pouco nossa existência. Os que se preocupam particularmente com essa busca são testemunhas do fato de que os relacionamentos interpessoais não são a única forma de encontrar a satisfação emocional.

11

O TERCEIRO PERÍODO

> *Em nossos romances, é a música, dentre todas as artes, que isola o indivíduo da sociedade de seus contemporâneos, que o torna consciente de sua condição separada e, finalmente, confere significado pessoal à sua vida, independentemente de sua lealdade social ou mesmo pessoal. É a única norma de sobrevivência que jamais falha...*[1]
>
> Alex Aronson

No início da vida, a sobrevivência depende dos "relacionamentos com o objeto". O bebê humano não pode tomar conta de si próprio e depende dos cuidados de terceiros durante os longos anos da infância. No final da vida, prevalece a condição oposta. Embora uma doença ou lesão possa tornar o idoso fisicamente dependente, a dependência emocional tende a declinar. As pessoas mais velhas muitas vezes demonstram menos interesse por vínculos interpessoais, ficam mais satisfeitas por estarem sozinhas e passam a se preocupar mais com seus assuntos interiores. Não é minha intenção sugerir que os idosos não continuem a se interessar pelo cônjuge, pelos filhos ou netos, e sim salientar que a intensidade desse interesse de certo modo diminui. Há com frequência um aumento na objetividade com relação aos outros aliada ao declínio na identificação com eles. Talvez por isso os relacionamentos entre avós e netos sejam frequentemente mais fáceis do que entre pais e filhos. O neto não sente que os avós esperam tanto deles

quanto os pais e consegue assim estabelecer um relacionamento reciprocamente menos exigente com eles.

Essa mudança na intensidade do envolvimento é em parte determinada pelo declínio na insistência do impulso sexual que, até a meia-idade, ou mais tarde, faz com que a maioria dos homens e das mulheres se envolva em relacionamentos íntimos. Também pode ser uma providência misericordiosa da natureza, destinada a diminuir a dor da inevitável separação dos entes queridos que a morte proporciona. O homem é a única criatura capaz de perceber a aproximação da própria morte, e, quando isso ocorre, sua mente se concentra de uma maneira maravilhosa. Ele se prepara para a morte libertando-se das metas e dos apegos mundanos, voltando-se então para o cultivo de seu jardim interior. Tanto Jung quanto Freud exemplificam essa mudança. Ambos viveram mais de 80 anos e praticamente abandonaram o interesse pela psicoterapia em prol de ideias e teorias a respeito da natureza humana. Na velhice, existe a tendência de nos afastarmos da empatia e nos voltarmos para a abstração, de nos envolvermos menos nos dramas da vida e nos preocuparmos mais com os padrões da vida.

Essa mudança, à semelhança de outros aspectos da natureza humana, pode ser mais claramente percebida na produção dos que deixaram para trás uma série de obras de permanente interesse. Quando os gênios de ambos os sexos vivem bastante, as mudanças em seu estilo tornam-se tão visíveis que é comum dividir-se sua obra em períodos, frequentemente chamados de “primeiro”, “segundo” e “terceiro”, ou “inicial”, “intermediário” e “final”. O terceiro período, ou final, é relevante para o tema principal deste livro, uma vez que é a época em que a comunicação com as outras pessoas tende a ser substituída por trabalhos que dependem mais da meditação solitária.

Não é difícil determinar a importância dos dois primeiros períodos na vida do artista. Até os homens e mulheres mais talentosos precisam aprender uma profissão, e estão destinados a ser influenciados por seus mestres e predecessores. O primeiro período, portanto, embora possa ser caracterizado por obras sem dúvida geniais, é a época em que o artista geralmente ainda não descobriu por completo sua expressão individual.

Bernard Berenson definia a genialidade como "a capacidade de reagir de forma produtiva contra o próprio treinamento",2 e, à medida que o artista se torna mais confiante, ele reúne coragem para prescindir de quaisquer aspectos do passado que lhe sejam irrelevantes e entra em seu segundo período, no qual tanto sua habilidade quanto sua individualidade estão claramente manifestas. Nesse período, a necessidade de transmitir o que tem a dizer para o maior número possível de pessoas costuma ficar evidente.

O segundo período pode ocupar a maior parte da vida do artista, e muitos dos grandes gênios não viveram o suficiente para penetrar na terceira fase de sua produção criativa. Dentre os compositores, Mozart, Schubert, Purcell, Chopin e Mendelssohn por exemplo tiveram período de vida tão curto que, apesar de sua surpreendente precocidade, não dispuseram de tempo para mostrar o tipo de mudança que observamos nas obras de Beethoven e Liszt.

Beethoven viveu até os 57 anos: não é uma idade avançada segundo os padrões atuais, mas suficiente para que seus trabalhos forneçam bom exemplo dos três períodos acima referidos. (Trata-se, é claro, de simplificação diante da qual os especialistas em música encontrarão muitas exceções. No entanto, sob o aspecto genérico, o amante comum da música de imediato entenderá o que quero dizer.) Os quartetos de corda de Beethoven se dividem naturalmente em três grupos. O compositor se envolveu com o primeiro conjunto de seis peças, o *Opus 18*, no decorrer do ano de seu 28o aniversário, e dedicou-se a ele durante os anos de 1798 e de 1799. As três primeiras do conjunto foram publicadas em junho de 1801; as outras três, quatro meses mais tarde. Embora nenhuma outra pessoa pudesse ter composto esses quartetos, Kerman escreve que "revelam algumas nítidas características de Haydn e alguns traços extraordinariamente fortes de Mozart".3 São certamente agradáveis, mas não personificam o genuíno Beethoven no sentido em que os últimos quartetos o fazem.

Os três quartetos dedicados ao conde Razumovsky, o *Opus 59*, os de no de l a 3, mais o chamado *Quarteto para harpa*, o *Opus 74*, e o *Quarteto em fá menor*, o *Opus 95*, são geralmente agrupados como os quartetos "intermediários". Os quartetos Razumovsky foram compostos noperíodo entre 1804 e 1806; o

Opus 74 em 1809, e o *Opus 95* em 1810. O início do século XIX foi um período de intensa atividade para Beethoven. A sinfonia *Eroica* de 1803-04 representa dimensão inteiramente nova na música sinfônica. As sonatas *Waldstein* e *Appassionata*, compostas basicamente em 1804 e 1805, são bem diferentes de quaisquer outras sonatas para piano anteriores. Vale a pena recordar que essas obras "heroicas" foram compostas depois do "Testamento de Heiligenstadt", que, como vimos anteriormente, foi composto em 1802. A surdez de Beethoven já era grave, e posteriores mudanças em seu estilo não podem ser atribuídas ao crescente recolhimento dentro de si mesmo apenas por causa disso.

Os quartetos Razumovsky também ilustram essa nova guinada. Revelam o poder, a energia e a confiança de Beethoven, bem como sua capacidade para descrever a mais profunda emoção. (Comparem-se, por exemplo, os comoventes adágios do *Opus 59*, no l e do *Opus 59*, no 2 com a jovialidade do *finale* do *Opus 59*, no 3.) Esses dois maravilhosos quartetos são inteiramente individuais e também se encontram em categoria diferente da do conjunto do *Opus 18*, por mais agradáveis que sejam, sem dúvida, esses quartetos iniciais.

Entre 1806 e 1809, Beethoven concluiu a *Quarta*, a *Quinta* e a *Sexta sinfonia*, o *Concerto para violino* e o *Quarto* e o *Quinto concertos para piano*, bem como várias obras menos importantes. Em 1809, surgiu o *Quarteto para harpa*, assim chamado por causa das trocas *pizzicato* entre os instrumentos no primeiro movimento. É uma bela obra, mas talvez devesse ser encarada como composição musical de transição que não contém nenhuma inovação notável. O mesmo não podemos dizer de seu sucessor, o *Quarteto em fá menor*, o *Opus 95*. Essa é uma obra extremamente condensada, poderosa, quase violenta. O próprio Beethoven a chamou de *Quartetto serioso.* Por estar situado no final da série dos quartetos "intermediários", alguns críticos consideraram seu espírito mais próximo da série dos cinco quartetos "finais". Kerman escreve o seguinte: "Na opinião deste escritor, e certamente não apenas na dele, o *Quarteto em fá menor* está situado no ápice da realização artística de Beethoven até o final do segundo período".4

O grupo seguinte de quartetos, os cinco "últimos" quartetos, só começou a ser composto na década de 1820. É provável que o primeiro do grupo, o

Opus 127 em mi bemol, tenha sido iniciado em 1822, mas posto de lado até 1824, para que Beethoven concluísse a *Nona sinfonia*. O último dos cinco, o *Opus 135 em fá maior*, foi composto nos meses de agosto e setembro de 1826. O último movimento substituto do *Opus 130*, composto por insistência de seu editor como alternativa à *Grande fuga*, foi concluído ainda naquele outono e foi a última música composta pelo artista, que morreu no dia 24 de março de 1827.

Eis o que Martin Cooper escreve sobre esse último estilo de Beethoven:

> Nenhuma concessão é feita ao ouvinte, nenhuma tentativa de captar sua atenção ou manter seu interesse. Em vez disso, o compositor comunga consigo mesmo ou contempla sua visão da realidade, pensando (por assim dizer) em voz alta, preocupando-se apenas com a pura essência de seus pensamentos e com os métodos musicais com os quais esse pensamento frequentemente se confunde.5

Os três quartetos intermediários dessa última série de quartetos, o *Opus 132 em lá menor*, *o Opus 130 em si bemol maior* e o *Opus 131 em dó sustenido menor*, foram considerados ininteligíveis durante longo período. Certamente exibem profundo afastamento da forma convencional da sonata. O *Quarteto em lá menor* tem cinco movimentos, o em si bemol maior tem seis, e o quarteto em dó sustenido menor, sete. Ocorrem frequentes mudanças de tempo, justaposições inesperadas de temas e interrupções imprevisíveis do fluxo da música. Kerman confere a esse capítulo sobre os *Opus 130* e *131* o título esclarecedor de "Dissociação e integração". Depois de analisar a extraordinária e violenta composição musical a *Grande fuga*, que foi o *finale* original do *Opus 130*, Kerman escreve:

> Tudo isso me parece indicar que Beethoven estava trabalhando em direção a uma nova ordem de coerência na composição cíclica, ordem essa acentuadamente diferente da sequência psicológica tradicional que havia desenvolvido em suas obras anteriores. Não é fácil compreender essa nova ordem, porque, considerando-se a evidência do *Quarteto em si bemol*, a ideia ainda não estava totalmente concretizada.6

Encontramos interessante paralelo no livro de John William Sullivan, *Beethoven*, publicado pela primeira vez em 1927. Após discutir o significado e a utilidade do formato convencional da sonata para exprimir os processos

psicológicos, prossegue escrevendo o seguinte:

> Mas nos quartetos que estamos analisando, a experiência de Beethoven não poderia ser dessa forma. A ligação entre os vários movimentos é totalmente mais orgânica do que a forma da sonata em quatro movimentos. Nesses quartetos, os movimentos se irradiam, por assim dizer, de uma experiência central. Não representam estágios de uma jornada, em que cada um é independente e existe por si. Representam experiências separadas, mas o significado que assumem no quarteto deriva de sua relação com uma experiência dominante e central. Isso é característico da visão mística, para a qual tudo no mundo aparece unificado à luz de uma única experiência fundamental.[7]

Wilfrid Mellers escreve de uma forma semelhante a respeito das *Variações Diabelli*, a mais longa obra para piano de Beethoven, publicada em 1823. Ele as considera

> obra circular, e não linear... Como as *Variações Goldberg* de Bach, e apesar da diferença entre a abordagem dos dois compositores, eles de certa forma veem "um mundo em um grão de areia", tornando-nos conscientes de que a experiência é uma totalidade na qual o trivial e o sublime coexistem.[8]

No último capítulo deste livro, veremos que a descrição de Sullivan e Mellers de uma experiência central que une os opostos tem correspondência na obra de Jung.

Sullivan está mais convencido do que Kerman de que Beethoven expressou plenamente a nova visão que buscava alcançar. Na qualidade de diletante, meu palpite é de que não chegou a alcançá-la por completo. Se tivesse vivido mais tempo, talvez produzisse obras que exemplificassem com perfeição a síntese dos elementos, a unidade que estava buscando. A maioria das pessoas concordaria em que ele se aproximou mais dessa meta no *Quarteto em dó sustenido menor*, que o próprio Beethoven considerava o melhor. Como Maynard Solomon salienta,

> uma continuidade de projeto rítmico contribui para o sentimento de que essa é uma das obras mais completamente integradas de Beethoven. Mas existem nesse quarteto muitas pressões em direção à descontinuidade: seis tons principais distintos, 31 mudanças de tempo (dez mais do que no *Opus 130*), uma variedade de estruturas e uma diversidade de formas dentro dos movimentos — fuga, suíte, variação recitativa, *scherzo*, ária e a de sonata —, o que torna a consecução da unidade um feito altamente milagroso.[9]

O último quarteto de todos, o *Opus 135 em fá maior*, parece representar o retorno a um gênero anterior, talvez uma pausa depois de intenso esforço espiritual, ou a expressão de paz alcançada. A pergunta e a resposta *Muss es sein? Es muss sein* [Deve ser isso? Deve ser], que é a epígrafe do *finale*, provavelmente teve uma origem trivial. Schindler a relaciona à má vontade de Beethoven de entregar dinheiro para a manutenção da casa. Mas o fato de ter inserido a frase onde a colocou também pode ser interpretado como indício de que esse rebelde habitual havia alcançado um tipo de reconciliação com o destino.

Os últimos quartetos de Beethoven exemplificam notavelmente os principais aspectos do terceiro período da vida de uma pessoa criativa. As obras desse período compartilham certas características. Primeiro, estão menos preocupadas com a comunicação do que as anteriores. Segundo, sua forma é com frequência não convencional e dá a impressão de se esforçar para atingir um novo tipo de unidade entre elementos que à primeira vista são extremamente desiguais. Terceiro, as obras caracterizam-se pela ausência de retórica ou de qualquer necessidade de convencimento. Quarto, parecem explorar áreas remotas da experiência que são mais intrapessoais ou suprapessoais do que interpessoais. Ou seja, o artista examina as profundezas de sua psique, sem se preocupar muito com o fato de que outra pessoa vá acompanhá-las ou compreendê-las. Essas características são claramente percebidas nos últimos quartetos de Beethoven, mas também podem ser encontradas na obra de outros compositores, desde que tenham vivido o suficiente.

Liszt, por exemplo, morreu aos 75 anos. Durante os 15 anos que antecederam sua morte, sua música exibe extraordinária mudança. Não existem vestígios da antiga ostentação, tampouco da virtuosidade transcendental — ou pelo menos nenhuma virtuosidade em benefício próprio. Em vez disso, há a preocupação com a música folclórica húngara; a variedade camponesa, genuína, e não o tipo *Ersatz* encontrado nas primeiras rapsódias. Ocorre também abandono parcial da tonalidade convencional, que antevê Schoenberg e Bartók. Em vez de usar o método habitual de especificar um tema, desenvolvendo-o em várias tonalidades, recapitulando-o e finalmente atingindo uma meta, Liszt experimenta violentos contrastes

e oposições, com efeitos impressionistas alcançados pela sustentação do pedal. Humphrey Searle escreve:

> O estilo tornou-se extremamente rígido e austero; há longas passagens em notas únicas e um emprego considerável de acordes de intervalo de segunda maior, sendo evitada qualquer coisa que possa se assemelhar à cadência. Com efeito, quando uma obra termina com acorde comum, trata-se mais de inversão do que da posição de uma nota fundamental. O resultado é o sentimento curiosamente indefinido, como se Liszt estivesse se lançando em um novo mundo de cujas possibilidades ele se sentisse inseguro. Na maioria dessas obras, retornou ao seu primeiro amor, o piano, mas, de modo geral, o antigo resplendor pianístico está ausente — Liszt compunha agora para si, e não mais para seu público.[10]

Os comentários de Searle a respeito do último estilo de Liszt são surpreendentemente semelhantes às observações de Martin Cooper sobre o último estilo de Beethoven aqui citadas. Beethoven e Liszt têm pouco em comum como compositores, porém ambos, no período inicial e intermediário, usaram a retórica para convencer seus ouvintes e a abandonaram em suas últimas composições.

É claro que existem outros exemplos de artistas que caminham cada vez mais em direção a algum tipo de desenvolvimento interior à medida que envelhecem. *A arte da fuga* de Bach, sua última composição musical importante, talvez não tenha sido fundamentalmente dirigida a uma audiência. Nem sequer está claro para que instrumento ou combinação de instrumentos foi composta ou se foi uma obra puramente teórica, que não se destinava a ser executada. Malcolm Boyd está certo de que

> a execução em si jamais pode resultar na completa compreensão das obras do último período de Bach. Mesmo com a execução mais rica e a audição mais atenta, os cânones de aumento na *Oferenda musical* e na *Arte da fuga* parecerão insípidos, acadêmicos e até desajeitados se os vivenciarmos da mesma maneira que poderíamos vivenciar o *Orgelbüchlein* ou o de no 48. Mas para aquele que lê a partitura, capaz de seguir e avaliar sua fria lógica, eles oferecem uma inspiração dos mistérios do infinito tão irritantes em sua beleza matemática quanto o paradoxo que Zenão formulou de Aquiles e do cágado... É claro que não abriríamos mão voluntariamente do grau de compreensão e prazer que a execução dessa composição oferece, mas é apenas pelo estudo que podemos ter a esperança de conseguir compreendê-la totalmente e, depois do estudo, pela contemplação; pois ela existe em um mundo extremamente afastado de nossa *musica humana*, no qual a música, a matemática e a filosofia são uma só.[11]

Vemos, mais uma vez, que no final da vida o interesse se volta cada vez mais para a formação de padrões e para o impessoal.

Até em um compositor tão exuberantemente romântico como Richard Strauss, podemos detectar algo desse tipo. No período transcorrido entre a idade de 78 anos e sua morte, aos 84, Strauss compôs o segundo *Concerto para trompa*, a *Primeira* e a *Segunda sonatina para instrumentos de sopro*, as *Metamorphosen* [Metamorfoses] para 23 cordas, o *Concerto para oboé, o Concertino dueto para clarinete e fagote* e as *Quatro últimas canções*. Mosco Carner comenta que, à exceção das *Metamorphosen*, essas são obras de pouca importância, mas que

> uma tendência clássica visível no jovem Strauss manifestou-se novamente no octogenário, porém mais enriquecida e amadurecida pelas experiências artísticas e humanas de toda uma vida. A tendência neoclássica se manifesta sob vários aspectos: na mudança para a música instrumental pura, quando ele evita a expressão emocionalmente carregada e enfatiza uma execução magnificamente refinada e elegante; no estilo simétrico das ideias temáticas (a maioria em quatro e oito compassos regulares) e cadências "antiquadas"; na acentuada preferência pela simples composição diatônica; e na instrumentação transparente, cuja escassez e parcimônia — já encontrada em *Daphne* e *Capriccio* — formam forte contraste com a suntuosidade e a prodigalidade dos poemas sinfônicos de Strauss e a maioria de suas óperas. *Metamorphosen*, a mais importante das últimas composições dele, exibe todos esses aspectos em sua forma mais característica, sem mencionar a espantosa habilidade demonstrada na combinação polifônica das partes.[12]

Brahms, como Mozart, foi inspirado por um brilhante clarinetista no final de sua carreira de compositor. Em 1891, ele ouviu Richard Mühlfeld em Meiningen, e a habilidade instrumental deste último o inspirou a compor o *Trio para clarinete*, o *Quinteto para clarinete* e duas sonatas para clarinete (ou viola) e piano. Embora Brahms preferisse pessoalmente o trio, quase todos os críticos são de opinião que o quinteto é a maior dessas obras, mas divergem quanto aos sentimentos que ela evoca. Alguns acham que ele se caracteriza por uma nostalgia temperada com resignação — "outonal" é o adjetivo predileto. Robert Simpson a considera permeada por uma melancolia subjacente. William Murdoch a vê como "arrebatadora",

> uma obra intimista e, no entanto, repleta de colorido ardente, com o clarinete adicionando-lhe brilho tal que é difícil acreditar que o compositor não seja um jovem inundado pela alegria da

> vida, possuído pela exuberância da juventude e pelo encanto do amor apaixonado.[13]

Brahms publicou em 1893 seu último conjunto de composições para solo de piano, o *Opus 119*. Os compositores frequentemente compõem música em um tom menor, mas a encerram em um maior. É uma das maneiras de atingir a "meta" com triunfo ou felicidade. Vale a pena observar que a *Rapsódia em mi bemol*, que conclui o *Opus 119* e é a última obra de Brahms para solo de piano, inverte a ordem habitual. Foi composta em tom maior, mas termina em menor.

Brahms, como o faria Richard Strauss 50 anos depois, compôs quatro últimas canções: as *Quatro canções sérias* que ele compôs em 1896, no ano anterior ao de sua morte. Foram baseadas em palavras da Bíblia luterana, mas cuidadosamente escolhidas para não entrar em conflito com o agnosticismo do compositor. A primeira canção, cuja letra foi extraída de Eclesiastes 3:19-22, é tão relevante para um dos temas deste livro que não posso me abster de citá-la. Depois de declarar que os homens não são superiores aos animais, uma vez que todos devem morrer, o autor do Eclesiastes prossegue:

> Quem pode saber se o espírito do homem sobe para o alto e o do animal desce para debaixo da terra? Percebo que não há nada melhor para o homem do que alegrar-se com suas obras, porque essa é a porção que lhe cabe. De fato, ninguém o fará ver o que sucederá depois dele.

A última composição de Brahms foi um conjunto de *Onze prelúdios corais* para órgão, que fazem com que tanto Denis Arnold quanto Fuller Maitland se lembrem de Bach. O primeiro se refere a eles como "tranquilos e introspectivos, de um modo que faz lembrar Bach".[14] Maitland, em um comentário a respeito do último desses prelúdios, escreve o seguinte:

> É preciso admitir que nenhum dos grandes compositores entregou ao mundo a declaração final de uma beleza mais requintada e comovente. A cadência dos últimos compassos é de uma beleza tão doce e expressiva que não poderia ser superada sequer pelo próprio Brahms, e mais uma vez nos lembramos de Bach...[15]

Tanto Richard Strauss quanto Brahms exibiram algumas das características das obras do terceiro período em suas composições

derradeiras: a falta de retórica, a ausência de qualquer necessidade de persuadir ou convencer e certa inclinação para o impessoal em vez de para o pessoal. Mas suas últimas músicas também apresentam a tendência nostálgica que está ausente nas composições de Beethoven e Liszt. Sinto-me inclinado a relacionar essa tendência ao fato de que os dois homens, em sua vida privada, eram indivíduos cautelosos e hesitantes, que não a desfrutavam plenamente. A nostalgia, que está próxima do sentimentalismo, parece ser geralmente mais a expressão de arrependimento pelas oportunidades perdidas do que de nostalgia por realizações ou prazeres que ocorreram no passado. Brahms era um homem cauteloso a respeito de quem Nietzsche escreveu: "É dele a melancolia da incapacidade".16 Embora estivesse seriamente apaixonado por Clara Schumann (14 anos mais velha do que ele) e tenha tido várias ligações emocionais com outras mulheres, ele nunca assumiu um compromisso, permanecendo solteiro. Destruiu todas as composições de seu período de aprendizagem, bem como muitas obras posteriores que ele não considerava à altura de seu talento. Peter Latham escreve: "É como se temesse que elas pudessem ser transformadas mais tarde em provas contra ele".17

Depois de ver fracassadas suas esperanças de viver com Clara Schumann, Brahms envolveu-se com Agathe von Siebold, mas rompeu seu compromisso com ela quando a questão do casamento se tornou premente. Todos que o conheciam perceberam que, à medida que envelhecia, o artista ficava cada vez mais reservado e retraído, escondendo os verdadeiros sentimentos atrás de um muro de rudeza e sarcasmo. Brahms tinha, por natureza, um temperamento mais caloroso e emotivo do que os filósofos analisados no capítulo anterior, mas o desapontamento e a rejeição impediram que suas emoções se realizassem. Não é de causar surpresa que no final sua música tivesse um toque de nostalgia e arrependimento.

A vida de Richard Strauss também ficou incompleta. Casou-se com uma cantora que, à medida que envelhecia, ficava cada vez mais dominadora, gananciosa, presunçosa e irritadiça. Basta olhar para a fotografia do casamento deles para adivinhar como era o relacionamento. Parece que todos que conheciam Pauline Strauss a detestavam. Era claramente uma pessoa muito obsessiva. Exigia que o marido limpasse os pés em três

conjuntos de capachos antes de entrar em casa e ficava furiosa com os criados se os armários de roupa branca não estivessem arrumados com precisão matemática. Strauss pode ter sentido um prazer masoquista em ser tão ditatorialmente dominado, mas cinco de suas óperas giram em torno do tema da fidelidade, e diz-se que ele teve um caso amoroso com uma das prima-donas que cantaram a ópera *Salomé.* Era um homem fraco que acolheu com prazer a ascensão de Hitler; apoiou o ataque de Goebbels a Hindemith e Furtwängler; substituiu Bruno Walter como regente, quando este foi ameaçado pelos nazistas; e também substituiu Toscanini, quando este se recusou a reger na Alemanha. Escreveu para Hitler desculpando-se por sua ligação com o escritor judeu Stefan Zweig, que escrevera um *libreto* para ele. Durante os 25 anos que antecederam o verão indiano em que criou seu último grupo de composições, Strauss produziu poucas obras importantes. Era uma pessoa egoísta cujo principal interesse era o dinheiro e a promoção de suas obras. Toscanini certa vez lhe disse: "Para Strauss, o compositor, tiro meu chapéu. Para Strauss, o homem, eu o recoloco".18 O compositor, cujas obras *Elektra* e *Salomé* estão repletas de horror, violência e perversão sexual, era covarde e inibido. Não é de causar surpresa que suas últimas obras, apesar de extremamente belas, evoquem mais sentimentos de nostalgia do que de reconciliação e integração.

Henry James é um escritor cujo "terceiro período" apresenta aspectos particularmente interessantes. Seus três últimos romances, *Os embaixadores*, *A taça de ouro* e *The wings of the dove* [As asas da pomba], têm estilo ainda mais denso e complexo do que o de suas obras iniciais e intermediárias. Em parte porque elas foram ditadas, em vez de escritas à mão, era mais fácil fazer a revisão, e a revisão constante tornou-se habitual. Talvez devêssemos ser gratos pelo fato de os programas de processamento de texto não terem sido inventados durante a vida de James. A ansiedade dele de evitar o esperado algumas vezes resulta em uma prosa obscura e difícil de entender. O leitor descobre que precisa se concentrar com mais intensidade do que a maioria dos leitores de romances normalmente o deseja, para poder seguir os desvios do estilo tortuoso de James.

O interessante é que James, em *Os embaixadores*, demonstra preocupação com o padrão e a ordem já observada como característica do terceiro

período, aliada à determinação de pregar o evangelho de viver a vida plenamente, que, em outros artistas, estaria mais associada com períodos anteriores de seu trabalho. Henry James tinha 57 anos quando escreveu *Os embaixadores*, a idade com que Beethoven morreu. O próprio James escolhe como núcleo do livro o discurso feito a Lambert Strether no capítulo 2 do livro 5. "Viva o mais que puder; é um erro não o fazer. Não importa muito o que você faça de especial, desde que você tenha sua vida. Se não tiver tido isso, o que você teve?"[19]

Era uma exortação que o próprio James particularmente deixou de seguir. Porém, em 1899, durante uma permanência em Roma, ele conheceu um escultor norte-americano de origem norueguesa, chamado Hendrik Andersen. James comprou um de seus bustos e arrancou a promessa de que Andersen passaria algum tempo com ele, o que este mais tarde efetivamente fez, durante três dias. Leon Edel comenta que James se conscientizou de que nutria por Andersen sentimentos mais profundos do que jamais alimentara por alguém fora de sua família. Além disso, suas cartas para Andersen contêm um número bem maior de referências a uma afeição física do que fora visível em sua correspondência anterior. Henry James era sexualmente inibido. Ele

> exaltara mais o lado intelectual e emocional do que o físico nas relações humanas... Também precisamos nos lembrar, ao avaliar essa delicada e ambígua evidência, que James tivera até então a tendência de olhar para o mundo como se através de um vidro laminado. Andersen parece ter ajudado James a sair de trás desse muro protetor. Se dermos asas à nossa fantasia, poderíamos pensar nele como ajudando James a se abrir mais do que anteriormente aos sentimentos sensoriais. Talvez o contato dos dedos fortes da mão do escultor possa ter dado a James uma sensação de proximidade e calor físicos que ele nunca se permitira sentir nos anos anteriores — e é isso que lemos em suas cartas.[20]

Assim, o terceiro período de James está desordenado. Em vez de o elemento físico tornar-se menos evidente à medida que ele envelhecia, esse fator o invadiu de repente como parte válida, ainda que irracional, do amor; algo que havia deixado de compreender no passado e que justificadamente fazia com que sentisse haver perdido alguma coisa muito importante na vida.

Embora o tema principal de *Os embaixadores* seja a exortação de Strether

"viva o mais que puder", o romance também exibe um padrão simétrico. O inibido Lambert Strether de 55 anos é enviado dos Estados Unidos para salvar um jovem norte-americano, Chad Newsome, da influência supostamente má da vida parisiense e, em especial, das garras de Madame de Vionnet. No entanto, depois de conhecer esta última e de sucumbir ele próprio à influência liberadora da Europa, Strether abandona sua missão de resgate e insiste com o jovem para que fique. Nesse ínterim, a atitude de Chad se modifica. Apesar de ter de início se recusado a deixar a França, ele depois muda de opinião e passa a acalentar ansiosamente a ideia de voltar para os Estados Unidos e se dedicar aos negócios. Desse modo, os dois principais protagonistas do romance trocam de lugar.

Ralf Norman, que estudou esses padrões nos romances de ficção de Henry James, refere-se a essa troca como um exemplo de "inversão quiástica": "'A' muda e se torna o que 'B' foi, enquanto 'B' muda e se torna o que 'A' foi".21 O quiasma se refere a um atravessar, como no caso do quiasma óptico na base do cérebro, no qual algumas das fibras do sistema óptico vão para o outro lado para se unir às fibras desse lado. O romance que precede os três últimos, *The sacred fount*, utiliza esse dispositivo de uma maneira tão artificial que não o consegui ler. Em *Notebook III*, no dia 17 de fevereiro de 1894, James registra duas ideias que lhe foram sugeridas por Stopford Brooke. A segunda é a seguinte:

> A noção do rapaz que se casa com uma mulher mais velha e que exerce sobre ela o efeito de torná-la cada vez mais jovem, enquanto ele passa a ter a idade dela. Quando atinge a idade que *ela* tinha (quando se casaram), ela já retornou à idade que *ele* tinha. — Não poderia isso ser alterado (talvez) para a ideia de inteligência e burrice? Uma mulher inteligente se casa com um homem terrivelmente burro e vai perdendo sua sagacidade à medida que a dele vai aumentando cada vez mais...22

No entanto, esse tipo de formação de padrão não resulta necessariamente em algo artificial. O último romance de James, *A taça de ouro*, que está entre seus melhores, depende de múltiplas inversões quiásticas, como ressalta Ralf Norman. Os quatro personagens principais são o viúvo norte-americano Adam Verver e sua filha Maggie, o príncipe Amerigo e Charlotte Stant. Maggie se casa com o príncipe e convence o pai

a se casar com Charlotte para compensá-lo da perda dela. No entanto, o vínculo entre pai e filha é tão persistente que eles continuam a passar bastante tempo juntos, o que faz com que o antigo elo entre Charlotte e o príncipe seja reavivado. Maggie finalmente consegue acabar com essa situação, enviando o pai e Charlotte para os Estados Unidos e ficando na Europa com o príncipe. Os quatro personagens se conhecem, formam novas parcerias, retornam ao padrão anterior (agora com a adição do adultério) e finalmente se acomodam nas parcerias formadas após o encontro inicial.

O extraordinário é que esse padrão aparentemente artificial não elimina as emoções humanas envolvidas, o que eu acho que acontece em *The Sacred Fount*. A busca estética da simetria se combina com uma verdadeira admiração pela paixão humana, e, como Edel torna claro, pela primeira vez James considera possível, e de fato concretiza, um casamento entre o Velho Mundo da Europa e o Novo Mundo da América.

Henry James parece arquetipicamente uma figura ambígua: compreensivo e profundamente preocupado com os sentimentos humanos e, no entanto, de certa maneira, sempre afastado deles. Voltando à classificação que já usamos com frequência, o escritor é ao mesmo tempo um dramatizador e um padronizador. À medida que envelhecia, sua percepção do aspecto físico do amor aumentou em vez de diminuir, por causa de seu sentimento por Andersen. Essa consciência ao mesmo tempo o entristeceu e engrandeceu. Creio que ela tenha tornado possível a síntese entre os opostos, visível em *A taça de ouro*, impedindo que esse rico e ousado romance fosse dominado pelos padrões estéticos dos quais ele se originou.

"A fera na selva", escrito no final de 1902, é o conto mais poderoso e trágico de James, sendo também nitidamente autobiográfico, uma vez que expressa seu amargo arrependimento pelo que deixara escapar na vida e sua vergonha por ter estado tão encerrado na prisão de seu egoísmo que não ousara amar plenamente.

Quero lembrar que essa é a história de John Marcher, que, durante toda a vida, teve a certeza de que uma experiência particular e fora do comum aguardava por ele, experiência essa que ele representa como um animal selvagem que o segue na floresta, esperando a oportunidade de atacá-lo. Ele confiou seu segredo a uma mulher, May Bartram. Quando, depois de um

intervalo de dez anos, eles se reencontram, ela o faz lembrar-se de sua confidência e lhe pergunta se alguma coisa havia ocorrido. Nada acontecera; e, quando ele prossegue descrevendo o que ainda está esperando, May Bartram arrisca o palpite de que o que ele espera mas não consegue descrever é algo bastante familiar para muitas pessoas: o perigo de se apaixonar. John Marcher desconsidera essa possibilidade.

No decorrer dos muitos anos que se seguem, eles continuam a passar grande parte do tempo juntos. Finalmente, May Bartram morre. Marcher não foi receptivo, nem mesmo reconheceu, à oferta de amor que ela claramente fez em uma determinada ocasião. Só quando ela morre ele compreende que a fera na floresta havia atacado naquele momento.

> O escape teria sido amá-la; então, *então* ele teria vivido. *Ela* tinha vivido — quem poderia afirmar agora com que paixão? —, uma vez que o amara por ele mesmo, e ele só pensara nela (oh, como isso era óbvio para ele!) na frieza do egoísmo dele e à luz da utilidade dela.[23]

Marcher, ajoelhando-se ao lado do túmulo de May Bartram,

> percebeu, na verdade, na crueldade da própria imagem, o que havia sido determinado e feito. Ele viu a Selva de sua vida e a Fera de alcateia; então, enquanto olhava, ele a percebeu, como se por uma agitação do ar, erguendo-se, enorme e enegrecida — ela estava perto; e, instintivamente trazendo para dentro de si sua alucinação a fim de evitá-la, jogou-se, com a cabeça voltada para baixo, sobre o túmulo.[24]

Em uma carta para o escritor Hugh Walpole, James escreveu o seguinte: "Acho que não me arrependo de um único 'excesso' de minha sensível juventude; arrependo-me apenas, em minha enregelada idade, de certas ocasiões e possibilidades que *deixei* de aproveitar". [25]

Os romances de Henry James exibem pelo menos algumas das características das obras do terceiro período que já mencionei. Seu estilo elaborado não faz concessões, de modo que é justo afirmar que não está diretamente preocupado em se comunicar ou em tentar persuadir ou convencer o leitor. O padrão e a ordem, embora evidentes em toda a sua obra, estão mais presentes em *Os embaixadores* e *A taça de ouro*. Não obstante, James não se preocupa tanto quanto alguns dos artistas mencionados neste capítulo em explorar áreas remotas da experiência que transcendam o

pessoal. Sua tardia aceitação do elemento físico no amor na verdade enriquece sua obra em uma época da vida em que artistas como Bach, que já haviam experimentado plenamente esse aspecto da vida, parecem estar procurando alcançar algo que está além. Nesse sentido, James também encontra uma nova unidade entre elementos distintos. Leon Edel escreve:

> "Viva o mais que puder" fora o tema central de *Os embaixadores*: o homem precisava aprender a viver com a ilusão de sua liberdade. Vida sem amor não era vida — essa foi a conclusão de *The wings of the dove*, e, depois de encontrar o amor, James veio a compreender finalmente que a arte não poderia ser arte, e não poderia ser vida, sem amor. Ele se tornara sua própria Esfinge; ele estava resolvendo seus próprios enigmas.[26]

12

O DESEJO E A BUSCA DO TODO

Pó como somos, o espírito imortal cresce
Como a harmonia na música; existe sombria
E inescrutável habilidade que concilia
Os elementos discordantes, faz com que
Se aglutinem em uma única associação.[1]

William Wordsworth

No *Banquete* de Platão, Aristófanes se propõe a iniciar seus amigos no segredo do poder do amor. Começa recordando o mito de que havia originalmente três sexos: o hermafrodita, o masculino e o feminino. O masculino se originava do Sol; o feminino, da Terra; e o hermafrodita, da Lua, que compartilha a natureza tanto do Sol quanto da Terra. Cada ser humano era um todo perfeito, com quatro pernas e quatro braços, capaz de andar ereto em qualquer direção, ou de correr revolvendo-se repetidamente em um movimento circular.

Esses primeiros seres humanos eram tão arrogantes, tão insolentes e tão poderosos que representavam ameaça aos deuses, que deliberaram entre si sobre a melhor maneira de reprimi-los. Zeus decidiu que seriam divididos ao meio e depois providenciou para que a reprodução tivesse lugar por meio do ato sexual em vez de pela emissão sobre o solo, como sucedia até então.

A consequência dessa divisão da raça humana foi que cada meio ser

passou a se sentir impelido a procurar um parceiro que restabeleceria sua totalidade anterior. O homem procurava outro homem; a mulher, outra mulher; e o hermafrodita, um parceiro contrassexual. “O amor”, diz Aristófanes, “é simplesmente o nome para o desejo e a procura do todo”.2

O mito de Platão é poderoso. Através dos séculos, a noção de que alcançamos a totalidade e nos completamos unindo-nos sexualmente a uma outra pessoa tem sido a principal inspiração da literatura romântica e o clímax de milhares de romances. Existe no mito uma verdade suficiente para que quase todos nós ainda sejamos fortemente afetados por ele. Em especial na juventude, a união sexual com a pessoa amada efetivamente traz consigo, embora de maneira transitória, a sensação de plenitude que poucas outras experiências conseguem repetir. Mas o sexo é apenas uma dentre várias maneiras de alcançar a unidade.

Embora Freud continuasse a encarar a satisfação sexual como a principal fonte de satisfação na vida de homens e mulheres e a pensar que os problemas neuróticos eram consequência de bloqueios psicológicos que impediam a realização da maturidade sexual, tinha algumas dúvidas quanto ao fato de a completa satisfação emocional ser realmente possível. Em um ensaio relativamente antigo, Freud escreveu: “Acredito que, por mais estranho que pareça, precisamos levar em conta a possibilidade de que algo na natureza do instinto sexual não é favorável à realização da completa satisfação”.3

Apesar disso e do fato de, nessa época, Freud achar que as realizações culturais resultavam da sublimação de aspectos do impulso sexual que não conseguiam encontrar expressão direta quando reprimidos pelas restrições da civilização, a satisfação sexual continuou a representar um ideal para Freud e seus seguidores.

No entanto, a experiência de estar apaixonado envolve mais do que o desejo da união sexual ou sua realização. Apaixonar-se é, para a maioria das pessoas, uma das experiências emocionais mais irresistíveis que se pode ter. Enquanto persiste esse estado, a pessoa que o vivencia geralmente sente uma sensação extática de união tanto com o mundo exterior quanto com o interior: sensação de unidade que teve início no encontro com a pessoa amada, mas que não requer necessariamente sua presença física. Estar

apaixonado é em geral considerada a mais estreita e íntima forma de um relacionamento interpessoal, mas é um estado mental que, uma vez desencadeado, pode perdurar por algum tempo, independentemente de algum encontro efetivo com o ser amado. A Terra assume expressão sorridente, e, embora esta possa não ser mais do que uma projeção da felicidade interior da pessoa, existe uma sensação na qual sentir que o mundo está certo pode na prática torná-lo mais ajustado. O mundo todo ama um amante, e o amante ama o mundo todo.

Admiti antropomorficamente, no Capítulo 5, que as criaturas que estavam mais ou menos ajustadas ao ambiente podiam ser chamadas de "felizes". Parece-me que as pessoas apaixonadas experimentam a felicidade porque, por um curto período, têm a sensação de estar perfeitamente ajustadas ao mundo a seu redor e também a de desfrutar de paz e união extática interior. Enquanto dura esse estado, parece não haver nenhuma discrepância entre a realidade e o mundo da imaginação. A "fome de imaginação" é temporariamente saciada. Estou falando de algo diferente da paixão sexual. Embora o ato sexual possa ser algumas vezes experiência imensamente satisfatória que traz consigo a sensação de profundo relaxamento, o estado de "estar apaixonado" é uma condição diferente. O êxtase não é igual ao orgasmo sexual. Como Marghanita Laski ressalta em seu livro *Ecstasy* [Êxtase], as imagens sexuais só são empregadas para descrever o êxtase por aqueles que não desfrutam vida sexual normal.4

Freud reconhecia a diferença entre a satisfação sexual e a sensação de unidade que acompanha o estado de estar apaixonado, mas exaltava a primeira experiência e condenava a última. Breve referência foi feita, no Capítulo 3, à discussão entre Freud e Romain Rolland sobre o "sentimento oceânico". Quero lembrar que Freud chamou esse sentimento de "vínculo indissolúvel, de ser um só com o mundo exterior como um todo".5 Ele prossegue e compara esse sentimento com o de estar apaixonado:

> No ápice da paixão, a fronteira entre o ego e o objeto ameaça dissolver-se. Contra todas as evidências de seus sentidos, o homem apaixonado afirma que "eu" e "você" somos um e está preparado para comportar-se como se fosse assim.6

Sugeri no Capítulo 3 que Freud estava certo ao perceber semelhança

entre o sentimento de comunhão com o Universo e a sensação de união com a pessoa amada, mas errado ao considerar essas experiências apenas como ilusões regressivas.

A sensação de perfeita harmonia com o Universo, a de perfeita harmonia com outra pessoa e a de perfeita harmonia dentro de si estão intimamente relacionadas; com efeito, considero-as essencialmente o mesmo fenômeno. Os elementos que desencadeiam essas experiências são os mais diversos. Marghanita Laski relaciona "a natureza, a arte, a religião, o amor sexual, o parto, o conhecimento, o trabalho criativo e certas formas de treinamento"[7] como os mais comuns. A descrição do almirante Byrd de sua sensação de estar ligado ao Universo, apresentada no Capítulo 3, é exemplo característico do qual os elementos estimulantes foram a solidão, o silêncio e a majestade da região da Antártida. Experiências desse tipo também podem ocorrer espontaneamente no isolamento sem a ajuda de nenhum estímulo externo. Essas experiências transcendentais estão estreitamente relacionadas a aspectos do processo criativo, à sensação de sermos de repente capazes de compreender o que antes parecera impenetrável ou à formação de uma nova unidade ao ligarmos conceitos que anteriormente pareciam extremamente separados.

O mito de Platão é um relato preciso da condição humana, no sentido de que descreve o homem como criatura incompleta e constantemente em busca da totalidade ou unidade; mas se limita a descrever a unidade em função do relacionamento sexual. Na verdade, experiências transcendentais de coisas que de repente se reúnem ou que explicam o sentido da vida podem até ser desencadeadas por algo tão impessoal quanto a matemática. Bertrand Russell descreve um desses momentos: "Aos 11 anos, comecei a estudar Euclides, tendo meu irmão como tutor. Esse foi um dos grandes eventos de minha vida, tão fascinante quanto o primeiro amor. Eu até então não imaginara que pudesse existir no mundo algo tão encantador".[8] Einstein foi igualmente arrebatado por Euclides aos 12 anos de idade, ao receber, no início do ano letivo, um livro que explicava a geometria plana euclidiana.

Um dos primeiros romances de Charles Percy Snow apresenta um bom exemplo do sentimento oceânico gerado pela descoberta científica. O

mesmo exemplo é usado por Marghanita Laski em *Ecstasy* e enfatiza sua alegação de que, embora as experiências orgásmicas possam compartilhar algumas características com as experiências extáticas, estas pertencem a uma ordem diferente. No romance de Snow, que é nitidamente autobiográfico, o jovem cientista acaba de receber a confirmação de que uma tarefa difícil que estava empreendendo sobre a estrutura atômica dos cristais estava correta:

> Fiquei louco de felicidade. Tentei mostrar algo dos momentos mais significativos que me foram proporcionados pela ciência; a noite na qual meu pai me falou sobre as estrelas, a aula de Luard, a palestra inaugural de Austin, o final de minha primeira pesquisa. Mas isso foi diferente de todos eles, completamente diferente, de um tipo diferente. Estava mais distante de mim. Meu triunfo, minha alegria e meu sucesso estavam presentes, mas pareciam insignificantes ao lado desse êxtase tranquilo. Era como se eu tivesse procurado uma verdade fora de mim mesmo e, ao encontrá-la, ela tivesse se tornado parte da verdade que eu procurava; como se todo o mundo, os átomos e as estrelas estivessem maravilhosamente claros e perto de mim, e eu, deles, e fôssemos parte de uma lucidez mais extraordinária do que qualquer mistério.
>
> Eu jamais soubera que tal momento pudesse existir. Algumas de suas qualidades, talvez, eu tivesse captado no prazer que senti quando levei alegria para Audrey e me deixaram satisfeito, ou nas ocasiões entre amigos, quando em um raro momento, talvez duas vezes em minha vida, eu me perdera num propósito comum. Mas esses momentos tiveram, por assim dizer, o caráter da experiência sem a experiência em si.
>
> Desde então, de certa forma, nunca o recuperei. Mas um efeito permanecerá comigo enquanto eu viver. Houve uma época, quando eu era jovem, em que costumava zombar dos místicos que descreviam a experiência de sermos Um só com Deus e parte da Unidade das coisas. A partir daquela tarde, não tive mais vontade de rir, pois, embora minha interpretação fosse diferente, acho que compreendo o que eles queriam dizer.[9]

Freud rejeitou o sentimento oceânico como uma ilusão baseada em uma regressão a um estado emocional infantil. A noção de que um tipo de união ou "totalidade" que não tivesse o corpo como base poderia ser experiência vital, ideal, que os homens se esforçariam para alcançar, teria parecido a Freud uma evasão dos fatos rudes da condição física do homem. Ele estava sempre inclinado a rejeitar como irreais as experiências psicológicas que não podiam ser facilmente conduzidas ou ligadas ao corpo. Trata-se de uma limitação de seu pensamento que já abordamos quando analisamos sua atitude diante da fantasia.

Quando a psicanálise foi pela primeira vez desenvolvida como método de tratamento, Freud declarou-se contra a aceitação de pacientes com mais de 50 anos, alegando que, na maioria dos casos, a elasticidade dos processos mentais necessária à mudança estaria ausente. Como a técnica psicanalítica exigia escrupulosa reconstrução do passado, Freud também achava que a quantidade de material acumulado durante uma vida já tão extensa prolongaria interminavelmente o tratamento. Embora os atuais psicanalistas freudianos muitas vezes tenham pacientes de meia-idade e até mais velhos, o principal objetivo da psicanálise sempre foi compreender a infância, a juventude e a emancipação do indivíduo dos vínculos emocionais com os pais. Esse também é o período da vida em que o impulso sexual é mais intenso e em que a solução dos problemas sexuais demonstra ser mais compensadora.

No entanto, por mais que a pessoa possa aderir à visão evolucionária de que a função biológica fundamental do homem é reproduzir-se, o fato de a vida do ser humano se estender muito além do período no qual, pelo menos no caso das mulheres, a reprodução é possível, gera dúvidas quanto ao ato que promove a reprodução merecer totalmente essa posição privilegiada. O período que Jung chama de "a segunda metade da vida" com certeza deve ter outro significado e propósito.

Coube a Jung e seus seguidores prestar atenção nos problemas da meia-idade. Sua maior contribuição para a psicologia e para a psicoterapia encontra-se no campo do desenvolvimento adulto. Praticamente não se deteve na infância, por acreditar que, quando as crianças exibiam angústia neurótica, a resposta para seus problemas geralmente deveria ser buscada estudando-se a psicologia de seus pais em vez da delas.

O interesse de Jung pelo desenvolvimento adulto teve origem na crise vivenciada por ele entre 1913 e o final da Primeira Guerra. Referi-me a esse período de angústia no início do Capítulo 7. Jung fez 38 anos em julho de 1913. Nessa época, já estava casado, era pai de família e se estabelecera como psiquiatra mundialmente famoso. Nutrira a esperança de desenvolver, junto a Freud, uma nova ciência da mente. Mas uma força interior, contrária à própria inclinação, levou-o a desenvolver um ponto de vista individual. Os primeiros frutos dessa atitude se manifestaram no livro

originalmente conhecido como *Psicologia do inconsciente*, publicado em 1912.[10] Em sua autobiografia, Jung descreve a maneira pela qual, durante dois meses, ele foi incapaz de redigir os capítulos finais, por saber que Freud consideraria essa divergência por parte dele como traição. A triste história da desavença que teve lugar a seguir entre os dois pioneiros pode ser encontrada nas cartas trocadas entre ambos.[11]

Jung foi o primeiro psiquiatra a chamar a atenção para o que é agora familiarmente conhecido como a "crise da meia-idade". Sua angústia o obrigou a submeter-se a longo período de autoanálise, no qual registrava suas visões e seus sonhos, muitos dos quais alarmantes e ameaçadores. No entanto, foi a partir desse perigoso período que elaborou seu ponto de vista individual. Ele escreveu: "Os anos em que persegui minhas imagens interiores foram os mais importantes da minha vida — neles, tudo o que era fundamental foi decidido".[12]

A autoanálise de Jung o convenceu de que, enquanto a tarefa do jovem indivíduo era basicamente emancipar-se da família de origem, estabelecer-se no mundo e encontrar por sua vez uma nova família, a missão da pessoa de meia-idade era descobrir e expressar sua qualidade única como indivíduo. Jung definia a personalidade como "a suprema realização da idiossincrasia inata no ser vivo".[13]

Essa busca não era fundamentalmente egoísta, uma vez que, no ponto de vista dele, a essência da individualidade só poderia expressar-se quando a pessoa em questão aceitasse a orientação de uma força dentro da psique que não fosse criada por ela. Os homens ficam neuróticos na meia-idade porque, em certo sentido, foram falsos consigo próprios, por terem se afastado excessivamente do caminho previsto pela natureza. Através da escrupulosa atenção à voz interior da psique, que se manifestava nos sonhos, fantasias e outros produtos derivados do inconsciente, a alma perdida podia descobrir seu caminho adequado, como Jung conseguiu fazer. A atitude ou "postura" exigida do paciente é na verdade uma posição religiosa, embora a crença em um Deus pessoal ou a devoção a uma doutrina religiosa reconhecida não faça parte do empreendimento.

O próprio Jung descobriu, na infância, que já não conseguia concordar com a doutrina protestante ortodoxa na qual fora criado por seu pai, que

era um pastor da Igreja Reformada Suíça. Poder-se-ia alegar que todo o trabalho posterior de Jung representa uma tentativa de encontrar um substituto para a crença que ele perdera. Essa especulação pode ser interessante, mas é essencialmente desprovida de importância. O fato de as ideias dele terem ou não origem em um conflito pessoal não as confirma nem as invalida. Como ele afirmou em uma de suas mais conhecidas declarações:

> Dentre todos os meus pacientes que se encontram na segunda metade da vida — ou seja, com mais de 35 anos —, não houve ninguém cujo problema, em última análise, não fosse o de encontrar uma perspectiva religiosa na vida... É claro que isso nada tem a ver com a aceitação de doutrina particular ou em ser membro efetivo de uma igreja.[14]

Como Freud rejeitou a religião por considerá-la ilusão, os analistas freudianos têm a tendência de encarar declarações como essa prova do obscurantismo incorrigível de Jung. No entanto, o analista freudiano Charles Rycroft salientou:

> Não parecia haver incompatibilidade entre a psicanálise e as formulações religiosas que situam Deus dentro do eu. Poderíamos inclusive argumentar que o *id* de Freud (e mais ainda o *isso* de Groddeck), a força impessoal interior que é ao mesmo tempo a essência da pessoa, e contudo não é a pessoa, e da qual na doença a pessoa se afasta, é uma formulação secular da inspiração que faz com que os indivíduos religiosos acreditem em um Deus imanente.[15]

Jung veio a se especializar no tratamento de pessoas de meia-idade:

> O material clínico à minha disposição tem composição peculiar: os casos novos são decididamente minoria. A maioria deles já traz consigo alguma forma de tratamento psicoterapêutico, com resultados parciais ou negativos. Cerca de um terço dos meus pacientes não está sofrendo de nenhuma neurose clinicamente definível, e sim da insensatez e da falta de objetivo de sua vida. Eu não apresentaria objeções se isso fosse chamado de neurose geral da nossa época. Dois terços dos meus pacientes estão na segunda metade da vida. Esse material peculiar estabelece resistência especial aos métodos racionais de tratamento, provavelmente porque quase todos os meus pacientes são indivíduos socialmente bem adaptados, em geral dotados de notável capacidade, para quem a normalização nada significa.[16]

O caminho do desenvolvimento pessoal que esses indivíduos começaram a seguir sob a orientação de Jung foi chamado por este de "processo de individuação". Esse processo avança em direção a uma meta denominada

“totalidade” ou “integração”: condição na qual os diferentes elementos da psique, tanto conscientes quanto inconscientes, se fundem em uma nova unidade. Wordsworth descreve um processo bem semelhante a esse nos versos de “The prelude”, que formam a epígrafe deste capítulo. A pessoa que se aproxima dessa meta, que nunca pode ser totalmente ou para sempre atingida, possui o que Jung chamava de “uma atitude que está além do alcance das complicações emocionais e dos choques violentos — uma consciência desapegada do mundo”.17

Essa nova integração é essencialmente uma questão interior, uma mudança de atitude que tem lugar dentro da psique do indivíduo, incentivada pelo analista, mas que não ocorre fundamentalmente por causa da mudança da relação com o analista da maneira descrita quando discutimos a psicoterapia baseada na teoria da “relação-objeto”. Com efeito, quando os pacientes mais adiantados de Jung iniciavam o processo de individuação, ele os encorajava a empreender sozinhos sua busca, como ele próprio o fizera, ao levar até ele o material de seus sonhos e visões quando seu comentário especial se fizesse necessário, ou quando os dados parecessem particularmente obscuros.

Jung encorajava seus pacientes a reservar uma parte do dia para se dedicar ao que veio a ser conhecido como “imaginação ativa”. Trata-se do estado de devaneio, no qual o julgamento é interrompido, mas a consciência é preservada. Pede-se à pessoa que observe as fantasias que lhe ocorrem, e depois que deixe essas fantasias seguir o próprio caminho, sem intervenção consciente. Desse modo, a pessoa será capaz de redescobrir partes ocultas de si e também de retratar a jornada psicológica que está empreendendo.

Quando eu exercia a psicoterapia, algumas vezes adotava abordagem derivada dessa técnica com os pacientes de meia-idade que sofriam de depressão. Esses pacientes com frequêncis são pessoas que, por causa de exigências profissionais ou familiares, negligenciaram ou abandonaram empreendimentos e interesses que, anteriormente, conferiam entusiasmo e significado à sua vida. Se o paciente for estimulado a recordar o que tornava expressiva sua vida na adolescência, começará a redescobrir aspectos de si que negligenciou, o que fará com que se volte para a música, pintura ou alguma outra atividade cultural ou intelectual que já o tenha fascinado em

outra época, mas que a pressão das questões o obrigara a abandonar.

A persistência na imaginação ativa não apenas conduz à redescoberta de aspectos da personalidade que foram negligenciados, mas também à mudança de atitude na qual a pessoa vem a perceber que seu ego ou sua vontade já não é proeminente e que ela deve admitir que depende de fator integrador que não é criação sua.

Jung escreveu:

> Se o inconsciente puder ser reconhecido como um fator codeterminante junto à consciência, e se pudermos viver de forma tal que as exigências conscientes e inconscientes sejam levadas o mais possível em consideração, o centro de gravidade da personalidade total muda de posição. Deixa de se situar no ego, que é meramente o centro da consciência, e passa a se localizar no ponto hipotético entre o consciente e o inconsciente. Esse novo centro pode ser chamado de Si-Mesmo.[18]

Jung descreve a chegada a esse ponto como alcançar a paz de espírito depois do que pode ter sido uma luta longa e infrutífera. Ele escreveu:

> Se resumíssemos o que as pessoas nos contam a respeito de suas experiências, poderíamos formulá-lo da seguinte maneira: recobraram o juízo, conseguiram aceitar a si mesmas, foram capazes de se reconciliar consigo mesmas e, portanto, congraçaram-se com as circunstâncias e os eventos adversos. Isso é quase igual ao que se dizia antigamente: fez as pazes com Deus, sacrificou sua vontade, submeteu-se à vontade de Deus. [19]

Essa não é uma cura que tem lugar por meio da inspiração, nem através do melhor relacionamento com outra pessoa, nem sequer pela resolução de problemas particulares, e sim uma cura que se dá com a mudança interna de atitude.

Jung cita uma carta que recebeu de antigo paciente e que ilustra a mudança à qual ele está se referindo:

> Muita coisa boa me veio através do mal. Mantendo-me quieto, sem reprimir nada, permanecendo atento e aceitando a realidade — aceitando as coisas como são, e não como eu gostaria que fossem —; ao fazer tudo isso, um conhecimento fora do comum se aproximou de mim, bem como poderes incomuns, como eu nunca imaginara antes. Sempre achei que quando aceitávamos as coisas elas nos subjugavam de uma maneira ou de outra. Ocorre que isso não é de modo algum verdadeiro, e é somente aceitando-as que podemos adotar uma atitude com relação a elas. Portanto, agora pretendo jogar o jogo da vida, ser receptivo a qualquer coisa que me suceder, boa ou má, com o sol e a sombra sempre se alternando e, desse modo, também

> aceitando minha natureza com seus aspectos positivos e negativos. Dessa forma, tudo fica mais dinâmico para mim. Que tolo fui! Como tentei fazer com que tudo caminhasse da maneira que eu queria![20]

William James descreve algo bastante semelhante:

> A transição da tensão da responsabilidade, para com nós próprios, e da preocupação, para a serenidade, a receptividade e a paz, é a mais maravilhosa de todas as modificações do equilíbrio interior, as mudanças do centro pessoal de energia, que tenho analisado tão amiúde; e o mais assombroso é que essa transição frequentemente ocorre não através de uma ação, e sim quando simplesmente relaxamos e tiramos a carga do ombro.[21]

O estado mental descrito por esses três escritores é claramente bem mais amplo do que a resignação construtiva, embora sua intensidade não se iguale à dos estados extáticos que são repentinamente desencadeados e em geral breves. William James escreveu:

> Os estados místicos não podem ser sustentados por muito tempo. A não ser em raras ocasiões, meia hora, ou no máximo uma ou duas horas, parece ser o limite além do qual esses estados desaparecem à luz do cotidiano. Com frequência, depois que desvanecem, sua qualidade só pode ser imperfeitamente reproduzida na memória, mas, quando se repetem, essa qualidade é reconhecida e de uma ocorrência a outra é suscetível a um contínuo desenvolvimento, no qual é sentida como uma riqueza e importância interiores.[22]

O ponto final da individuação partilha com os estados extáticos a experiência de uma nova unidade interior, descrita por Jung como uma nova reciprocidade entre o consciente e o inconsciente. A sensação de paz, de reconciliação com a vida, de ser parte de um todo maior, é extremamente semelhante. O conceito de Jung no qual a pessoa aceita a dependência com relação a um fator de integração interior, mas que não é o ego, pode ser comparado à atitude mais passiva de "servir a Deus" tão frequentemente encontrada nos relatos apresentados pelos místicos religiosos.

No capítulo "O eu dividido", William James aprecia o processo da unificação:

> Ele pode surgir gradualmente ou ocorrer de repente, pode se manifestar pela alteração dos sentimentos ou pela transformação dos poderes de ação, ou pode surgir a partir de novas inspirações intelectuais ou através de experiências que mais tarde teremos de chamar de "místicas". Independentemente da forma como apareça, traz consigo uma espécie

> característica de alívio, mas nunca um alívio tão extremo quanto aquele moldado na matriz religiosa... Mas encontrar a religião é apenas uma dentre as inúmeras maneiras de se alcançar a unidade, e o processo de reparar a falta de totalidade interior e de reduzir a discórdia interior é um processo psicológico genérico, que pode ter lugar na presença de qualquer tipo de conteúdo mental que não precisa necessariamente assumir uma forma religiosa.[23]

Quer essas experiências de unificação ocorram repentinamente, quer aos poucos, são de tal forma impressionantes que em geral parecem deixar efeito duradouro na mente. No entanto, seria ingênuo supor que as pessoas que atingem esse estado de paz o mantenham sem intervalos ou até para sempre. Observamos, no Capítulo 3, a associação dos estados mentais extáticos com a morte. Para que a vida continue, não podemos permanecer para sempre em um estado de tranquilidade grandiosa. Um dos principais temas deste livro foi que a adaptação do homem ao mundo é resultado, paradoxalmente, do fato de ele *não* estar em perfeito ajuste ao ambiente, de *não* se encontrar em estado de equilíbrio psicológico. A sensação extática de totalidade está destinada a ser transitória porque não pertence ao padrão total de "adaptação através da inadaptação" característico de nossa espécie. A felicidade de Boécio não é proveitosa para a invenção: a fome de imaginação, o desejo e a procura do todo se originam da percepção de que está faltando algo, da compreensão de que não somos completos.

O conceito de integração de Jung não é, na verdade, o de uma condição mental extática, embora algumas vezes seja interpretado dessa maneira. Na opinião dele, o desenvolvimento da personalidade em direção à integração e à saúde mental é um ideal que jamais é atingido por completo ou, ainda que temporariamente alcançado, está destinado a ser posteriormente suplantado. Jung achava que a conquista da evolução ideal da personalidade era uma tarefa para a vida inteira que nunca se completava, uma jornada que empreendemos esperançosamente em direção a um destino ao qual nunca chegamos.

> A nova atitude alcançada durante a análise tende, mais cedo ou mais tarde, a tornar-se inadequada de uma ou outra maneira, e é preciso que seja assim, porque o fluxo da vida exige repetidamente nova adaptação. Esta nunca é alcançada de uma vez por todas... Em última análise, seria altamente improvável que pudesse haver terapia que libertasse o indivíduo de todas as suas dificuldades. O homem precisa das dificuldades; são necessárias à saúde. O que

> nos preocupa aqui é apenas o excesso delas.[24]

O caminho da individuação e as mudanças de atitude que ocorrem podem ser estreitamente relacionados com os relatos do processo criativo apresentados pelos gênios. Primeiro, o estado mental durante o qual surgem as novas ideias ou ocorre a inspiração é exatamente aquele que Jung recomendava ao seus pacientes e que chamava de "imaginação ativa". Embora, ocasionalmente, o germe de uma nova composição ou hipótese possa ocorrer em um sonho, o maior número de ideias novas sem dúvida surge durante o devaneio, o estado intermediário entre a vigília e o sono. Os poetas, como Yeats e Wordsworth, descrevem algumas vezes esse estado como aquele no qual a pessoa está ao mesmo tempo adormecida e desperta. É um estado mental no qual as ideias e imagens conseguem aparecer e seguir espontaneamente seu curso, mas no qual o indivíduo fica desperto e consciente o bastante para observar e constatar seu progresso. Tanto o paciente envolvido com a "imaginação ativa" quanto a pessoa criativa precisam ser capazes de ser passivos, de deixar as coisas acontecer dentro da mente.

Muitos escritores descreveram como os personagens que eles criaram parecem adquirir vida própria, independente, ou como sua caneta parece ser algumas vezes guiada por um agente distinto da vontade deles. Thackeray, por exemplo, registrou: "Fiquei surpreso com as observações feitas por alguns de meus personagens. É como se um Poder oculto estivesse movendo a pena. O personagem faz ou diz alguma coisa, e eu me pergunto: que diabo, como ele veio a pensar nisso?"[25]

George Eliot disse a John Walter Cross "que, em tudo que ela considerava seus melhores trabalhos, havia algo que 'não era ela' que se apoderava dela, e que sentia que sua personalidade era apenas o instrumento através do qual esse espírito, por assim dizer, agia".[26]

Nietzsche escreveu o seguinte a respeito de seu *Assim falou Zaratustra*:

> Terá alguém no final do século XIX uma concepção precisa do que os poetas de antigamente chamavam de *inspiração*? Se não for esse o caso, passarei a descrevê-la agora. — Se alguém tivesse o menor resquício de superstição dentro de si, dificilmente seria capaz de pôr de lado a ideia de que é apenas uma encarnação, mero porta-voz, mero agente de forças esmagadoras.[27]

Segundo, a criatividade em geral consiste na formação de novos vínculos entre entidades anteriormente dessemelhantes, a união entre os opostos descrita por Jung. Esse processo de associação é óbvio na criatividade científica, na qual uma nova hipótese concilia ou suplanta ideias antes consideradas incompatíveis. Kepler fora capaz de descrever os movimentos dos planetas ao redor do Sol. Galileu descrevera os movimentos dos corpos sobre a Terra. Até as descobertas de Newton, as leis que governavam esses dois tipos de movimento eram consideradas bastante separadas. Mas a ideia de Newton de que a gravidade poderia atuar a uma vasta distância permitiu-lhe combinar as descobertas de Kepler e Galileu de maneira tal que o movimento dos corpos celestes e o dos corpos terrestres poderiam ser vistos como obedientes às mesmas leis universais.

A combinação dos opostos também pode ser demonstrada nas artes visuais e na música. O impacto estético de um quadro geralmente depende da habilidade com a qual o pintor equilibrou e combinou formas e cores opostas. O formato da sonata na música geralmente consiste de uma exposição que indica dois temas distintos, o primeiro e o segundo motivo, que são então justapostos e combinados de diversas maneiras na seção de desenvolvimento. O prazer que extraímos desse tipo de música está relacionado à habilidade com a qual o compositor cria uma unidade a partir de temas que em princípio pareciam ser bastante separados.

Terceiro, o processo criativo continua por toda a vida. Nenhuma pessoa criativa jamais fica satisfeita com o que fez. Constantemente ocorrem novos problemas que a impelem a buscar novas soluções. As obras completas são apenas paradas no caminho, etapas de uma jornada que, como na descrição de Jung do desenvolvimento da personalidade, nunca está completa. Com efeito, as obras de um artista são os sinais externos e visíveis de seu desenvolvimento interior como pessoa. Já discutimos algumas das mudanças que costumam ocorrer quando as pessoas criativas envelhecem.

Quarto, tanto o processo criativo quanto o de individuação são fenômenos que têm lugar, em grande parte, no isolamento. Embora a descrição junguiana do processo de individuação tivesse origem em suas observações relacionadas com os pacientes que estavam fazendo análise e que, portanto, estavam sujeitos ao seu exame minucioso e mantinham uma

espécie de relação com ele, Jung encarava a individuação como caminho natural do desenvolvimento psicológico que se dava à parte da influência do analista. Com efeito, como escrevi anteriormente, Jung esforçava-se para tornar seus pacientes mais "adiantados" o mais independentes possível dele e os estimulava a seguir sozinhos o próprio caminho de descoberta psicológica, só intervindo quando o material produzido era particularmente obscuro.

A mente humana parece ser construída de um modo tal que a descoberta, ou a percepção, da ordem ou da unidade no mundo exterior é espelhada, transferida e vivenciada como se fosse a descoberta de nova ordem e equilíbrio no mundo interior da psique. Isso pode parecer hipótese improvável, mas a apreciação estética, bem como a criação de obras de arte, depende dela. A citação de Snow que apresentei, ilustra belamente o modo pelo qual a nova descoberta científica, nova verdade "exterior", se torna algo com que o cientista se identifica e, portanto, sente como "interior". Os acontecimentos externos e a experiência interna agem uns com os outros, e é por isso que ver o perfeito equilíbrio de cores e massas em um quadro ou ouvir a integração de temas opostos em uma composição musical proporciona ao observador ou ao ouvinte a maravilhosa experiência de uma nova unidade, por assim dizer, dentro de sua psique. Analogamente, o processo de reduzir o conflito interior e alcançar um grau de unificação dentro da psique tem efeito positivo sobre a maneira pela qual o indivíduo percebe o mundo exterior e sua relação com este.

Além de Jung, o único psicólogo a prestar muita atenção nas experiências de unidade ou em seus efeitos curativos foi Abraham Maslow, que escreveu extensivamente a respeito do que chama de "experiências de pico". Na opinião dele, a habilidade de ter essas experiências éum sinal de saúde psíquica, um atributo da pessoa "autorrealizada". "Meu sentimento é que o conceito de criatividade e o conceito de pessoa saudável, autorrealizada e totalmente humana parecem estar se aproximando cada vez mais e talvez possam vir a mostrar que são a mesma coisa."[28]

Maslow prossegue sua investigação da atitude criativa observando que

> a pessoa criativa, na fase inspiradora do entusiasmo criativo, perde seu passado e seu futuro e vive apenas no momento. Está totalmente presente, totalmente imersa, fascinada e absorvida

> pelo presente, na situação atual, no aqui e agora, com a questão sob controle... Essa habilidade de se "perder no presente" parece ser uma condição *sine qua non* para qualquer tipo de criatividade. Mas também certos pré-requisitos de criatividade — seja em que esfera for — estão de algum modo relacionados com essa habilidade de nos tornarmos intemporais, altruístas, fora dos limites do espaço, da sociedade e da história. Ultimamente vem se tornando evidente que esse fenômeno é a versão secular e mais constante da experiência mística que tem sido descrita tão frequentemente que veio a se tornar o que Huxley chamou de "a filosofia perene".29

Além disso, Maslow percebe que a atitude criativa e a capacidade de ter experiências de pico dependem de sermos independentes das outras pessoas, de estarmos especialmente livres de envolvimentos neuróticos, dos "remanescentes históricos da infância" e ao mesmo tempo livres de obrigações, deveres, temores e esperanças. "Nós nos tornamos muito mais independentes das outras pessoas, o que por sua vez significa que passamos a ser muito mais nós mesmos, nosso Verdadeiro Eu (Horney), nosso eu autêntico, nossa verdadeira identidade."30 A atitude de Maslow é, portanto, muito diferente da dos teóricos da linha relação-objeto que têm a tendência de admitir que o significado da vida está invariavelmente ligado aos relacionamentos interpessoais.

Este livro começou com a observação de que muitas pessoas criativas eram predominantemente solitárias, mas que era tolice supor que, por causa disso, seriam infelizes ou neuróticas. Embora o homem seja um ser social, que sem dúvida precisa interagir com seus semelhantes, existe uma considerável variação na profundidade dos relacionamentos que os indivíduos formam uns com os outros. Todos os seres humanos precisam tanto de interesses quanto de relacionamentos. Todos nós estamos equipados para lidar tanto com o impessoal quanto com o pessoal. Os eventos do início da infância, os talentos e as habilidades hereditários, as diferenças de temperamento e uma série de outros fatores poderão influenciar os indivíduos e fazer com que eles se voltem para os outros, ou para o isolamento, para encontrar o significado de sua vida.

A capacidade de ficar sozinho foi prefigurada como valioso recurso que facilitava o aprendizado, o pensamento, a inovação, a aceitação da mudança e a preservação do contato com o mundo interior da imaginação. Vimos que, mesmo naqueles cuja capacidade para estabelecer relacionamentos íntimos

fora danificada, o desenvolvimento da imaginação criativa era capaz de exercer função curativa. Também foram apresentados exemplos de indivíduos imaginativos cuja principal preocupação estava voltada para a compreensão e a ordenação da vida em vez de para os relacionamentos com as outras pessoas, uma preocupação com o impessoal que, como sugerimos, tinha a tendência de aumentar com a idade. A adaptação do homem ao mundo é amplamente governada pelo desenvolvimento da imaginação e, por conseguinte, de um mundo interior da psique que por natureza diverge do mundo exterior. A felicidade perfeita, o sentimento oceânico da completa harmonia entre o mundo interior e o exterior, só é transitoriamente possível. O homem está em busca constante da felicidade, mas, por sua própria natureza, encontra-se impedido de, final ou permanentemente, alcançá-la nos relacionamentos interpessoais ou no afã criativo. Foi salientado, do princípio ao fim deste livro, que algumas das experiências por que passam os indivíduos se dão internamente e estão pouco relacionadas, quando o estão, à interação com outros seres humanos.

A vida mais feliz é provavelmente aquela na qual nem os relacionamentos interpessoais nem os interesses pessoais são idealizados como o único caminho para a salvação. O desejo e a busca do todo precisam abranger ambos os aspectos da natureza humana.

A epígrafe deste capítulo foi extraída de *The prelude*. É apropriado que Wordsworth também forneça sua conclusão:

> Quando, há muito tempo, o mundo agitado
> Nos separou de nosso melhor eu, e esmorecemos, Fartos de seus assuntos, cansados de seus prazeres,
> Quão atraente, quão afável, é a Solidão.[31]

REFERÊNCIAS

Introdução

1 Gibbon, Edward. *The history of the decline and fall of the Roman Empire*. London: Bury, 1898, v. 5, p. 337.
2 Idem. *The memoirs of the life of Edward Gibbon with various observations and excursions*. New York: Putnam, 1900, pp. 239-41.
3 Strachey, Lytton. *Portraits in miniature and other essays*. London: Chatto & Windus, 1931, p. 154.
4 Todos os nomes referem-se a clubes privados fundados por aristocratas entre os séculos XVII e XVIII em Londres e que, a partir do século XIX, passaram a ser frequentados também por estratos das classes médias. [N.E.]
5 Gibbon, Edward. *The memoirs of the life of Edward Gibbon with various observations and excursions*, p. 236, nota 3.
6 Ibid., p. 244.

Capítulo 1

1 Milton, John. *Paradise lost*, livro 8, verso 364.
2 Gellner, Ernest. *The psychoanalytic movement*. London: Paladin, 1985, p. 34.
3 Freud, Sigmund. "Letter to Pfister" apud Jones, Ernest. *Sigmund Freud: life and work*. London: Hogarth Press, 1955, v. 2, p. 497.
4 Idem, "Transference". In: *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. London: Norton, 1963, v. 16, pp. 431-47.
5 Marris, Peter. "Attachment and society". In: Parkes, Colin Murray & Stevenson-Hinde, Joan. *The place of attachment in human behavior*. New York: Basic Books, 1982, p. 185.
6 Weiss, Robert. "Attachment in adult life". In: Parkes, Colin Murray & Stevenson-Hinde, Joan, op. cit., p. 174.
7 Bowlby, John. *Attachment and loss*. New York: Basic Books, 1980, v. 3, p. 442.

Capítulo 2

1 Montaigne, Michel de. "Of solitude". In: *The essays of Montaigne*. New York: Oxford University Press, 1946, p. 205.
2 Berenson, Bernard. *Sketch for a self-portrait*. Toronto: Pantheon Books, 1949, p. 18.

3 Rowse, Alfred Leslie. *A cornish childhood*. London: Jonathan Cape, 1942, pp. 16-18.
4 Winnicott, Donald Woods. "The capacity to be alone". In: *The maturational process and the facilitating environment: studies in the theory of emotional development*. London: Hogarth, 1965, p. 29.
5 Ibid., p. 33.
6 Ibid., p. 34.
7 Ibid., p. 34
8 A sigla vem do inglês *rapid-eye-movement,* que significa "movimento rápido dos olhos". (N.E.)
9 Dement, William Charles. *Some must watch while some must sleep*. Stanford, CA: Stanford Alumni Association, 1972, p. 93
10 Palombo, Stanley. *Dreaming and memory: a new information-processing model*. New York: Basic Books, 1978, p. 219.
11 Stenhouse, David. *The evolution of intelligence: a general theory and some of its implications*. London: Allen & Unwin,1974, p. 31.
12 Ibid., p. 67.
13 Ibid., p. 78.

Capítulo 3

1 De Gaulle, Charles. *Mémoires de guerre*. Paris: Plon, 1959, v. 3, p. 288
2 Parkes, Colin Murray. *Bereavement: studies of grief in adult life*. Harmondsworth: Penguin, 1986, pp. 158-59.
3 Danforth, Loring M. *The death rituals of rural Greece*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1982, pp. 143-44.
4 Ibid., p. 144.
5 Byrd, Richard E. *Alone*. London: Ace Books, 1958, p. 7.
6 Ibid., p. 9.
7 Ibid., pp. 62-63.
8 Ibid., p. 206.
9 James, William. *The varieties of religious experience: a study in human nature*. New York: Modern Library, 1902, p. 419.
10 Freud, Sigmund. "Civilization and its discontents". In: *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, v. 21, pp. 64-65.
11 Ibid., p. 67.
12 Ibid., p. 72.
13 Ibid.
14 Wagner, Richard. *Wagner on music and drama: a selection from Richard Wagner's prose works*. London: Gollancz, 1970, pp. 272-73.
15 Bennet, Glin. *Beyond endurance: survival at the extremes*. London: Secker & Warburg, 1983, pp. 166-67.
16 Ritter, Christiane. *A woman in the Polar night*. New York: Dutton, 1954, p. 144.
17 Keats, John. "Ode to a Nightingale". In: *Poems 1820. Noel Douglas replicas Lamia, Isabella, the Eve of St. Agnes, and Other Poems*. London: Percy Lund & Humphries, 1927, pp. 110-11.

Capítulo 4

1 Bacon, Francis. *De dignitate et augmentis scientiarum*. London: [s/d], 1640, vii, 37.
2 Morris, Norval. *The future of imprisonment*. Chicago: University of Chicago Press, 1974, p. 4.
3 Koch, Ida. "Mental and social sequelae of isolation". In: *The ezxpansion of european prison systems (Working papers in european criminology)*, no 7, Belfast, 1986, pp. 119-29.
4 Hinkle, Lawrence E. & Wolff, Harold G. "Communist Interrogation and Indoctrination of Enemies of the States". In: *AMA archives of neurology and psychiatry*, 1956, v. 76, pp. 115-74.
5 Ibid., p. 12.
6 Ibid., p.25.
7 Bone, Edith. *Seven years solitary*. London: Hamish Hamilton, 1957.
8 Burney, Christopher. *Solitary confinement*. London: Macmillan, 1952.
9 Bettelheim, Bruno. *Surviving and other essays*. New York: Knopf, 1979,p.103.
10 Menuhin, Yehudi. *Theme and variations*. New York: Stein & Day 1972, p.103.
11 Apud Solomon, Maynard. *Beethoven*. New York: Schirmer Books, 1979, p.117.
12 Ibid., p. 124.
13 Malraux, André. *Saturn: an essay on Goya*. London: Phaidon Press, 1957, p. 25.
14 Goya, Francisco apud Clark, Kenneth. *The romantic rebellion*. London: John Murray and Sotheby Parke Bernet, 1973, p. 95.
15 Cohen, Stanley & Taylor, Laurie. *Psychological survival: the experience of long term imprisonment*. Harmondsworth: Penguin, p. 110.
16 Sessões de tribunal mantidas periodicamente nos condados da Inglaterra. [N.E.]
17 Frank, Joseph. *Dostoevsky: the years of ordeal*, 1850-1859. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1983, v. 2, p. 122.
18 Hitler, Adolf apud Shirer, William L. *The rise and fall of the Third Reich*. London: Pan Books, 1964, p. 119, nota.
19 Koestler, Arthur. *Kaleidoscope*. London: Hutchinson, 1981, pp. 208-15

Capítulo 5

1 Johnson, Samuel apud Boswell, James. *The life of Samuel Johnson*. Oxford, UK: Oxford University Press, 1887, v. 3, p. 341.
2 Idem, "The history of Rasselas". In: *Samuel Johnson*. New York: Oxford University Press, 1984, p. 387.
3 Freud, Sigmund. "Creative Writers and Day-Dreaming". In: *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, v. 9, p. 146.
4 Ibid., p. 145.
5 Freud, Sigmund. "Formulations on the Two Principles of Mental Functioning". In: *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, v. 12, p. 219.
6 Epígrafe de *Los Caprichos*.
7 Freud, Sigmund. "Formulations on the Two Principles of Mental Functioning", In: *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, p. 224.

8 Winnicott, Donald W. “Objetos transicionais e fenômenos transicionais”. In: Through *paediatrics to psycho-Analysis*, p. 229-42.
9 Provence, Sally & Lipton Rose. *Infants in institutions: a comparison of their development with family-reared infants during the first year of life*. New York: International Universities Press, 1962.
10 Winnicott, Donald Woods. *Playing and reality*. New York: Basic Book, 1971, p.65.

Capítulo 6

1 De Quincey, Thomas. *The collected writings of Thomas de Quincey*. Edinburgh: Black, 1889-1890, p.235.
2 Storr, Anthony. “The concept of cure”.In: *Psychoanalysis observerd*. London: Constable, 1996, p.72. Rycroft, Charles (org.).
3 Bazin, Germain. *A concise history of art*. London: Thomes and Hudson, 1962, p11.
4 Read, Herbert. *Icon and idea: the function of art in the development of human consciousness*. New York: Schocken Books, 1955, p. 27.
5 Bazin, Germain. *Op*. cit., p. 24.
6 Firth, Raymond. *Elements of social organization*. London: Watts, 1961, p.173.
7 Morris, Colin. *The discovery of the individual*. London: The Society for Promoting Christian Knowledge, 1972, p. 88.
8 Burckhardt, Jacob. *The civilization of the Renaissance in Italy*. Oxford: Phaidon Press, 1981, p. 81.
9 Wilson, Edward Osborne. *Sociobiology: the new synthesis*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1975, p. 564.
10 Firth, Raymond. Op. cit., p. 171.
11 Leach, Edmund Ronald. *Social anthropology*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1982, pp. 139-40.
12 Abbs, Peter. “The development of autobiography in Western culture: from Augustine to Rousseau”. Tese de doutorado. University of Sussex, 1986, p. 130.
13 Ibid., pp. 131-32.
14 Bettelheim, Bruno. *The children of the dream*. London, New York: Macmillan, 1969, p. 212.
15 Bronfenbrenner, Urie. *Two worlds of childhood: US and USSR*. London: Allen & Unwin, 1971, pp. 10-11.
16 Mateus 22: 37-38.
17 Brooke, Christopher. *The monastic world*, 1000-1300. London: Elek, 1974, pp. 114-15.

Capítulo 7

1 Jung, Carl. “Symbols of transformation”. In: *The collected works of Carl G. Jung*. Princeton: Princeton University Press, 1956, v. 5, p. 58.
2 Idem . *Memories, dreams, reflections*. New York: Random House, 1963, p. 170.
3 Idem. “Two essays on analytical psychology”. In: *The collected works of Carl G. Jung*, v. 7, p. 40.
4 Ibid., p. 41.
5 Ibid.
6 Worringer, Wilhelm. *Abstraction and empathy*. New York: International University Press, 1953, p. 40.

7 Ibid., p. 4.
8 Ibid., p. 36.
9 Gardner, Howard. *Artful scribbles: the significance of children's drawings*. New York: Basic Books, 1980, p. 47.
10 Freud, Sigmund. "Mourning and melancholia". In: *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, v. 14, pp. 243-58.
11 Main, Mary & Weston, Donna. "Avoidance of the attachment figure in infancy: descriptions and interpretations". In: *The place of attachment in human behavior*. Murray-Parkes, Colin & Stevenson-Hinde, Joan (orgs.).. New York: Basic Books, 1982, p. 46.
12 Ibid.
13 Ibid., p. 52.
14 Kafka, Franz. *Letters to Felice*. London: Martin Secker & Warburg, 1974, p. 271
15 Ibid., pp. 155-56.
16 Heller, Erich. *Franz Kafka*. New York: Viking, 1975, p. 15.
17 Apud Blunden, Allan. "A chronology of Kafka's life". In: *The world of Franz Kafka*. Stern, Joseph Peter (org.). New York: Holt, 1980, p. 28.
18 Yeats, William Butler. "The second coming". In: *The collected poems of W. B. Yeats*. London: Macmillan, 1950, p. 211.

Capítulo 8

1 Whitman, Walt. "Song of myself", estrofe 32, versos 684-85. In: *Leaves of grass*. London: Everyman's Library, 1947, p. 52.
2 Trollope, Anthony. *An autobiography*. London: Williams & Norgate, 1946, pp. 54-55.
3 Snow, Charles Percy. *Trollope, his Life and art*. New York: Scribner, 1975, p.9.
4 Carpenter, Humphrey. *Secret gardens*. London: Unwin, 1987, pp. 138-41.
5 Lane, Margaret. *The tale of Beatrix Potter*. London: Frederick Warne, 1968, p. 9.
6 Ibid., p. 38.
7 Ibid., p. 50.
8 Carpenter, Humphrey. Op. cit., p. 138.
9 Noakes, Vivien. *Edward Lear*. London: The catalogue of the Royal Academy Exhibition, Weidenfeld & Nicholson and the Royal Academy of Arts, 1985, p. 14.
10 Ibid., p. 107.
11 Carrington, Charles. *Rudyard Kipling*. Harmondsworth: Penguin Books, 1970, p. 50.
12 Wilson, Angus. *The strange ride of Rudyard Kipling*, London: Secker & Warburg, 1977, p. 18.
13 Ibid., p. 276.
14 Langguth, A. J. *Saki: a life of Hector Hugh Munro*. New York: Oxford University Press, 1982, p. 14.
15 Saki. *The bodley head Saki*. London: John Lane, 1963, p. 59.
16 Donaldson, Frances. *P. G. Wodehouse: a biography*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1982. London, 1982, p. 46.
17*Writers at work: the* "Paris Review" *interviews*. Harmondsworth: Penguin Books, v. 5, 1981.
18 Donaldson, Frances. Op. cit., p. 44.

19 Ibid., p. 50.
20 Ibid., p. 3.
21 *Writers at work: the* "Paris Review" *interviews*. London: Viking, v. 1, 1958, p. 132.

Capítulo 9

1 Greene, Graham. *Ways of escape*. Harmondsworth: Penguin Books, 1981, p. 211.
2 Thomas, R. George. *Edward Thomas: a portrait*. Oxford: Clarendon Press, 1985, p. 162.
3 Ragan, Paul V. & McGlashan, Thomas H. "Childhood parental death and adult psychopathology". *American journal of psychiatry*, n. 143, v. 2, fev. 1986, pp. 153-57.
4 4. Brown, George W. & Harris, Tirril. *Social origins of depression: a study of psychiatric disorder in women*. London: Tavistock, 1978, p. 240.
5 Perris, C.; Holmgren, S.; Knorring, L. von, & Perris, L. "Parental loss by death in the early childhood of depressed patients and of their healthy siblings". *British journal of psychiatry*, v. 148, n. 2, 1986, pp. 165-69.
6 Brown, George W. & Harris, Tirril. Op. cit., p. 285.
7 Birtchnell, John A. "The personality characteristics of early-breaved psychiatric patients". *Social psychiatry*, v. 10, n. 2 pp. 97-103.
8 Brown, Roger. *Social pathology*. New York: 1984, pp. 644-45.
9 Brown, George W. & Harris, Tirril. Op. cit., p. 285.
10 Martin, Robert Bernard. *Tennyson: the unquiet heart*. Oxford: Clarendon Press, 1980, p. 184.
11 Tennyson, Alfred. "In Memoriam". In: *The works of Alfred*, Lord Tennyson. London: Macmillan, 1899, p. 248.
12 Burton, Robert. *The anatomy of melancholy*. London: Dent & Sons, 1932, p. 20.
13 Martin, Robert Bernard. Op. cit., p. 4.
14 Ibid., p. 10.
15 Ibid., p. 140.
16 Brink, Andrew. *Loss and symbolic repair: a psychological study of some English poets*. Ontario: Cromlech Press, 1977.
17 Idem. *Creativity as repair: bipolarity and its closure*. Ontario: The Cromlech Press, 1982.
18 Aberbach, David. "Loss and separation in Bialik and Wordsworth". *Prooftexts*, v. 2, n. 2, 1982, vol. 2, pp. 197-208.
19 Idem. *At the handles of the lock*. New York: Oxford University Press, 1984.
20 Ibid., p. 3.
21 *Writers at work: the* "Paris Review" *interviews*. London: Viking, v. 1, 1958, p. 132.
22 Idem. "Letter to Joseph Hill, November de 1784". In: *The letters and prose writings of William Cowper*. Oxford: Clarendon Press, 1981, v. 2, p. 294.
23 Idem. "Works", versos 17-20. In: Ibid., p. 39.
24 24. Idem. "Lines Written During a Period of Insanity", versos 1-12. In: Ibid., pp. 289-90.
25 Idem. "Olney Hymn XVIII", versos 9-12. In: Ibid., p. 444.
26 Idem. "The Shrubbery", versos 5-12. In: Ibid., p. 292.
27 Coleridge, Samuel T. "Dejection: an ode", versos 31-38. In: *The portable coleridge*. Harmondsworth:

Penguin, 1977, p. 170.
28 Cecil, David. Op. cit., p. 206.
29 Cowper, William. "The Task", versos 373-78. In: Op. cit., p. 172.
30 Spender, Stephen. *World within world*. London: Hamilton, 1951, p. 6.
31 Keats, John. "Letter 134". In: *The letters of John Keats*. Oxford: Oxford University Press, 1935, p. 353.
32 Aberbach, David. "Loss and separation in Bialik and Wordsworth", op. cit., p. 198.
33 Brink, Andrew. *Loss and symbolic repair*, op. cit., p. 115.
34 Ibid., pp. 117-18.
35 Boécio. *The consolation of philosophy*. Harmondsworth: Penguin, 1969.
36 Andreasen, N. J. C. & Canter, A. "The Creative Writer". In: *Comprehensive Psychiatry*, v. 15, 1974, pp. 123-31.
37 Jamison, Kay R. "Mood Disorders and Seasonal Patterns in top British Writers and Artists" [não publicado].

Capítulo 10

1 Wittgenstein, Ludwig apud Scharfstein, Ben-Ami. *The philosophers: their lives and the nature of their thought*. New York: Oxford University Press, 1980.
2 Storr, Anthony. *The integrity of the personality*. London: Heinemann, 1960, p. 24.
3 Ibid., p. 27.
4 Kohut, Heinz. *How does analysis cure?* Chicago: University of Chicago Press, 1984, p. 109.
5 Ibid., p. 43.
6 Laing, Ronald David. *The divided self: an existential study in sanity and madness*. London: Tavistock, 1960.
7 Auden, Wystan H. "September l, 1939", verso 88. In: *The english auden: poems, essays and dramatic writings*, 1927-1939. London: Faber, 1977, p. 246.
8 Rycroft, Charles. *A critical dictionary of psychoanalysis*. London: Nelson, 1968, p. 100.
9 Moore, Jerrold Northrop. *Edward Elgar: a creative life*. Oxford: Oxford University Press, 1984, p. vii.
10 Freud, Sigmund. In: *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, v. 14, p. 94.
11 Eagle, Morris. "Interests as Object Relations". *Psychoanalysis and contemporary thought*, v. 4, 1981, pp. 527-65.
12 Ibid., p. 532, nota 2.
13 Ibid., pp. 537-38.
14 De Quincey, Thomas. "The Last Days of Kant". In: *The english mail-coach and other essays*. London: Dent, 1912, pp. 162-209.
15 Scharfstein, Ben-Ami. Op. cit.
16 Russell, Bertrand. *History of Western philosophy*. New York: Simon and Schuster, 1946, p. 731.
17 De Quincey, Thomas. Op. cit., p. 170.
18 Malcolm, Norman. *Ludwig Wittgenstein: a memoir*. I, Witch a Biographical Sketch by Georg Henrick von Wright, Oxford, UK: Oxford University Press, 1958, p. 4.
19 Russell, Bertrand. *The autobiography of Bertrand Russell*, 1914-1944. Boston, A: Little, Brown, 1968, v. 2, pp. 98-99.
20 Ibid., p. 99.

21 Wittgenstein, Hermine. “My Brother Ludwig”. In: Rhees, Rush (org.). *Recollections of Wittgenstein*. New York: Oxford University Press, 1981, p. 9.
22 Malcolm, Norman. Op. cit., p. 20.
23 Drury, M. O’C. “Conversations with Wittgenstein”. In: Rhees, Rush. Op. cit., p. 140.
24 Storr, Anthony. “Isaac Newton”. *British Medical Journal*, v. 291, 21-28 de dezembro de 1985, pp. 1779-84.
25 Westfall, Richard S. “Shortwriting and the state of Newton’s Conscience, 1662”. In: *Notes and records of the Royal Society*, v.18, 1963, p.13
26 Keynes, Jonh Maynard. “Newton the man”. In: *Essays in biography*. London: Kessinger, 1951, p. 311.
27 Brodetsky, Selig. *Sir Isaac Newton*. London: Methuen, 1927,pp. 69, 89.

Capítulo 11

1 Aronson, Alex. *Music and the novel: a study in twentieth-century fiction*. Totowa, NJ: Rowman & Littlefield, 1980, p. xiii.
2 Berenson, Bernard. *The italian painters of the Renaissance*. New York, London: Phaidon, 1952, p. 201.
3 Kerman, Joseph. *The Beethoven quartets*. New York: Norton, 1967, p. 12.
4 Ibid., p. 184.
5 Cooper, Martin. *Beethoven: The last decade*. London: Oxford University Press, 1970, p. 11.
6 Kerman, Joseph. Op. cit., p. 322.
7 Sullivan, John William Navin. *Beethoven*. London: Macmillam, 1927, p. 225.
8 Mellers, Wilfrid. *Beethoven and the voice of God*. London: Faber, 1983, p. 402.
9 Solomon, Maynard. *Beethoven*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1988, p. 325.
10 Searle, Humphrey. *The music of Liszt*. New York: Dover, 1966, p. 108.
11 Boyd, Malcolm. *Bach*. London: Dent, 1983, p. 208.
12 Carner, Mosco. “Richard Strauss’s Last Years”. In: *The New Oxford history of music*, v. 10, 1974, p. 235.
13 Murdoch, William. *Brahms*. London: Rich & Cowan, 1933, p. 155.
14 Arnold, Denis (org.). *The New Oxford companion to music: Brahms*. NewYork: Oxford University Press, 1983, p. 254.
15 Maitland, J. A. Fuller. “Brahms”. *Grove’s dictionary of music and musicians*, v.1, p. 452.
16 Nietzsche, Friedrich. *The case of Wagner*. New York: Random House, 1967, p. 187.
17 Latham, Peter. *Brahms*. London: Dent, 1966, p. 87.
18 Apud Marek, George Richard. *Richard Strauss: life of a non-hero*. London: Cassell, 1952, p. 323.
19 James, Henry. *The ambassadors*. London: Methuen, 1903, v.1, p. 190.
20 Edel, Leon. *The life of Henry James*. Harmondsworth: Penguin, 1977, v. 2, pp. 333-34.
21 Norman, Ralf. *The insecure world of Henry James’s fiction*. London: MacMillan, 1982, p. 138.
22 James, Henry. *The notebooks of Henry James*. Chicago: Chicago University Press, 1981, pp. 150-51.
23 Idem . “The beast in the jungle”. In: *The altar of the dead*. London: Macmillan, 1922, p. 123.
24 Ibid., p. 114.
25 Apud Edel, op. cit., v. 2, p. 694.
26 Ibid., p. 538.

Capítulo 12

1 Wordsworth, William. “The prelude”. In: *The complete poetical works of William Wordsworth*. Oxford: Clarendon, 1949, p. 239.
2 Plato. *The symposium*. Harmondsworth: Penguin, 1951, p. 64.
3 Freud, Sigmund. “On the universal tendency to debasement in the sphere of love”. In: *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, v. 9, pp. 188-89.
4 Laski, Marghanita. *Ecstasy*. London: Cresset, 1961, p. 148.
5 Freud, Sigmund. “Civilization and its discontents”. In: *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, p. 65.
6 Ibid., p. 66.
7 Laski, Marghanita. Op. cit., p. 206.
8 Russell, Bertrand. *The autobiography of Bertrand Russell*, op. cit., v. 1, p. 36.
9 Snow, Charles Percy. *The search*. London: Victor Gollancz, 1934, pp. 126-27.
10 Reeditado posteriormente sob o título *Símbolos da transformação*. In: *The collected works of Carl G. Jung*.
11 Freud, Sigmund & Jung, Carl G. *The Freud-Jung letters: thecorrespondence between Sigmund Freud and C.J. Jung*. London: Hogarth Press and Routledge & Kegan Paul, 1974.
12 Jung, Carl. “Memories, dreams, reflections”. In: *The collected works of Carl G. Jung*, p. 191.
13 Idem. “The Development of Personality”. In: Ibid., v. 17, p. 171.
14 Idem. “Psychotherapists or the Clergy”. In: Ibid., v. 9, p. 334.
15 Rycroft, Charles. “Introduction: Causes and Meaning”. In: *Psychoanalysis observed*, op. cit, p. 22.
16 Jung, Carl. “The Aims of Psychotherapy”. In: *The collected works of Carl G. Jung*, v. 16, p. 41.
17 Idem. “Commentary on ‘The Secret of the Golden Flower’”, 1967, v.13, p. 46.
18 Ibid., p. 45.
19 Idem, “Psychology and religion”. In: *The collected works of Carl G. Jung*, v. 9, pp. 81-82.
20 Idem. “Commentary on ‘The Secret of the Golden Flower’”, op. cit., pp. 47-48.
21 James, William. *The varieties of religious experience*, op. cit., p. 289.
22 Ibid., p. 381.
23 Ibid., p. 175.
24 Jung, Carl. “The transcendent function”. In: *The collected works of Carl G. Jung*, v. 8, p. 73.
25 Thackeray, William Makepeace. “Roundabout papers”. In: *The works of William Makepeace Thackeray with biographical introduction by his daughter, Anne Richie*. London: 1903, v. 12, pp. 374-75.
26 Cross, John Walter. *George Eliot’s life as related in her letters and journals*. Edinburgh, London: 1885, v. 3, pp. 421-25.
27 Nietzsche, Friedrich. *Thus spoke Zarathustra*. Harmondsworth: 1979, p. 48.
28 Maslow, Abraham. *The farther reaches of human nature*. Harmondsworth: Penguin, 1973, p. 59.
29 Ibid., pp. 63-64.
30 Ibid., p. 67.
31 Wordsworth, William. *The prelude*. In: Op. cit., p. 261

AGRADECIMENTOS

Desejo agradecer a Bryan Magee, que pela primeira vez me chamou a atenção para o fato de que muitos dos grandes filósofos eram predominantemente solitários.

Gostaria de agradecer ao meu editor, Tom Rosenthal, por suas úteis sugestões, a Howard Davies por sua assídua edição de texto e a Anthony Thwaite por sua hábil revisão e por ter aperfeiçoado meu estilo.

A dra. Kay R. Jamison generosamente permitiu que eu usasse seu trabalho inédito e me forneceu muitas referências valiosas.

O dr. Richard Wyatt, do National Institute of Mental Health, impediu que eu cometesse pelo menos um erro grave.

Minha mulher, Catherine Peters, leu pacientemente todo o original datilografado e fez valiosos comentários, além de oferecer grande apoio e estímulo.